

Rex Stout

SERPENTE



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TÍTULO

REX STOUT

SERPENTE

(Fer-de-Lance - 1934)

Detetive Nero Wolfe #01

* * *

ÍNDICE

Capa

Título

Índice

O Autor

Série

Resumo

Capítulos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

* * *

O AUTOR

REX STOUT, de nome completo Rex Todhunter Stout, nasceu numa família de quakers em Noblesville, Indiana, no dia 1 de dezembro de 1886. Rex Stout. Pouco depois do seu nascimento, os seus pais, John Wallace Stout e Lucetta Elizabeth Todhunter Stout se mudaram junto com os seus nove filhos para o estado do Kansas. O seu pai era professor e encorajou-o a ler sendo que, por volta dos quatro anos de idade, Rex já havia lido a Bíblia inteira por duas vezes. Aos treze anos foi campeão estadual do concurso de soletrar. Estudou na Universidade do Kansas. De 1906 a 1908 serviu na Marinha dos Estados Unidos da América, e durante os quatro anos seguintes trabalhou em cerca de treze empregos diferentes em seis estados. Trabalhou como office-boy num escritório, foi empregado de loja, guarda-livros e gerente de hotel. Esporadicamente, vendia poemas, histórias e artigos para diversas revistas, entre as quais a All-Story Magazine.

Em 1916, devido à invenção de um sistema bancário escolar, ganhou dinheiro suficiente para lhe permitir extensas viagens pela Europa. Tratava-se de um sistema de registro de poupanças efetuadas pelos alunos, do qual recebia royalties, e que foi adoptado em cerca de 400 instituições de ensino dos Estados Unidos. Casou-se com Fay Kennedy em 1916, de quem se viria a separar em 1933, se casando no mesmo ano com Pola Hoffman. Em 1929, em Paris, escreveu o seu primeiro livro, How Like a God. Após escrever mais três romances bem sucedidos, regressou aos Estados Unidos e começou uma carreira literária que incluiu romances policiais, contos e ficção científica.

O detetive Nero Wolfe surgiu pela primeira vez no romance *Ferde-Lance* (*Picada Mortal*), inicialmente publicado em fascículos no jornal *The Saturday Evening Post*, sendo posteriormente editado em livro em 1934. Este livro, *The League of the Frightened Men* (*A Confraria do Medo*), publicado em 1935, foi adaptado pelo cinema em 1937. Neste ano Stout criou a personagem Dol Bonner, uma detetive particular, que viria a protagonizar diversos outros livros de Rex Stout.

Durante a Segunda Guerra Mundial, interrompeu os seus escritos e integrou a *Fight for Freedom Organization*. Foi presidente do *Author's Guild* e dos *Mystery Writers of America*. Em 1959 recebeu o *Grand Master Award* desta última organização. Stout foi ativo nas causas liberais e ignorou uma intimação da Comissão das Atividades Antiamericanas, no auge da era McCarthy. Anos mais tarde, perdeu muitos amigos liberais devido à sua posição a favor da intervenção dos Estados Unidos na guerra do Vietnam.

Escreveu mais de 70 romances policiais, 46 dos quais com Nero Wolfe, detetive excêntrico e obeso, gourmet e grande apreciador de cerveja, cujo companheiro, o intrépido Archie Goodwin, o ajuda na resolução dos crimes. Após a morte de Stout, em Danbury, Connecticut, no dia 27 de outubro de 1975, o escritor Robert Goldsborough continuou as aventuras de Nero Wolfe, a partir do final dos anos 80.

Nero Wolfe foi representado no cinema entre as décadas de 30 e 80, do século XX. Em 1981, Nero Wolfe, representado por William Conrad, deu título a uma série de televisão de 14 episódios produzida pela *Paramount Television* e transmitida pela *National Broadcasting Company* (NBC), tendo sido nomeada para dois prêmios Emmy. Em 2001 foi iniciada uma série televisiva com Maury Chaykin no papel de Nero Wolfe e Timothy Hutton representando Archie Goodwin. Esta série, sob o título genérico *A Nero Wolfe Mystery*, foi produzida pela

A&E, que transmitiu 29 episódios em duas temporadas, tendo sido nomeada para quatro prêmios de diversas instituições.

Uma associação de fãs de Stout e de Wolfe, designada The Wolfe Pack, organiza eventos para os leitores incluindo discussões bimensais sobre os livros e um congresso e banquete anual em Nova Iorque. Publica também a revista semestral Gazette.

* * *

LIVROS DA SÉRIE DETETIVE NERO WOLFE

1. 1934: Fer-de-Lance
2. 1935: *The League of Frightened Men*
3. 1936: *The Rubber Band*
4. 1937: *The Red Box*
5. 1938: *Too Many Cooks*
6. 1939: *Some Buried Caesar*
7. 1940: *Over My Dead Body*
8. 1940: *Where There's a Will*
9. 1942: *Black Orchids*
10. 1944: *Not Quite Dead Enough*
11. 1946: *The Silent Speaker*
12. 1947: *Too Many Women*
13. 1948: *And Be a Villain (British title More Deaths Than One)*
14. 1949: *Trouble in Triplicate*
15. 1949: *The Second Confession*
16. 1950: *Three Doors to Death*
17. 1950: *In the Best Families (British title Even in the Best Families)*
18. 1951: *Curtains for Three*
19. 1951: *Murder by the Book*
20. 1952: *Triple Jeopardy*
21. 1952: *Prisoner's Base (British title Out Goes She)*
22. 1953: *The Golden Spiders*
23. 1954: *Three Men Out*
24. 1954: *The Black Mountain*
25. 1955: *Before Midnight*

26. *1956: Three Witnesses*
27. *1956: Might as Well Be Dead*
28. *1957: Three for the Chair*
29. *1957: If Death Ever Slept*
30. *1958: And Four to Go*
31. *1958: Champagne for One*
32. *1959: Plot It Yourself (British title Murder in Style)*
33. *1960: Three at Wolfe's Door*
34. *1960: Too Many Clients*
35. *1961: The Final Deduction*
36. *1962: Homicide Trinity*
37. *1962: Gambit*
38. *1963: The Mother Hunt*
39. *1964: Trio for Blunt Instruments*
40. *1964: A Right to Die*
41. *1965: The Doorbell Rang*
42. *1966: Death of a Doxy*
43. *1968: The Father Hunt*
44. *1969: Death of a Dude*
45. *1973: Please Pass the Guilt*
46. *1975: A Family Affair*
47. *1985: Death Times Three (posthumous)*

* * *

RESUMO

CONTRA UM criminoso que pensa, nada melhor do que um detetive que tem prazer em pensar. O personagem Nero Wolfe estreia na literatura com um caso que lhe permitirá exibir sua primeira marca registrada: uma inteligência que gosta de ser desafiada.

Wolfe, um senhor obeso que gosta de três coisas na vida: comer muito bem, cultivar orquídeas e solucionar crimes. Odeia sair de casa, o que só faz em situações muito especiais (por exemplo, levar suas orquídeas para competir em alguma exposição rural). Com Archie Goodwin, seu assistente, Nero Wolfe compõe uma versão originalíssima da dupla Sherlock Holmes/Watson. Neste livro, o leitor logo vê por que essa parceria se tornou uma das mais célebres de toda a história do romance policial.

* * *

Um

NÃO HAVIA razão alguma para que não me mandassem buscar a cerveja naquele dia, pois as últimas pontas soltas do caso do Banco Nacional de Fairmont tinham sido atadas na semana anterior e não restava nada para eu fazer além de recados, à parte o fato de Wolfe nunca hesitar em me ordenar que fosse comprar uma lata de graxa para o calçado na Murray Street, se dela necessitasse. No entanto, quem se encarregou da cerveja foi Fritz. Logo após o almoço, a campainha chamou-o da cozinha antes de ter tempo de acabar de lavar a louça e, depois de se inteirar das ordens, saiu no carro que conservava sempre estacionado à entrada. Uma hora mais tarde, regressava com o portamalas ocupado por engradados cheios de garrafas. Wolfe se encontrava no escritório como ele e eu o chamávamos, embora Fritz se inclinasse mais para biblioteca, e eu na sala lendo um livro sobre ferimentos de bala do qual não entendia patavina, quando olhei pela janela e o vi estacionar junto da calçada. Como se tratava de um bom pretexto para desentorpecer as pernas, fui ajudá-lo a levar os engradados para a cozinha, onde começávamos a guardar as garrafas num armário no momento em que a campainha tocou. Segui Fritz ao escritório.

Wolfe ergueu a cabeça. Menciono o pormenor porque tinha uma cabeça tão grande que o fato de levantá-la parecia uma tarefa cansativa. Provavelmente era maior do que parecia, pois o resto dele tinha dimensões tão avantajadas que qualquer cabeça que não fosse a sua passaria totalmente despercebida.

— Onde está a cerveja?

— Na cozinha, senhor. Lembrei-me de guardá-la no armário da direita.

— Quero-a aqui. Está fresca? E o abridor e dois copos.

— Sim, fresca, na sua maioria. Muito bem.

Sorri e me sentei numa cadeira para tentar descobrir o que Wolfe fazia com uns pedaços de papel que recortara em pequenos discos e movia em diferentes posições sobre o tampo da mesa. Fritz começou a trazer as cervejas num tabuleiro, seis de cada vez. Após a terceira viagem, tornei a sorrir quando vi Wolfe olhar as garrafas em cima da mesa e em seguida as costas de Fritz, que desapareciam através da porta. Chegaram mais dois tabuleiros cheios, após o que ele suspendeu o desfile.

— Pode me informar de quando calcula que isto terminará?

— Já está quase, senhor. Restam dezenove. São quarenta e nove, ao todo.

— Que tolice! Desculpe, Fritz, mas é obviamente uma tolice.

— Sim, senhor. Pediu uma de cada marca à venda. Visitei pelo menos uma dúzia de lojas.

— Está bem. Pode trazer o resto. E alguns aperitivos salgados. Nenhuma perderá a oportunidade, Fritz, não seria justo.

Afinal, a ideia consistia, como ele me explicou, depois de me convidar a aproximar a cadeira da mesa e começar a abrir garrafas, em que decidira renunciar à cerveja clandestina, que adquirira em barris durante anos e conservava numa geladeira no porão, se descobrisse uma marca da legal que fosse potável. Resolvera igualmente, segundo acrescentou, que um litro e meio por dia era desnecessário e consumia demasiado tempo, pelo que se limitaria a um litro e vinte e cinco. Sorri ao ouvi-lo, porque não acreditava, e voltei a fazê-lo ao pensar em como o escritório ficaria sulcado de garrafas vazias, a menos que Fritz conservasse as pernas em movimento durante todo o dia. Disse-lhe algo que já referira anteriormente mais de uma vez: a cerveja dificultava a

faculdade de raciocinar do homem e, com a sua absorção diária de um litro e meio, nunca compreenderia como conseguia obrigar o cérebro a funcionar tão depressa e em profundidade, ao ponto de ninguém do país se lhe poder comparar. Replicou, também como fizera antes, que não era o seu cérebro que funcionava, mas os centros nervosos inferiores e, enquanto eu abria a quinta garrafa para provar, prosseguiu declarando tampouco pela primeira vez que não me insultaria com o reconhecimento da minha adulação, porquanto se carecia de sinceridade, eu seria um imbecil, de contrário não passaria de um hipócrita.

Fez estalar os lábios ao saborear a quinta marca e, erguendo o copo, contemplou a bebida a contraluz.

— Aqui está uma surpresa agradável, Archie. Confesso que nunca esperei. É, evidentemente, a vantagem de ser pessimista. Com efeito, um pessimista só tem surpresas agradáveis, e o otimista desagradáveis. Até agora, nada disto pode se considerar uma porcaria. Como vê, Fritz anotou o preço no rótulo e comecei pelas mais baratas. Não, agora esta.

Foi naquele momento que ouvi o leve zumbido na cozinha, indicativo de que havia alguém à porta da rua, som que pôs a engrenagem em movimento. Em todo o caso, na altura parecia não se tratar de nada de interessante, apenas Durkin solicitando um favor. Durkin era útil até à raiz dos cabelos. Quando considero como se revelava em muitos aspectos, me custa a crer que conseguisse seguir alguém. Bem sei que os terriers são estúpidos, mas a vigilância a uma pessoa envolve algo mais do que não a perder de vista, e Fred Durkin era perito na matéria. Numa ocasião em que lhe perguntei como o conseguia, explicou: “Limito-me a abordar o indivíduo em causa e lhe perguntar para onde vai. Assim, se o perco, sei onde devo procurá-lo.”

Provavelmente, sabia como isso se revestia de piada: quando as coisas não corriam pelo melhor e Wolfe tinha de efetuar cortes nas

despesas como toda a gente, Saul Panzer e eu víamos os salários semanais reduzidos, porém o de Durkin era suprimido por completo. Wolfe chamava-o quando necessitava dele e lhe pagava por dia, pelo que eu o via de vez em quando e sabia que não se achava totalmente inativo. O trabalho escasseava havia cerca de um mês, ou talvez mais, que eu não lhe punha a vista em cima, quando a campainha soou naquele dia e Fritz acompanhou-o à porta do escritório. Wolfe ergueu os olhos e inclinou a cabeça.

— Olá, Fred. Devo-lhe alguma coisa? Durkin se aproximou da mesa com o chapéu na mão e abanou a cabeça.

— Como está, Mister Wolfe? Oxalá devesse. Se alguém me devesse alguma coisa, me agarrava a ele como a sela ao cavalo.

— Sente-se. Quer provar umas cervejas?

— Não, obrigado. Fred se manteve de pé. — Venho pedir um favor.

Wolfe tornou a erguer os olhos e os lábios espessos se comprimiram um pouco, num minúsculo movimento, para regressarem à posição inicial e repetirem a operação. Como eu adorava vê-lo fazer aquilo! Era praticamente a única vez que me excitava, quando os lábios dele se moviam assim. Não interessava que fosse por causa de um pequeno pormenor relacionado com Durkin ou quando se achava na pista de algo de importante e perigoso. Eu sabia que se desenrolava alguma coisa tão rapidamente no seu íntimo e abarcava um espaço tão vasto, todo o mundo num ápice, que mais ninguém poderia compreendê-lo, mesmo que ele envidasse os seus melhores esforços para explicar, o que na realidade nunca fazia. Às vezes, quando estava com paciência suficiente, me explicava e tudo parecia se revestir de sensatez, mas eu compreendia mais tarde que isso se devia apenas ao fato de haver surgido a prova, pelo que podia aceitar.

Certa ocasião, confidenciei a Saul Panzer que era o mesmo que estar com ele numa sala às escuras, cujo conteúdo me descrevia, e

quando a luz se acendia ,a explicação se apresentava plausível porque via tudo na minha frente como ele mencionara.

— Conhece o aspecto pouco animador da minha presente situação financeira, disse Wolfe a Durkin. Mas como não vem pedir dinheiro, o favor que pretende está de antemão concedido. Do que se trata? O interpelado enrugou a fronte. A presença de Wolfe perturbava-o sempre.

— Ninguém precisa tanto de pedir dinheiro emprestado como eu. Como sabe que não é isso?

— Não interessa. Archie depois lhe explica. Não se faria acompanhar de uma mulher. Do que se trata? Inclinei-me para frente e intervi:

— Ele veio só, que diabo! Os meus ouvidos funcionam perfeitamente! Uma leve ondulação, imperceptível, exceto para os meus olhos, que a haviam observado no passado, percorreu o volume enorme de Wolfe.

— Com certeza, Archie. São apuradíssimos. Mas não havia nada para ouvir, pois a senhora em causa não produziu qualquer som audível a esta distância. E Fritz não se dirigiu a ela, mas ao cumprimentar Fred deixou transparecer a cortesia que reserva para o sexo chamado fraco. Se o ouvisse empregar esse tom de voz para um homem só, enviava-o imediatamente ao psicanalista.

— É uma amiga da minha mulher, explicou Durkin. — A melhor amiga, por assim dizer. Talvez não saiba que a minha mulher é italiana. Mas esta amiga está em apuros, ou pensa que está. Maria não larga a Fanny e esta não me desampara na loja, só porque eu caí na asneira de lhe dizer uma vez que o senhor tem um demônio dentro de si que lhe permite descobrir tudo neste mundo. Foi uma imprudência, mas às vezes um homem não raciocina.

— Vá buscá-la, foi a única coisa que Wolfe disse em resposta.

Durkin se dirigiu ao vestíbulo e reapareceu quase imediatamente com uma mulher à sua frente. Era pequena, mas não muito, com o cabelo e olhos negros, e a origem italiana gravada em toda a sua atitude

e aspecto, embora não usasse xale. Parecia de meia-idade e se apresentava irrepreensível num vestido de algodão rosa e casaco preto. Fui apanhar uma cadeira e ela se sentou voltada para Wolfe e para a luz.

— Maria Maffei, Mister Wolfe informou Durkin. Ela lhe dirigiu um sorriso, exibindo dentes pequenos e brancos, e se virou para Wolfe.

— Maria Maffei ecoou, com pronúncia muito diferente.

— Mistress Maffei?

— Não, senhor. Meneou a cabeça com veemência. — Não sou casada.

— Mas está em apuros?

— Sim, senhor. Mister Durkin pensa que terá a gentileza...

— Explique de que se trata.

— Sim, senhor. É o meu irmão Carlo. Partiu.

— Para onde?

— Não sei. É por isso que estou preocupada. Há dois dias que não o vejo.

— Onde que...? Não. Isto não são fenômenos, mas apenas fatos. Wolfe se voltou para mim. — Prepare-se, Archie.

Puxei do bloco de notas no momento em que proferiu o advérbio “Não”. Agradava-me aquele tipo de atividade diante dele mais do que qualquer outra coisa, porque conhecia a minha eficiência na matéria. No entanto, o assunto presente não parecia muito prometedora; a mulher sabia tão bem como eu os termos em que se devia exprimir. Descreveu a sua história com rapidez e clareza.

Era governanta num elegante apartamento de Park Avenue, onde morava. O irmão, Carlo, dois anos mais velho, morava numa pensão na Sullivan Street. Era técnico de metais (excelente, segundo ela) e ganhara bom dinheiro durante anos ao serviço da Ourivesaria Rathbun & Cross, mas em virtude de abusar da bebida e faltar com frequência ao trabalho, fora dos primeiros a serem despedidos quando surgira a crise econômica mundial. Durante algum tempo, conseguira executar tarefas isoladas

aqui e ali, até que esgotara as poucas economias e, ao longo do inverno e primavera últimos fora sustentado pela irmã. Em meados de abril, totalmente desencorajado, decidira regressar a Itália, e ela concordara em fornecer os fundos necessários, chegando a lhe adiantar o dinheiro para a passagem de navio. No entanto, uma semana depois, ele anunciara subitamente que a viagem fora adiada. Não explicara porquê, mas declarara que não precisaria de mais ajuda monetária e em breve poderia lhe pagar o dinheiro emprestado, acabando provavelmente por continuar nos Estados Unidos.

Embora nunca fosse um homem muito comunicativo, se mostrara obstinadamente reservado quanto à causa da alteração dos planos. E agora desaparecera. Telefonara à irmã no sábado para comunicar que se encontraria com ela na segunda-feira à noite, dia de folga de Maria, no restaurante italiano de Prince Street, onde tinham jantado juntos numerosas vezes, acrescentando jovialmente que se faria acompanhar de dinheiro suficiente para saldar a dívida e lhe emprestar algum, se necessitasse. Na noite combinada, ela aguardou até às dez horas, após o que visitou a pensão, onde se inteirou de que ele saíra pouco depois das sete e ainda não voltara.

— Anteontem, observei. Durkin, que também pegara no seu bloco, inclinou a cabeça.

— Segunda-feira. Quatro de junho.

Wolfe, porém, discordou com um pequeno gesto. Permanecera imóvel e impávido como uma montanha, com o queixo afundado no peito, e agora, sem qualquer outro movimento, a cabeça abanava levemente, enquanto ele murmurava:

— Hoje é quarta, Durkin. Sete de junho.

— Hem? Fred arregalou os olhos. — Está bem, Mister Wolfe.

— Foi na segunda? Wolfe sacudiu o indicador na direção de Maria.

— Sim, senhor. Com certeza. É a minha noite de folga.

— Então, deve estar certa disso. Faça a correção no seu bloco de notas, Durkin, ou melhor, jogue-o fora. Está um ano adiantado. No próximo é que o quatro de junho cai numa segunda-feira. Dirigiu-se de novo à mulher. — Lamento ter de lhe dar um conselho de desespero, Maria Maffei. Recorra à polícia.

— Já o fiz. Despontou um clarão de ressentimento nos olhos dela. — Disseram que ele tinha partido para Itália com o meu dinheiro.

— Talvez tenha feito.

— Não acredito. O senhor, que me observou bem, sabe que eu não conheceria tão mal um irmão meu.

— A polícia lhe disse em que navio ele partiu?

— Não podia, mesmo que quisesse. Não houve qualquer navio nos últimos dias. Não investigaram o assunto, nem pensaram nisso. As pessoas que me atenderam se limitaram a dizer que tinha partido para a Itália.

— Compreendo, procedem por inspiração. Bem, lastimo não lhe poder ser útil. Apenas posso conjecturar. Morto. Nessa eventualidade, onde está o corpo? Torno a remetê-la para a polícia. Mais cedo ou mais tarde, alguém comunicará que o encontrou e o mistério ficará esclarecido. A mulher abanou a cabeça.

— Não acredito. Recuso-me a admitir uma coisa dessas. E houve o telefonema.

— Não tinha mencionado qualquer telefonema, interpus.

— Preparava-me para isso. Mostrou-me os dentes num sorriso. — Houve uma ligação para ele na pensão, pouco antes das sete. O telefone fica no vestíbulo e a empregada ouviu-o falar. Estava enervado e combinou se encontrar com alguém às sete e meia. Virou-se para Wolfe. — Pode me ajudar a descobrir o paradeiro do Carlo. Aprendi a me manter fria como a relva pela manhã, devido à longa permanência entre os americanos, mas sou italiana e preciso encontrar o meu irmão ou descobrir quem lhe fez mal.

Wolfe abanou a cabeça, todavia ela não se impressionou.

— Não pode se recusar. Mister Durkin diz que luta com dificuldades monetárias. Ainda me resta um pequeno pecúlio que me permitirá pagar as despesas e talvez um pouco mais. E o senhor é amigo de Mister Durkin e eu amiga da mulher dele, a minha amiga Fanny.

— Não sou amigo de ninguém, retrucou ele. — Quanto pode pagar? Maria hesitou. — Quanto tem?

— Bem... Mais de mil dólares.

— De quanto está disposta a separar-se?

— De... De tudo, se for necessário. Se encontrar o meu irmão inteiro e vivo. Se não o descobrir com vida e me mostrar e indicar quem o matou, também pagarei uma quantia avultada. Mas primeiro teria de pagar o funeral.

As pálpebras de Wolfe desceram e se elevaram com lentidão, o que, como eu sabia perfeitamente, significava aprovação. Procurara com frequência esse sinal, numerosas vezes em vão, quando apresentava o relatório de uma diligência.

— Vejo que é uma pessoa prática, Maria Maffei. E, além disso, possivelmente, uma mulher de honra. Tem razão, existe algo em mim que pode lhe ser útil, o gênio, mas não forneceu o estimulante para despertá-lo, e me parece problemático que acorde para procurar o seu irmão. De qualquer modo, a rotina está em primeiro lugar, e as despesas dela resultantes serão pequenas. Voltou-se para mim. — Vá à pensão de Carlo Maffei, acompanhado da irmã, que contribuirá com a autoridade para agir. Interrogue a empregada que o ouviu falar ao telefone e outras pessoas susceptíveis de fornecerem elementos úteis. Examina o quarto e, se descobrir alguma pista, ligue para cá e pergunta pelo Saul Panzer, a qualquer hora depois das cinco. No regresso, traz os artigos que julgar pouco importantes.

Considerarei desnecessário o remoque final diante de uma desconhecida, mas a experiência me ensinara desde longa data que não adiantava nada me melindrar com as suas tiradas sarcásticas. Maria

Maffei se levantou da cadeira e agradeceu o interesse manifestado. Durkin se adiantou um passo e tentou se desculpar:

— Quanto à possibilidade de lutar com dificuldades monetárias, Mister Wolfe, sabe como uma pessoa às vezes se deixa arrastar pela fantasia... Apressei-me a salvá-lo do aperto:

— Vamos, Fred. Levaremos o carro e, lhe dou uma carona.

* * *

Dois

QUANDO PAREI o reluzente conversível preto diante do número da Sullivan Street que Maria Maffei me dera, recei não tornar a vê-lo vivo e alegre, me refiro ao carro, pois a rua se achava cheia de lixo e turbulentas crianças italianas, que gritavam e saltitavam em volta como demônios de olhos negros. No entanto, já o deixara em lugares piores, como, por exemplo, na noite em que perseguira o jovem Graves, o qual se encontrava num cupê Pierce, com uma bolsa de esmeraldas entre os joelhos, de New Milford ao longo de todo o condado Pike, acima e abaixo de uma dezena de montes, num piso com trinta centímetros de lama e a chuva mais torrencial que eu jamais vira. Por rigorosa determinação de Wolfe, o carro devia ser restaurado até ficar como novo, após cada escaramuça com o inimigo, o que me satisfazia plenamente.

Era uma pensão como qualquer outra. Por razões que nunca me preocupei em aprofundar, são todas iguais, quer se trate de um estabelecimento dispendioso na área das Fifthies, um prédio vulgar a oeste de Central Park cheio de artistas jovens e honestas ou uma espelunca italiana como a de Sullivan Street. Com, evidentemente, uma diferença nos pormenores, como o cheiro a alho.

Maria Maffei me levou em primeiro lugar à presença da proprietária, uma mulher nutrida, de modos agradáveis, mãos húmidas, nariz metido para dentro e dedos carregados de anéis e em seguida ao quarto do irmão no primeiro andar. Lancei uma olhadela em volta,

enquanto a minha cicerone ia chamar a empregada que ouvira o telefonema. Era um aposento espaçoso, com duas janelas. O carpete denotava desgaste apreciável e a mobília idade avançada, mas imperava o asseio, com o único senão dos ruídos produzidos na rua, quando abri a janela para ver se o conversível continuava inteiro. Havia duas grandes malas de viagem a um canto: uma velha e usada e de qualidade duvidosa e a outra, embora também denotasse uso, mais resistente. Nenhuma se achava fechada à chave. A primeira estava vazia, enquanto a segunda continha numerosas ferramentas de diferentes formas e tamanhos, algumas com talões de casas de penhores atados, pedaços de madeira e de metal e diversos objetos, como molas helicoidais.

No armário, se viam um casaco e calças usados, dois macacões, dois pares de sapatos e um chapéu de feltro. Nas gavetas da cômoda entre as janelas, vi variedade, não escassa para quem vivera à custa da irmã durante mais de um ano, de camisas, gravatas, lenços, meias e numerosa tralha indiscriminada, como cordões de sapatos, lápis, fotografias e latas de tabaco para cachimbo vazias. Numa das gavetas superiores, havia um maço de dezessete cartas cujos envelopes exibiam, na sua totalidade, carimbos italianos, presas por meio de um elástico. Espalhados na mesma gaveta, se encontravam recibos e contas pagas, um bloco de papel de carta, alguns recortes de jornais e revistas e uma coleira de cão. No topo do móvel, juntamente com um pente, uma escova de cabelo e impedimentos similares, como diria Wolfe, estava uma dúzia de livros, todos em italiano, exceto um, que continha numerosas fotografias e gravuras, e uma pilha de revistas, diferentes edições mensais dos últimos três anos, todas com o mesmo nome: Metal Crafts.

No canto perto da janela da direita, havia uma mesa vulgar, tosca mesmo, com o tampo cheio de riscos e um torno, uma mó de esmeril e um disco para polir, cujo fio elétrico tinha comprimento suficiente para chegar ao abajur, além de mais várias ferramentas do gênero num saco de viagem. Entretinha-me a inspecionar a mó para tentar determinar se

fora utilizada recentemente, quando Maria Maffei reapareceu com a empregada.

— Esta aqui é a Anna Fiore. Apertei-lhe a mão.

Era uma moça que nada devia à formosura, de uns vinte anos, com tez semelhante a massa de vidraceiro seca e estalada, e apresentava uma expressão como se tivesse sofrido um susto no berço de que nunca se recompusera. Disse-lhe como me chamava e que me inteirara através de Miss Maffei de que ouvira o irmão desta falar ao telefone antes de sair, segunda-feira à noite. Depois de vê-la assentir com um movimento de cabeça, voltei-me para a mulher.

— Pode ir à sua vida, Miss Maffei. Anna e eu vamos conversar um pouco. No entanto, abanou a cabeça.

— Não tenho nada que fazer até à hora do jantar.

Fiquei algo atrapalhado. A verdade era que eu concordava com Durkin que se tratava de mera perda de tempo. Por conseguinte, expliquei a Maria Maffei que prescindia perfeitamente da sua presença e que podia se retirar, pois Wolfe trataria de a informar, se surgisse alguma novidade. Por fim, dirigiu um olhar fugaz à jovem, me mostrou os dentes mais uma vez e se retirou. Coloquei duas cadeiras frente a frente, indiquei a Anna Fiore que se sentasse numa, ocupei a outra e puxei do bloco-de-notas.

— Não tem nada a rezear lhe assegurei. — O pior que pode acontecer é fazer um favor a Miss Maffei e ao irmão, e ela lhe dar algum dinheiro como recompensa. Simpatiza com Miss Maffei?

Pareceu sobressaltada, como se a surpreendesse o fato de alguém se preocupar com as suas simpatias e antipatias, porém a resposta estava preparada por detrás da surpresa.

— Sim, é atenciosa.

— E quanto a Mister Maffei?

— Sim, claro, toda a gente gosta dele. Exceto quando bebe, pois nessa altura uma moça deve evitá-lo.

— Como aconteceu de ouvir a conversa ao telefone, segunda-feira à noite? Esperava o telefonema?

— Como podia eu esperá-lo?

— Não sei. Foi você que atendeu?

— Não, Mistress Ricci. Disse-me que era para Mister Maffei e fui chamá-lo lá em cima. Depois, fiquei arrumando a mesa da sala de jantar, com a porta aberta, e pude ouvi-lo falar.

— Distinguiu as palavras?

— Com certeza. Denunciou uma ponta de desdém. — Ouvimos sempre tudo o que as pessoas dizem ao telefone. Mistress Ricci ouviu tão bem como eu.

— Que disse ele?

— Começou por dizer “Alô?”. A seguir, disse: “Fala Carlos Maffei, diga o que pretende.” E depois: “Isso é comigo, lhe explico quando nos virmos.” E depois: “Porque não aqui, no meu quarto?” E depois: “Não, não tenho medo. Quem deve ter medo não sou eu.” Mistress Ricci afirma que foi: “Quem tem medo não sou eu”, mas não se lembra bem. Depois ele disse: “Claro que quero o dinheiro, e muito mais.” E depois: “Está bem, às sete e meia na esquina de.” Depois: “Cale-se você.” Depois: “Pronto, às sete e meia, conheço esse carro.” Calou-se e perguntei:

— Com quem ele estava falando? Supus que responderia que não sabia, pois Maria Maffei declarara que o ignorava, mas disse com prontidão: Com o homem que tinha telefonado antes.

— Antes? Quando?

— Várias vezes. Em maio. Um dia, em duas ocasiões. Mistress Ricci diz que foram nove até segunda-feira.

— Você lhe ouviu a voz alguma vez?

— Não, senhor. Quem atende o telefone é sempre ela.

— E mencionar o nome do homem?

— Também não. Quando Mistress Ricci se encheu de curiosidade, perguntou-o, mas ele se limitou a responder: “Não interessa. Basta dizer que venha ao telefone.”

Comecei a admitir a possibilidade de haver algum interesse no meio de tudo aquilo e talvez até um pouco de dinheiro. Não que a faceta pecuniária do assunto me dissesse respeito, pois isso era com Wolfe, mas eu sentia a curiosidade aguçada. De qualquer modo, subsistia uma remota hipótese de não se tratar apenas de um assalto e um cadáver encontrado num local ermo. Decidi tentar indagar mais pormenores da jovem. Vira Wolfe fazê-lo numerosas vezes e, conquanto soubesse que a maior parte dos seus resultados provinha de uma espécie de sensibilidade que me faltava, uma grande porção consistia em paciência e palpites. Nessa conformidade, continuei a sondá-la.

Insisti durante duas horas e recolhi numerosos fatos, embora nenhum que se revestisse de significado para mim. Em dado momento, supus que tocara num ponto sensível, merecedor de aprofundamento, quando me inteirei de que Carlo Maffei andava com duas mulheres, com as quais aparecia em público, uma das quais casada, mas ao compreender que isso não tinha a mínima ligação com o telefonema pulo de parte. Ele mencionara a intenção de partir para a Itália, mas não fornecera pormenores. Conservara o assunto hermeticamente fechado no seu íntimo. Não recebia visitas, à parte a irmã e um amigo dos dias mais prósperos, com quem fora jantar ocasionalmente. A sondagem de duas horas não me proporcionou o menor clarão prometedor, mas havia algo no telefonema que me impedia de renunciar. Por fim, disse à jovem:

— Aguarde aqui um momento, Anna, enquanto vou lá em baixo falar com Mistress Ricci.

A dona da pensão confirmou a versão da empregada sobre o telefonema e acrescentou que não fazia a menor ideia da identidade do

homem, apesar das várias tentativas para descobrir. Fiz-lhe mais algumas perguntas e por último pedi autorização para levar Anna. Respondeu que não, pois não podia ficar sozinha à hora de servir o jantar, pelo que puxei de uma nota de dólar, o que bastou para lhe alterar a atitude e perguntar a que horas regressaria, salientando que não podia ser mais tarde que as nove. Depois dela embolsar o dinheiro eu disse:

— Não posso prometer nada, pois quando o meu patrão começa a fazer perguntas, os dias e as noites carecem de significado para ele. No entanto, lhe garanto que voltará sã e salva, o mais depressa possível.

Subi ao quarto para recolher Anna e algumas das coisas da cômoda, e quando transpus a porta da rua verifiquei com alívio que o conversível não perdera nenhum para-choque, muito menos a roda sobresselente. Enveredei em direção ao centro da cidade sem exagerar a velocidade, para não chegar à Thirty-Fifth Street demasiado cedo, pois Wolfe se encontrava sempre na estufa com as suas plantas das quatro às seis, e não constituía uma ideia inspirada incomodá-lo durante essas duas horas, a menos que não se pudesse evitar. Anna se mostrou excitada com o conversível, conservando os pés para trás, apoiados ao banco, e as mãos unidas com firmeza no regaço. A atitude me impressionou e experimentei uma ponta de simpatia por ela, de tal modo que disse que talvez lhe desse um dólar se revelasse ao meu patrão algo que ele considerasse interessante.

Passavam dois ou três minutos das seis quando freei à entrada do velho edifício de arenito avermelhado, a menos de um quarteirão do Rio Hudson, onde vivera nos últimos vinte anos e eu lhe fizera companhia ao longo da terça parte desse período. Anna não regressou à pensão às nove daquela noite. Já tinham dado as onze quando Wolfe me mandou à redação do Times para trazer o jornal, e a meia-noite há muito que ficara para trás no momento em que finalmente atingimos o ponto que ela reconheceu. Entretanto, Mrs. Ricci telefonara três vezes e, quando cheguei à Sullivan Street com a jovem, pouco antes da uma da

madrugada, a dona da pensão aguardava à entrada, possivelmente com uma faca enfiada na meia. Todavia, não proferiu uma única palavra, se limitando a me dirigir um olhar irado. No entanto, eu dera o dólar a Anna, porque acontecera algo de interessante.

Apresentara-me a Wolfe na sala das plantas da frente, o solário, depois de deixar Anna no escritório. Estava sentado na enorme cadeira, com uma orquídea vermelha e castanha de vinte centímetros de largura lhe roçando a nuca, aparentemente desinteressado. E, na realidade, não sentia interesse. Limitou-se a dar uma olhadela à papelada e outros objetos que eu trouxera do quarto de Maffei. Admitiu que o telefonema oferecia certas possibilidades, mas não descortinava nada com que merecesse a pena perder tempo. Tentei convencê-lo de que, como a jovem viera comigo e ficara no escritório, podia aproveitar a oportunidade para interrogá-la, e acrescentei com uma ponta de malícia:

— De resto, custou um dólar. Foi o que tive de pagar à dona da pensão.

— O dólar era seu, Archie.

— Não, senhor. Anotei-o na folha de despesas. Acompanhei-o ao elevador. Se tivesse de se ocupar pessoalmente das suas subidas e descidas, duvido que alguma vez visitasse a estufa do terraço, nem para ver as plantas.

Iniciou o interrogatório imediatamente. Era uma cena admirável. Cinco anos antes, eu não a teria apreciado. E era admirável por ser absolutamente eficiente. Se houvesse alguma coisa na jovem, um vislumbre de conhecimento, um fragmento de sensação ou reação aparentemente esquecido, susceptível de nos orientar ou proporcionar um indício, resultaria impossível mantê-la oculta. Crivou-a de perguntas ao longo de cinco horas. Interrogou-a sobre a voz de Carlo Maffei, hábitos, modo de vestir, refeições, temperamento, maneiras à mesa, relações com a irmã, com Mrs. Ricci, com a própria Anna, com alguém que esta tivesse visto na companhia dele. Fez-lhe perguntas acerca de

Mrs. Ricci, dos hóspedes de pensão nos últimos dois anos, dos vizinhos, dos comerciantes que iam levar coisas. E fazia-o com despreendimento e ar quase indolente, se empenhando em não cansá-la, atitude muito diferente da que assumira na ocasião em que o vira enfrentar Lon Graves, que quase enlouqueceu, numa tarde.

Pareceu-me que só conseguiu arrancar um pormenor à jovem, e mesmo assim não se revestia de particular importância: apenas a confissão de que retirara algo do quarto de Maffei, naquela manhã. Quarta-feira. Pequenos pedaços de papel da gaveta da cômoda com goma-arábica no verso e, na frente, duas indicações impressas: LÚCIA e SS FIORENZA. Tratava-se, evidentemente, de autocolantes de bagagem de bordo de um navio. Nos arquivos do jornal, me inteirei de que o Lúcia partira a 18 de Maio e o Fiorenza a 3 de junho. Era evidente que Maffei decidira seguir para a Itália, não uma, mas duas vezes, e acabara sempre por desistir. Anna explicou que se apoderara deles porque tinham cores atraentes e queria colá-los na caixa em que guardava a sua roupa.

Durante o jantar, que consumimos os três na respectiva sala, se desinteressou totalmente dela e conversou comigo, quase apenas sobre cerveja, mas na altura do café nos fez regressar ao escritório e reatou o interrogatório. Tornou a insistir em passagens exploradas anteriormente e andou às voltas com pormenores tão irrelevantes que alguém que nunca o tivesse visto extrair um coelho daquele chapéu o julgaria louco. Às onze horas, eu estava farto, bocejava e ansiava por concluir a sessão, para não mencionar o desespero que me provocava o fato de ele não deixar transparecer o menor sinal de impaciência ou desencorajamento. De repente, acertou na mosca.

— Então, Mister Maffei nunca lhe dava presentes?

— Não, senhor, à parte a caixa de giz que referi. E os jornais, se se pode chamar a isso um presente.

— Disse que lhe dava sempre o jornal da manhã. O Times.

— Sim, senhor. Explicou-me uma vez que o comprava por causa dos anúncios. Os de oferta de empregos, sabe.

— Também lhe deu na segunda-feira de manhã?

— Dava-me sempre à tarde. Sim, segunda-feira à tarde.

— Suponho que nessa manhã o Times não continha nada de especial...

— Não, senhor. Aparentemente, Wolfe detectou algum remoto clarão nos olhos da jovem, um movimento ténue que me escapou. O certo é que insistiu:

— Nada mesmo?

— Não, senhor. Exceto, é claro, o recorte.

— O recorte?

— Faltava-lhe um pedaço. Um pedaço grande.

— Ele costumava recortar o jornal?

— Sim, senhor. Na maioria dos casos, os anúncios. Talvez sempre, mesmo. Eu utilizava os jornais para levar o lixo para o balde, pelo que tinha de prestar atenção aos buracos.

— Mas esse pedaço era grande.

— Sim, senhor.

— Não se tratava, então, de um anúncio o que ele recortou do jornal de segunda-feira.

— Não, senhor. Era uma coisa que vinha na primeira página.

— Sim? Alguma vez tinha recortado a primeira página?

— Estou convencida de que não.

— Até então, apenas anúncios?

— Bem, não tenho a certeza absoluta. Talvez apenas anúncios.

Wolfe se conservou silencioso por um momento, com o queixo pousado no peito. Finalmente, se virou para mim:

— Corra à Forty-Second Street e traga vinte exemplares do Times de segunda-feira.

Congratulei-me com o pretexto para me espevitarem. Não que fosse algo justificativo de excitação, pois notei que ele se limitava a olhar pela única frincha que até então denunciara a passagem de um ténue fio de

luz. Na realidade, eu não esperava nada e supunha que ele tampouco. Mas fazia uma estupenda noite de junho, fresca, calma e agradável, e enchi os pulmões de ar arrebatado ao vento que produzia enquanto cruzava a cidade em direção à Broadway e depois cortava para norte. Na Times Square, avistei um policial conhecido, Marve Doyle, que costumava percorrer a calçada ao longo da Fourteenth Street e não se opôs a que deixasse o carro num lugar pouco conveniente, para atravessar a rua a correr, rumo à redação do Times. Os espectadores potenciais dos teatros e cinemas enchiam as calçadas e alguns até invadiam a faixa de rodagem.

Quando regressei ao escritório, Wolfe concedia uns momentos de descanso à jovem. Mandara Fritz servir cerveja e ela ingeria-a de uma vez como se fosse chá quente, com uma lista de espuma seca no lábio superior. Observei que ele dera conta de três garrafas, embora não me tivesse ausentado mais de vinte minutos.

— Devia ter lhe dito que trouxesse a edição da cidade, advertiu quando entrei.

— Foi a que comprei.

— Ótimo. Virou-se para a jovem. — Se não se importa, Miss Fiore, convinha que acompanhasse os nossos preparativos. Dê a volta na cadeira dela, Archie, junto da mesinha para a sua cerveja. Agora, os jornais. Não, não os rasgue. É preferível que estejam intatos, como ela os viu da primeira vez. Retire as segundas seções, que servem para Miss Fiore recolher o lixo.

Abri uma primeira seção na mesa diante dele, que se endireitou na cadeira para examiná-la. Era como ver um hipopótamo no parque zoológico se erguer para engolir comida. Retirei todas as segundas seções, amontoei-as numa cadeira e a seguir peguei numa primeira página e inspecionei-a. A um relance preliminar, parecia destituída de todo e qualquer interesse: havia mineiros em greve na Pensilvânia, a Administração de Recuperação Nacional estava salvando o país em três

campos diferentes, dois rapazes tinham atravessado o Atlântico numa embarcação de dez metros, o presidente de uma universidade sucumbira a um ataque cardíaco quando jogava golfe, um gangster fora capturado num apartamento de Brooklyn graças ao emprego de gás lacrimogêneo, um negro tinha sido linchado no Alabama e alguém descobrira uma tela valiosa algures na Europa.

Dirigi uma olhada fugaz a Wolfe, que parecia devorar toda a página. A única coisa que me parecia merecedora de certo interesse era a tela, que fora encontrada na Suíça e se supunha roubada da Itália. Mas quando ele finalmente extraiu a tesoura de uma gaveta foi a notícia sobre o gangster que recortou. Em seguida, pousou o jornal e pediu outro. Entreguei-lhe e desta vez sorri ao verificar que escolhia a informação sobre a tela. No momento em que pediu o terceiro, senti a curiosidade espicaçada e, ao vê-lo mover a tesoura em torno da reportagem acerca da morte do presidente universitário, arregalei os olhos. Notando a minha reação, disse, sem erguer os olhos:

— Reze para que seja isto, Archie. Se tal acontecer, teremos uma *Angraecum Sesquipedale* pelo Natal.

Eu podia escrever o nome corretamente, porque me encarregava de registrar as suas despesas com orquídeas, assim como com tudo o resto, mas seria tão incapaz de pronunciá-lo como de imaginar qualquer relação entre o presidente universitário e Carlo Maffei.

— Mostre-lhe um, indicou Wolfe.

A última notícia que ele recortara se encontrava no topo do pequeno monte, mas puxei-a de imediato, pois a que se referia à tela se achava num largo espaço retangular à direita da página. Quando a mostrei a Anna, Wolfe lhe recomendou:

— Repare bem, Miss Fiore. Era assim que a notícia estava recortada, segunda-feira de manhã?

— Não, senhor, ela respondeu, após uma mera olhadela fugaz. Era da parte de cima da página. — Eu explico...

Afastei-lhe o recorte do alcance antes que conseguisse alcançá-lo, larguei-o na mesa e peguei outro, que estendi na sua frente. Desta vez, olhou um pouco mais atentamente antes de dizer:

— Sim, senhor.

— É essa a notícia?

— Pelo menos, o recorte era assim. Wolfe se conservou calado por um momento, até que o ouvi respirar e me ordena-:

— Volte-a, Archie. Pousei a mão no braço da cadeira dela e fi-la rodar. Ele olhou-a e perguntou: — Tem certeza de que o jornal foi recortado dessa maneira?

— Absoluta.

— Viu o pedaço que ele recortou? No quarto, talvez no cesto dos papéis ou na sua mão?

— Não cheguei a vê-lo. E não podia estar no cesto dos papéis, porque é coisa que não existe nos quartos.

— Muito bem. Oxalá todas as razões fossem tão válidas como essa. Pode se retirar, Miss Fiore. Foi muito atenciosa. Atenciosa, paciente e indulgente e, ao contrário da maioria das pessoas que evito, permanecendo em casa, limita a língua às suas funções apropriadas. Mas se importa de responder a mais uma pergunta? Solicito-lhe como um favor.

Embora a jovem estivesse visivelmente extenuada, lhe restava vigor suficiente para não deixar transparecer o cansaço no olhar. Por conseguinte, assentiu com um leve movimento de cabeça e aguardou.

— Recorda-se de ver um taco de golfe no quarto de Carlo Maffei?

Se Wolfe procurava um clímax, conseguiu-o, porque, pela primeira vez em todas aquelas horas, ela guardou silêncio. Era curioso como resultava fácil observar o que acontecia. Por um instante, se limitou a olhar, mas quando o sentido da pergunta se lhe instalou no espírito a cor que restava nas faces se dissipou até ficar lívida, e os lábios se entreabriram. Parecia uma autêntica pateta e começou a tremer da cabeça aos pés. Wolfe não perdeu tempo em insistir:

— Quando o viu? A jovem comprimiu a boca num trejeito de obstinação, e as mãos pousadas no regaço se converteram em punhos cerrados.

— Não, senhor. Era um mero murmúrio. — Nunca vi nenhum. Ele repetiu a pergunta e acrescentou: — Não tem importância. Voltou-se para mim. — Leve-a à pensão.

Anna não tentou se levantar até que me aproximei e lhe toquei no ombro. Pousou então as mãos nos braços da cadeira e se pôs de pé. Wolfe conseguira impressioná-la, porém ela não parecia assustada, apenas abatida. Fui apanhar o seu casaco no espaldar de uma cadeira e ajudei-a a vesti-lo. Quando se encaminhava para a porta, me virei para dizer algo a Wolfe, e quase não acreditei no que vi. Erguia-se da cadeira para se pôr de pé! Ainda me recordava da ocasião em que se negara a ter semelhante trabalho para se despedir de uma mulher cuja fortuna fora avaliada em vinte milhões de dólares, casada com um duque inglês. Não obstante, revelei o que me levava a voltar para trás:

— Prometi lhe dar um dólar.

— Então, receio que tenha de lhe dar. Levantou um pouco a voz para ser ouvido da porta: — Boa noite, Miss Fiore.

Ela não respondeu. Segui-a ao vestíbulo e levei-a ao conversível. Quando chegamos na pensão, Mrs. Ricci aguardava à entrada, com uma expressão que me desencorajou de perder tempo com amabilidades formais.

* * *

Três

QUANDO regressei à Thirty-Fifth Street, depois de pôr o carro na garagem e transpor os dois quarteirões até casa, o escritório estava às escuras, mas avistei um clarão amarelado pela frincha inferior da porta do quarto de Wolfe, no primeiro andar. Eu me perguntava com frequência como conseguiria se despir, pois sabia que Fritz nunca o ajudava. Este dormia no último andar, do outro lado do corredor da estufa, enquanto o meu quarto se situava no primeiro, como o de Wolfe. Um aposento de dimensões razoáveis, com duas janelas e banheiro. Havia sete anos que vivia aí e constituía sem dúvida o meu lar, tudo indicando que a situação se manteria por mais sete ou mesmo vinte e sete anos, porquanto a única jovem pela qual me interessara a valer encontrara um parceiro que lhe agradara mais. Fora assim que eu conhecera Wolfe, mas o momento não me parece oportuno para contar a história. Fica para outra oportunidade. Na verdade, há um ou dois pequenos pontos que necessitam de ser esclarecidos, um dia. De qualquer modo, aquele quarto representava o meu lar. A cama era grande e confortável, havia uma escrivaninha com várias gavetas, três cadeiras espaçosas e um tapete, em vez de vários tapetes dispersos, em que uma pessoa escorrega a cada passo. Os quadros na parede eram meus e constituíam, quanto a mim, uma boa coleção: um de Mount Vernon, residência de George Washington, outro colorido de uma cabeça de leão, outro, também colorido, de um bosque, com relva e flores, e uma fotografia emoldurada dos meus pais, ambos falecidos quando eu era criança. Havia ainda uma de uma jovem aparentemente

despida, com o longo cabelo dissimulando as áreas mais óbvias, mas estava pendurada no banheiro.

Não existia nada de invulgar no quarto, se tratava de um bom aposento para viver, à exceção do enorme alarme na parede debaixo da cama, mas não se via. Achava-se ligado a um circuito, por meio do qual vibrava com intensidade quando Wolfe ligava um interruptor no seu quarto, o que fazia todas as noites, se alguém entrasse no corredor a um metro e meio da sua porta, tentasse abrir alguma das janelas ou pretendesse forçar a entrada da estufa. Ele me explicou uma ocasião, embora o pormenor carecesse de importância especial, que não o animava qualquer sentimento de covardia, pois detestava, pura e simplesmente, com intensidade que alguém lhe tocasse ou ser obrigado a efetuar movimentos rápidos, e quando ponderei o volume que necessitava de deslocar acreditei na sinceridade das suas palavras. Por qualquer razão indefinida, questões como a covardia nunca me interessaram em relação a Wolfe, conquanto, em regra, se tenho motivos para suspeitar de que um homem é “amarelo”, prefiro que coma noutra mesa.

Levei um dos jornais do escritório para o quarto e, depois de me despir e enfiar o pijama e os chinelos, me instalei confortavelmente numa cadeira, com cigarros e o cinzeiro à mão, para ler três vezes o artigo acerca do presidente universitário, encimado pelo título:

*PETER OLIVER BARSTOW SUCUMBE A ATAQUE CARDÍACO
O PRESIDENTE DA HOLLAND MORRE NO CAMPO DE GOLFE
Amigos assistem aos seus últimos momentos*

Era o que se chamava um artigo e peras, com uma coluna inteira na primeira página, mais uma e meia numa das interiores e, noutro artigo, um longo obituário, com comentários de muita gente proeminente. A história em si não continha nada de especial e, espremida, revelava que mais um homem entregara a alma ao Criador.

Eu lia o jornal diariamente e aquele datava apenas de dois dias atrás, mas não me recordava de ter reparado naquilo. Barstow, de 58 anos, presidente da Universidade Holland, jogava golfe, domingo à tarde, no campo do Green Meadow Club, perto de Pleasantville, cinquenta quilômetros ao norte de Nova Iorque, com o filho Lawrence e dois amigos, chamados E. D. Kimball e Manuel Kimball. Quando tentava o quarto buraco, cambaleara subitamente e caíra de bruços, para rolar no chão por uns segundos, até se imobilizar definitivamente. Caddy se precipitara para ele e lhe segurara o braço, mas quando os outros acudiram Barstow já expirara. Entre a pequena multidão, composta por pessoas que surgiram do edifício do clube e outros jogadores, se encontrava um médico, velho amigo do extinto, o qual, com o filho de Barstow, transferiu o corpo para o carro deste último, a fim de o levar para a residência, a dez quilômetros de distância. O médico indicou um colapso cardíaco como causa da morte.

O resto constituía o material usual nesses casos: descrição pormenorizada da carreira e empreendimentos de Barstow, uma fotografia mais ou menos recente e, entre outras coisas, alusão ao desmaio da esposa quando o corpo dera entrada em casa e a atitude grave, porém bem dominada, do filho e da filha. Após a terceira leitura, bocejei e desisti. A única ligação que vislumbrava entre a morte de Barstow e Carlo Maffei consistia no fato de Wolfe ter perguntado a Anna Fiore se vira um taco de golfe no quarto do italiano, pelo que pousei o jornal e me levantei, dizendo para comigo: “Mister Goodwin, penso que este caso ainda não está em condições de ser arquivado.” Por fim, bebi um copo de água e me deitei.

Eram quase dez horas quando descí do quarto, na manhã seguinte, pois preciso de dormir oito horas sempre que posso e, de qualquer modo, Wolfe não apareceria antes das onze. Levantava-se às oito, independentemente da hora a que se deitasse, tomava o café-da-manhã no quarto com dois jornais e permanecia na estufa das nove às onze. Às vezes, eu ouvia o velho Horstmann, que cuidava das plantas, berrar com

ele, quando me vestia ou tomava banho. Wolfe parecia exercer nele o mesmo efeito que um árbitro em John J. McGraw. Isto não significa que o velho lhe guardasse rancor.

Eu acho que ele receasse que o arcabouço de Wolfe atingisse o limite do equilíbrio e caísse em cima das valiosas orquídeas, pelas quais nutria uma estima inconcebível. Depois de despachar uma dose de rins e flocos de aveia e dois copos de leite na cozinha, pois me opunha firmemente a que Fritz pusesse a mesa da sala de jantar para o meu café-da-manhã, sempre solitário, saí para absorver ar puro durante dez minutos, indo até ao cais e voltando para trás, para finalmente me sentar à mesa do canto do escritório com os livros, após limpar um pouco o pó, abrir o cofre e encher a caneta de tinta permanente de Wolfe. Coloquei a correspondência em cima da mesa dele, como de costume, depois de verificar que não havia nada para mim. Preenchi dois ou três cheques, atualizei o livro de despesas, embora houvesse pouca coisa para anotar, e me debrucei sobre os registos das plantas, para verificar se Horstmann os mantinha em dia. Ia a meio da tarefa quando ouvi a campainha na cozinha e, momentos depois, Fritz assomava à porta para anunciar que um homem chamado O'Grady pretendia falar com Wolfe.

Peguei no cartão-de-visita e vi que se tratava de um novo funcionário, pois conhecia muitos detetives da Brigada de Homicídios e nunca vira aquele. Em seguida, indiquei a Fritz que o mandasse entrar. O'Grady era jovem e muito atlético, a avaliar pelo aspecto e maneira de andar, e tinha um olho deficiente, consciente e truculento. A fazer fé na maneira como me fitava, poderia se supor que eu tinha o bebê Lindbergh 1 no bolso.

— Mister Nero Wolfe? Perguntou.

— Sente-se. Gesticulei na direção de uma cadeira e consultei o relógio. — Ele deve descer dentro de dezenove minutos.

— É importante retrucou, franzindo o sobrolho. — Não pode chamá-lo? Sou da Brigada de Homicídios, como decerto viu no meu

cartão.

— O pormenor não me passou despercebido. Sente-se, repeti. — Se fosse chamá-lo, me atirava a primeira coisa que estivesse ao seu alcance.

Acabou por aceitar a cadeira e voltei a me concentra- nos registos das plantas. Uma ou duas vezes, considerei a possibilidade de tentar sondá-lo, só para me divertir, mas a expressão do seu rosto bastou para me dissuadir: era demasiado jovem e honesto para perder tempo com ele. Ao longo dos dezenove minutos, se conservou sentado como se estivesse na igreja, sem pronunciar uma única palavra. Quando Wolfe apareceu, se levantou com prontidão. Enquanto percorria a distância que o separava da mesa, me deu bom-dia, me mandou abrir mais uma janela e dirigiu uma leve olhada ao desconhecido. Ao sentar, viu o cartão-de-visita, que eu pousara no tampo de vidro, lançou uma olhadela à correspondência, levantando os envelopes com dedos ágeis, como os de um caixeiro de banco ao manipular cheques ou dinheiro, e por fim se voltou para o detetive.

— Mister O'Grady? O interpelado se adiantou um passo.

— Mister Nero Wolfe? Este assentiu com um movimento de cabeça. — Quero os jornais e outros artigos que ontem levou do quarto de Carlo Maffei.

— Não! Wolfe ergueu a cabeça para o ver melhor. — Palavra? Isso é interessante, Mister O'Grady. Sente-se. Oferece-lhe uma cadeira, Archie.

— Não, obrigado. Tenho uma missão a cumprir. Entregue-me os jornais e as outras... Coisas.

— Quais coisas?

— As que levou de lá.

— Enumere-as.

— Não arme em esperto comigo. O detetive espetou o queixo. — Ande, que tenho pressa.

— Calma, Mister O'Grady, advertiu Wolfe, sacudindo o dedo na direção do homem. A sua voz era baixa e clara, com um tom que não empregava muitas vezes. Fizera-o comigo apenas numa ocasião, no nosso primeiro encontro, e eu nunca esquecera o som, me levando a acreditar que, se quisesse, poderia mandar me cortar a cabeça sem levantar a mão. — Tranquelize-se acrescentou. Sente-se, vá.

Coloquei uma cadeira atrás dos joelhos de O'Grady, que a ocupou num movimento lento.

— Está recebendo uma lição grátis, mas valiosa, prosseguiu Wolfe. — É jovem, pelo que a pode aproveitar. Desde que entrei nesta sala, só tem cometido erros. Fez uma afirmação contrária aos fatos, o que foi uma estupidez. Portou-se sem cortesia, o que representou uma atitude ofensiva. Confundi conjectura com conhecimento, o que constitui uma manifestação de ignorância. Quer que lhe explique como devia ter procedido? Os meus motivos são inteiramente amistosos.

— Não pretendo acusá-lo pelos seus motivos, grunhiu O'Grady, pestanejando.

— Ótimo. E claro que não podia adivinhar a inadvertência de implicar que me deslocuei ao quarto de Carlo Maffei. Como não se acha familiarizado com os meus hábitos, ignorava que não empreenderia essa tarefa, ainda que a recompensa fosse uma Cattleya Dowiana áurea. E de modo algum por causa de simples jornais e, segundo a sua terminologia, coisas. Por outro lado, Archie Goodwin, e o indicador descreveu um semicírculo até ficar apontado para mim, — Não é tão exigente, pelo que se incumbiu de a executar. Devia ter procedido do seguinte modo, Mister O'Grady. Em primeiro lugar, responder quando lhe dei bom-dia. Em segundo, apresentar a sua pretensão com cortesia, clareza e abundância de pormenores. Em terceiro, embora isto seja menos essencial, me revelar, por uma questão de deferência profissional, que o corpo do assassinado Carlo Maffei tinha sido encontrado e identificado e o recurso a esses jornais se tornava necessário para tentar

descobrir o criminoso. Não concorda que seria uma atitude mais agradável?

— Como diabo?... Começou o detetive, de olhos arregalados de assombro. — Não vi nada e o nome não podia figurar nas notícias, porque eu próprio só o soube há duas horas. É um adivinho extraordinário, Mister Wolfe.

— Obrigado. Também não vi nada nos jornais, mas, como a comunicação de Maria Maffei sobre o desaparecimento do irmão não suscitou à polícia um esforço generoso de dedução, me pareceu provável que nada de inferior a um homicídio a poria em ação ao ponto de descobrir que Archie visitara o quarto e trouxera os jornais. Pode me revelar onde foi encontrado o corpo?

— Descubra pelos vespertinos. O'Grady se levantou. — É impagável. Mister Wolfe. Passemos aos jornais.

— Com certeza. Wolfe não se moveu. — Mas lhe apresento um ponto para que o pondere. Apenas peço três minutos do seu tempo e informação que será de domínio público dentro de poucas horas. Quem sabe se, hoje, amanhã ou dentro de um ano, em ligação com este ou outro caso, não me chegará ao conhecimento algum pequeno fato susceptível de antecipar a data da sua promoção, glória ou aumento de vencimento. Ora, repito, comete um erro se ignora as exigências da deferência profissional. O corpo foi talvez encontrado no condado de Westchester?

— Essa agora! Se não me tivesse elucidado sobre a sua reputação, nem fosse tão evidente que precisaria de um caminhão para se deslocar ao local, concluiria que foi o senhor o autor do crime. Sim, encontraram-no no condado de Westchester. Num pequeno bosque a trinta metros de uma estrada secundária e a cinco quilômetros de Scarsdale, ontem, às oito da noite. Dois garotos que andavam apanhando ninhos nas proximidades.

— Abatido a tiro?

— Apunhalado. O médico diz que a lâmina deve ter permanecido cravada por algum tempo, uma hora ou talvez mais, mas não estava no local nem foi encontrada. As etiquetas da roupa são de um

estabelecimento na Grand Street, e isso e as marcas da lavanderia me foram entregues às sete horas desta manhã. Às nove, descobrira o nome da vítima e, desde então, revistei o quarto e interroguei a dona da pensão e a empregada.

— Excelente. Verdadeiramente excepcional.

— A jovem... O homem tornou a franzir o sobrolho. — Ou sabe alguma coisa ou dentro da sua cabeça há tanto espaço livre que nem se lembra do que comeu no café-da-manhã. O senhor, que a trouxe aqui, o que pensou ao ver que não se recordava de uma única palavra do telefonema que ouviu, juntamente com a dona da pensão?

Olhei Wolfe com curiosidade. Todavia, ele se conservou impávido, se limitando a replicar:

— Miss Anna Fiore não está perfeitamente equipada, Mister O'Grady. Achou, pois, a sua memória deficiente?

— Deficiente? Já nem se lembrava do primeiro nome de Maffei!

— Sim, é pena. Wolfe impeliu a cadeira para trás, pousando as mãos na borda do tampo da mesa e exercendo pressão, e compreendi que pretendia se levantar. Passemos aos jornais. Os outros artigos se resumem a uma lata de tabaco vazia e quatro instantâneos. Vou lhe pedir um favor. Importa-se que Mister Goodwin o acompanhe ao corredor? Trata-se de uma idiosincrasia pessoal. Tenho extrema relutância em abrir o cofre na presença de outras pessoas. Sem ofensa, claro. Procederia do mesmo modo, talvez com um pouco mais de veemência, se o senhor fosse o meu banqueiro.

O meu longo convívio com ele tinha me habituado a quase todas as suas atitudes, mas desta vez necessitei de me esforçar para manter a impassibilidade. Cheguei a abrir a boca para comunicar que se encontrava tudo numa gaveta da sua mesa, onde o colocara na véspera ante os seus olhos, e o olhar de advertência que me dirigiu foi a única coisa que me conteve. O detetive hesitou, porém Wolfe insistiu:

— Decerto não supõe que procuro uma oportunidade para ocultar alguma coisa, porque nessa eventualidade não poderia fazer nada para evitá-lo. As suspeitas desta natureza entre profissionais são fúteis.

Por conseguinte, acompanhei O'Grady ao corredor, depois de fechar a porta atrás de nós. Calculei que Wolfe mexeria na porta do cofre para que ouvíssemos o ruído, mas, para o caso de ele não estar com esse trabalho, encetei um diálogo com o detetive, para que os seus ouvidos não ficassem desapontados. Não demoramos a ser chamados e ao voltarmos Wolfe estava de pé junto da mesa, em cima da qual se viam a lata de tabaco e o envelope em que eu guardara os instantâneos e os jornais.

— Felicidades, Mister O'Grady proferiu, entregando-os. — Posso lhe garantir uma coisa, e deve aceitar as minhas palavras pelo que valem: se descobrirmos algo que julgemos susceptível de auxiliá-lo nas investigações, entraremos imediatamente em contato consigo.

— Muito obrigado. Espero que se exprima com sinceridade.

— Não tenha a menor dúvida.

O detetive se retirou. Quando ouvi a porta da rua se fechar, me dirigi à sala e, pela janela, o vi se afastar. Em seguida, regresssei ao escritório, me aproximei da mesa de Wolfe, atrás da qual voltara a se sentar, sorri e observei:

— É um grande espertalhão. As pregas das faces retrocederam um pouco dos cantos da boca quando isso acontecia, ele supunha que ria. — Que conservou? Perguntei.

Levou a mão a um dos bolsos do casaco e extraiu um pedaço de papel com cerca de cinco centímetros de comprimento e um e meio de largura, que me estendeu. Era um dos recortes encontrados na gaveta da cômoda de Maffei, e custava a crer que Wolfe conhecesse a sua existência, pois apenas lhes dirigira uma olhadela superficial na véspera.

Não obstante, tivera o trabalho de mandar sair O'Grady para conservá-lo.

TÉCNICO DE METAIS. Deve ser perito em design e mecanismos, disposto a regressar à Europa

para residência permanente. Pode obter comissões lucrativas. Times 1467.

Li-o duas vezes, mas não fiquei mais elucidado do que após a primeira leitura na tarde anterior, no quarto de Maffei.

— Se pretende sugerir que ele tencionava viajar, posso voltar à pensão e arrancar os autocolantes de bagagem do armário de Anna declarei. — De resto, ainda que isto se revista de algum significado, quando o tinha lido antes? Não me diga que consegue ler textos sem os ver. Duvido que... Interrompi-me. Com certeza que era o que eu só agora admitia, e esbocei um sorriso. — Examinou tudo, quando fui levar a jovem, após o interrogatório.

Deixou transcorrer uns segundos, como se ponderasse a resposta mais apropriada, e terminou por articular:

— Bravo, Archie! Muito bem. Sentei-me na sua frente.

— Posso fazer perguntas? Há três coisas que me interessa saber. Ou terei de deduzi-las sozinho? Sentia-me um pouco amofinado, evidentemente, como sempre que verificava que ele fizera deduções na minha presença sem que eu notasse.

— Não é necessário, replicou. — Vai buscar o carro e seguir para White Plains, a velocidade moderada. Se as perguntas não envolvem respostas longas...

— São breves, mas se tenho de executar alguma missão urgente, podem ficar para mais tarde. Como falou em White Plains, julgo que devo examinar o ferimento de Carlo Maffei e outros pormenores que me pareçam destituídos de importância.

— Não. Pare de fazer suposições em voz alta na minha presença. Será inevitável termos de colocar a par, por exemplo, O'Grady, mas ao menos protelemos o deplorável momento tanto quanto possível.

— O'Grady executou um bom trabalho, esta manhã, nas duas horas que mediam entre a etiqueta do fato e a marca da lavanderia, por um lado, e o telefonema, por outro.

— Em termos cerebrais, é um nabo discordou. — Mas ouçamos as suas perguntas.

— Podem esperar. Que há em White Plains, se não é Maffei? Dirigiui-me um sorriso invulgarmente prolongado para ele.

— A oportunidade de ganhar algum dinheiro. O nome de Fletcher M. Anderson significa alguma coisa para você, sem consultar os seus arquivos?

— Espero que sim. Funguei com desdém. — Mil novecentos e vinte e oito. Delegado da Promotoria no caso Goldsmith. Um ano mais tarde, se mudou para o campo e é atualmente promotor público no condado de Westchester. Reconheceria que lhe deve um favor apenas se a porta estivesse fechada e lhe sussurrasse ao ouvido. Casou por dinheiro.

— Exato. Inclinou a cabeça num gesto de aprovação. Procurará Mister Anderson em White Plains e lhe transmitirá uma mensagem provocatória e possivelmente lucrativa. Pelo menos, é uma hipótese em perspectiva, pois aguardo informações mais concretas de uma visita esperada a todo o momento. Estendeu a mão sobre a sua rotundidade para puxar do relógio de platina do bolso de colete e consultá-lo. — Verifico que um negociante de artigos desportivos não se revela mais pontual do que um cético esperaria. Telefonou às nove e prometeu efetuar a entrega às onze, sem falta. Ora, são onze e meia. Seria conveniente neste ponto eliminar todo o atraso evitável. Teria sido preferível lhe enviar... Ah!

Acabava de soar a campainha. Fritz passou diante da porta no corredor, se ouviu o ruído da abertura da de entrada, outra voz e a dele em interrogação e resposta. Em seguida, passos pesados que abafavam os

de Fritz, e surgiu na soleira um jovem que lembrava um jogador de rúgbi e equilibrava sobre o ombro um embrulho enorme, com cerca de um metro de comprimento e largura quase igual à de Wolfe.

— Venho da parte de Corliss Holmes anunciou, algo ofegante.

A um gesto de Wolfe, fui ajudá-lo. Transferimos o volume para o chão, após o que o recém-chegado ajoelhou e começou a desatar a corda, mas levava tanto tempo que me impacientei e puxei do canivete. No entanto, o murmúrio de Wolfe me conteve o ímpeto.

— Não, Archie, poucos nós merecem semelhante intervenção.

Por fim, a corda foi retirada e ajudei o rapaz a remover o papel e a tampa, após o que me endireitei e arregalei os olhos. Virei-me para Wolfe e tornei a concentrar a atenção no monte no chão. Tratava-se apenas de tacos de golfe, mas devia haver uma centena, suficientes, quanto a mim, para matar um milhão de cobras, pois nunca me tinham parecido úteis para outra coisa.

— O exercício lhe fará bem, observei a Wolfe. Sem se mover da cadeira, indicou que os colocássemos em cima da mesa, e eu e o rapaz pegamos em vários.

Comecei a dispô-los numa fiada uniforme no tampo de vidro e vi que os havia compridos e curtos, pesados e leves, de ferro, madeira, aço, crómio e tudo o mais que se pudesse conceber. Wolfe olhava-os com curiosidade, à medida que eu os colocava, até que, quando tinha cerca de uma dúzia à sua frente, indicou:

— Os da extremidade de ferro, não. Retire-os. Só os totalmente de madeira. Voltou-se para o rapaz. — Isto não se chama extremidade?

— Não, é a cabeça foi a resposta, com um misto de estranheza e superioridade.

— Queira aceitar as minhas desculpas. O seu nome?...

— Townsend.

— Queira aceitar as minhas desculpas, Mister Townsend. Uma ocasião em que reparavam o meu carro de um furo, vi tacos de golfe numa vitrine, mas as extremidades não estavam identificadas. Estas são de fato todas as variedades de uma única espécie?

— Hem? São todas diferentes.

— Claro, claro. Faces de madeira simples, embutidas em osso, mistas, de marfim. Uma vez que se trata da cabeça, isto deve ser a face?

— Exato.

— Sem dúvida. E a finalidade do embutido? Tudo na vida deve ter uma finalidade, à exceção da cultura das orquídeas.

— Finalidade?

— Precisamente. Finalidade.

— Bem... O rapaz hesitou. É para o impacto, claro. Ao bater na bola, é o embutido que a atinge e provoca o impacto.

— Compreendo. Não precisa continuar. Assim serve perfeitamente. E as pegas, de excelente madeira, delicada e sensível, e aço. Suponho que são ocas...

— Sim, cabo de aço oco. É uma questão de gosto. Temos aqui um driver. Aquele é um brassie, com bronze na parte inferior.

— Creio que a lição se pode considerar completa. Sabe uma coisa, Mister Townsend? Ainda bem que as exigências do nascimento e treino nos proporcionam oportunidades de snobismo. A minha ignorância desta nomenclatura especial originou o seu, enquanto a sua inocência dos processos mentais elementares provocaram o meu. Quanto ao objetivo da sua visita, não me pode vender nada, porque estas coisas permanecerão eternamente inúteis para mim. Pode reconstituir o embrulho e levá-lo, mas imaginemos que eu comprasse três destes tacos e o lucro de cada um se cifrava em um dólar. Três dólares. Considera a quantia satisfatória? O rapaz possuía, senão a sua própria dignidade, pelo menos a de Corliss Holmes.

— Não é obrigado a comprar coisa alguma.

— Não, mas ainda não terminei. Quero lhe pedir um favor. Importa-se de pegar num taco... Este, por exemplo... Colocar-se ali, atrás daquela cadeira, e fazê-lo rodopiar da maneira ortodoxa?

— Fazê-lo rodopiar?

— Sim. Agitar, sacudir ou lá como chamam. Finja que pretende atingir uma bola.

Para além do snobismo, Mr. Townsend tinha agora dificuldade em dissimular o desdém. Pegou no driver que Wolfe lhe estendia, se afastou da mesa, desviou uma cadeira, olhou em volta, para trás e para cima, levou o taco atrás do ombro e fê-lo descer com um silvo impressionante. Uma fúria indomável. Wolfe estremeceu.

— Outra vez, mais devagar, por favor. O rapaz realizou o pedido.
— Ainda mais lentamente, se possível. Mister Townsend.

Desta vez, ele executou o movimento ao retardador, uma caricatura, com altivez, porém Wolfe observava-o com total concentração.

— Excelente. Mil agradecimentos, Mister Townsend. Como não temos crédito no estabelecimento de Corliss Holmes, Archie, se importaria de dar três dólares a este nosso amigo? E agora, um pouco de velocidade, por favor. A viagem que mencionei é iminente e até urgente.

Após semanas sossegadas que acabavam de passar, o meu coração experimentou um sobressalto, quando ouvi falar de velocidade. O rapaz e eu reconstituímos o embrulho num abrir e fechar de olhos e regresssei prontamente ao escritório, depois de o acompanhar à porta. Wolfe se conservava sentado, com os lábios na posição ortodoxa para assobiar, embora não houvesse qualquer som audível a meio metro de distância. Uma pessoa só sabia que o ar entrava e saía pela elevação e contração do peito. Algumas vezes em que me encontrara mais perto dele, tentara

determinar se ele achava realmente que assobiava uma melodia, mas sem êxito. Suspendeu o exercício quando entrei e disse:

— Isto vai demorar apenas um minuto, Archie. Sente-se. Não precisará do bloco-de-notas.

* * *

Quatro

QUANDO DIRIJO, não vejo virtualmente nada além da estrada, porque possuo o tipo de mentalidade que mergulha numa tarefa e permanece nela até que surge outra. Naquele dia, efetuei uma boa média. Devido à intensidade do tráfego, demorei consideravelmente para chegar a Woodland, mas daí até White Plains o meu relógio não teve tempo de percorrer mais de vinte e um minutos. No entanto, apesar do meu tipo de mentalidade e a pressa que tinha, apreciei a Parkway pelo canto do olho. Havia muita vegetação coberta de flores, as copas das árvores oscilavam ao vento suave como se executassem uma dança lenta e a relva apresentava um extenso tapete verdejante. Disse para comigo que não conseguiriam confeccionar uma carpete tão agradável à vista, por muito que se esforçassem.

A pressa não me serviu de nada. Quando cheguei ao Palácio da Justiça, Anderson se ausentara e não regressaria antes de segunda-feira: quatro dias. Disseram que se deslocara aos Adirondacks, mas se recusaram a me dar o endereço. De qualquer modo, não teria sido agradável conduzir o conversível na direção de Lake Placid, com o pé pousado no acelerador. O ajudante dele, cujo nome, Derwin, eu nunca ouvira, ainda não voltara do almoço, o que só aconteceria daí a meia hora, pelo menos. Além disso, nenhum dos presentes parecia interessado em me ser útil.

Procurei uma cabine telefônica e telefonei a Wolfe. Mandou-me esperar que Derwin reaparecesse e tentar a sorte com ele, o que não me

contrariou, pois me daria tempo para engolir dois sanduíches e um copo de leite. Quando voltei ao Palácio da Justiça, o homem se encontrava no seu gabinete, mas me obrigou a aguardar vinte minutos, provavelmente para poder palitar os dentes sem interrupções. Quando pondero os diferentes espécimes que tenho visto, me parece insensato dizê-lo, mas a verdade é que todos os advogados me parecem iguais. Exibiam uma espécie de mistura de uma expressão assustada com outra de satisfação, como se cruzassem uma rua movimentada onde esperavam ser atropelados a todo o momento, mas soubessem com exatidão o tipo de documento que deveriam entregar ao motorista responsável pela sua morte e levassem um exemplar preparado no bolso. Derwin tinha esse aspecto, à parte o que parecia muito respeitável, bem trajado e alimentado, com cerca de quarenta anos, quando muito, cabelo preto liso penteado para trás e ar jovial e agradável. Pousei o chapéu num canto da secretária e puxei de uma cadeira, antes de dizer:

— Lamento que Mister Anderson tenha se ausentado. Não sei se a minha mensagem lhe interessará, mas estou certo de que ele gostaria de ouvi-la.

— Se se relaciona com assuntos do meu cargo, interessa com certeza, Mister Goodwin declarou, se reclinando na cadeira, com um sorriso de político.

— Relaciona-se, sem margem para dúvidas. No entanto, me encontro em desvantagem, porque não conhece o meu patrão, Nero Wolfe, ao contrário de Mister Anderson.

— Nero Wolfe? Enrugou a fronte. — Sei quem é. Refere-se, claro, ao detetive particular. Isto é apenas White Plains. A província começa um pouco mais para o norte.

— Decerto. Em todo o caso, eu não lhe chamaria detetive particular. Como descrição... Bem, acho-a um pouco excessiva. Mas é o homem para quem trabalho.

— Traz uma mensagem dele?

— Trago. Como referi, se destina a Mister Anderson, mas telefonei para Nero Wolfe há meia hora e me mandou transmiti-la a quem o

substituí. O resultado poderá não ser o mesmo, pois sei que Mister Anderson é um homem abastado e não possuo informações a seu respeito, Mister Derwin. Talvez seja como eu e o seu salário constitua a única corda que lhe mantém o sábado e o domingo unidos.

Soltou uma gargalhada. Formal, porque no instante imediato o rosto assumira uma expressão solene e profissional.

— Talvez. Mas embora o trabalho não aperte esta tarde, continuo à espera da mensagem.

— Trata-se do seguinte. Domingo à tarde, há quatro dias, portanto, Peter Oliver Barstow, presidente da Universidade Holland, morreu subitamente quando jogava golfe no campo do Green Meadow Club, para os lados de Pleasantville. Está ao corrente disso?

— Sem dúvida. Foi uma perda para a comunidade, para todo o país, realmente.

— O funeral se realizou na terça-feira e ele foi sepultado no cemitério de Agawalk. Nero está disposto a apostar consigo (preferia fazê-lo com Mister Anderson, mas diz que o senhor também serve) em como, se mandar exumar o corpo e efetuar a autópsia, aparecerão provas de envenenamento. Aposto dez mil dólares e entregará um cheque visado dessa quantia a qualquer pessoa idónea que lhe for indicada. Limitei-me a sorrir, enquanto ele me fitava de olhos arregalados.

— Nero Wolfe enlouqueceu acabou por dizer.

— De modo algum. Não aposte nisso. Mas ainda não terminei de descrever a aposta. Segundo ele, em algum lugar na região ventral de Barstow, provavelmente logo abaixo do estômago, com uma profundidade de cinco a sete centímetros, encontrarão uma agulha curta, aguçada e fina, possivelmente de aço ou mesmo de madeira muito rija, apontada para cima, num ângulo aproximado de quarenta e cinco graus, se não tiver sido deflectida por um osso.

Derwin continuava com os olhos arregalados e, quando me calei, tentou soltar de novo a risada profissional, mas não resultou tão bem

como anteriormente.

— Nunca ouvi maior conjunto de bobagens. Calculo que todo esse arrazoado tem um objetivo em vista, se você também não for louco.

— Com certeza que tem. Introduzi a mão no bolso, a fim de puxar do cheque que Wolfe me entregara. — Poucas pessoas arriscariam dez mil dólares num palpite maluco, e posso lhe garantir que Nero Wolfe não pertence a esse número. Peter Oliver Barstow foi assassinado e tem essa agulha cravada no corpo. Digo-o eu, Nero Wolfe e este cheque. É um testemunho coletivo de peso, Mister Derwin.

O advogado começava a não se mostrar tão jovial e deferente como ao princípio. Levantou-se da cadeira e tornou a se sentar, enquanto eu aguardava. Por fim, articulou:

— É absurdo. Absolutamente absurdo.

— Wolfe não aposta nisso salientei. Apenas no que é verdade.

— Mas não pode ser. Acho-o meramente absurdo e... E monstruoso. Ignoro que artimanha pretende pôr em prática, mas bateu à porta errada. Conheço a família Barstow, pelo que estou ao corrente dos fatos, não os recitarei, para refutar esse amontoado de incoerências. Sabe quem assinou a certidão de óbito? Não creio...

— Sei, interrompi. — O doutor Nathaniel Bradford. Trombose coronária. Mas mesmo que todos os médicos do mundo fossem tão bons como ele e se inclinassem para a trombose coronária, o dinheiro de Nero Wolfe responderia pelo suposto absurdo.

Notei a alteração operada no rosto dele; se recompusera do choque e se achava preparado para pôr em prática a sua mente afiada.

— Qual é o seu jogo? Inquiriu em voz áspera.

— Não há jogo algum. Apenas o empenho em ganhar dez notas das grandes.

— Mostre-me o cheque. Entreguei-o. Examinou-o com atenção e em seguida pegou no telefone.

— Ligue-me para a filial do Thirty-Fourth Street do Metropolitan Trust Company, Miss Ritter.

Aguardou com os olhos cravados no pequeno retângulo de papel, enquanto eu cruzava os braços sobre o peito e me enchia de paciência. Quando a campainha tocou, voltou a levantar o auscultador e começou a fazer perguntas em número apreciável, para obter a certeza absoluta de que não havia engano. No momento em que desligou, declarei em tom cordial:

— Podemos andar para frente, agora que se certificou de que são dólares autênticos. Ignorou as minhas palavras e continuou a olhar o cheque, com uma expressão de perplexidade. Por fim, perguntou, em inflexão irritada:

— Conferiram-lhe de fato poderes para apostar esta quantia na afirmação que fez?

— Exato. O cheque está endossado e foi visado. Posso, pois, endossá-lo igualmente. Se desejar telefonar a Wolfe, o número é Bryant nove dois oito dois oito. Para evitar algum mal-entendido, sugiro que a sua estenógrafa bata à máquina um memorando dos pormenores para nós assinarmos. Devo esclarecer que ele não tenciona divulgar pormenores ou discutir o assunto. Trata-se de uma aposta e nada mais.

— Aposta, o diabo! Você não espera aposta alguma. Quem julga que apostará consigo, o condado de Westchester?

— Contava com Mister Anderson. Mas à falta dele qualquer pessoa serve, repliquei, com um sorriso. — Alguém que possua dez mil dólares. Wolfe não se mostra exigente a esse respeito. Pode ser um chefe da polícia, o editor de um jornal ou até um democrata proeminente com uma forte noção do dever cívico.

— Não me diga!

— Digo, sim senhor. As minhas instruções consistem em envidar todos os esforços para que a aposta seja coberta antes de anoitecer.

— Aposta? Levantou-se e impeliu a cadeira para trás com o pé. — Diga antes um blefe!

— Parece-lhe? Então, tente cobri-lo. Era óbvio que decidira alguma coisa, pois se encaminhou para a porta, onde se virou para mim.

— Importa-se de aguardar dez minutos? Suponho que não se oporá, visto que tenho o seu cheque no bolso.

Mas não estava endossado. Desapareceu antes que eu pudesse responder e me dispus a esperar. Perguntei-me como se estaria desenrolando a diligência. Descurara alguma vantagem? Deveria ter protelado a minha última ameaça para a altura em que ele se revelasse mais renitente, se talvez era essa a sua intenção? Como poderia obrigá-lo a agir com rapidez? E, no fundo, disporia de autoridade ou coragem para tomar uma decisão de semelhante envergadura, na ausência do chefe? Wolfe pretendia ação imediata, e eu sabia perfeitamente que contava tanto com a aceitação da aposta como eu que me oferecesse os dez mil dólares no meu próximo aniversário. O seu interesse se concentrava exclusivamente numa autópsia e na agulha. Eu compreendia agora como ele deduzira a presença desta última, mas a sua ligação com Carlo Maffei... Interrompi o curso das cogitações para me debruçar sobre a missão imediata.

Se Derwin assumisse uma posição irreduzível, qual seria o meu próximo movimento? Teria de tomar uma decisão entre as quatro e as seis, pois não me atrevia a incomodar Wolfe quando se encontrava entre as malfadadas plantas. Eram duas e meia e havia dez minutos que o homem saíra. Comecei a notar o ridículo da minha posição. E se decidisse me manter no seu gabinete toda a tarde, enquanto conservava o cheque em seu poder? Se permitisse que um mero advogado de terceira ordem me pregasse uma partida daquelas, não poderia voltar a encarar de frente o nutrido rosto de Wolfe. Cometera um erro crasso ao deixar o homem se afastar, sem recuperar o cheque. Abandonei a cadeira de um salto e cruzei a sala, mas ao chegar à porta me acalmei e fiz girar o puxador com prudência. Havia um pequeno corredor que se

comunicava com a antecâmara, onde se ouvia uma voz feminina falando ao telefone.

— Não, menina, é uma chamada pessoal. Só serve Mister Anderson. Aguardei que desligasse, e aproximei-me da secretária.

— Pode me dizer onde se encontra Mister Derwin? Mostrou-se interessada em mim, pois me olhou com curiosidade, e acabou por fornecer uma resposta em linguagem clara:

— Está ao telefone, no gabinete de Mister Anderson.

— Suponho que não me mentiria, só para não perder a prática?

— Não preciso de praticar, obrigada.

— Muito bem. Se não vê inconveniente, vou experimentar uma destas cadeiras. Não gosto de ficar sozinho lá dentro.

Sentei-me a um metro da porta de entrada, e ainda não me instalara devidamente quando esta se abriu para dar passagem a um homem corpulento, de ar decidido, terno azul, sapatos pretos e chapéu de palha. Do ponto em que me encontrava enquanto avançava para a secretária, era fácil ver que tinha uma arma de fogo sob o casaco, à altura da anca.

— Como está, Mister Cook? Saudou a jovem. — Mister Derwin se encontra no gabinete de Mister Anderson. Quando ele desapareceu através de outra porta, perguntei:

— Era Ben Cook, por acaso? Ela assentiu com um movimento de cabeça sem me olhar, e sorri.

Escoaram-se mais quinze minutos antes que a porta do gabinete de Anderson voltasse a abrir, e Derwin surgiu para me chamar.

— Entre aqui, Goodwin.

Obedeci. Uma vez dentro, contive uma gargalhada ao ver a encenação que haviam preparado em minha honra. Ben Cook ocupava

uma cadeira colocada ao lado da que se achava atrás da mesa destinada, sem dúvida, a Derwin, com outra para mim, em que incidia a luz de frente.

— Acha graça? Grunhiu o indivíduo corpulento. Derwin se instalou na cadeira que lhe competia e só então houve por bem informar:

— O chefe de polícia.

— Não me diga. Pestanejei, para fingir que a luz me incomodava.

— Julga que a reputação de Ben Cook não vai além de Bronx Park?

O advogado assumiu uma expressão severa. Como se a sua atitude ainda não fosse suficientemente caricata, sacudiu um dedo na minha direção.

— Estive muito ocupado na última meia hora e posso agora lhe revelar o que se seguirá. Vai nos dizer o que sabe, enquanto esperamos por Wolfe. Que razões têm para?... Tive de interrompê-lo, mas não pude evitar. Foi involuntário.

— Esperam Wolfe? Aqui?

— Sim, aqui. Se ele entendeu o que lhe convém, e me esforcei por torná-lo bem claro pelo telefone.

— Escute, Mister Derwin. Necessitei de me esforçar de novo para dominar a hilaridade. — Está num dia de azar. Nunca teve apostas tão ruins em toda a sua vida. É tão provável que Wolfe compareça à sua presença como que eu lhe revele a identidade de quem matou Barstow.

— Acha? Interveio Ben Cook. — Você vai falar. E pelos cotovelos.

— É possível, mas não lhes direi quem matou Barstow, porque não faço a menor ideia. Se quiserem me interrogar sobre a rede de estradas da região, por exemplo...

— Pare com isso. O ar severo de Derwin se acentuou. — Fez uma acusação surpreendente de uma forma a todos os títulos sensacional. Não pretenderei que tenho muitas perguntas preparadas para lhe fazer, porque não disponho de nada em que as basear. Ocorre-me apenas uma

e exijo uma resposta imediata e completa. Por que razão e objetivo o seu patrão o enviou aqui, hoje? Suspirei e assumi um ar solene.

— Já lhe expliquei. Para fazer uma aposta.

— Proceda como se possuísse um pouco de sensatez. Escusa de pensar que se safa com uma explicação dessa natureza.

— Não tente se armar em esperto voltou a interpor Ben Cook. — Nem imagina como costumamos tratar os espertalhões.

Creio que me seria possível prolongar a sessão por toda a noite, mas o tempo se escoava e eles começavam a me irritar.

— Escutem, meus senhores. É natural que estejam irritados, mas contra isso nada posso fazer. Se os mandar para o diabo e sair por aquela porta, o que farão? Eu sei que a delegacia de polícia é perto daqui, mas não vou para aqueles lados. Devo lhes confidenciar que parecem dois principiantes. Confesso que estou surpreso com isso, Mister Derwin. Nero Wolfe lhe oferece a oportunidade de participar num caso importante, e a primeira coisa que faz é divulgar tudo a Ben Cook, para me lançar às feras. Não sejam idiotas, pois não podem me tocar. Wolfe adoraria lhes mover um processo por detenção sem motivos, além de que nunca visito as delegacias de polícia a menos que me mostrem o respectivo mandado, e pensem no ridículo em que incorreriam depois de contar a minha história aos repórteres e apresentar a prova do assassinio de Barstow. Por sinal, principio a me irritar e estou quase exigindo a devolução do cheque e cair fora. Assentemos o seguinte: não revelarei absolutamente nada. Portanto, escolha, Mister Derwin: ou me devolve o cheque ou fala com sensatez.

O advogado se sentava com os braços dobrados sobre o peito e me olhava sem deixar transparecer o menor esforço para abrir a boca.

— Decidiu, pois, vir ao campo mostrar aos caipiras como se age na cidade, hem? Disse Ben Cook. — Fique ciente de uma coisa, rapaz.

Tenho tamanho suficiente para arrastá-lo até à delegacia sem um motivo mais forte que o mero capricho.

— Pode se dar ao luxo de armar em mau, retorqui. — Derwin lhe passou para as mãos um foguete que ele deveria lançar sozinho. Virei-me para o advogado. — Para quem telefonou em Nova Iorque?

— Ao promotor público.

— Falou com ele? Descruzou os braços, se empertigou na cadeira e me olhou com uma expressão de desespero.

— Falei com Morley.

— Dick Morley? O que lhe ele disse?

— Que, se Nero Wolfe apostava dez mil dólares no que quer que fosse, gostaria que eu propusesse mais mil, desde que ele me oferecesse as probabilidades de dez para um.

— Apesar disso, me trouxe para aqui, em vez de pegar numa pá e correr para o cemitério de Agawalk? Redargui, demasiado indignado para sorrir. — Repito que não revelarei nada e Wolfe tampouco, mas se alguma vez teve uma oportunidade de jogar pela certa é esse o momento, Derwin.

Exalou um suspiro e aclarou a voz, mas uma vez não foi suficiente e teve de efetuar segunda tentativa.

— Vou ser franco consigo, Goodwin. Isto fica entre nós, Ben, mas se trata de um fato. Já pensou no que implicaria a exumação e autópsia do corpo de Peter Oliver Barstow?

— Qualquer pretexto serviria, observei.

— Talvez eu não seja bom a inventar pretextos. Em todo o caso, conheço a família. Não posso tomar essa decisão. Tentei contatar com Anderson em Lake Placid, mas não consegui. No entanto, espero falar com ele antes das sete da noite, o mais tardar. Pode se meter no trem da noite e estar aqui pela manhã. Depois, que decida.

— Nesse caso, hoje não se pode resolver nada, comentei.

— Nem pensar. Eu, pelo menos, não quero assumir a responsabilidade de nada do gênero.

— Está bem. Levantei-me. Vou telefonar a Wolfe para saber se quer esperar tanto tempo. Agora já pode me devolver o cheque.

Derwin extraiu-o do bolso e me entregou. Em seguida, me voltei para Ben Cook.

— Quer carona até à delegacia?

— Raspe-se, rapaz, raspe-se.

* * *

Cinco

WOLFE, naquela noite, se mostrava tão agradável como uma torta de maçã. Cheguei em casa a tempo de jantar com ele. Não permitiu que pronunciasse uma única palavra sobre o que se passara em White Plains até que acabamos de comer. Na realidade, não falamos de coisa alguma, porque ele tinha o rádio ligado. Costumava afirmar que vivíamos na era perfeita para o homem sedentário. Dantes, esse indivíduo podia satisfazer a curiosidade acerca dos tempos idos se sentando para ler Gibbon, Ranke, Tácito ou Greene, mas se queria conviver com os seus contemporâneos tinha de enveredar pelas estradas, ao passo que o homem atual, momentaneamente cansado de Galba ou Vitélio, apenas precisava de se levantar para ligar a radiofonia e regressar à cadeira.

Um programa que Wolfe raramente perdia era o dos Joy Boys. Nunca cheguei a compreender porquê. Sentava-se com os dedos entrelaçados sobre o rotundo abdômen, olhos semicerrados e lábios comprimidos, como se a boca contivesse algo que cuspiria a qualquer instante. Frequentemente, eu ia dar uma volta nessas ocasiões, mas se o jantar era um pouco mais cedo, no período do programa em causa, não podia me esquivar. Também tenho os meus artistas favoritos, porém os Joys Boys me pareciam banais.

Uma vez no escritório, após a refeição, não necessitei de muito tempo para apresentar o relatório da minha digressão. Custava-me me desculpar a Wolfe, porque se mostrava invariavelmente simpático,

partindo sempre do princípio de que eu fizera todo o possível e não havia nada para criticar além da hostilidade do ambiente, segundo as suas palavras. Não emitiu comentários e tampouco se mostrou interessado na descrição ou nas desculpas. Tentei espicaçá-lo, procurando, por exemplo, averiguar se lhe ocorrera a possibilidade de eu conseguir convencer um promotor público e aceitar uma aposta de dez mil dólares apenas com base nas minhas explicações, mas se limitou a continuar reservado e amável. Quando lhe perguntei se pensava que eu podia ter tomado alguma iniciativa susceptível de induzir Derwin a mandar exumar o corpo naquela tarde, replicou que lhe parecia improvável.

As rãs não voam. Sentava-se à mesa e examinava com uma lupa o rostelo de uma *Cymbidium Alexanderi* que Horstmann trouxera para baixo por apresentar indícios de querer murchar.

— Ele precisaria de ter um pouco de imaginação, mas, a avaliar pela sua descrição, Archie, tudo indica que tal não aconteceu. Sugiro que não se recrimine. Aliás, o assunto pode acabar por se revelar desprovido de lucro. Com Fletcher M. Anderson, seria diferente. É um homem rico, com ambições profissionais e os olhos bem abertos. Não teria dificuldade em ponderar que, se uma autópsia discreta demonstrasse o meu erro, embolsaria dez mil dólares. No contrário, acabaria por me pagar, mas, em troca, obteria um caso sensacional e deprenderia que, depois de arrecadar o seu dinheiro, eu disporia de mais informações para colocar à sua disposição. A sua diligência constituiu essencialmente uma tentativa para fechar um negócio banal: a oferta da permuta de uma coisa por outra. Se Anderson estivesse presente, encararia a situação provavelmente desse modo. De qualquer forma, a oportunidade ainda pode se materializar, continua a merecer um pequeno esforço. Creio, porém, que não demorará a chover.

Porque mudou de assunto? Continuei sentado na cadeira junto da mesa, embora notasse de que me encarava como se fosse um importuno,

porque pretendia lhe fazer algumas perguntas.

— O céu estava encoberto quando entrei. Vai chover em cima de todas as suas pistas?

— Um dia, Archie, quando decidir que não merece a pena continuar a lhe tolerar, terá de casar com uma mulher de capacidade mental muito modesta, a fim de dispor de um auditório apropriado para o seu deplorável sarcasmo articulou, sem erguer os olhos da lupa. Quando mencionei a chuva, tinha em mente as suas conveniências e conforto. Ocorreu-me a possibilidade de enviá-lo à pensão da Sullivan Street, mas pode ficar perfeitamente para amanhã.

Custava a crer, a menos que uma pessoa estivesse bem familiarizada com ele, como era o meu caso. Sabia que falava sério e considerava que sair de casa em qualquer altura representava uma aventura desagradável, porém fazê-lo debaixo de chuva atingia as raias da loucura.

— Sabe perfeitamente que irei, chova ou faça sol. Mas aí vai uma das perguntas que mencionei. Porque será que Anna Fiore se fechou em copas perante O'Grady? Porque ele não se desfez em mel e mesuras como eu?

— É provável. Excelente conjectura, Archie. Sobretudo porque mandei Panzer lá e ela se limitou a confessar o nome, com relutância, e se recusou acompanhá-lo. Por conseguinte, o seu mel e respectivas mesuras se tornam necessários. Se não houver inconveniente, diga que apareça às onze da manhã. A sua presença não se reveste de importância especial, mas semelhante obstinação merece um assédio.

— Vou buscá-la já.

— Não. Sério. Amanhã. Sente-se. Prefiro tê-lo aqui, ocioso e inútil, enquanto inspeciono, receio que infrutiferamente, esta fútil flor. Fútil e estéril, segundo tudo parece indicar. Como referi noutra oportunidade, a sua proximidade é sempre refrescante, porque me recorda constantemente como seria enervante ter presente alguém... Uma

esposa, por exemplo... Que não poderia mandar sair sempre que me conviesse.

— Muito bem. Não pude evitar um sorriso. — Pode continuar com isso.

— No momento, não. Detesto chuva.

— Nesse caso, me esclareça umas dúvidas. Como soube que Carlo Maffei tinha sido assassinado? E que Barstow foi envenenado? E que tem uma agulha no corpo? Sei, evidentemente, como foi parar lá, pois o empregado da Corliss Holmes nos explicou, mas como conseguiu chegar tão longe?

Pousou a lupa e suspirou. Eu sabia que a minha curiosidade lhe provocava desconforto, mas se tratava também de interesse profissional. Dava a impressão de que jamais acabaria de se convencer de que, embora eu acreditasse piamente que nunca conduziria os seus colaboradores a uma situação embaraçosa, graças a um erro de cálculo mental, agiria com um pouco mais de inteligência se me inteirasse do que fazia as rodas girar. Duvido que me elucidasse alguma vez, em qualquer caso, banal ou transcendente, sem a minha persistência para induzi-lo a falar.

— Será necessário lhe recordar mais uma vez a reação que obteria se perguntasse a Velasquez a razão pela qual a mão de Esopo repousava dentro da túnica, em vez de pender ao lado do corpo? Terei de demonstrar de novo que, conquanto seja permissível solicitar ao cientista que explique como chegou a determinada descoberta, um pedido similar ao artista carece de sensatez, porque, à semelhança da cotovia ou da águia, não deixa pegadas no rumo percorrido? Necessitarei de lembrar novamente que sou um artista?

— Não, senhor. Contento-me com que explique como descobriu que Barstow foi envenenado. Tornou a pegar na lupa, enquanto eu aguardava e acendia um cigarro. Terminara de fumá-lo e tencionava ir à sala buscar um livro ou uma revista, quando principiou a falar.

— Carlo Maffei desapareceu. Uma ocorrência assaz vulgar, espancado e provavelmente roubado, até ao telefonema e ao anúncio. A chamada em si carece de interesse, mas é a ameaça (Não sou eu que devo ter medo, ou algo do gênero) que tem significado. O anúncio acrescenta uma especificação. Até então, ele foi isto e aquilo, mas agora se converte também num homem que pode ter feito algo de intrincado e difícil que funcionaria. O termo mecanismo tornava o anúncio atraente, embora também oferecesse sugestões estupendas a uma mente curiosa. De repente, por mera casualidade como a criação da vida foi accidental, Maffei se torna noutra coisa: um homem que recortou a notícia da morte de Barstow na manhã do seu desaparecimento. Por conseguinte, convém lê-la segunda vez para descobrir o aspecto relacionado intimamente com ele. Um obscuro imigrante italiano com a profissão de técnico de metais, por um lado, e um famoso e abastado presidente de uma universidade, por outro. Precisa haver uma ligação, e a incongruência dos elementos torná-la-ia mais clara, se talvez fosse visível. Temos o artigo: encontremos a ligação, se existe, com a análise de cada palavra. No entanto, pouco esforço é exigido, pois tudo se revela virtualmente aparente. No momento, e por algum tempo imediatamente anterior ao colapso, Barstow tinha nas mãos e utilizava, não um, mas toda uma variedade de instrumentos que, se não constituíam mecanismos complexos e difíceis, se adaptavam admiravelmente à situação. Tratava-se de uma imagem perfeitamente composta. Mas conquanto não necessitasse de qualquer justificação (na verdade, nada além de contemplação) como obra de arte, para se aplicar numa utilização prática exigiria um pequeno, digamos, fixador. Nessa conformidade, me limitei a perguntar a Miss Fiore se vira um taco de golfe no quarto de Maffei. O resultado foi gratificante.

— Está bem concedi. Mas suponha que ela dissesse que não?

— Como salientei noutras ocasiões, nem mesmo para me divertir fornecerei resposta a perguntas hipotéticas.

— Foi uma saída airosa. Responder equivale a admitir a validade do seu raciocínio, mas já me habituei a não esperar nada de melhor de você. Como quer que saiba o que faria, se é que faria alguma coisa?

Provavelmente, lhe dava boa-noite e mandava-a à sua vida. Encontraria o verniz para a minha tela noutra lugar.

— Talvez sim, talvez não. Posso perguntar como conseguiria comer se tivesse nascido com a cabeça virada para trás?

— Não morreria de fome assegurei, com um sorriso. — Mas como descobriu que Maffei tinha sido assassinado?

— Só cheguei a essa conclusão quando da visita de O'Grady. Ouviu o que lhe disse. A polícia tinha revistado o quarto do italiano, o que apenas se explicaria se cometesse algum delito ou fosse assassinado. A primeira alternativa parecia improvável, à luz dos outros fatos.

— Seja. Mas reservei a melhor para o fim. Quem matou Barstow?

— Ah... Murmurou suavemente. — Isso é outra imagem e, segundo espero, dispendiosa. Dispendiosa para o comprador e lucrativa para o artista. Por outro lado, uma das suas personagens constituiria um tema compensador. Prosseguindo a minha vaga metáfora, não montaremos o cavalete até estarmos seguros da comissão. Em todo o caso, rigorosamente isto não corresponde à verdade exata. Analisaremos um ponto do cenário, amanhã, se conseguir trazer Miss Fiore.

— Deixe-me ir buscá-la agora. Passam poucos minutos das nove.

— Não vê como chove? Fica para amanhã.

Reconheci que não merecia a pena insistir, pelo que, depois de me aborrecer o suficiente, com a leitura superficial de duas revistas, vesti o impermeável e decidi passar uma ou duas horas num cinema. Não confessaria a ninguém, mas fazia-o a mim próprio, que não me sentia tranquilo. Acorrera-me o mesmo tipo de experiência algumas vezes no passado, o que não contribuía para sossegar. Embora tivesse certeza absoluta de que Wolfe nunca nos deixaria mergulhar num poço sem a existência de uma escada pela qual poderíamos sair, em certas ocasiões me assolavam dúvidas. Jamais esquecerei aquela vez em que mandou prender o presidente de um banco ou, melhor, quem o mandou prender fui eu sem qualquer prova à parte o fato de a caneta em cima da sua mesa estar sem tinta. Nunca senti um alívio tão profundo como quando o fulano fez saltar os miolos, uma hora mais tarde. Mas era inútil tentar

espicaçar Wolfe, e eu já muito raramente tentava. Se me aventurava a procurar explicar que podia laborar em erro com extrema facilidade, se contentava com replicar: “Reconhece um fato quando o vê, mas não possui a menor sensibilidade para os fenômenos.”. Depois de procurar o vocábulo “fenômeno” no dicionário, não vislumbrei que ele fosse mais dotado que eu em semelhante aspecto, mas resultava inútil argumentar com o irreduzível Nero Wolfe.

Por conseguinte, me sentia preocupado mais uma vez. E como queria refletir calmamente, peguei no impermeável e me meti num cinema, onde podia me sentar no escuro, com algo para distrair a vista e a mente em plena liberdade. Não era difícil vislumbrar como Wolfe abarcara a situação. Alguém que pretendia matar Barstow, chamemos de X, publicara um anúncio no jornal pedindo um artesão para lhe executar algo, empenhado em que fosse uma pessoa desejosa de abandonar o país, para, na eventualidade de se tornar curiosa mais tarde, não o poder molestar. Maffei respondeu e recebeu a incumbência: preparar um taco de golfe de tal modo que, quando a “face” contatasse com a bola, ativasse um dispositivo que dispararia uma agulha pela pega, na outra extremidade. Provavelmente, X apresentou a incumbência como uma espécie de prova que antecederia a comissão na Europa, mas deu tanto dinheiro ao italiano que este decidiu não partir. O fato originou uma discussão num clube de golfe, todavia X utilizou o taco para o fim em vista, introduzindo-o no saco de Barstow. A seguir, Maffei leu a notícia da morte deste último no Times e traçou a conclusão óbvia, o que não surpreendia, dadas as características invulgares da incumbência que recebera. X lhe telefonou e o italiano se encontrou com ele, para lhe transmitir as suspeitas e tentar extorquir dinheiro. Desta vez, X não perdeu tempo em busca de outro artesão para construir um dispositivo engenhoso e se contentou em recorrer a uma faca, que deixou cravada nas costas de Maffei para evitar que o estofado do carro, fossem manchados de sangue.

Consumado o crime, percorreu as estradas de Westchester até descobrir um local ermo, ocultou o corpo num bosque, retirou a faca e mais tarde lançou-a a um ribeiro ou rio suficientemente profundo para que não voltasse a aparecer. Chegou a casa em horas decentes, tomou uma ou duas bebidas antes de se deitar e, de manhã, vestiu a roupa apropriada para comparecer ao funeral de um amigo. Era esta a imagem global, ou cenário, concebida por Wolfe, mas, quanto a mim, embora contivesse todos os fatos sem os forçar, o mesmo se poderia dizer há um milhar de anos, quando se pensava que o Sol girava em torno da Terra. Não havia alteração dos fatos conhecidos, mas não se entrava em linha de conta com os que se não conheciam. E Wolfe arriscava dez mil dólares e a reputação para mandar exumar Barstow.

Certa vez, um cliente acusara-o de ser excessivamente otimista. Eu gostara da opinião e ele também não se mostrara contrariado. No entanto, isso não me impedia de refletir que se abrissem o corpo do presidente da universidade e só lhe encontrassem trombozes coronárias nas veias, sem objetos estranhos na área do ventre, a situação resultante para todos nós não se poderia considerar famosa. Eu sabia que toda a gente pode errar, mas também não ignorava que, quando alguém se mostra tão convencido de uma coisa como acontecia com Wolfe, precisava ter sempre razão. Não obstante, eu raciocinava estupidamente, até certo ponto, pois estava seguro de que ele tinha mesmo razão. E foi com esta ideia em mente que regresssei do cinema para me deitar, depois de descobrir que Wolfe já recolhera ao quarto.

Na manhã seguinte, acordei um pouco antes das sete, mas fiquei na cama alguns minutos, consciente de que, se me levantasse logo, teria de aguardar algumas horas, pois não valia a pena ir buscar Anna Fiore antes de Wolfe descer da habitual visita matinal à estufa. Assim, permaneci deitado, entretido a bocejar, contemplando o quadro de bosques, relva e flores e a fotografia de meus pais, até que fechei os olhos, não para voltar a passar pelo sono, pois já dormira o necessário, mas para determinar

quantos ruídos diferentes da rua conseguia reconhecer. E achava-me imerso na tarefa, quando soou uma pancada na porta e surgiu Fritz.

— Bom dia disse. — Quero suco de laranja e uma xícara de chocolate. Exibiu um sorriso distante como só ele sabia conjurar. Embora entendesse todas as tiradas jocosas, nunca tentava retribuí-las.

— Bom dia. Está lá em baixo um cavalheiro que quer falar com Mister Wolfe.

— Como se chama? Perguntei, me levantando.

— Anderson, segundo disse. Não mostrou qualquer cartão-de-visita.

— O quê? Afastei os pés para fora da cama. Ena, ena! Não se trata de um cavalheiro, Fritz, mas de um nouveau riche. Mister Wolfe está esperançado em torná-lo menos riche, brevemente. Diz-lhe... Deixa, vou já para baixo.

Passei água fria pelo rosto, enfiei roupa suficiente para uma emergência, utilizei o pente para estabelecer um pouco de ordem no cabelo e descí. Anderson não se levantou da cadeira quando entrei no escritório. Estava tão bronzeado que se cruzasse com ele na rua precisaria olhar duas vezes para reconhecê-lo. Deixava transparecer falta de sono e contrariedade abundante, e notei que o seu cabelo não se achava menos desgrenhado que o meu.

— Chamo-me Archie Goodwin, informei. — Provavelmente, não se recorda de mim.

— Creio que não. Continuou sentado. — Lamento. Vim para falar com Wolfe.

— Vai precisar aguardar um pouco, porque ainda não se levantou.

— Espero que não demore muito.

— Não lhe sei dizer. Um momento, que vou indagar.

Afastei-me para o vestíbulo e parei ao fundo da escada. Precisava decidir se se tratava de uma das ocasiões em que Wolfe desejaria

infringir a rotina. Faltava quinze para as oito. Finalmente, subi ao primeiro andar e atravessei o corredor até um ponto a três metros da sua porta, onde havia um botão na parede. Apertei-o e ouvi imediatamente a sua voz, no momento suave:

— Que há?

— Desligue o interruptor, que vou entrar. Soou um pequeno estalido e a seguir a ordem:

— Entre.

Uma pessoa não acreditaria que existia no mundo uma coisa como Wolfe na cama, se não se certificasse com os seus próprios olhos. Eu me certificara numerosas vezes, mas ainda não me cansara de admirar a cena. Em cima, havia uma colcha de seda preta de que ele nunca prescindia, Verão ou inverno. Da elevação no meio descia um precipício para todos os lados, pelo que quem lhe queria ver o rosto tinha de se colocar mesmo em frente e em seguida se debruçar para espreitar sob a espécie de dossel que se projetava da cabeceira da cama. Também era de seda preta e se prolongava trinta centímetros para além do queixo, para ficar suspenso, muito baixo, nos três lados. No interior, a enorme cabeça repousava na almofada branca como uma imagem num templo. A mão emergiu de baixo da colcha para puxar um cordão à sua direita, e o dossel se dobrou para trás. Pestanejou e lhe anunciei que Fletcher M. Anderson o aguardava no escritório.

Soltou uma imprecação. Desagradava-me ouvi-lo praguejar, porque me irritava os nervos. Ele me explicou, uma ocasião, que o motivo da minha reação consistia em que, enquanto na maioria dos casos o ato de praguejar constituía uma mera explosão vocal, pela parte que lhe tocava devia se considerar expressão de um desejo profundo. Fazia-o poucas vezes, se diga em abono da verdade. Naquela manhã, porém, praguejou abertamente, sem reservas, após o que disse:

— Saia, vá lá para fora, desapareça.

— Mas... An... Anderson... Também me desagradava gaguejar.

— Se Mister Anderson pretende falar comigo, pode fazê-lo às onze horas. Mas isto é desnecessário. Para que pago?

— Muito bem. Tem razão, claro. Transgribo uma regra e sou admoestado. Terminado o cumprimento da formalidade, posso sugerir que seria uma boa ideia recebê-lo?...

— Não, não pode.

— Por dez mil dólares?

— Não.

— Porquê, em nome dos céus?

— Começa a me irritar! A cabeça dele se voltou no travesseiro e conseguiu mover suficientemente a mão para sacudir um dedo. — Sim, me irrita. Mas se trata de uma qualidade valiosa, às vezes, pelo que não me alongarei no assunto. Ao invés, responderei à pergunta. Não recebo Mister Anderson já, por três motivos: primeiro, como permaneço na cama, não estou vestido e me percorre uma má disposição apreciável; segundo, pode tratar do nosso assunto tão bem como eu; terceiro, compreendo a técnica da excentricidade e seria fútil um homem estabelecer uma reputação de extravagante se regressasse à ação normal à mínima provocação. Saia. Imediatamente.

Abandonei o quarto e descí ao escritório, a fim de comunicar a Anderson que, se estivesse disposto a esperar, Wolfe o receberia às onze. Como era de esperar, não quis acreditar nos seus ouvidos. No entanto, quando finalmente se convenceu de que entendera bem a mensagem e se lhe destinava, explodiu. Parecia particularmente indignado pelo fato de haver seguido diretamente de um trem-cama da Grand Central Station para a residência de Wolfe, conquanto eu não compreendesse porquê. Expliquei-lhe a situação várias vezes, salientando que se tratava de uma excentricidade irremediável. Também lhe revelei que tinha estado em White Plains no dia anterior e me familiarizara com os pormenores do caso. Isso deu a impressão de acalmá-lo um pouco, e começou a me fazer perguntas. Elucidei-o em doses moderadas e me diverti com a sua expressão ao lhe comunicar que Derwin mandara

chamar Ben Cook. Depois de se inteirar de tudo, se reclinou na cadeira, apertou o nariz entre o polegar e o indicador e olhou por cima da minha cabeça. Finalmente, baixou o olhar e observou:

— Wolfe chegou a uma conclusão surpreendente, não acha?

— Sem dúvida alguma.

— Deve conhecer, portanto, elementos não menos surpreendentes.

— Um prazer conversar consigo, Mister Anderson, mas não merece a pena perdermos tempo repliquei, com um sorriso. — No que se refere a elementos surpreendentes, Wolfe e eu seremos como duas múmias num museu, até que a sepultura seja aberta e as entranhas de Barstow examinadas.

— Paciência. Eu poderia oferecer a Wolfe um salário como investigador especial... Uma espécie de inquérito e relatório.

— Um salário? É uma revelação tão longa como um pedaço de cordel.

— Digamos, quinhentos dólares.

— Receio que ele esteja muito ocupado para considerar semelhante proposta declarei, meneando a cabeça. — E eu também, pois talvez tenha de voltar a White Plains, esta manhã.

— Hum... Mordeu o lábio e me olhou com ar pensativo. — Sabe, Goodwin, raramente faço afirmações ofensivas, mas não lhe ocorreu que tudo isto é altamente desagradável, para não dizer pouco ético? A observação me incomodou e, fitando-o com intensidade, retorqui:

— Escute, Mister Anderson. Disse que não se recordava de mim, mas eu me lembro de você. Já esqueceu o caso Goldsmith, há cinco anos? A sua posição não ficaria afetada se divulgasse a ajuda fornecida por Wolfe para o esclarecimento da verdade. No entanto, admitamos que necessitava de ocultar o fato, por uma questão de princípio. Não teríamos ficado muito melindrados com isso. Mas até que ponto se revestiu da ética a sua atitude ao deturpar a realidade de tal modo que ele recebeu um olho negro em vez daquilo que merecia? Concorde que se trata de uma ética muito especial.

— Não sei de que está falando.

— Se eu me deslocar a White Plains hoje, alguém saberá de que falo. E, desta vez, terá de pagar as vantagens que conseguir, Mister Anderson.

— Não se esforce mais, Goodwin proferiu com um sorriso, se levantando. — A sua presença em White Plains não será necessária. Em face de informações que recebi, decidi mandar exumar o corpo de Barstow. Você ou Wolfe estarão aqui durante o dia? Talvez precise de contatar com ele, mais tarde.

— Ele se encontra sempre em casa, mas não recebe nem fala com ninguém entre as nove e as onze e as quatro e as seis.

— Que excêntrico!

— Decerto. O seu chapéu está no vestíbulo.

Aproximei-me da janela e vi o táxi dele se afastar. Em seguida, me virei para o telefone e hesitei. No entanto, sabia que Wolfe tinha razão e, de qualquer modo, um pouco de publicidade não nos prejudicaria. Por conseguinte, liguei para a Gazette e perguntei por Harry Foster, o qual, por afortunada casualidade, se encontrava na Redação.

— Harry? Archie Goodwin. Tenho uma novidade para si, mas conserve-a tão guardada que nem saiba onde a meteu. O promotor público de White Plains, Anderson, vai solicitar, esta manhã, uma ordem do tribunal para realizar a exumação e autópsia de Peter Oliver Barstow. É natural que pretenda manter o assunto secreto, mas pensei que você gostaria de ajudá-lo a conseguir o seu objetivo. Um dia, na altura oportuna, terei o maior prazer em revelar o que lhe despertou a curiosidade...

Subi ao quarto, me barbeei e mudei de roupa. Depois disso, o café-da-manhã e uma troca de impressões com Fritz sobre qualidades de peixe. Já eram nove e meia. Fui à garagem buscar o conversível, atestei o depósito e segui para a Sullivan Street. Como eram horas das aulas, o ruído e lixo não predominavam como na minha visita anterior, mas havia outras diferenças. Eu devia ter contado com as decorações, mas o

fato não me ocorrera. Deparei-me uma enorme roseta preta com fitas da mesma cor afixada na porta, encimada por uma não menor coroa de folhas e flores. Avistei várias pessoas nas proximidades, sobretudo do outro lado da rua. A certa distância, um policial contemplava a cena sem interesse aparente, mas, quando parei o carro a alguns metros da porta com a coroa, vi que me observava. Desci e fui cumprimentá-lo.

— Sou Archie Goodwin, do gabinete de Nero Wolfe informei, lhe entregando um cartão-de-visita. Fomos contratados para procurá-lo no dia anterior ao da descoberta do corpo. Venho para conversar com a dona da pensão e indagar uns pormenores.

— Sim? Grunhiu, guardando o cartão no bolso. — Só sei que me mandaram ficar aqui. Archie Goodwin? Muito prazer. Apertamos a mão e, antes de me afastar, lhe pedi que olhasse pelo conversível.

Mrs. Ricci não pareceu encantada ao me ver, mas compreendi o seu estado de espírito. O detetive O'Grady decerto reclamara por ter me deixado levar objetos do quarto de Maffei, embora não lhe assistisse o direito de fazer isso. Sorri quando a vi comprimir os lábios, na expectativa das perguntas que eu viera lhe fazer. Não é agradável ter um homem assassinado em casa, conquanto se trate apenas de um hóspede. Por conseguinte, manifestei pesar pela sua situação antes de anunciar que desejava falar com Anna Fiore.

— Está ocupada.

— Acredito, mas isto é importante. O meu patrão quer falar com ela. Não a reterá mais de uma hora, aproximadamente. Aqui tem dois dólares...

— Não! Será que não podemos ficar descansadas em nossa própria casa? Porque não deixam a pobre mulher, sem a enlouquecer com perguntas? Com que direito?...

Era óbvio que me escolhera para alvo da indignação que a dominava. Como reconheci que não precisava contar com a mínima

colaboração da parte dela, pois nem sequer queria me escutar, me afastei para o vestíbulo. A porta da sala de jantar estava aberta, o que me permitiu verificar que não havia ninguém lá. Depois de entrar subrepticiamente, ouvi passos e, espreitando pela frincha entre a porta e a ombreira, vi Mrs. Ricci subir a escada. Apurei os ouvidos e concluí que ia em direção ao segundo andar. Mantive-me no esconderijo e aguardei, até que a sorte me bafejou. Tinham-se escoado uns dez minutos, quando soaram passos nos degraus e avistei Anna. No momento em que a chamei em voz baixa, ela parou e olhou em volta.

— Na sala de jantar, indiquei no mesmo tom. Quando chegou à soleira, avancei para que me visse. — Mistress Ricci me mandou esperar aqui até que você descesse.

— Ah, Mister Archie...

— O próprio. Vim buscá-la para darmos uma volta. Mistress Ricci ficou zangada comigo, mas, se se recorda, na quarta-feira lhe dei um dólar. Hoje, lhe ofereci dois e não se opôs. Mas temos de ir já, porque prometi trazê-la de volta antes do meio-dia. Peguei-lhe na mão, mas ofereceu resistência.

— No carro do outro dia?

— Com certeza. Vamos.

— Tenho o casaco lá em cima, e olhe para o meu vestido.

— Faz muito calor para vestir o casaco. Despache-se, antes que Mistress Ricci mude de ideia. Nós lhe compramos um, se for necessário.

Pousei-lhe a mão no braço e conduzi-a para a porta da rua, mas não me convinha parecer apressado lá fora, pois o policial poderia suspeitar de algo e intervir. Assim, abri a porta com naturalidade e disse:

— Entre, depressa, enquanto me despeço de Mistress Ricci.

Deixei transcorrer apenas alguns segundos antes de voltar ao conversível, onde ela acabava de se instalar. Contornei-o para me sentar ao volante, liguei o motor, acenei ao policial e rumamos pela Sullivan

Street abaixo em segunda, com o motor rugindo, para impedir que eventuais gritos de janelas dos andares superiores pudessem alcançar os ouvidos de Anna. Esta, na verdade, apresentava um aspecto não muito diferente de um espantalho, com um vestido quase imundo, mas não me envergonhava de tê-la a meu lado, enquanto contornava a Washington Square e enfiava pela Fifth Avenue.

— Onde vamos, Mister Archie? Perguntou, de súbito.

— Vê como o seu vestido passa despercebido neste banco baixo? Só fica de fora o rosto, que não tem nada de reprovável. Que diz a uma volta pelo Central Park. Está uma manhã linda.

— Sim, gostaria muito. Eu não disse nada e ela tampouco ao longo de cerca de dez quarteirões, até que repetiu: — Sim, gostaria muito.

Era óbvio que se comprazia consideravelmente. Subi a Fifth Avenue e entrei no Park na Sixtieth

Street. Depois, continuei para oeste até à One Hundred and Tenth, cruzei Riverside Drive e rumei ao Túmulo de Grant, onde descrevi uma rotação de cento e oitenta graus e apontei ao centro da cidade. Duvido que ela olhasse uma única vez as árvores, a relva ou o rio. Ao invés, se concentrava nas pessoas dos outros carros, e faltavam cinco minutos para as onze quando freei à entrada da residência de Wolfe.

Mrs. Ricci já telefonara duas vezes, e Fritz exibia uma expressão estranha quando me informou. Resolvi o problema imediatamente ligando para lá e falando duramente sobre o tema de obstrução à justiça. Não sei se captou alguma das minhas palavras enquanto se entregava a ardente gritaria, mas a minha ideia pareceu funcionar. Não voltámos a ouvir um único pio dela antes do meio-dia, quando parti para acompanhar Anna à pensão.

Wolfe entrou quando eu falava com Mrs. Ricci e vi-o se deter para dar bom-dia à jovem, a caminho da mesa. Costumava se mostrar delicado com as mulheres. Acalentava uma espécie de noção pervertida

acerca delas que eu não entendia bem, mas nunca o vira manifestar menos cordialidade na sua presença. Na realidade, se tornava difícil compreender como um corpanzil daqueles podia revelar delicadeza, mas não subsistiam dúvidas a esse respeito. Nem mesmo quando “crucificava” uma, como na ocasião em que esclarecera o caso do Clube Diplomático através de um interrogatório implacável de Nyura Pronn. Foi a melhor exibição de espremer uma esponja até a secar a que jamais assisti.

Ele começou com suavidade o assédio a Anna Fiore. Depois de lançar uma olhadela à correspondência, se voltou e olhou-a durante cerca de um minuto, antes de dizer:

— Já não necessitamos de nos entregar a conjecturas sobre o paradeiro do seu amigo Carlo Maffei. Queira aceitar as minhas condolências. Viu o corpo?

— Sim, senhor.

— Foi uma pena, uma verdadeira pena, porque ele não procurava a violência. Surgiu-lhe no caminho por mero infortúnio. É curioso como o destino de um homem pode estar suspenso de um fio tão fino. O do assassino de Maffei, por exemplo, talvez dependa disto: quando e em que circunstâncias viu o taco de golfe no quarto de Carlo?

— Bem...

— Agora pode nos revelar tudo. É natural que a minha pergunta do outro dia lhe fizesse acudir o fato à mente.

— Sim, senhor.

— Fez acudir? Ela abriu a boca, mas não disse nada. Eu observava-a com atenção e me pareceu que assumia uma expressão estranha. — Fez acudir? Insistiu Wolfe. Continuou silenciosa. Não notei que estivesse enervada ou assustada apenas calada. — Noutro dia, quando mencionei o pormenor, pareceu um pouco perturbada, Miss Fiore. Pode me explicar porquê?

— Sim, senhor.

— Seria pela recordação de algo desagradável que aconteceu no dia em que viu o taco de golfe?

Novo silêncio. Pressenti que alguma coisa estava errada. Wolfe não fizera a última pergunta como se se revestisse de significado especial. Eu conhecia bem as cambiantes da sua voz e compreendi que não se achava interessado; pelo menos, na pergunta em si. Qualquer coisa o impelira para um rumo distinto. De repente, disparou outra em tom muito diferente:

— Quando decidi responder “Sim, senhor” a tudo o que lhe perguntasse? Nada de resposta, porém ele prosseguiu em inflexão incisiva: — Gostaria que compreendesse o seguinte. A minha última pergunta não tinha absolutamente nada a ver com um taco de golfe ou com Carlo Maffei. Portanto, se decidi responder somente com “Sim, senhor” a tudo o que lhe perguntar acerca dele, não haverá problema. Assiste-lhe o direito absoluto de proceder assim, porque foi o que decidi. No entanto, se a interrogar sobre outras coisas, não deve manter essa atitude, por não se tratar do que decidi. Nesta última eventualidade, deve se exprimir como qualquer outra pessoa na mesma situação. Sendo assim, quando resolveu dizer apenas “Sim, senhor”, foi por causa de algo que Carlo Maffei fez?

Anna olhava-o sem pestanejar. Era evidente que não desconfiava dele, nem pretendia entrar em controvérsia, pois se limitava a tentar compreendê-lo. Encararam-se em silêncio durante cerca de um minuto, até que ela disse:

— Não, senhor.

— Ah, ótimo! Não foi por causa de nada que ele fez. Por conseguinte, não lhe dizia respeito, pelo que me pode revelar tudo o que lhe perguntar nesse sentido. Espero que compreenda isto. Se você decidiu não me dizer nada sobre Carlo Maffei, não insistirei. Mas

quanto ao outro aspecto... Vejamos: decidi dizer “Sim, senhor” a Mister O'Grady, o homem que a interrogou, ontem de manhã?

— Sim, senhor.

— Porquê? Ela enrugou a fronte, mas, respondeu:

— Porque aconteceu uma coisa.

— Muito bem. Que foi? Vendo-a abanar a cabeça, Wolfe persistiu:

— Então, Miss Fiore! Não existe motivo algum para não revelar. A jovem volveu os olhos para mim e tornou a se virar para ele.

— Revelarei a Mister Archie declarou, passado um momento.

— De acordo.

— Recebi uma carta me disse. Wolfe me dirigiu uma olhada de inteligência, que interpretei devidamente.

— Ontem?

— Sim, de manhã.

— De quem?

— Não sei. Não estava assinada. Tinha sido escrita à máquina e no envelope só dizia Anna e o endereço, sem o resto do nome. Foi-me entregue por Mistress Ricci, que costuma ir buscar o correio na caixa, mas não a quis abrir diante dela, porque nunca tinha recebido nenhuma. Desci ao cubículo onde durmo e a li então.

— Que dizia? Olhou-me por uns instantes, sem responder, e, de repente, sorriu de um modo que quase me embaraçou.

— Vou lhe mostrar o que continha, Mister Archie. Levantou a saia acima do joelho, introduziu a mão na meia e retirou-a com algo. Arregalei os olhos ao vê-la desenrolar cinco notas de vinte dólares, que em seguida me mostrou.

— Era isto que continha?

— Exato. Cem dólares.

— Estou vendo. Mas também havia uma mensagem escrita à máquina.

— Sim. Dizia que, se não falasse a ninguém em Mister Maffei ou no que fazia, podia ficar com o dinheiro. Do contrário, devia queimá-lo. Queimei de fato a carta, mas não o dinheiro. Resolvi guardá-lo.

— Queimou a carta?

— Sim.

— E o envelope?

— Também.

— E acha que nunca falará a ninguém em Mister Maffei ou no taco de golfe?

— Nunca. Olhei-a com estranheza. O queixo de Wolfe pousava no peito mas também fixava os olhos nela.

— Que história mais fantástica! Bradei, me levantando.

— Peça-lhe desculpas, Archie!

— Mas francamente...

— Peça. Voltei-me para Anna e murmurei:

— Peço desculpas, mas cada vez que penso na gasolina que queimei passeando pelo parque... E tornei a me sentar.

— Reparou, por acaso, no carimbo do envelope, Miss Fiore? Perguntou Wolfe. Aquela marca que costumam aplicar no canto superior direito e indica a área de origem.

— Não, senhor.

— Claro. A propósito: o dinheiro não pertencia ao homem que o enviou. Retirou-o do bolso de Carlo Maffei.

— Tenciono ficar com ele.

— E faz muito bem. Decerto não ignora que se a polícia se inteirasse o confiscaria sem hesitar. Mas não se alarme, porque a sua confiança em Mister Archie se justifica plenamente. Virou-se para mim.

— A gentileza e graça são atributos sempre admiráveis e por vezes úteis. Leva Miss Fiore de volta a pensão.

— Mas porque não?... Comecei a protestar.

— Convencê-la a queimar esse dinheiro e substituí-lo por dólares provenientes do seu fundo de custeio? Não. Ela recusaria, mas, de qualquer modo, eu não permitiria a destruição de notas de banco, independentemente da sua proveniência. O extermínio de dinheiro constitui o único sacrilégio autêntico que devemos abominar. Talvez não tenha notado que os cem dólares representam para Miss Fiore: a recompensa inimaginável de um ato desesperado e heroico. Agora que voltou a guardá-los na sua cripta, leve-a à pensão. Começou a efetuar a

complexa operação destinada a abandonar a cadeira. — Bom dia, Miss Fiore. Dirigi-lhe um cumprimento raro: acreditei que se exprimia com sinceridade. — Passe muito bem.

Eu já me encontrava na porta e chamava a jovem para que me seguisse. Durante o percurso, não lhe dirigi uma única palavra. Sentia-me particularmente irritado, depois de raptá-la e passear pela cidade ao longo de cerca de uma hora, para depois se armar em obtusa. Na Sullivan Street, larguei-a na calçada com certa satisfação, consciente de que Wolfe se mostrara suficientemente atencioso por ambos. Conservou-se imóvel e, quando soltei o freio para iniciar o regresso, proferiu:

— Obrigada, Mister Archie. Também queria ser atenciosa! Aprendera com Wolfe, sem dúvida.

— Não tem nada que agradecer repliquei. — Despeçamo-nos sem rancor.

* * *

Seis

FOI DURANTE a meia hora da minha ausência para acompanhar Anna Fiore à pensão que Wolfe teve uma recaída. Foi grave e se prolongou por três dias. Quando entrei na casa da Rua 35, fui encontrá-lo sentado na cozinha, diante da mesa em que eu costumava tomar o café-da-manhã, emborcando cerveja, com três garrafas já consumidas, em acesa discussão com Fritz sobre a conveniência ou não de empregar cebolinhas na confecção de tortas de tomate. Escutei-os em silêncio por alguns minutos e acabei por subir ao meu quarto, onde retirei uma garrafa de rye do armário e bebi um trago.

Nunca compreendi bem as recaídas de Wolfe. Às vezes, parecia óbvio que se tratava de mero desencorajamento e medo, como na ocasião em que o motorista de táxi se recusara a aguardar, no caso da Pine Street, mas noutras não vislumbrava a menor explicação. Tudo corria pelo melhor e se diria que só faltava preparar a embalagem e enviá-la à cobrança do destinatário, quando, de repente, sem motivo visível, ele perdia o interesse. Alheava-se, e não havia hipótese de alterar a situação. Nada do que eu dissesse exerceria a menor influência. A fase podia se prolongar de uma simples tarde a duas semanas, ou acontecer mesmo que não tornasse a se debruçar sobre o caso que investigávamos, nem despertasse para a realidade até que surgisse algo de novo. Enquanto durava, procedia de uma de duas maneiras diferentes. Ou se metia na cama, onde permanecia, se alimentando de pão e sopa de cebola e se recusando a receber quem quer que fosse, exceto eu, com a proibição de aludir ao que me cruzava a mente, ou sentava na cozinha

para indicar a Fritz como queria que confeccionasse as diversas iguarias, que depois comia na minha mesa do café-da-manhã.

Uma ocasião, engoliu meio cabrito em dois dias, com as diferentes partes cozinhadas de vinte maneiras distintas. Nesses períodos, eu costumava andar com a língua de fora por ter de percorrer a cidade, da Battery ao Bronx Park, à procura de uma determinada erva ou poção de que eles precisavam para o prato que preparariam a seguir.

A única vez que desisti foi na altura em que Wolfe me mandou ao cais de Brooklyn, onde acabava de encostar um cargueiro vindo da China, a fim de pedir ao comandante que me cedesse algumas sementes de soja. No entanto, ele devia transportar um carregamento de ópio clandestino e algo o levou a suspeitar da minha atitude a bordo, pois incumbiu uma dezena de escanzelados selvagens de me pendurar coisas desagradáveis em torno do couro cabeludo. Pedi a demissão do cargo na tarde seguinte, efetuando o telefonema do hospital, mas no dia imediato Wolfe se apresentou pessoalmente e me levou para casa. Fiquei tão surpreso e comovido por ter abandonado excepcionalmente a residência que retirei o pedido de demissão. A recaída terminou na mesma ocasião.

Naquele dia, compreendi de que se tratava mal o vi sentado na cozinha discutindo com Fritz e fiquei tão descoroçoado que, depois de ingerir duas ou três bebidas no quarto, voltei a sair. Comecei por realizar uma longa caminhada, mas o apetite não demorou a me incomodar e entrei num restaurante. Nenhum estabelecimento da especialidade conseguiria me servir uma refeição plenamente satisfatória, após sete anos de consumo das iguarias inimitáveis de Fritz, mas me recusava a regressar para casa e comer. Em primeiro lugar, porque estava irritado e, em segundo, as ementas dos períodos de recaída não mereciam inteira confiança, pois tanto podiam constituir um autêntico banquete como uma sucessão de gororobas inclassificáveis.

Não obstante, após aquela refeição, me senti um pouco melhor e voltei à Rua 35, para comunicar a Wolfe o que Anderson dissera nessa manhã, acrescentando que surgiria algum evento importante antes da próxima lua nova. Ele se mantinha sentado junto da mesa do meu café-da-manhã, concentrado em Fritz, que movia algo numa caçarola. Após um momento, olhou para mim como se tentasse recordar de onde me vira antes e articulou:

— Não torne a dizer o nome desse tipo.

— Esta manhã, telefonei a Harry Foster, da Gazette, e coloquei-o a corrente da situação; informei-o, esperançado em que ele se mexesse. Calculei que o senhor desejaria publicidade abundante. Não ligou e indicou a Fritz:

— Tem água fervendo a postos, para o caso de se desunir.

Subi ao último andar para prevenir Horstmann de que teria de cuidar dos “bebês” sozinho naquela tarde e provavelmente durante toda a semana. Decerto ficaria consternado. Era sempre divertido ver como se fingia contrariado quando Wolfe estava presente, mas se acontecia algum contratempo que o impedia de comparecer às nove ou às quatro, se preocupava de tal modo que parecia perseguido por uma legião de demônios. Por conseguinte, fui lá acima preocupá-lo. Isto ocorreu às duas horas da tarde de sexta-feira, e o primeiro olhar lúcido que recebi de Wolfe se verificou às onze da manhã de segunda, sessenta e nove horas depois. Nesse lapso de tempo, aconteceram algumas pequenas coisas. Primeiro foi o telefonema de Harry Foster, por volta das quatro da tarde de sexta-feira, que, de resto, eu já esperava. Informou que o corpo de Barstow fora exumado e autopsiado, mas não se seguira qualquer comunicado à Imprensa. A reportagem já não se achava em suas mãos, pois alguns colegas haviam se inteirado. O segundo telefonema ocorreu pouco depois das seis. Desta vez, era Anderson. Sorri quando ouvi a voz, consultei o relógio, e imaginei-o roendo as unhas de impaciência, à espera de que fossem seis horas. Anunciou que desejava falar com Wolfe.

— Lamento, mas está ocupado. Esclareceu que queria que ele se deslocasse a White Plains. Como soltei uma gargalhada como única resposta, cortou a ligação bruscamente. Após breves momentos de reflexão, telefonei para Henry H. Barber e obtive todas as informações pertinentes sobre cúmplices e detenção de testemunhas. Em seguida, me dirigi à cozinha e mencionei os dois telefonemas a Wolfe.

— Esse Anderson é uma praga, advertiu, sacudindo uma colher entre os dedos. — Desinfeta o telefone. Não o proibi de lhe mencionar o nome?

— Tem razão, desculpe. Sabe o que penso? Um lunático é sempre um lunático, mesmo quando se trata de nós próprios. Quero falar com Fritz.

Mas ele deixara de me escutar. Expliquei a Fritz que, para o jantar, me contentaria com sanduíches, que levaria para o escritório, e, se a campainha soasse, não deveria ir à porta, até nova ordem, pois eu próprio me encarregaria disso. Em circunstância alguma devia abrir. Embora eu admitisse que podia se tratar de precauções injustificadas, não queria correr o risco de ver aparecer um intruso quando Wolfe atravessava uma das suas hediondas fases. Congratulava-me por não me incumbir de qualquer missão e acalentava a esperança de que não viesse a fazê-lo, porque recusaria executá-la. Não aconteceu nada de notável naquela noite.

De manhã, procurei me afastar das proximidades dele, na maior parte do tempo refugiado na sala, abrindo a porta a um funcionário da companhia do gás, um empregado da mercearia e um jovem de aspecto macilento, o qual pretendia que o ajudasse a custear os estudos universitários. Ajudei-o até ao fundo dos degraus de acesso à entrada. Eram cerca das onze quando fui de novo à porta e enfrentei um indivíduo corpulento, que se apressou a introduzir o pé na abertura para avançar. Tratei de repeli-lo com todo o impacto do corpo e fechei a porta atrás de mim.

— Bom dia disse, secamente. — Quem o convidou?

— Não foi você. Quero falar com Nero Wolfe.

— Está doente. Que pretende? Descerrou os lábios num largo sorriso e me mostrou um cartão-de-visita. — Do gabinete de Anderson, hem? Murmurei. Um dos seus homens de mão, talvez? Diga o que quer.

— Sabe perfeitamente. Entremos para conversar calmamente.

Não vislumbrei qualquer vantagem em me fazer de esperto. De resto, não tinha a menor ideia de quando Wolfe retomaria a atividade, o que concorria para me agravar a amargura. Assim, descrevi a situação com o mínimo de palavras possível. Declarei que Wolfe não sabia coisa alguma que eles ignorassem, pelo menos relativo a Barstow, e aquilo de que tinha conhecimento lhe vinha em sonhos. Se eles pretendiam que interviesse nas investigações por um preço a combinar, que o dissessem e indicassem a quantia, para que concordasse ou recusasse. Se, por outro lado, preferissem avançar com mandados esquisitos, ficariam surpresos com a reação de Wolfe. Surpresos e de crista caída. Não deixei de mencionar que reconhecia que ele pesava uns quinze quilos a mais do que eu, pelo que não tentaria voltar para dentro até que ele se retirasse, e agradeceria que não se demorasse, porque me interrompera a leitura de um livro interessante. Inseriu alguns comentários ocasionais enquanto eu desfiava o rosário, mas no final se limitou a indicar:

— Diga a Wolfe que não se safará com essa atitude.

— Entendido. Mais algum recado?

— Vá para o inferno.

Sorri e acompanhei-o com a vista, até que desapareceu na esquina mais próxima. Nunca o vira nem ouvira falar dele, mas Westchester não era um terreno particularmente familiar para mim. No cartão-de-visita figurava o nome de H. R. Corbett. Regressei à sala e me sentei, para fumar cigarros em série.

Após o almoço, por volta das quatro, ouvi um jornalista berrar uma edição especial. Fui à porta para o chamar e comprei um exemplar. Li com interesse o artigo da primeira página, intitulado:

BARSTOW ENVENENADO ENCONTRADO DARDO NO CORPO

Se alguma vez senti uma pontada nas costas, foi então. Wolfe e eu não éramos mencionados, naturalmente. Aliás, eu não esperava outra coisa, mas só de pensar nas vantagens materiais que podíamos ter obtido via tudo turvo. Amaldiçoei-me por não ter enfrentado Derwin da melhor maneira, assim como Anderson. E não maldizia menos Wolfe pela sua inoportuna recaída. Afinal não se tratava de um dardo, mas de uma agulha curta de aço, como Wolfe afirmara, encontrada um pouco abaixo do estômago. Entrei na cozinha, pousei o jornal na mesa diante dele, sem uma palavra, e voltei a sair. No entanto, se apressou a me chamar:

— Archie! Vá buscar o carro. Tenho aqui uma lista para você. Fingi que não ouvia. Mais tarde, Fritz se incumbiu da fastidiosa tarefa.

Os jornais do dia seguinte, domingo, abordavam o assunto com mais pormenores. Não obstante, os repórteres enviados ao condado de Westchester não haviam desencantado nada de importante. Assim, me limitei a ler alusões ao Green Meadow Club, à família Barstow, aos Kimball, que faziam parte do grupo que jogava golfe com a vítima, ao médico que cometera um erro grosseiro de diagnóstico, mas ninguém parecia saber mais do que Wolfe na quarta-feira à noite, quando perguntara a Anna Fiore se vira um taco de golfe no quarto de Carlo Maffei. Nem sequer isso, pois não existia qualquer teoria acerca de como a agulha fora parar no corpo de Barstow. Todos os jornais incluíam pareceres de peritos em venenos e efeitos que produziam.

À noite, fui ao cinema, depois de recomendar a Fritz que não abrisse a porta a ninguém. No fundo, não receava qualquer ofensiva, já que Anderson conduzia as coisas da maneira que decerto se lhe parecia mais favorável. Era muito possível que, graças a descobertas que efetuara, começasse a dispor as peças do quebra-cabeça no tabuleiro. Se o fazia da forma mais correta, era outra história. Confesso que me teria embebedado naquela noite se não fosse domingo. Quando regresssei a casa, Wolfe já recolhera ao quarto, mas Fritz ainda estava na cozinha lavando a louça. Fritei uma fatia de presunto para um sanduíche e enchi um copo de leite, porque comera pouco ao jantar. Reparei que o Times que deixara de manhã para Wolfe continuava no mesmo lugar. Quase apostaria, sem receio de perder, que nem um olhar se dignara lhe dirigir.

Li no quarto até depois da meia-noite e a seguir tive dificuldade em adormecer, porque a mente continuava em atividade. No entanto, não surgiram mais problemas nesse capítulo após mergulhar no sono, porque quando voltei a abrir os olhos havia claridade suficiente para verificar que passava das nove. Acabava de me sentar na cama e bocejava demoradamente, no momento em que ouvi um ruído sobre a minha cabeça que me despertou por completo. Ou se tratava de dois pares de passos que conhecia bem ou ainda sonhava. Assomei ao corredor, escutei por uns instantes e desci a escada a correr.

— Mister Wolfe está lá em cima com Horstmann? Perguntei a Fritz, que tomava café na cozinha.

— E quem poderia ser? Era uma das suas tiradas preferidas e empregava-a em todas as oportunidades que apareciam. Em seguida, sorriu, satisfeito de me ver excitado e contente. Agora, vou buscar uma perna de carneiro e lhe esfregar um dente de alho.

— Esfrega veneno de rato, resmunguei, e voltei para o quarto, a fim de me vestir.

A recaída chegara ao fim! Não havia dúvida de que me sentia excitado. Escanhoei-me com particular meticulosidade e assobieei na

banheira. Com Wolfe regressado ao estado normal, tudo podia acontecer. Quando tornei a entrar na cozinha, me aguardavam um prato de figos e uma volumosa omelete, com o jornal apoiado à cafeteira. Principiei pelos cabeçalhos e pelos figos ao mesmo tempo, mas de repente parei de mastigar e devorei os parágrafos, engolindo apressadamente o que tinha na boca para que não ocorressem misturas indesejáveis. Era bem claro, e o jornal expunha-o como um fato. Voltei as páginas, movendo os olhos para cima, para baixo e para os lados. Figurava na oitava, perto do fundo, sob a forma de um pequeno anúncio num retângulo:

Pagarei cinquenta mil dólares de recompensa a quem fornecer informações de que resulte a descoberta e merecido castigo do assassino de meu marido, Peter Oliver Barstow

ELLEN BARSTOW

Li-o três vezes, larguei o jornal e tratei de me acalmar. Terminei os figos e a omelete, com três torradas e outras tantas doses de café. Cinquenta notas das grandes, quando o saldo bancário de Wolfe estava prestes a se situar abaixo da linha de flutuação! E não só isso, mas a possibilidade de conservarmos os nossos lugares na plataforma do maior espetáculo da época. Encontrava-me calmo e de cabeça fria, mas eram apenas dez e vinte. Dirigi-me ao escritório, abri o cofre, me entretive limpando um pouco o pó nas áreas mais visíveis e aguardei.

Quando Wolfe desceu, às onze, se apresentava sereno, mas não visivelmente bem-humorado. Limitou-se a inclinar a cabeça à guisa de bom-dia e não se revelou muito interessado em determinar se me achava ou não presente, enquanto se instalava na cadeira e começava a inspecionar a correspondência. Contentei-me com aguardar, decidido a lhe provar que os outros podiam se mostrar tão descontraídos como ele, mas quando se pôs a verificar a fatura mensal do Harvey, aventurei:

— Espero que tenha tido um bom fim-de-semana.

— Obrigado, Archie. Não olhou para mim, mas vi as faces ondularem. — Foi agradável, mas ao acordar, esta manhã, me senti tão completamente alagado que, somente com a minha pessoa para considerar, teria ficado na cama aguardando a desintegração. Vieram a minha mente nomes (Archie Goodwin, Fritz Brenner, Theodore Horstmann) e responsabilidades, pelo que me levantei para arcar com o meu fardo. Isto não significa que me lamente, pois as responsabilidades são mútuas, mas a minha parte só pode ser executada por mim.

— Desculpe a franqueza, mas não passa de um descarado mentiroso, pois leu o jornal.

— Não conseguirá me irritar, pelo menos hoje. Continuou a verificar as parcelas da fatura. — Jornal? A única coisa com que me preocupei esta manhã foi com a vida, e de modo algum através de um produto da imprensa.

— Nesse caso, não sabe que Mistress Barstow oferece cinquenta mil dólares a quem contribuir para a descoberta e prisão do assassino do marido.

O lápis se imobilizou numa das parcelas e se conservou rígido entre os seus dedos por uns segundos, sem que ele erguesse os olhos para mim. Por fim, colocou a fatura debaixo de um peso-de-papéis e levantou a cabeça.

— Mostre isso.

Apresentei-lhe em primeiro lugar o anúncio e depois o artigo, que leu com atenção e olhou apenas de relance, respectivamente.

— Muito interessante articulou. Anderson não precisa de dinheiro, mesmo que existisse a possibilidade de embolsá-lo, e ainda há instantes me referi a responsabilidades.

— Sabe o que pensei na cama, esta manhã? Como seria horrível e divertido mandar o Theodore embora e deixar todas aquelas plantas vivas e saudáveis, toda aquela beleza arrogante e mimada, mirrar e

morrer de sede. Santo Deus! Uma simples fantasia matinal, pois careço de força de vontade suficiente para tomar semelhante decisão. Seria mais provável oferecê-las em leilão, se talvez decidisse voltar as costas às responsabilidades, e comprar uma passagem para o Egito, onde possuo uma casa que nunca visitei. Ò homem que me ofereceu, há mais de dez anos... Que há, Fritz?

Este se mostrava algo embaraçado, talvez porque tivera de vestir o casaco às pressas para ir atender a porta.

— Uma senhora deseja lhe falar.

— O nome?

— Não me entregou qualquer cartão-de-visita. Wolfe assentiu com um movimento de cabeça e Fritz desapareceu, para regressar no momento imediato com uma jovem. Pus-me automaticamente de pé e ela avançou na minha direção, mas indiquei Wolfe com um gesto. Deteve-se, olhou-o em silêncio por um momento e disse:

— Mister Nero Wolfe? Chamo-me Sarah Barstow.

— Queira se sentar. Espero me perdoe, mas, por razões de ordem física, só me levanto nas emergências.

— Trata-se de uma emergência foi a réplica imediata.

* * *

Sete

ACHAVA-ME bem informado acerca de Sarah Barstow, graças ao que lera nos jornais. Vinte e cinco anos, popular, formada na Smith e proeminente na sociedade universitária de Holland e vários grupos de Verão em Westchester. Bonita, evidentemente, segundo as mesmas fontes, e refleti que, desta vez, o pormenor correspondia à verdade, enquanto se acomodava numa cadeira diante de Wolfe e o olhava serenamente. Usava vestido de linho bege, casaco combinando e um chapeuzinho preto com a inclinação apropriada. As luvas calçadas indicavam que conduzia. Embora o rosto se pudesse considerar um pouco pequeno, tudo o que continha apresentava o aspecto adequado. Os olhos eram demasiado brilhantes e algo enevoados de cansaço e talvez também de chorar, a tez pálida, porém a saúde e afabilidade se descortinavam através disso. Por último, se exprimia em voz baixa e bem timbrada. Resumindo, simpatizei com ela sem reservas. Fez menção de começar a se explicar, mas Wolfe sacudiu um dedo na sua direção.

— É desnecessário e possivelmente penoso para si, Miss Barstow. Sei que é filha de Peter Oliver Barstow. Apenas precisará revelar o motivo da sua visita.

— Sim. Hesitou. É natural que saiba, Mister Wolfe. Parece-me um pouco difícil... Talvez conviesse um preâmbulo. Tentou sorrir, sem grande êxito. — Vou lhe pedir um favor, embora desconheça se é muito grande.

— Poderei elucidá-la nesse aspecto.

— Com certeza. Antes de mais, devo lhe perguntar se sabe que a minha mãe publicou um anúncio nos jornais de hoje.

— Li-o há pouco.

— Pois bem, eu... Ou seja, a família, pede que o ignore. Wolfe encheu os pulmões de ar e afundou o queixo no peito.

— É um pedido extraordinário, Miss Barstow. Devo me mostrar igualmente extraordinário acatando-o, ou tenho direito a uma explicação?

— Há razões de peso, sem dúvida. Ela tornou a hesitar. — Não se trata de um segredo de família. Sabe-se que minha mãe, de certo modo e em diversas ocasiões, se revelou irresponsável. Os olhos assumiram uma expressão grave. — Não imagina que exista algo de hediondo nisso ou que se relaciona com dinheiro. Ele existe em quantidade avultada e o meu irmão e eu não somos propriamente sovinas. Tampouco deve imaginar que ela é uma pessoa incapacitada... Pelo menos, no sentido legal. No entanto, ao longo de vários anos, houve ocasiões em que necessitou da nossa atenção e afeto, e esta... Esta coisa horrível surgiu no meio de uma dessas crises. Não é uma mulher normalmente vingativa, mas o anúncio... O meu irmão lhe chama de uma exigência de sangue. Os nossos amigos íntimos compreenderão, naturalmente, mas há que contar com o mundo, e o do meu pai era enorme, pelo que não gostaríamos que nos vissem recorrer aos sabujos... Soltou uma exclamação abafada e se calou, para desviar os olhos para mim e voltar a fixá-los em Wolfe.

— Sim, Miss Barstow, está me chamando de sabujo, mas não me considero ofendido. Continue, por favor.

— Desculpe. Sou uma pateta sem o mínimo tato. Tinha sido preferível que o doutor Bradford viesse.

— Ele encarava a possibilidade?

— Sim. Ou melhor, achava que se devia pôr em prática.

— E o seu irmão?

— Bem... Também. Ele deplora-o profundamente... Refiro-me ao anúncio. Não aprovou inteiramente a minha vinda. Julgava-a... Infrutífera.

— Baseado na teoria de que é difícil enxotar um sabujo. Talvez entenda de cães. Terminou, Miss Barstow? Ou seja, tem mais alguma razão a apresentar?

— Decerto concorda que as que expus são suficientes.

— Nesse caso, se entendi bem, deseja que não se desenvolva o menor esforço para descobrir e condenar a pessoa que assassinou seu pai?

— Não. Arregalou os olhos. — Eu não disse isso.

— O favor que me pede não consiste em que me abstenha desse esforço? Comprimiu os lábios e por fim entreabriu-os o suficiente para murmurar:

— Compreendo. Está pondo a questão da pior maneira possível.

— De modo algum. Com clareza e não da pior maneira. Compreensivelmente, a sua mente está confusa e a minha lúcida. A sua posição, como a expôs até agora, não pode se considerar de modo algum inteligente. Pode me fazer um pedido qualquer de entre vários, mas não todos ao mesmo tempo, porquanto são mutuamente exclusivos. Pode, por exemplo, me dizer que, embora deseje que descubra a identidade do assassino, não devo esperar ser remunerado ao nível especificado por sua mãe no anúncio. Consiste nisto o seu pedido?

— Não. Sabe perfeitamente que não.

— Ou pensa me dizer que posso procurar o assassino se quiser e receber a recompensa, se tirar partido da obrigação legal, mas a família desaprova a oferta com base em razões de natureza moral. É isso?

— É. Os lábios dela tremeram um pouco, todavia dominou-os com prontidão. De repente, se pôs de pé e bradou: — Não! Estou arrependida de ter vindo. O professor Gottlieb se equivocou. O senhor pode ser inteligente, mas... Bom dia, Mister Wolfe.

— Bom dia, Miss Barstow. Wolfe se mostrava impávido. As tais considerações de ordem física me conservam colado à cadeira.

Ela começou a se dirigir para a porta, mas, a meio caminho, hesitou, permaneceu imóvel por um momento e se virou para trás. É mesmo um sabujo. Um coração empedernido.

— É muito provável admitiu ele, apontando para a cadeira que ela acabava de abandonar. — Sente-se. A sua missão é muito importante para comprometê-la com uma mera atitude de ressentimento. O autodomínio constitui uma qualidade admirável. Ora bem, Miss Barstow, podemos fazer uma de duas coisas: rejeito, redonda, embora amavelmente, o seu pedido inicial como o apresentou e separamo-nos com cordialidade, ou responde a algumas perguntas e decidiremos então o melhor caminho a seguir. Qual prefere?

Deixou transparecer certa perplexidade, mas não nos voltou as costas. Regressou à cadeira e contemplou Wolfe com alguma desconfiança.

— Respondi a muitas perguntas nos últimos dias.

— Não duvido. Imagino mesmo o seu teor e estupidez. Não lhe farei perder tempo nem lhe insultarei a inteligência. Como se inteirou de que eu sabia alguma coisa sobre o assunto?

— Como? Parecia surpresa. Mas o senhor é responsável de tudo, por assim dizer. Foi quem descobriu o crime. Ninguém o ignora. Veio nos jornais... Não de Nova Iorque, mas de White Plains. Não pude conter um sorriso. Com que então, Derwin telefonaria a Ben Cook para me conduzir à delegacia, hem?

— Pediu a Mister Anderson o mesmo favor? Perguntou Wolfe.

— Não.

— Porquê?

— Bem... Não julguei necessário. Não me parecia... Não sei como me exprimir.

— Recorra à sua sensatez, Miss Barstow. Foi porque achou improvável que ele fizesse alguma descoberta digna desse nome? Ela fazia esforços visíveis para se dominar. As mãos fortes, com dedos vigorosos se cerravam em pequenos punhos no regaço.

— Não!

— Muito bem. Mas o que a levou a considerar provável, ou, pelo menos possível, que a minha descoberta seria mais pertinente?

— Não supus... Começou, mas se interrompeu com brusquidão.

— Acalme-se. É uma pergunta clara e simples. Julgou-me mais competente que Mister Anderson para o fim em vista? Foi porque fiz a descoberta originária de tudo?

— Foi.

— Porque descobri que seu pai tinha sido assassinado por meio de uma agulha envenenada disparada da pega de um taco de golfe?

— Eu... Não sei. Confesso que não sei, Mister Wolfe.

— Coragem. Isto não se vai prolongar muito. A pergunta seguinte deriva unicamente da curiosidade. O que lhe inspirou a estranha ideia de que eu era uma pessoa tão rara que reagiria favoravelmente ao pedido pateta que tencionava me fazer?

— Não sabia. Não me animava realmente essa ideia. Mas estava disposta a realizar a tentativa e tinha ouvido um professor da universidade, o psicólogo Gottlieb, mencionar o seu nome, Mister Wolfe. Escreveu um livro intitulado A ARTE DA DETECÇÃO MODERNA DO CRIME...

— Sim. Uma obra que todo o criminoso inteligente devia oferecer a todos os detetives que conhece.

— A opinião que emite a seu respeito é muito encomiástica. Quando telefonei ao professor, me disse que não considerava o senhor susceptível de análise, porque possuía uma intuição diabólica e era um artista sensível, além de pessoa idónea. Em face disso, decidi procurá-lo, Mister Wolfe. Peço-lhe... Suplico-lhe...

Receei que ela se desfizesse em lágrimas a todo o momento, espetáculo a que não desejava assistir. No entanto, Wolfe fê-la reagir com brusquidão.

— Pronto, Miss Barstow. Não preciso saber mais nada. Agora, vou lhe pedir um favor. Permite que Mister Goodwin a acompanhe lá acima para lhe mostrar as minhas plantas? Calou-se por um breve instante, enquanto ela arregalava os olhos. — Não há qualquer subterfúgio envolvido. Desejo apenas estar só com o diabo (cerca de meia hora) e

fazer um telefonema. Quando voltar para baixo, terei uma proposta para lhe apresentar. Virou-se para mim. — Fritz irá chamá-los.

Ela se levantou e me acompanhou sem uma palavra. A ideia me pareceu excelente, pois se mostrava abalada e desconfiada. Em vez de convidá-la a subir a escada, conduzi-a ao elevador de Wolfe. Quando saímos da cabine no andar de cima, pousou a mão no meu braço para me deter.

— Porque ele me mandou para aqui, Mister Goodwin?

— Não adianta, Miss Barstow. Meneei a cabeça com veemência. — Mesmo que soubesse não lhe diria, e como não faço a menor ideia aproveite a oportunidade para admirar as flores. Quando abri a porta da passagem, Horstmann surgiu da sala de envasamento de plantas. — Podemos dar uma olhadela?

Assentiu com um gesto e se afastou. Apesar das minhas numerosas visitas à estufa, nunca o fazia sem uma ponta de assombro, como em cada ocasião que se assiste à execução de um número arriscado no circo, apesar de não ser novidade. Wolfe utilizava prateleiras de cimento e suportes de ferro, com um sistema de rega inventado por Horstmann, para manter o grau de humidade apropriado. Havia três dependências principais: uma para as Cattleyas Laelias e exemplares híbridos, outra para as Odontoglossums, Oncidium e Miltonia, a sala tropical, o refúgio, chamemos assim, de Horstmann, e um pequeno compartimento ao canto para a propagação. Os vasos disponíveis, areia, esfagno, humo, barro, osmundina, carvão e suportes sobresselentes eram conservados num cubículo junto do elevador.

Como estávamos em junho, as persianas se achavam descidas, e os fragmentos de sombra e sol produziam desenhos caprichosos em toda a parte: nas largas folhas, nas flores, nas estreitas passagens e na infinidade de vasos. Eu preferia aquele aspecto, porque me parecia mais alegre. Podia se considerar uma autêntica lição assistir ao modo como as flores conquistavam Sarah Barstow. É claro que quando entrou na estufa tinha

vontade tanto contemplar as orquídeas como a mim ignorar os termos do anúncio da mãe, pelo que, ao longo das primeiras filas de Cattleyas, tentou se mostrar suficientemente atenciosa para deixar transparecer que se deparava a algo merecedor de interesse especial. A primeira coisa que na realidade a arrancou da mal dissimulada indiferença foi um pequeno grupo apenas cerca de vinte de *Laeliocattleya Lustre*. Fiquei satisfeito, porque se tratava de um dos meus conjuntos favoritos. Surpreendente murmurou.

— Nunca tinha visto nada de parecido. A combinação de cores...
Incrível.

— Sim, trata-se de um cruzamento especial. A natureza não as produz assim.

Passou a revelar interesse crescente. No setor seguinte, havia *Brassocattlaelias Truffautianas*, de que cortei duas para lhe oferecer. Furneci alguns pormenores sobre hibridização e plantas semeadas em vez de transplantadas, mas creio que não me prestou muita atenção. Na sala imediata, tive uma decepção. Declarou preferir as *Odontoglossums* às *Cattleyas* e híbridas! Mas, enfim, gostos não se discutem. Como se isso não bastasse, mesmo depois de percorrermos a sala tropical, manifestou preferência por uma planta pequena para a qual eu nunca olhara duas vezes: a *Miltonia Blueanaeximina*, se referindo à sua delicadeza e configuração. Aquiesci com uma leve inclinação de cabeça e comecei a perder o interesse, além de que me perguntava qual seria a intenção de Wolfe.

Finalmente, Fritz fez a sua aparição. Avançou pela passagem principal direito a nós, parou à distância que considerou conveniente e anunciou que Wolfe estava à nossa espera. Sorri e dominei o impulso de lhe aplicar uma cotovelada nas costelas ao passar por ele, mas calculei que nunca me perdoaria.

Wolfe continuava na cadeira atrás da mesa e não havia qualquer indício de que a tivesse abandonado. Acenou para as duas desocupadas

mais próximas e aguardou que nos sentássemos para perguntar:

— Gostou das flores?

— São maravilhosas. Notei que ela o olhava de uma maneira diferente. — Exalam uma beleza extraordinária.

— Sim, ao princípio. Mas um convívio mais prolongado dissipa essa ilusão e familiariza com a sua escassez de carácter. O efeito que produziram em si constitui apenas o seu blefe. A beleza extraordinária é algo que não existe. Em todo o caso, serviram para entretê-la neste intervalo. E, evidentemente, deseja saber em que empreguei o tempo. Primeiro, telefonei ao meu banco e pedi que elaborassem imediatamente um relatório sobre a situação financeira de Ellen Barstow, sua mãe, com pormenores do testamento de Peter Oliver Barstow, seu pai. A seguir, liguei para o doutor Bradford e tentei persuadi-lo a me visitar esta tarde ou à noite, mas explicou que já tinha um compromisso. Depois, aguardei pacientemente. Há cinco minutos, o banco me transmitiu o relatório pelo telefone e incumbi o Fritz de chamá-los. Foram estas as minhas atividades.

Ela começava de novo a ficar tensa. Os lábios se comprimiam e tudo indicava que não tencionava abri-los.

— Prometi-lhe apresentar uma proposta, continuou Wolfe. — Eila. Apanhe o bloco-de-notas, Archie.

Envidarei os melhores esforços para descobrir o assassino de Peter Oliver Barstow. Exporei o resultado das minhas investigações, Sarah Barstow, a si, e, se não tiver nada a objetar, também o revelarei às autoridades públicas competentes e, na altura apropriada, espero receber um cheque no valor que a sua mãe ofereceu de recompensa. No entanto, se as minhas diligências conduzirem à conclusão de que o criminoso é na verdade a pessoa que supõe e procura proteger da justiça, não haverá outras revelações. Apenas Mister Goodwin e eu ficaremos a saber.

— Um momento! Isto é um discurso, pelo que lhe rogo que o escute até ao fim. Mais dois pontos.

Deve compreender que posso apresentar a proposta com conhecimento de causa. Não sou um funcionário público, nem membro do foro judicial, além de que não prestei juramento que me vincule à Lei. A perigosa posição de cúmplice por encobrimento não me impressiona. Por conseguinte, se os seus temores se confirmarem e eu me abster de proceder a revelações, em que pé ficaremos quanto à recompensa? Reconheço que sou excessivamente sentimental e romântico para considerar parte integrante da proposta o fato de que, em semelhantes circunstâncias, ela será paga. O termo “chantagem” me é desagradável. Todavia, apesar de me achar afetado pelo romance e sentimento, não haverá o amor-próprio para me tolher os movimentos, e, se decidir apresentar uma oferta, será aceita.

— Leia tudo em voz alta, desde o princípio, Archie, para se ter certeza de que foi compreendido. No entanto, a voz de Sarah Barstow se antecipou:

— Mas isso é... É absurdo!

— Não se revolte, por favor. Wolfe admoestou-a com o indicador sacudido na sua direção. — Nega que se apresentou com esse pretexto disparatado para encobrir alguém? Francamente, Miss Barstow! Mantenhamos a conversa num nível de inteligência decente. Leia, Archie. Obedeci e no final ele disse: — Aconselho-a a aceitar a sugestão. Prosseguirei as investigações, de qualquer modo, e, se o resultado for o que receia, será de sua conveniência dispor da proteção que ofereço. Diga-se que a oferta é puramente interesseira. Com este acordo, espero poder contar com o seu empenho e colaboração, pois terá toda a vantagem, independentemente do resultado, em ver o final do assunto com a maior rapidez possível, enquanto sem eles esperarei a maior obstrução. Não sou altruísta, nem bon enfant, mas apenas um homem desejoso de embolsar algum dinheiro. Referiu-se à existência de beleza extraordinária, lá em cima. Não concordo, mas há despesas extraordinárias. Faz alguma ideia de quanto custa cultivar orquídeas como aquelas?

Sarah Barstow se limitou a olhá-lo em silêncio.

— Não haverá a menor intervenção de assinaturas. Tratar-se-á daquilo a que os humoristas chamam um acordo de cavalheiros. O primeiro passo para o seu cumprimento dá-lo-á Mister Goodwin, que amanhã de manhã se dirigirá à sua residência, Miss Barstow, para falar consigo, seu irmão e mãe e quem quer que...

— Não! Explodiu ela. Mas absteve-se de continuar e tornou a comprimir os lábios.

— Lamento, mas é essencial. Mister Goodwin é um homem discreto, possuidor de coragem incomensurável. Garanto-lhe que não há outro caminho. Vamos combinar o seguinte. Wolfe pousou as mãos na borda da mesa, impeliu a cadeira para trás, transferiu-as para os braços da cadeira e se pôs de pé. — Volte para casa ou se entregue às atividades de natureza pessoal que possam figurar na sua agenda. As pessoas costumam experimentar dificuldades em raciocinar na minha presença, porque não deixo muito espaço livre. Sei que sofre, as emoções a atormentam com o seu clamor insustentável, mas deve libertar a mente para que funcione normalmente. Vá à sua vida. Compre um chapéu ou um vestido, compareça a um encontro, cuide de sua mãe ou faça o que programou em qualquer outro campo. Telefone-me logo, entre as seis e as sete, para comunicar a que horas Mister Goodwin poderá se apresentar em sua casa de manhã ou anunciar que não deve ir e nos tornámos inimigos.

— Bem... Sarah Barstow se levantou. — Não sei se... Meu Deus... Não sei...

— Por favor! Não é a sua mente que está falando, mas a espuma de sentimentos recalçados, sem o menor significado. Não quero ser seu inimigo. Encontrava-se diante dele e olhava-o sem pestanejar, o queixo levantado para o poder fixar melhor.

— Acredito no senhor. Acredito realmente que não quer.

— Decerto que não. Bom dia, Miss Barstow.

— Bom dia, Mister Wolfe.

Acompanhei-a à porta, esperançado em que me brindasse igualmente com um “bom dia”, mas não o fez. Na verdade, não disse

nada. Quando saiu, avistei o seu carro encostado ao passeio, um cupê azul-escuro. No regresso ao escritório, Wolfe voltava a ocupar a cadeira e me postei do outro lado da mesa para lhe perguntar:

— Que sabe de tudo isto?

— No momento, sei que tenho apetite, Archie replicou, enquanto as faces ondulavam. — É agradável voltar a ter vontade de comer. Há semanas que não sabia o que era isso. Fiquei naturalmente indignado, e não o ocultei.

— Como pode falar assim, depois de sexta, sábado e domingo de?...

— Mas não havia apetite. Apenas a sua busca desesperada. Agora, tenho mesmo fome. Almoçaremos dentro de vinte minutos. Entretanto, descobri que existe uma pessoa ligada a um clube de golfe chamada profissional. Descubra quem exerce essas funções no Green Meadow Club, verifique se temos algum cliente grato que nos apresente pelo telefone e convide o profissional a jantar conosco, esta noite. Creio que sobrou ganso de sábado em quantidade suficiente. A seguir ao almoço, visitará o escritório do doutor Nathaniel Bradford e fará escala na biblioteca, a fim de me trazer uns livros de que preciso.

— Muito bem assenti. Quem lhe parece que Miss Barstow...?

— Agora não, Archie. Prefiro ficar aqui sossegado, a contas com a fome. Depois do almoço.

* * *

Oito

AS DEZ DA MANHÃ de terça-feira, 13 de junho, conduzi o conversível através do portão da propriedade dos Barstow, depois de ser aberto por um policial da estrada que se encontrava de guarda. Fazia-lhe companhia outro indivíduo de porte atlético, um vigilante da casa, e fui obrigado a apresentar abundantes provas de que era de fato o Archie Goodwin que Sarah Barstow esperava. Inteirei-me mais tarde de que, nos últimos três dias, vários repórteres tinham recebido instruções para treparem nas árvores das redondezas.

A casa se situava na parte inferior de uma depressão entre duas colinas, uns doze quilômetros a nordeste de Pleasantville, construída de pedra, bem espaçosa, sem dúvida com mais de vinte aposentos e numerosos anexos. Depois de percorrer uns trezentos metros entre árvores e arbustos, o caminho contornava a orla de um vasto relvado e penetrava no abrigo de um teto, com dois degraus de acesso a um terraço lajeado. Aquilo era na realidade a área lateral da residência, pois a frente ficava a seguir à esquina, sobranceira ao relvado. Havia jardins na entrada, assim como do outro lado deste último, com rochas e um lago. Enquanto contemplava a atraente paisagem, eu refletia que, para aquela gente, cinquenta notas das grandes não eram nada. Decidira vestir o terno azul-escuro, com camisa azul-clara e gravata bege, tudo encimado pelo chapéu de feltro que mandara limpar a seguir ao Decoration Day, pois sempre me parecera de boa política considerar o ambiente que me propunha visitar e trajar adequadamente.

Sarah Barstow me esperava às dez horas, e cheguei pontualmente. Arrumei o carro num espaço de pedriscos no outro lado da entrada e apertei o botão da porta do terraço, a qual se encontrava aberta, porém uma espécie de biombo me impedia de ver grande coisa lá dentro. Não tardaram a soar passos e parte do biombo foi desviada, para dar passagem a um fulano alto e magro, de terno preto.

— Muito boa tarde articulou com delicadeza. — Mister Goodwin?

— Miss Barstow me espera, declarei, com uma inclinação de cabeça.

— Eu sei. Queira me acompanhar. Ela solicita que se reúna com ela no jardim.

Segui-o através do terraço e ao longo de uma passagem até ao outro lado da casa, depois por uma área arborizada, antes de desembocarmos num largo espaço florido. Sarah Barstow se sentava num banco de jardim, à sombra.

— Já a vi, informei.

O meu guia se deteve, fez um gesto de entendimento, rodou nos calcanhares e voltou para trás. Ela estava com mau aspecto, pior do que na véspera. Provavelmente, dormira pouco ou passara mesmo a noite em claro. Esquecendo-se ou ignorando as instruções de Wolfe sobre o pormenor, telefonara antes das seis. Fora eu que atendera, e a sua voz deixava transparecer forte tensão, se limitando a dizer que me esperaria às dez da manhã, após o que desligara. Agora, me convidou a sentar a seu lado no banco. Wolfe não me transmitira indicações especiais. Esclarecera que preferia conceder plena liberdade à minha imaginação e desenvoltura e me recordara que a nossa principal vantagem residia no fato de ninguém fazer a menor ideia do muito ou pouco que sabíamos e, em virtude do nosso início, éramos suspeitos de omnisciência. E, na sequência de um bocejo que conteria perfeitamente uma bola de tênis, concluíra: “Regressa com essa vantagem intacta.”.

— Não existem orquídeas aqui, mas as flores não escasseiam, observei a Sarah Barstow.

— Na verdade, sim, admitiu. — Pedi ao Small que o trouxesse para este recanto, a fim de não sermos interrompidos. Espero que não se importe.

— De modo algum. É um local muito agradável. Lamento ter de importuná-la, mas não existe outra maneira de apurar os fatos. Wolfe diz que presente os fenômenos e eu recolho os fatos. Depois de procurar o vocábulo “fenômeno” no dicionário, cheguei à conclusão de que isso carecia de significado especial, mas repito-o pelo que possa valer. Puxei do bloco-de-notas. — Comece por me dizer coisas. A família, que idade tem, com quem tenciona casar, etc.

Conservou as mãos pousadas no regaço, enquanto me explicava. Embora parte do que ouvi já o tivesse lido nos jornais ou extraído do Who's Who, não a interrompi. Restavam apenas a mãe, o irmão, e ela própria. Lawrence, de vinte e sete anos, dois anos mais velho do que ela, se formara na Universidade Holland aos vinte e um anos e se dedicara a desperdiçar os cinco seguintes, e, segundo deparei das entrelinhas, uma elevada percentagem do tempo e paciência do pai. Um ano atrás, descobrira subitamente um talento para o design de mecanismos, ocupação a que se dedicava atualmente, em particular na sua aplicação aos aviões. O pai e a mãe haviam revelado devoção mútua ao longo de trinta anos. Sarah não se recordava do início das crises da mãe, ocorrido na sua infância, porém a família nunca as considerara nada de vergonhoso ou merecedor de encobrimento e unicamente um infortúnio de um ente amado merecedor de carinho e compreensão particulares. O Dr. Bradford e dois especialistas descreviam a situação em termos neurológicos destituídos de significado para Sarah, que sempre os considerara mortos e frios, ao passo que a mãe estava viva e quente.

A propriedade em Westchester constituía o velho solar da família Barstow, todavia eles permaneciam lá menos de três meses por ano, uma vez que havia necessidade de viver na universidade de setembro a junho.

Chegavam todos os verões para passarem dez ou onze semanas, com o pessoal doméstico, e na partida, no outono, fechavam o local. Conheciam muita gente na região circundante, embora o círculo de relações do pai fosse naturalmente mais vasto e não apenas em Westchester, com numerosos amigos que viviam a distâncias fáceis de transpor de carro. Ela indicou os nomes de alguns, que anotei. Também incluí no bloco-de-notas os do pessoal e elementos a seu respeito. Entretinha-me a fazê-lo, quando se levantou bruscamente do banco à sombra e preferiu a área banhada pelo sol, na passagem. Soou o ruído de um avião, tão próximo que nos obrigou a falar mais alto. De repente, descobri que ela erguia a cabeça e acenava com um lenço.

Saí de baixo das árvores e olhei o avião. Encontrava-se mesmo sobre nós, a pouca altitude, e descortinei dois braços estendidos, um de cada lado da fuselagem, que pareciam retribuir o gesto de Sarah. O aparelho mergulhou um pouco, até que descreveu um amplo arco, e não tardou a desaparecer atrás do arvoredo. Ela regressou ao banco e imitei-a.

— Era o meu irmão. É a primeira vez que voa desde que o pai...

— Deve ser muito intrépido, e não haja dúvida de que tem braços compridos.

— Ele nunca voa sozinho. Os braços que viu são de Manuel Kimball, dono do avião.

— Ah, um dos componentes do grupo do golfe!

— Exato.

Resolvi retornar à recolha de fatos. Passei ao tópico do golfe. Ela dissera que Peter Oliver Barstow não era um entusiasta. Raramente jogava na universidade e nunca mais de uma vez por semana, apenas esporadicamente duas, durante o verão. Frequentava quase sempre o Green Meadow Club, de que era sócio, onde possuía um armário em que guardava os apetrechos. Jogava de um modo muito satisfatório, dada a escassa assiduidade da prática, obtendo a média de noventa e cinco a cem. Em regra, jogava com amigos da sua idade, porém em

certas ocasiões com os filhos. A esposa nunca pegara num taco. O quarteto do domingo fatal E. D. Kimball e o filho, Manuel, e Barstow e o filho, Lawrence jamais o havia feito junto, segundo Sarah supunha. Tratara-se provavelmente de um acidente. O irmão não referira se fora combinado previamente, mas ela sabia que ele por vezes jogava com Manuel. Duvidava de que o quarteto tivesse sido combinado com antecedência, porque representara a primeira aparição do pai no Green Meadow daquele verão. Os Barstow haviam chegado a Westchester três semanas mais cedo do que o habitual, em virtude do estado da mãe, e o pai contava regressar à universidade nessa noite. Ao dizer isto, Sarah se interrompeu, e ergui os olhos do bloco-de-notas. Torcia os dedos e fixava o olhar na sua frente, num ponto vago. Por fim, proferiu a meia voz:

— Agora, nunca mais voltará lá. Todas as coisas que desejava fazer... Tudo o que teria feito... Deixei transcorrer um momento, para ver se acrescentava algo, e perguntei:

— O seu pai costumava deixar o saco de golfe no Green Meadow todo o ano?

— Não. Voltou a se lembrar da minha presença. — De modo algum, porque às vezes utilizava os tacos na universidade.

— Só tinha esse saco?

— Só! Declarou com estranha veemência.

— Nesse caso, trouxe-o consigo? Chegaram sábado ao meio-dia. Vieram de carro e a bagagem seguiu numa furgoneta. Em qual dos dois transportes veio?

Era fácil notar que acabava de tocar num ponto sensível. O pescoço dela exibiu músculos e os braços exerceram leve pressão nos lados do corpo, a tensão reaparecia. No entanto, fingi que não me apercebia de nada e aguardei, com o lápis suspenso sobre o papel.

— Não sei, acabou por dizer. — Palavra que não me recordo. Provavelmente, na furgoneta. — Se o seu pai não era um verdadeiro entusiasta do golfe, decerto não se preocupou em levar o saco no carro.

— Suponho que sabe que não aparece...

— O saco de golfe não aparece?

— Não. Os investigadores de White Plains e Pleasantville procuraram-no em toda a parte: nesta casa, no clube e até no campo onde jogaram. “Sim, minha menina”, refleti. “E você está muito contente por não o encontrarem!”.

— Quer dizer que ninguém se lembra de tê-lo visto?

— Bem... Hesitou. Creio que o caddy de meu pai o levou para o carro e o colocou ao lado do banco do motorista, quando eles... Quando o Larry e o doutor Bradford trouxeram o meu pai para casa. No entanto, estes não se recordam de vê-lo.

— É curioso. Embora eu não viesse para recolher opiniões mas apenas fatos, não lhe parece estranho, Miss Barstow?

— De modo algum. É natural que não reparassem num saco de golfe num momento daqueles.

— Mas quando chegaram aqui, alguém o terá retirado do carro. Um criado, o motorista...

— Ninguém se lembra de nada.

— Posso falar com eles?

— Com certeza, aquiesceu, com uma ponta de relutância.

Eu não sabia que espécie de carreira projetava seguir, mas tive vontade de preveni-la de que não optasse pela do palco. Seguiu-se um breve silêncio, antes de passar à pergunta imediata:

— Que espécie de taco driver utilizava o seu pai: com tubo de aço ou de madeira?

— De madeira. Não gostava do aço.

— De face lisa ou embutida?

— Lisa, creio. Não me recordo bem. O do Larry é de face embutida e o meu também.

— Parece se recordar bem do seu irmão.

— Pois é. Olhou-me com uma expressão glacial. — Penso que não se trata de um interrogatório inquisitorial, Mister Goodwin?

— Queira desculpar. Exibi um sorriso. — Estou um pouco decepcionado. Posso mesmo dizer irritado. Não há nada no condado de Westchester que me agradasse mais examinar do que esse taco de golfe, em particular o driver.

— Lamento.

— Não, não lamenta. O fato levanta numerosas interrogações. Quem retirou o saco do carro? Se foi um criado, qual, e até que ponto se pode considerar leal e incorruptível? Cinco dias mais tarde, quando se tornou conhecido que um dos tacos executara o assassinio para que tinha sido concebido, quem se apoderou do saco e o ocultou ou destruiu, com todo o recheio? Você, Miss Barstow, o seu irmão, o doutor Bradford? Pode ver as dúvidas que se me levantam. E onde o ocultaram e como foi destruído? Não é fácil fazer desaparecer uma coisa tão grande. Levantara-se, enquanto eu falava, e assumira uma atitude formal, quase arrogante.

— Basta! Decidiu em voz bem dominada. — Não faz parte de nosso acordo ter de ouvir insinuações imbecis.

— Apoiado. Pus-me igualmente de pé. — Tem toda a razão, mas não era minha intenção ofendê-la. E agora, se pudesse trocar breves palavras com sua mãe...

— Não, não pode.

— Isso faz parte do acordo. O senhor acaba de denunciá-lo. Aventurei novo sorriso.

— É o acordo que a põe a coberto de consequências desagradáveis de eu tomar liberdades com ele. Não as tomarei com sua mãe. Posso carecer de diplomacia, mas sei quando devo conservar as luvas calçadas. Olhou-me, visivelmente indecisa, e perguntou:

— Cinco minutos chegam?

— Não sei. Em todo o caso, abreviarei a entrevista na medida do possível.

Deu meia volta e enveredou pela passagem que conduzia à casa, comigo no seu encalço. Pelo caminho, vi diversas pedras às quais tive vontade de aplicar pontapés. O saco do golfe desaparecido se revestia de

prioridade especial. É claro que eu não acalentara a esperança de ter a satisfação de mostrar o malfadado taco driver a Wolfe naquela noite, pois Anderson decerto o confiscaria. Na verdade, lhe concedia o crédito de considerá-lo capaz de chegar à conclusão apropriada, depois de lhe terem sido preparados todos os ingredientes a utilizar para o efeito, além de que eu contara com o pedido de Sarah Barstow para convencê-lo a me crivar de perguntas. Porém, agora, o raio do saco desaparecera! O responsável por isso não só me provocava uma indignação surda como revelava estupidez considerável. Se fosse apenas o driver, se compreenderia, mas porquê o saco com todo o conteúdo?

O interior da casa era admirável, daqueles que quase só se veem no cinema. Embora houvessem muitas janelas, a claridade não abundava, pois penetrava difusa, ao passo que as tapeçarias e o mobiliário pareciam imaculados, discretos e dispendiosos. Havia flores com certa profusão, que conferiam ao ambiente uma sensação de frescura, uma vez que lá fora a temperatura começava a subir. Sarah Barstow me conduziu, através de um vestíbulo espaçoso e uma sala enorme, a um longo corredor de acesso a um solário, cujas persianas se achavam quase todas descidas até ao chão, pelo que a quantidade de raios solares que entrava não era nada que merecesse menção especial. Havia algumas plantas e muitas cadeiras e sofás de verga. Uma mulher se sentava a uma mesinha entretida com um quebra-cabeça e Sarah Barstow a ela se dirigiu:

— Este senhor é Archie Goodwin, mãe. — Eu disse-lhe que ele viria.

Em seguida, se virou para mim e indicou uma cadeira. Sentei-me, enquanto Mrs. Barstow largava as peças do quebra-cabeça que tinha entre os dedos e erguia os olhos para mim. Era uma mulher ainda atraente. A filha me revelara que tinha cinquenta e seis anos, mas aparentava mais de sessenta. Os olhos eram cinzentos, encovados e bem separados, o cabelo quase branco e, conquanto o rosto de feições delicadas deixasse transparecer serenidade, fiquei com a impressão de que se devia a uma poderosa força de vontade. Olhava-me sem dizer

nada e acabei por pressentir que eu é que não me mostrava nada sereno. Entretanto, Sarah Barstow se instalara numa cadeira a certa distância de nós, e me preparava para quebrar o silêncio, quando Mrs. Barstow declarou subitamente:

— Estou a par do seu objetivo, Mister Goodwin.

— O objetivo não é realmente meu, mas do meu patrão, Nero Wolfe repliquei. — Encarregou-me de lhe agradecer por ter concordado em me receber.

— Ele e o seu representante são bem-vindos a esta casa. Os olhos encovados não se desviavam um segundo do meu rosto. — Na verdade, me sinto grata por que alguém, mesmo um desconhecido que nunca tenha visto, reconhecer a minha autoridade dentro destas quatro paredes.

— Mãe!

— Não se melindre, querida. Eu sei, e não interessa se este senhor sabe ou não, que a minha autoridade não foi usurpada. Não foi você que me obrigou a abandonar o cargo, ou sequer o seu

pai. Segundo Than, foi Deus. Provavelmente as mãos dele estavam ociosas e Satanás forneceu o logro.

— Por favor, mãe. Sarah Barstow se levantou e se aproximou. — Se tiver alguma pergunta a fazer, Mister Goodwin...

— Tenho duas informei. — Posso lhe fazer duas perguntas, Mistress Barstow?

— Com certeza. É esse o seu objetivo.

— Ótimo. A primeira é fácil de fazer, mas talvez difícil de responder. Ou seja, talvez exija reflexão e boa memória. De entre todas as pessoas envolvidas, a senhora deve ser a que se encontra em melhor posição para fornecer a resposta. Quem desejava ou podia desejar matar Peter Oliver Barstow? Quem lhe guardava rancor, recente ou mesmo de longa data? Que inimigos tinha? Quem o odiava?

— Isso não é uma pergunta. São quatro.

— Bem, talvez possa condensá-las numa.

— Não é necessário. A serenidade continuava sob o domínio perfeito da força de vontade. — Têm todas as mesmas respostas. Eu. Arregalei os olhos, enquanto a filha se acercava dela e lhe pousava a mão no ombro.

— Prometeu, mãe!...

— Calma, Sarah. Mrs. Barstow ergueu a mão e deu uma palmada de ternura na da filha. — Não permitiu que os outros homens me procurassem, pelo que estou grata. Mas se Mister Goodwin me faz perguntas, precisará obter respostas. Lembra-se do que o seu pai costumava dizer? “Nunca arme uma emboscada para a verdade.”. A jovem decidiu recorrer ao meu bom senso.

— Por favor, Mister Goodwin!...

— Deixe de bobagens. Os olhos cinzentos brilhavam. — Possuo a minha própria segurança, filha, tão sólida como qualquer uma que me proporcionasse. Respondi à sua primeira pergunta, Mister Goodwin. Qual é a segunda?

— Não nos precipitemos, Mistress Barstow. Compreendi que, se fingisse que Sarah não estava presente, a mãe procuraria me satisfazer a curiosidade. — A primeira ainda não se esgotou. Talvez houvesse outras pessoas nessas condições, além da senhora.

— Outras interessadas em matar o meu marido? Pela primeira vez, a força de vontade afrouxou o suficiente para deixar a sugestão de um sorriso assomar aos lábios. — Não. É impossível. O meu marido era um homem bondoso, justo, compassivo e estimado. Sei o que desejaria que eu fizesse, Mister Goodwin: evocar todos os anos passados, os felizes e os outros, e desencantar uma ameaça sinistra qualquer. Asseguro-lhe que não existe nada do gênero. Não há nenhum homem vivo que ele tivesse prejudicado e se tornasse num inimigo. Nem mulher, se diga de passagem. Nunca me enganou. A minha resposta à sua pergunta foi direta e sincera e constituiu um alívio para mim, mas como o senhor é tão jovem, pouco mais do que um rapaz, provavelmente ficou chocado, como aconteceu à minha filha. Explicaria, se pudesse. Não quero induzi-lo em erro, nem magoar Sarah. Quando Deus me obrigou a prescindir

da minha autoridade, não ficou por aí. Se talvez o compreende, também entende a minha resposta.

— Está bem, Mistress Barstow. Passemos à segunda pergunta. Porque ofereceu uma recompensa?

— Não! Sarah se colocou entre nós. — Não! Basta disso...

— Sarah! A voz da mãe era áspera, para em seguida se suavizar um pouco. — Vou responder, querida. Compete-me fazê-lo. A jovem se postou ao lado dela, lhe rodeou os ombros com o braço e pousou a cabeça nos cabelos grisalhos. A força de vontade tornara a dominar a situação quando Mrs. Barstow prosseguiu: — Falemos, pois, da recompensa, Mister Goodwin. Não sou louca, apenas fantástica. Lamento agora tê-la oferecido, porque reconheço a sua sordidez. Foi num momento fantástico que concebi a ideia de uma vingança singular. Ninguém teria assassinado o meu marido, pela simples razão de que ninguém desejaria fazê-lo. Estou convencida de que a sua morte não parecia desejável a pessoa alguma, salvo a mim própria e apenas durante tormentos que Deus não deveria impor nem mesmo aos mais pecaminosos. Ocorreu-me a possibilidade de haver em algum lugar um homem suficientemente esperto para levar Deus à presença da justiça. Duvido que seja o senhor, Mister Goodwin. Não conheço o seu patrão. Confesso-me arrependida de ter oferecido a recompensa, mas será paga a quem a merecer.

— Obrigado, Mistress Barstow. Quem é Than?

— Perdão?

— Than. Referiu-se há pouco que Than lhe disse que Deus a obrigara a renunciar à sua autoridade.

— Ah, tem razão! O doutor Nathaniel Bradford.

— Obrigado repeti, guardando o bloco-de-notas e levantando-me.

— Mister Wolfe me pediu que lhe agradecesse ter-me recebido.

— Diga-lhe que estou sempre ao seu dispor.

Voltei-me e saí, calculando que Miss Barstow ficaria aliviada.

Nove

SARAH BARSTOW me convidou para almoçar. Achei-a mais simpática que nunca. Durante dez minutos, ou mesmo mais, aguardei-a no corredor que estabelecia comunicação entre o solário e o resto da casa. Quando nos encontramos, não parecia agastada comigo e compreendi porquê. Eu não me esforçara por arrancar revelações da mãe, pois ela própria as servira numa bandeja, do que não me podia considerar responsável. Mas quantas pessoas no lugar de Sarah atenderiam a semelhante pormenor? Uma em cada mil, na melhor das hipóteses. Manifestariam irritação, conquanto reconhecessem que eu não a merecia. No entanto, ela se cingia à atitude inicial. Estabelecera um acordo, que cumpriria, independentemente das noites em claro que lhe provocasse e da pouca sorte que a assolasse. Na verdade, já conhecera alguma. Dez minutos antes ou dez minutos mais tarde, a mãe talvez tivesse ideias diferentes na cabeça e a única coisa que eu obteria consistiria numa reserva intransponível. Embora não fizesse a menor ideia do que acontecera para torná-la comunicativa, se fora a visão da minha camisa azul e gravata bege, não considerava mal empregado o dinheiro que gastara com elas. Como dizia, Sarah me convidou para almoçar. Esclareceu que o irmão estaria presente e, como eu pretendia falar com ele, poderia aproveitar a oportunidade.

— É muito compreensiva, declarei. — Ainda bem que Nero Wolfe é o homem mais inteligente sobre a Terra e preparou o acordo consigo, porque, se as coisas derem errado, será a única coisa que lhe valerá, Miss Barstow.

— Se as coisas derem errado?

— Decerto. Sei que a assolam vários problemas, mas o que mais a apoquenta é o receio de que surjam outros ainda piores.

Afinal, não foi apenas o irmão dela que conheci no almoço, pois Manuel Kimball também compareceu. Congratulei-me com o fato, porque, com o que soubera naquela manhã, tornava os componentes do quarteto do golfe mais importantes do que até ali. Na tarde anterior, após cerca de duas horas de telefonemas, eu conseguira finalmente descobrir o profissional do Green Meadow Club, que aceitara o convite de Wolfe para jantar. Nunca tivera qualquer contato direto com Barstow e só o conhecia de vista, porém Wolfe lhe arrancou numerosos elementos sobre a topografia geral do clube e do campo de golfe. Quando se despediu, por volta da meia-noite, o profissional em causa levava nas entranhas pouco menos que o conteúdo total de uma garrafa do melhor vinho do Porto da casa e o meu patrão se encontrava tão elucidado a respeito das atividades de um estabelecimento como o Green Meadow como se fosse um profissional na matéria.

Entre outros pormenores, soube de que os sócios guardavam os sacos dos tacos nos respectivos armários, alguns não os fechavam à chave e, mesmo trancados, um indivíduo engenhoso e determinado poderia obter uma duplicata da chave sem grande dificuldade. É claro que munido dela, se tornaria fácil aguardar o momento oportuno para abrir o armário, retirar o driver do saco e substituí-lo por outro devidamente preparado. Por conseguinte, os companheiros de Barstow no quarteto constituído naquele domingo se revestiam de tanta importância como qualquer dos outros sócios, visitantes ou pessoal com acesso aos armários. Agora, porém, esse aspecto da situação se alterara, porque o saco de Barstow não dera entrada no armário desde setembro passado, uma vez que ele o trouxera da universidade. Assim, isso alterava o panorama e tornava os componentes do quarteto um pouco mais interessantes que muita outra gente.

O local onde almoçamos sem dúvida não era a sala de jantar, porque não possuía dimensões para tal, mas dispunha de uma mesa, cadeiras e janelas, através das quais não se podia enxergar grande coisa, em virtude dos densos arbustos no exterior. O serviço era assegurado pelo fulano alto e magro de terno preto também conhecido por Small, mordomo, como um conviva de ocasião como eu descobriu, e, conquanto a ementa me parecesse um pouco sobre o leve, não se podia considerar nada de que o próprio Fritz se envergonhasse. Havia algo contido em conchas de dimensões médias indiscutivelmente delicioso. A mesa era pequena e eu me sentava diante de Sarah Barstow, com o irmão à minha direita e Manuel Kimball à esquerda.

Lawrence Barstow não se parecia absolutamente nada com a irmã, mas descortinei traços da mãe. De constituição admirável, denotava a segurança própria dos que levam o seu tipo de vida. Tinha feições agradáveis e regulares, sem nada que despertasse particularmente a atenção. Eu vira centenas de pessoas como ele em restaurantes de Wall Street e nas Forties, à hora do almoço. Tinha o hábito de semicerrar as pálpebras quando fitava uma pessoa, mas depreendi que se devia à intensidade do vento que suportava nas suas digressões de avião. Os olhos eram cinzentos, como os da mãe, mas careciam da disciplina a que os dela se achavam sujeitos.

Manuel Kimball era totalmente diferente. Moreno, bem proporcionado e compacto, com cabelo preto e liso penteado para trás e olhos vivos da mesma cor, que se moviam incessantemente de um lado para o outro e só pareciam encontrar um certo grau de satisfação quando pousavam em Sarah. Irritava-me os nervos, e fiquei com a impressão de que ela também se sentia algo desconfortável com o fato, embora pudesse se dever a ele ignorar o meu papel na crise da família, porque ninguém o elucidara, em conformidade com o combinado.

Naquela manhã, a jovem me informara de que não existia a mínima intimidade entre os Kimball e os Barstow e o único ponto de

contato consistia na proximidade das respectivas residências de verão, e a circunstância de Manuel ser um excelente piloto amador e se oferecer para ensinar Larry a voar, resultara assaz conveniente, porquanto este último criara interesse pelo design de aviões. Ela própria acompanhara Manuel em dois ou três voos, no verão anterior, mas à parte essas ocasiões praticamente só o vira junto do irmão. Os Kimball eram recém-chegados ao local, pois tinham comprado a propriedade, quatro quilômetros ao sul, há apenas três anos atrás. Os Barstow conheciam o chefe da família, E. D. Kimball, superficialmente, por assim dizer, através de encontros ocasionais pouco frequentes em reuniões sociais ou públicas. A mãe de Manuel morrera há vários anos, segundo Sarah entendera vagamente. Não se recordava de terem sido trocadas mais do que algumas palavras banais entre o pai e o filho de E. D. Kimball, salvo em determinada tarde, no final do verão precedente, quando Larry levava Manuel à residência dos Barstow para resolverem uma aposta no tênis, em que ela e o pai haviam exercido as funções de árbitro e juiz de linha, respectivamente.

Apesar de tudo isto, eu estava interessado em Manuel Kimball. Quanto mais não fosse porque fizera parte do quarteto do golfe, tinha aspecto de estrangeiro, um nome que constituía uma combinação curiosa e me irritava os nervos.

Durante a refeição, a conversa versou quase exclusivamente aviões. Sarah providenciava para que tal acontecesse, quando ameaçava tombar num ponto morto, e, em duas ou três ocasiões que o irmão iniciou perguntas mais próximas da realidade atual, se apressou a intervir para mudar de tema. Eu me limitava a comer, e quando ela finalmente impeliu a cadeira para trás, atingindo o ventre de Small com o cotovelo, levantamo-nos todos. Larry se dirigiu a mim virtualmente pela primeira vez, depois de eu vislumbrar sugestões da ideia de que podia ter almoçado noutra dependência da casa.

— Quer falar comigo?

— Se puder me dispensar um quarto de hora, assenti.

— Não se importará de esperar, Manny? Perguntou a Manuel. — Prometi à Sarah que conversaria com este homem.

— Claro que não. Os olhos do outro se desviaram, para se concentrarem na jovem. — Talvez Miss Barstow não veja inconveniente em me ajudar a esperar. Ela concordou, sem entusiasmo, e resolvi intervir.

— Desculpe, mas prometeu assistir à minha conversa com o seu irmão. O fato não fora abordado, todavia eu tomara-o como implícito e desejaria que estivesse presente.

— Tem razão. Pareceu aliviada. — Lamento, Mister Kimball. Vou mandar lhe servir o café.

— Não, obrigado. Manuel efetuou uma ligeira mesura e se virou para Larry. — Irei buscar um livro e esperarei por você no hangar, quando se despachar, se um dos seus carros me der carona. Estou muito grato pelo excelente almoço, Miss Barstow.

Uma das coisas que me surpreendiam nele era a voz. Ao vê-lo pela primeira vez, esperara que soasse como a de um tenor, porém o efeito que produzia se assemelhava mais ao de um murmúrio de touro. Era grave e retumbante, todavia mantinha-a baixa e assaz agradável. Larry Barstow se afastou com ele, para indicar a alguém que o levasse para casa. A irmã e eu aguardamos que reaparecesse e seguimos para o jardim, em direção ao banco em que estivera ao chegar. Larry se sentou na orla do relvado e Sarah e eu no banco.

Expliquei que insistira na presença dela porque estabelecera o acordo com Nero Wolfe e desejava que se certificasse de que não se dizia ou fazia nada fora do combinado. Pretendia formular determinadas perguntas a Lawrence Barstow e, se houvesse alguma dúvida quanto ao fato de me assistir o direito a conhecer as respostas, só ela poderia decidir.

— Pronto, pode começar declarou, depois de nos instalarmos. Parecia algo acabrunhada. De manhã, se sentara empertigada, mas agora tinha os ombros descaídos.

— Pela parte que me toca... Começou o irmão. — Você se chama Goodwin, não é?

— Exato.

— Pois, pela parte que me toca, o acordo, como lhe chamam, não passa de um exemplo de insolência barata.

— Mais alguma coisa, Mister Barstow?

— Sim, se insiste. Chantagem.

— Larry! Aparentemente, ela ainda conservava uns átomos de energia. — O que eu lhe disse?

— Um momento, Miss Barstow, roguei, folheando o bloco-de-notas. — Talvez convenha que o seu irmão tome conhecimento dos termos. Tenho-os aqui... Ah, ei-los! Li a transcrição do que Wolfe estipulara, me esforçando por fazê-lo o mais pausadamente possível. No final, guardei o bloco-de-notas e disse: — É este o acordo, Mister Barstow. Aproveito a oportunidade para esclarecer que, embora o meu patrão consiga dominar os nervos na maior parte dos casos, de vez em quando me deixo arrastar pelos meus. Por conseguinte, se me tornar a chamar de chantagista, o resultado poderá ser deplorável para todos. Se não consegue reconhecer um favor quando o servem numa bandeja, suponho que considerará um murro nos queixos uma gentileza.

— É melhor ir para dentro, mana.

— Vai já, volvi. — Se o acordo for denunciado, ela deve assistir ao seu afundamento. Se não concordava, porque não a impediu de procurar Wolfe sozinha para estabelecê-lo? Ele teria gostado de conversar consigo. Prometeu a sua irmã prosseguir com as investigações em quaisquer circunstâncias e lhe digo agora a mesma coisa. Com o acordo ou sem ele, descobriremos quem assassinou Peter Oliver Barstow. Quanto a mim, Sarah tomou a decisão acertada. Se você não concorda, deve ter uma razão de peso, e necessitaremos de indagar de que se trata.

— Larry ela proferiu, numa inflexão cheia de subentendidos. — Larry repetiu, lhe dizendo, pedindo e recordando simultaneamente.

— Vá lá, urgi. — Está preocupado, e o fato de me olhar em silêncio durante todo o almoço não contribuiu para tranquilizá-lo, mas se descobre uma avaria no seu avião decerto não se entrega ao desespero. Despe o casaco e ajuda a repará-la.

Olhava, não para mim mas para a irmã, com o lábio inferior proeminente, um pouco parecido com uma criança prestes a chorar e, ao mesmo tempo, como um homem disposto a mandar o mundo para o diabo.

— Está bem, mana acabou por dizer. Não deixava transparecer sinais de pretender me pedir desculpas, mas isso podia ficar para melhor altura.

Quando comecei a lhe disparar perguntas, regressou bruscamente à realidade. Respondia com prontidão e clareza, sem a mínima hesitação aparente. A própria questão do saco dos tacos de golfe, que a irmã contornara prudentemente, foi despachada sem dificuldade. O saco viera da universidade na furgoneta, e, no carro com eles, a única bagagem consistia numa mala da mãe. Quando a furgoneta chegara à residência, cerca das três horas da tarde, a carga fora retirada e distribuída imediatamente e o saco dos tacos decerto seguira para o quarto do pai, embora não o pudesse confirmar. Fora durante o café-da-manhã de domingo que haviam combinado jogar golfe, naquela tarde.

— De quem foi a ideia: sua ou de seu pai?

Não se recordava. Quando o pai descera a seguir ao almoço, levava o saco debaixo do braço. Tinham seguido para o Green Meadow Club no sedã e o pai se encaminhara diretamente para o primeiro tee, sem largar o saco, enquanto Larry fora à procura de caddies. Embora ele próprio não manifestasse interesse por qualquer em especial, o pai revelara preferência por um, no verão anterior, o qual se achava disponível e o rapaz levava-o. A caminho do primeiro tee, este último

encontrara os Kimball, igualmente preparados para disputar uma partida, e, como não via Manuel desde longa data e pretendia discutir os projetos para as férias, Larry convidara-os para jogarem os quatro juntos, persuadido de que o pai não se oporia. Uma vez no tee, avistara-o entretido utilizando um taco de ferro conhecido por mashie. Peter Oliver Barstow saudara os Kimball com cordialidade e o seu caddy preferido com satisfação, lhe ordenando que recolhesse as bolas dispersas.

Aguardaram que duas ou três outras partidas se iniciassem para começar a sua. Manuel jogara em primeiro lugar, seguido de Larry, Barstow e por último Kimball. Larry não se recordava de ver o pai extrair o driver do saco ou recebê-lo do caddy. Enquanto aguardavam, se entretivera conversando com Manuel e, durante os momentos imediatamente anteriores à utilização daquele taco pelo pai, ele próprio também o fizera com o seu. Não obstante, se lembrava de vê-lo atingir a bola, graças a uma circunstância invulgar. Na parte final da jogada, o taco sofrera uma espécie de estremecimento e, quando a bola partira com um desvio enorme, Barstow soltara uma exclamação, com uma expressão de perplexidade, antes de levar as mãos ao abdômen. Larry nunca o vira abandonar tão súbita e completamente a sua dignidade em público. Os companheiros lhe perguntaram o que tinha e ele principiou a desabotoar a camisa, se referindo vagamente a uma vespa. Larry ficara impressionado com a agitação do pai e se apressara a observar a área do corpo atingida. Recordava-se de notar uma minúscula picada, quase invisível, enquanto o pai recuperava a presença de espírito e declarava que não era nada de importância. Depois, Barstow repetira a jogada com o driver e a partida prosseguira.

O resto aparecera em pormenor, várias vezes, nos jornais. Meia hora mais tarde, no espaço que antecedia o quarto buraco, Barstow caíra desamparado, para se contorcer, como que sob a ação de convulsões. Ainda vivia no momento em que o seu caddy lhe segurara no braço, mas expirara quando os outros acudiram, juntamente com vários jogadores

das cercanias que haviam presenciado a cena, entre os quais o Dr. Nathaniel Bradford, velho amigo da família Barstow. Manuel Kimball fora buscar o sedã, em cujo banco de trás depositaram o corpo. O médico pousara a cabeça do amigo nos joelhos e Larry se sentara ao volante.

Reiterou que não se recordava de nada relacionado com o saco dos tacos. Absolutamente nada. Apenas conhecia a versão do caddy, de que fora colocado no sedã, apoiado no banco da frente, mas não se lembrava de vê-lo enquanto dirigia ou em qualquer outro momento. Cobrira os dez quilômetros com lentidão e prudência e, mais tarde, em casa, descobrira sangue no lábio inferior, que mordera inconscientemente. Mentia melhor que a irmã, e, se não me achasse precavido pela atitude comprometedora dela, talvez me deixasse iludir pela maneira como ele desbobinava o seu rosário. Fiz-lhe várias perguntas para tentar apanhá-lo em falso, sem o menor resultado.

A seguir, abordei a parte referente aos Kimball, mas a sua versão coincidia inteiramente com a de Sarah. Não havia intimidade especial entre as duas famílias, sendo a única ligação, as relações dele mesmo com Manuel, cuja base residia na conveniência deste último como proprietário e piloto de um avião. Na verdade, Larry tencionava comprar um, logo que obtivesse o brevê. Posto isto, formulei a pergunta que desencadeara o fogo-de-artifício com Mrs. Barstow, antes do almoço. Interroguei os dois irmãos, mas não se registou a mínima reação. Declararam que não conheciam ninguém que guardasse rancor ao pai e consideravam a existência de alguém nessas condições uma autêntica impossibilidade. Ao longo da sua notável carreira chegara à presidência da Universidade Holland aos quarenta e oito anos, tivera de enfrentar oposição numerosas vezes, mas conseguira sempre derretê-la, por assim dizer, em vez de esmagá-la.

Quanto à vida particular, se cingia à do lar. Entendi que o filho o respeitava profundamente e o estimava até certo ponto, enquanto a filha

o adorava. Asseveraram que ninguém podia tê-lo odiado e, enquanto o dizia, Sarah, ciente do que eu ouvira dos lábios da mãe apenas três horas atrás, me fitava com uma expressão mista de apelo e desafio. Para me debruçar sobre o tópico do Dr. Bradford, preferi me concentrar nela. Pela maneira como as coisas estavam se desenrolando, esperara alguma hesitação e dissimulação, mas não descortinei o mínimo vestígio do gênero. Sarah revelou com simplicidade que o médico fora companheiro do pai na universidade e frequentava a família Barstow com regularidade, em particular durante o verão, pois também residia nas proximidades. Cuidava do problema de Mrs. Barstow, embora recorresse a especialistas para colaborar no tratamento.

— Gosta dele? Perguntei a Sarah.

— Perdão?...

— Simpatiza com o doutor Bradford?

— Com certeza. É um dos homens mais atenciosos e respeitáveis que conheço.

— E o senhor? Voltei-me para o irmão. Larry enrugou a fronte. Tinha se mostrado muito paciente e estava cansado. Eu crucificara-o durante quase duas horas.

— Sim, simpatizo com ele. É de fato o que a minha irmã afirma, embora goste de pregar sermões. Agora, já não me irrita com isso, mas quando criança me escondia dele para não ouvir.

— Chegaram da universidade ao meio-dia. Ele esteve aqui entre essa hora e as duas da tarde de domingo?

— Não sei... Ah, sim! Veio jantar, no sábado.

— Acha possível que matasse o seu pai?

— Pelo amor de Deus! Bradou, arregalando os olhos. — Isso é para me chocar?

— Qual é a sua opinião, Miss Barstow?

— Acho a ideia inconcebível.

— Muito bem, é inconcebível. Quem sugeriu a Bradford que indicasse um ataque cardíaco como causa da morte? Qual dos dois? Ele?

Larry pareceu querer me fulminar com o olhar, enquanto Sarah dizia a meia voz:

— Disse que eu devia estar presente para verificar se o acordo era respeitado. Pois bem, Mister Goodwin, creio que já fui suficientemente paciente.

— Bom, não insistirei neste ponto. Voltei-me de novo para o irmão. — Tornou a se irritar, Mister Barstow. Não pense nisso. As pessoas como o senhor não estão habituadas à impertinência, mas nem imagina como é fácil ignorar o fato. Chegamos quase ao fim. Onde se encontrava entre as sete da tarde e a meia-noite de segunda-feira, cinco de junho?

— Não sei. O olhar continuava agressivo. — Como quer que me lembre?

— Tente se lembrar. Não se trata de mais uma impertinência, pois lhe solicito seriamente que me diga. Segunda-feira, cinco de junho. O funeral do seu pai foi na terça. Refiro-me à véspera.

— Eu posso lhe dizer, declarou Sarah.

— Preferia que fosse ele.

— Não vejo razão alguma para guardar segredo. Encontrava-me aqui em casa.

— Toda a noite?

— Sim.

— Quem mais estava presente?

— A minha mãe, Sarah, os empregados e os Robertson.

— Os Robertson?

— Foi o que eu disse.

— São velhos amigos da família, explicou a jovem. — O casal Robertson e as duas filhas.

— A que horas chegaram?

— Logo a seguir ao jantar. Na realidade, ainda não tínhamos acabado. Por volta das sete e meia.

— O doutor Bradford estava aqui?

— Não.

— Não era invulgar?

— Invulgar? Porquê? Mas é claro... Deveria estar numa conferência em um encontro de colegas seus, em Nova Iorque.

— Muito bem. Obrigado, Miss Barstow. Assestei mais uma vez as baterias no irmão. — Uma última pergunta. Um pedido, mais precisamente. Manuel Kimball tem telefone no hangar?

— Tem.

— Importa-se de preveni-lo de que vou procurá-lo, para que me dê uma entrevista?

— Nem pensar. Porque haveria de fazer isso?

— Não tem o direito de lhe pedir, acudiu Sarah. Se pretender se avistar com Mister Kimball, não envolva terceiros no assunto.

— Como queiram. Guardei o bloco-de-notas e levantei-me. — Devo, no entanto, lembrar que não tenho uma posição oficial no caso. Se o procurar por iniciativa própria, me arrisco a ser corrido a pontapés. Trata-se de um amigo da família, ou, pelo menos, está convencido disso. Preciso, portanto, de uma apresentação.

— Precisa. Larry também se pusera de pé e sacudia os vestígios de relva das calças. — Mas não a obterá. Onde deixou o chapéu: lá dentro?

— Posso apanhá-lo, quando você for telefonar. A situação é a seguinte. Preciso lhe pedir que ligue para Manuel Kimball, para os Robertson e para o Green Meadow Club. São os únicos alvos que tenho em mente de momento, mas poderá haver outros mais tarde. Preciso andar por aí, conversar com pessoas e perguntar coisas, e quanto mais me facilitarem a vida melhor para todos. Nero Wolfe sabia e revelou à polícia o suficiente para provocar a exumação do corpo do seu pai. Foi muito, mas não elucidou as autoridades de nada. Querem me obrigar a procurar o promotor público, para informá-lo de pormenores em quantidade e valor bastantes para que me conceda livre-trânsito? No momento, está ressabiado conosco, porque suspeita de que escondemos alguma coisa de importância vital. Não me custa absolutamente nada inverter o aspecto do panorama, de modo que ele passe a se mostrar cordial conosco. Se considerarem a minha atitude mais uma para a sua teoria da chantagem, Mister Barstow, não vejo inconveniente em pegar o chapéu, como sugeriu, e dar a minha atuação por concluída.

Era um crime, mas precisava proceder assim. O inconveniente daqueles dois, em particular o irmão, era que estavam tão habituados à segurança, independência e dignidade ao longo das suas vidas que passava despercebido o grau de medo que os invadia, e alguém precisava recordá-los. Não obstante, ficavam profundamente apreensivos quando a realidade aflorava através daquela capa, e se eu divulgasse todas as minhas ideias daquela tarde, deveria reconhecer que lhes sobravam os motivos para essa apreensão. Acabaram por ceder, naturalmente. Entramos em casa juntos e Sarah telefonou aos Robertson, após o que o irmão ligou para o clube e contactou com Manuel Kimball. Eu já decidira que não existia a menor possibilidade de obter qualquer informação útil do pessoal doméstico, sobretudo se fora instruído pelo alto e magro mordomo, pelo que, logo após os telefonemas, peguei o chapéu e caí fora. Larry acompanhou-me à porta lateral da residência, provavelmente para se certificar de que não voltaria atrás e espreitava pelos buracos de fechadura, e naquele momento um carro parou à entrada diante de nós. Desceu um homem e me concedi o prazer de um sorriso divertido ao avistar H. R. Corbett, o detetive do gabinete de Anderson que tentara profanar o recolhimento de Wolfe, na manhã em que eu exercia as funções de porteiro. Quando nos cruzamos, lhe dirigi uma saudação cordial, porém ele chamou:

— Espere aí! Parei e me voltei, sob as vistas de Larry Barstow, no terraço.

— Falou comigo? Corbett se aproximou, sem prestar atenção à minha réplica.

— Que diabo faz aqui? Tornei a sorrir, durante cerca de um segundo, e por fim me virei para Larry.

— Como se trata de sua casa, Mister Barstow, talvez seja preferível que lhe explique que diabo faço aqui.

Tornou-se óbvio pela expressão dele que, embora talvez nunca me enviasse um cartão de boas-festas no Natal, eu tinha muitas mais

possibilidades de recebê-lo do que Corbett, a quem comunicou:

— Mister Goodwin veio a convite de minha irmã, para trocar impressões conosco, e é natural que tenha de voltar. Deseja investigar o assunto? O detetive emitiu um grunhido de contrariedade e me dirigiu um olhar incendiário.

— Talvez não se importe de me acompanhar a White Plains.

— Nem pensar. Abanei a cabeça com veemência. — Não gosto do ambiente. É tudo tão morto que nem se pode fazer uma aposta. Comecei a me afastar. — Até mais ver, Corbett. Não lhe auguro má sorte, porque mesmo com ela boa não terá uma sepultura digna de menção.

Sem me preocupar em responder às ameaças e advertências que lançou sobre as minhas costas, subi para o conversível onde o deixara estacionado e parti.

* * *

Dez

PROCUREI OS Robertson em primeiro lugar, por calcular que não me consumiriam muito tempo e ficaria livre deles. Mrs. Robertson e as duas filhas se encontravam em casa e me esperavam, em virtude do telefonema de Sarah. Confirmaram que tinham estado na residência dos Barstow no serão de cinco de junho, véspera do funeral, entre poucos minutos antes das oito e depois da meia-noite. Achavam-se persuadidas de que Larry, Sarah e Mrs. Barstow haviam estado presentes todo o serão. Certifiquei-me de que não existia a menor possibilidade de erro sobre a data e fiz algumas perguntas acerca dos amigos, mas não tardei a renunciar. Os três Robertson não se mostravam dispostas a discutir a vida deles com um estranho. Nem sequer deixaram transparecer que Mrs. Barstow sofria da mínima perturbação mental, desconhecedoras do que eu sabia.

Compareci na residência dos Kimball pouco depois das cinco da tarde. A propriedade, embora aparentemente menos assistida que a dos Barstow, era maior, e necessitei percorrer perto de dois quilômetros depois de enveredar pela estrada particular. Situava-se na sua maioria em terreno plano, com algumas vedações de pedra antigas e dois ou três riachos pouco caudalosos. Havia algum arvoredor à esquerda e a casa se erguia num outeiro, no meio de um parque de sempre-verdes, com um relvado bem cuidado, sem sinais de flores até onde a minha vista alcançava. Apesar de menor que a dos Barstow, a residência era virtualmente novinha em folha, com uma mistura de estilos a que eu chamava “Rainha Guilherme”.

Nos fundos da casa, havia um prado imenso, para onde me enviou, ao longo de um caminho estreito de saibro, o homem nutrido de uniforme de mordomo que emergiu da entrada do edifício ao ver me aproximar no carro. Não havia vedações de pedra no prado, cuja relva parecia aparada recentemente e proporcionava um excelente aeródromo particular. Na periferia, mais ou menos a meio do seu comprimento, se erguia uma construção baixa de cimento, com telhado plano, onde o caminho terminava. Observei uma extensa e larga pista em frente e dois carros estacionados ao lado.

Descobri Manuel lá dentro, entretido a lavar as mãos numa bacia. O espaço se achava quase totalmente ocupado por um avião, um modelo grande, com asas azuis e fuselagem vermelha, pousado na cauda. Um homem de macacão trabalhava no interior do aparelho. Apresentava-se tudo arrumado e asseado, com ferramentas, latas de óleo, galões de combustível e diversas peças soltas dispostas em prateleiras de aço que se estendiam ao longo de uma das paredes. Junto do lavatório, havia mesmo um suporte com três ou quatro toalhas lavadas.

— Chamo-me Goodwin informei.

— Sim, estava à sua espera. Kimball assentiu com um movimento de cabeça. — Terminei por hoje, pelo que podemos voltar para casa, onde ficaremos mais confortáveis. Voltou-se para o homem de macacão. — Deixe isso para amanhã, se quiser, Skinner, pois só tenciono ir para o ar da parte da tarde.

Depois de secar cuidadosamente as mãos, me acompanhou ao exterior e subiu ao seu carro, enquanto eu me instalava ao volante do conversível. Mostrava-se atencioso e mesmo simpático, embora parecesse estrangeiro e tivesse me irritado os nervos durante o almoço. Levou-me até uma sala espaçosa, apontou para uma pesada poltrona e indicou ao volumoso mordomo que nos servisse uísque. Quando me viu olhar em volta, explicou que a casa tinha sido mobilada e decorada por ele e o pai

em conformidade com os seus gostos pessoais, uma vez que não havia mulheres a considerar e lhes desagradava recorrer a profissionais na matéria.

— Miss Barstow me contou que a sua mãe faleceu há muito tempo, declarei, com uma inclinação de cabeça.

Exprimia-me com naturalidade, sem qualquer ideia preconcebida, mas tenho o hábito de observar atentamente as pessoas com as quais falo e me surpreendi com o que apareceu em seu rosto. Era um espasmo, não se lhe podia chamar outra coisa. Embora só durasse uma fração de segundo, me convenci de que algo o atormentava intimamente. Ignorava se se devera à alusão à morte da mãe ou lhe acudira na verdade alguma dor física, mas não explorei a situação.

— Sei que investiga a morte do pai dela, acabou por replicar.

— Sim, a pedido de Sarah, de certo modo. E do pai de Larry e do marido de Mistress Barstow, também, ao mesmo tempo. Sorriu e os olhos negros me fitaram com admiração.

— Se se tratar da sua primeira pergunta, foi formulada com o maior tato possível. Bravo. A resposta é negativa: não me assiste o mínimo direito de distinguir o extinto dessa maneira. Ou seja, o mínimo direito, à parte a minha própria inclinação. Admiro Miss Barstow... Profundamente.

— Ótimo. Eu também. Não era uma pergunta, mas apenas um comentário. O que na realidade pretendo saber é o que aconteceu no primeiro tee, na tarde de sábado. Suponho que já procedeu à descrição?

— Exato, duas vezes a um detetive chamado Corbett, salvo erro, e uma a Mister Anderson.

— Então, sabe-a de cor. Importa-se de repeti-la de novo?

Reclinei-me no sofá com a uísque na mão e escutei sem interrupção. Não puxei do bloco-de-notas, porque já dispunha da versão para comparar e detectar eventuais discrepâncias. O meu interlocutor se

revelou meticuloso e claro. No final, pouco restava para perguntar, conquanto houvesse um ou dois pontos que não me satisfaziam por completo, em particular o que diferia do de Larry. Manuel afirmava que, depois de supor que uma vespa o picara, Barstow largara o driver e o caddy recolhera-o, enquanto o irmão de Sarah dissera que o pai conservara o taco numa das mãos e desabotoara a camisa com a outra, para averiguar o que na realidade lhe acontecera. Apesar de assegurar que tinha a certeza do que dizia, Manuel declarou que não insistiria se o amigo fizesse uma descrição diferente. De qualquer modo, não me pareceu particularmente importante, pois o taco fora guardado no saco e, em todos os outros aspectos, as duas versões coincidiam.

Encorajado pela sua iniciativa de mandar vir mais uísque, resolvi alargar um pouco o âmbito da conversa, ao que pareceu não se opor. Inteirei-me, assim, de que o pai era negociante de cereais e se deslocava todos os dias ao escritório em Nova Iorque, na Pearl Street, enquanto ele considerava a ideia de abrir uma fábrica de aviões. Acrescentou que possuía o brevê de piloto qualificado e estagiara um ano na fábrica Fackler, em Buffalo. O pai se comprometera a fornecer o capital necessário, embora duvidasse do êxito do empreendimento e manifestasse ceticismo absoluto quanto ao futuro da aviação. Manuel reconhecia a promessa do talento de Larry Barstow como projetista de estruturas e acalentava a esperança de convencê-lo a participar monetariamente no projeto.

— No momento, não se encontra no melhor estado de espírito para dar uma resposta, naturalmente, e me abstenho de levá-lo a tomar uma decisão irrefletida, acrescentou. — No fundo, se compreende: primeiro, a morte súbita do pai e depois a autópsia, com o seu resultado surpreendente. A propósito, Mister Goodwin, toda a gente das redondezas estranha que Nero Wolfe... É este o seu nome, julgo... Conseguisse predizer essa situação com tantos pormenores. O promotor, Anderson, fala vagamente das suas próprias fontes de informação, fê-lo, o outro dia, sentado onde o senhor está neste momento, mas a verdade é

do conhecimento geral. Anteontem, no Green Meadow, as conversas giravam em torno de dois únicos tópicos: quem matou Barstow e como se inteirou Nero Wolfe. Que tenciona fazer: revelar as respostas aos dois enigmas no mesmo momento dramático?

— Talvez. Pelo menos, assim espero. Em todo o caso, não divulgaremos o segundo em primeiro lugar... Não, obrigado. Mais um dos seus excelentes e potentes uísques, e era capaz de fornecer resposta a todas as suas perguntas.

— À semelhança de toda a gente, sinto curiosidade, como deve calcular. Nero Wolfe deve ser um homem extraordinário.

— Bem, eu lhe digo... Inclinei a cabeça para trás, a fim de ingerir o resto da bebida, e, de súbito, baixei o queixo e o copo simultaneamente, num dos meus pequenos truques. No entanto, a única coisa que vi foi Manuel Kimball com uma expressão de curiosidade, pelo que não se podia dizer que efetuara qualquer descoberta subtil. — Se Nero Wolfe não é extraordinário, Napoleão nunca passou de primeiro-sargento. Lamento não lhe poder revelar os seus segredos, mas tenho de merecer o dinheiro que ele me paga, mesmo que seja apenas conservando a boca fechada. Consulte o relógio. — Devem ser horas do seu jantar. Foi muito hospitaleiro, Mister Kimball. Fico-lhe deveras grato e Nero Wolfe também.

— Estou sempre ao seu dispor. Não se retire por minha causa. Meu pai não vem para casa e detesto comer sem companhia. Irei jantar no clube, mais tarde.

— Seu pai não vem? Isso altera um pouco os meus planos, pois tencionava trincar qualquer coisa em Pleasantville ou White Plains e voltar para trocar umas palavras com ele. Na verdade, me preparava para lhe pedir um favor: lhe comunicar que eu voltaria.

— Lamento.

— Mas também não virá dormir?

— Não. Foi a Chicago tratar de negócios, desde a semana passada. O seu desapontamento não é o primeiro. Anderson e aquele detetive têm lhe telegrafado todos os dias, não sei bem para quê. Com efeito, meu pai conhecia Barstow apenas superficialmente. Os telegramas não

bastarão para fazê-lo regressar antes de resolvidos os assuntos que o levaram àquela cidade. Ele é assim. Termina sempre aquilo que começa.

— Quando o espera?

— Ao certo, não sei. Quando partiu, se referiu vagamente ao dia cinco.

— Bem, paciência. Trata-se de rotina, claro, mas qualquer investigador desejaria completar o quarteto, e como não me pode fazer o favor acerca de seu pai, talvez eu seja mais feliz noutra. Mais rotina. Diga-me onde estava entre as sete da tarde e a meia-noite de segunda-feira, cinco de junho, véspera do funeral de Barstow. A propósito, acompanhou-o ao cemitério? Os olhos negros me fitaram sem pestanejar, concentrados, como os de quem procura se recordar de algo.

— Sim, acompanhei. Foi na terça-feira, faz hoje uma semana. Acho que não me engano na data. O Skinner deve saber com certeza. Encontrava-me nas nuvens.

— Nas nuvens?

— Tenho tentado decolar e aterrissar de noite. Duas vezes em maio e de novo nesta segunda-feira. Sim, o Skinner deve saber, pois me ajudou na descolagem e mandei-o esperar que regressasse, para que as luzes da pista estivessem devidamente acesas. Aterrissar à noite é muito diferente de fazê-lo de dia.

— A que horas decolou?

— Por volta das seis. É claro que só anoitece próximo das nove, mas decidi me antecipar ao crepúsculo.

— E fê-lo de fato com grande antecedência. A que horas regressou?

— Perto das dez. Skinner também deve estar melhor ao corrente disso. Trocamos impressões sobre o assunto até quase à meia-noite.

— Decolou sozinho?

— Completamente. Sorrii com os lábios, mas achei que os olhos se negavam a colaborar. — Deve reconhecer que estou sendo muito tolerante, Mister Goodwin. Que demônio tem a ver o meu voo noturno de segunda-feira da semana passada ou de qualquer outro dia com o caso que investiga? Se não sentisse certa curiosidade, teria razões para me irritar, não concorda?

— Sem dúvida. Foi a minha vez de sorrir. — No seu lugar, eu me irritaria. De qualquer modo, sou muito grato. Rotina, Mister Kimball, sempre o raio da rotina. Levantei-me. — Suponho que é muito mais excitante voar à noite do que de dia...

— Não se engana. Pôs-se igualmente de pé, de novo atencioso. — Mas não me agradeça. Eu é que me tornarei uma figura distinta por ter conversado com o homem de confiança de Nero Wolfe. E chamou o mordomo avantajado para trazer o meu chapéu.

Meia hora mais tarde, quando percorria as curvas da Bronx River Parkway, ainda me entretinha refletindo sobre Manuel Kimball. Como não existia a menor ligação entre ele, Barstow, o taco driver ou qualquer outra coisa, devia ser pelo único motivo de que me irritava os nervos. Apesar disso, Wolfe afirmava que eu não tinha a mínima sensibilidade para os fenômenos! A próxima vez que saísse com isso, lhe recordaria o meu misterioso pressentimento acerca do homem. Desde que, evidentemente, se provasse que ele assassinara Barstow, possibilidade que, devia admitir, no momento não me parecia muito provável.

Quando cheguei em casa, cerca das oito e meia, Wolfe já acabara de jantar. Eu telefonara de um drugstore no Grand Concourse e Fritz conservava um linguado “à la belle meunière”, com o seu melhor molho de queijo, no forno, acompanhado de uma excelente salada e leite frio. Depois de um almoço mais para o fraco na residência dos Barstow e atendendo ao adiantado da hora, limpei tudo com prontidão. Ele aproveitou a oportunidade para dizer que considerava excelente me ver de novo ocupado.

— Pode repeti-lo, concordei. — Esta espelunca não tardaria a se tornar um mausoléu, se não fosse eu.

Wolfe se encontrava na cadeira habitual do escritório, entretido com as moscas. Detestava-as e pouquíssimas entravam naquela sala, mas duas tinham conseguido transpor a barreira e esvoaçavam sobre a mesa,

na qual pousavam a intervalos irregulares. No entanto, por muito que lhe desagradassem, não conseguia matá-las. Alegava que, enquanto uma mosca viva o irritava ao ponto do verdadeiro ódio, uma morta insultava o seu respeito pela morte, o que era muito pior. Na minha opinião, o fato lhe repugnava, pura e simplesmente. Por conseguinte, quando entrei, se sentava na cadeira habitual com o mata-moscas na mão, para ver até que ponto se podia aproximar do inseto sem que levantasse voo. Ao me ver, me deu, e pus termo à situação com dois golpes certos.

— Obrigado. Essas malfadadas moscas tentavam me fazer esquecer que uma das *Dendrobium* apresenta dois rebentos.

— Não me diga!

— Aquela que fica em parte ao sol. As outras foram mudadas de lugar.

— Um ponto a favor do Horstmann.

— Exato. Quem matou Barstow?

— Conceda-me um pouco de tempo, repliquei, com um sorriso.

— O nome não me é estranho. Vou me lembrar de quem se trata, dentro de um momento.

— Devia ter tomado nota de tudo... Não, acenda somente a sua luminária... Assim é melhor. Comeu o suficiente? Então, pode começar.

O relatório constituía um meio termo. Não me orgulhava dele, mas tampouco me envergonhava. Wolfe raramente me interrompeu, se conservando na posição que adotava sempre que eu tinha uma longa história para lhe contar: reclinado no espaldar, queixo afundado no peito, cotovelos pousados nos braços da cadeira com os dedos entrelaçados sobre o abdômen e olhos semicerrados cravados no meu rosto. Mais ou menos quando estava na metade, fez sinal para que me calasse, chamou Fritz para que trouxesse cervejas e, por fim, com duas garrafas e um copo ao seu alcance, retomou a posição inicial. Prosseguiu então até ao fim, o que aconteceu à meia-noite. Nessa altura, suspirou e aproveitei para ir à cozinha buscar um copo de leite. Quando regressiei, vi que beliscava a orelha e assumira uma expressão sonhadora.

— Talvez ficasse com alguma impressão, sugeriu.

— Vaga. Muito aguada. Sentei-me. — Mistress Barstow não passa de uma espécie de lunática. Talvez matasse o marido, mas nunca Carlo Maffei. Quanto a Sarah Barstow, pode aproveitar a sua própria impressão, Mister Wolfe. Está, também, posta de parte. Assim como o irmão, no caso de Maffei, pois o seu álibi para o dia cinco é tão sólido que nem o explosivo mais potente o destruiria. O doutor Bradford deve ser uma pessoa muito interessante, que me agradaria conhecer. No que se refere a Manuel Kimball, suponho não existir qualquer possibilidade de ter assassinado Barstow, mas aposto que atropela anjos com o seu avião.

— Porquê? É cruel? Exibe uma expressão zombeteira? Os olhos não se focam bem nas pessoas?

— Nada disso. Mas repare no nome. Irrita-me os nervos. Parece espanhol. Porque usa um sobrenome como o de Kimball?

— Não falou com o pai.

— Eu sei. É claro que a má notícia sobre o fato do saco dos tacos não se encontrar no armário de Barstow me desnor-teou e procurava um ponto de partida para uma pista prometedora.

— Má notícia, porquê?

— Julgávamos que tínhamos o pormenor de pertencer ao Green Meadow Club para passar pelo crivo, e agora acontece que toda a gente que se encontrava em casa dos Barstow esteve na universidade nos últimos seis meses.

— De modo algum. Nenhum veneno conhecido, exposto ao ar, aplicado a uma agulha, por exemplo, conserva eficiência suficiente para matar um homem, como aconteceu a Barstow, por mais de um ou dois dias. Provavelmente, apenas algumas horas. Depende do tipo de veneno.

— Já é uma ajuda, observei, com um sorriso. — O que mais esteve lendo?

— Algumas coisas interessantes e muitas fastidiosas. Por conseguinte, o itinerário do saco dos tacos não constitui uma má notícia. O seu desaparecimento posterior só nos preocupa

indiretamente, pois nunca poderíamos esperar encontrar o driver. Mas quem o fez desaparecer e porquê?

— De acordo, mas quem veio lhe pedir que restituísse a recompensa intacta e por que motivo? Já sabíamos que havia alguém na família com ideias extravagantes.

— É mais fácil reconhecer um estilo numa frase do que numa palavra isolada, lembrou, sacudindo um dedo na minha direção. — Em todo o caso, a remoção do saco dos tacos do teatro do crime foi direta, arrojada e decisiva, ao passo que a visita ao nosso escritório, embora direta, constituiu um mero ato de desespero.

— Os médicos conhecem venenos a fundo.

— Pois, esse doutor Bradford é satisfatoriamente decidido. Fui informado, hoje, por três vezes, de que estava muito ocupado para vir ao telefone, e foi me veiculada a advertência não muito velada de que a situação se manteria por um período indeterminado. Tenciona recomençar as diligências, de manhã?

— Começarei pelo clube e depois voltarei à cidade para visitar o consultório do doutor Bradford. É pena o Kimball mais velho estar ausente, pois gostava de liquidar a questão do quarteto de uma vez por todas. Acha que Saul Panzer desfrutaria com uma viagem a Chicago?

— Custaria mais de cem dólares.

— Não seria um rombo muito grande nos cinquenta lençóis.

— É um mão-aberta, Archie declarou, meneando a cabeça. — Parece-me absolutamente desnecessário. Certifiquemo-nos primeiro de que não existe nenhum assassino na área mais próxima do local do crime.

— Muito bem. Pus-me de pé e me espreguicei. — Boa noite.

— Boa noite, Archie.

* * *

Onze

HAVIA UM PONTO na estrada do qual se avistava o Green Meadow, mas a uma distância considerável. Para alcançá-lo, precisava se passar a uma estrada mais estreita ladeada de árvores e a seguir descrever uma série de curvas. A casa do clube, também com um arvoredo em volta, se situava no topo de uma colina não muito elevada. A um lado, havia várias quadras de tênis e uma piscina, ao passo que o resto do terreno se compunha de extensos relvados para a prática do golfe. Existiam dois greens principais, cada um com dezoito buracos, e o quarteto de Barstow começara jogando no do lado norte, um pouco mais extenso que o outro.

O profissional do clube que jantara conosco em casa de Wolfe segunda-feira ainda não se achava presente quando cheguei e só o esperavam depois das onze da manhã, pelo que o único elemento de apresentação que eu podia exhibir era o telefonema de Larry Barstow da véspera, recebido pelo administrador. O homem se mostrou atencioso e me acompanhou à presença do chefe dos caddies.

Dois daqueles com quem eu pretendia falar não trabalhavam na quarta-feira, porquanto os estabelecimentos escolares que frequentavam ainda não tinham encerrado o ano, e os outros dois se encontravam em algum lugar em serviço. Movi-me de um lado para o outro durante uma hora, tentando descobrir alguém que me permitisse encher uma página do bloco-de-notas, mas em termos de informações interessantes o

peçoal da casa se revelava tão útil como um grupo de esquimós. Por fim, subi no conversível e rumei para White Plains.

O gabinete do xerife se situava no mesmo edifício do de Anderson, que eu visitara seis dias atrás, numa tentativa para obter aceitação da aposta de Wolfe, e quando passei diante da porta com os dizeres **PROMOTOR PÚBLICO** coloquei a língua de fora. O xerife não estava, mas, por sorte, havia um médico entretido a assinar documentos e, para cúmulo, era o que autopsiara Barstow. Antes de sair de casa, eu telefonara para Sarah, e agora aquele médico me revelou que recebera uma ligação de Lawrence Barstow, para comunicar que eu visitaria o gabinete do xerife como representante da família. Não pude deixar de refletir que o rapaz ainda acabaria por mudar a roda do meu carro cada vez que tivesse um furo.

No entanto, me retirei virtualmente de mãos abanando. Tudo o que o médico me disse já eu lera nos jornais, três dias antes, à parte uma porção de termos técnicos que a imprensa decidira não reproduzir com receio de que se verificasse uma greve nas tipografias. Não costumo franzir o sobrolho perante os vocábulos dessa natureza, pois reconheço que há muitas coisas que se não podem exprimir de outro modo, porém a longa arenga do médico, depois de espremida, se resumia ao seguinte: não se podia obter nada de concludente no tocante ao veneno que vitimara Barstow, porque ninguém o conseguira analisar. Tinham sido enviados tecidos adicionais ao laboratório de Nova Iorque, mas ainda não chegara qualquer relatório. A agulha fora levada pelo promotor público e se supunha que a submetiam a testes noutra local.

— De qualquer modo concluí, — Não há possibilidade de ele ter morrido de velho ou algo do gênero? Foi mesmo envenenado? Sucumbiu a morte violenta?

— Sem a menor dúvida. Devido a algo de particularmente virulento. A hemólise...

— Aqui para nós, qual é a sua opinião de um médico que examina um homem acabado de morrer disso e diagnostica trombose coronária?

Empertigou-se, como se acabasse de ser assolado por rigor mortis, mas mais rapidamente do que em circunstâncias normais.

— Não é um assunto que eu possa decidir, Mister Goodwin.

— Ninguém lhe pediu que decidisse coisa alguma. Limitei-me a pedir a sua opinião.

— Não tenho nenhuma.

— Quer dizer tem, mas prefere guardá-la para si. Está bem. Muito grato pela atenção concedida.

A caminho da saída do edifício, tive vontade de procurar Derwin para lhe pedir o número do telefone de Ben Cook ou outro gracejo do gênero, mas tinha coisas mais importantes em que pensar. Quando voltei ao Green Meadow Club era quase meio-dia e, entretanto, decidira que a vida careceria de todo e qualquer atrativo até que me fosse concedido o prazer de conhecer o Dr. Bradford.

Os outros dois caddies se encontravam presentes. O chefe mandara-os esperar por mim e lhes propus um acordo: iria comprar sanduíches, dois por cabeça, bananas, sorvetes e cerveja e procuraríamos uma sombra para comer e conversar em alegre confraternização, desde que não exigissem o pagamento do tempo perdido. Concordaram com prontidão, fomos buscar as provisões no bar e saímos em busca de uma árvore frondosa. Um deles pálido e magro, de cabelo castanho fora caddy de Manuel Kimball, e o outro de Peter Barstow. Este último era atarracado e sardento e atendia pelo nome de Mike Allen. Depois de nos instalarmos debaixo da árvore, antes mesmo de cravar os dentes num dos sanduíches pela primeira vez, declarou:

— Não nos pagam.

— Então, trabalham por esporte?

— Só recebemos quando acompanhamos um jogador de golfe. Por conseguinte, não se pode dizer que perdemos o nosso tempo. As próximas partidas não serão realizadas antes do meio da tarde.

— Mas isso é uma atitude muito honesta de sua parte. Se não tomarem cuidado, ainda arranjam emprego num banco.

Enquanto comíamos, estimei-os a falar do quarteto de Barstow. A avaliar pela maneira como se exprimiam, era fácil entender que haviam feito a descrição mais de um milhar de vezes, perante Anderson e Corbett, evidentemente, os outros caddies, as famílias e amigos. Tinham resposta pronta em relação a todos os pormenores, o que tornava inútil esperar obter algum elemento novo, porquanto haviam pintado o quadro tão repetidamente, que o faziam de olhos fechados. Isto não significa que eu contasse com alguma revelação sensacional, porém o convívio com Wolfe me ensinara que a moeda rola sempre para o canto aonde a luz não chega. Consumidas os sanduíches e o resto, verifiquei que o magro de cabelos castanhos esvaziara o saco por completo, pelo que o dispensei, me mantendo mais uns minutos na companhia do colega sardento, pois notara que era mais observador e existia a possibilidade de ter reparado em algum pormenor. Por exemplo, como reagira o Dr. Bradford quando se apresentara no local do crime. Todavia, ele apenas se recordava de que o médico parecia ofegante por ter vindo correndo e apresentava palidez e calma ao se levantar, depois de examinar Barstow. Abordei o assunto do saco dos tacos, e o rapaz se mostrou categórico. Colocara-o no carro de Barstow, apoiado ao banco da frente.

— Devia estar excitado, na altura, observei. — Não terá feito confusão? Talvez o tenha levado para outro carro.

— Impossível, porque o de Mister Barstow era o único.

— Ou guardou o saco de outro jogador.

— Não, senhor. Não sou estúpido a esse ponto. A experiência de um caddy lhe permite se certificar de que não falta nenhum taco, olhando as cabeças. Depois de apoiar o saco no banco da frente, fiz isso e me lembro de ver todas as cabeças novas.

— Cabeças novas?

— Sim, eram todas novas.

— Porquê? Barstow tinha-as mandado substituir?

— Não, senhor. Eram tacos novos. Estavam no saco que a esposa tinha lhe presenteado.

— O quê! Fiz uma pausa, pois não queria impressioná-lo. — Como sabe que foi a mulher que o presenteou?

— Ele próprio me disse.

— A que propósito?

— Quando o procurei, me apertou a mão e se mostrou contente por me ver, o que não admira porque era um dos meus bebês...

— Espera aí, Mike. Que história é essa dos seus bebês?

— É o nome que lhes damos, explicou, com um sorriso. — Quando um jogador prefere determinado caddy e não quer outro, é o nosso bebê.

— Muito bem. Continue.

— Mostrou-se contente de me ver, e quando peguei o saco notei que os tacos eram todos Henderson, novinhos em folha, e ele disse que se alegrava por me ver admirar o presente que a esposa tinha lhe dado no aniversário.

Restavam duas bananas e lhe ofereci uma, observando-o em silêncio enquanto a descascava. Transcorrido um momento, perguntei:

— Sabia que Barstow foi morto por uma agulha envenenada disparada da pega de um taco driver? Tinha a boca cheia e aguardou que parte do conteúdo deslizesse pela garganta, antes de responder:

— Bem, ouvi dizer.

— E não acredita?

— Precisavam de me convencer, declarou, abanando a cabeça.

— Porquê?

— Bem... Tornou a cravar os dentes na banana e moveu as mandíbulas em silêncio por uns segundos. — Não acho possível. Estou farto de pegar em tacos de golfe, e não entendo como se poderia fazer.

— É um cético, comentei, com um sorriso. — Sabe o que o meu patrão diz? O ceticismo é um bom cão de guarda, desde que acertemos

no momento em que devemos soltar a trela. Quando foi o aniversário de Barstow?

Replicou que não fazia a menor ideia. Sondei-o durante mais alguns minutos, mas a fonte parecia ter secado por completo. De resto, o período do almoço terminara e os jogadores da parte da tarde principiavam a chegar, ao mesmo tempo que Mike desviava os olhos para os bancos dos caddies e perdia o interesse em mim. Preparei-me para me levantar e anunciar o fim do piquenique, contudo ele se antecipou. Pôs-se de pé num salto, daqueles que só as pernas dos adolescentes permitem, e disse apressadamente:

— Desculpe, mas está ali um dos meus bebês.

Recolhi os papéis e cascas de banana e entrei no clube, onde havia muito mais gente do que quando eu chegara, pelo que acabei por ter de mandar chamar o administrador porque não conseguia encontrá-lo. Apesar de ocupado, me dispensou o tempo para indicar onde se situava a biblioteca. Esquadrinhei as prateleiras e não demorei a descobrir o pesado volume intitulado *WHO'S WHO IN AMERICA*, que abri na página que já lera no escritório de Wolfe:

BARSTOW, Peter Oliver, escritor, educador, físico; n. Chatham, 111., 9 de abril de 1875...

Tornei a colocar o livro no seu lugar, me dirigi ao átrio, onde vira algumas cabinas telefônicas, disquei o número da residência dos Barstow e perguntei a Sarah se me podia conceder uns minutos, pessoalmente. A propriedade ficava a alguns quilômetros fora do meu percurso de regresso a Nova Iorque, mas me interessava aproveitar a oportunidade para esclarecer um pormenor. Quando atravessava o terraço em direção ao local onde deixara o conversível, cruzei com Manuel Kimball. Embora estivesse com outras pessoas, me acenou com a cabeça em

saudação, que retribuí, e calculei o que dizia aos companheiros, pois estes se voltaram para trás e me olharam com curiosidade.

Dez minutos mais tarde, me encontrava à entrada da residência, e Small me conduziu a uma saleta em que eu não estivera na visita anterior. Sarah apareceu quase imediatamente. Achava-se pálida e reservada, e depreendi que o meu telefonema devia tê-la alarmado, embora não fosse essa a intenção. Reconheci para comigo que me revelara pouco explícito e agora me arriscava a obter uma reação desnecessária e prejudicial aos meus interesses. Levantei-me, todavia ela não se sentou.

— Não lhe tomarei muito tempo, garanti. — Na verdade, nem voltaria a incomodá-la tão cedo se não surgisse um fato que me despertou curiosidade. O aniversário de seu pai era em nove de abril?

Assumi uma expressão angustiada, como se tivesse dificuldade em respirar, e acabou por assentir com uma inclinação de cabeça.

— Sua mãe lhe presenteou com um saco de tacos de golfe, este ano? Acrescentei.

— Ah!... Exclamou, e pousou a mão no espaldar de uma cadeira.

— Acalme-se. Creio que sabe que Nero Wolfe não lhe mentiria e, como trabalho para ele, pode aceitar que o digo. Haveria a possibilidade de fazermos perguntas ardilosas a seu respeito, mas não a iludiríamos. Se pensar que o driver com que seu pai se matou pertencia ao saco de tacos oferecido por sua mãe, labora em erro. Dispomos de motivos para acreditar que tal não podia ter acontecido.

Limitava-se a me olhar, de lábios trêmulos, mas sem se abrirem. Duvido de que conseguisse se conservar de pé se não se apoiasse na cadeira, cujo espaldar segurava com dedos crispados.

— Talvez lhe comunique uma novidade ou talvez não, prossegui,
— Mas vim procurá-la assim que descobri. Se lhe for útil, utilize-a à sua vontade e, de caminho, pode retribuir o gesto. Não me repugnava receber um pouco de colaboração. Era o presente de aniversário que a preocupava? Conseguiu finalmente que a língua voltasse a funcionar, mas não foi além de:

— Não acredito que me mentisse. Seria muito cruel.

— Inteiramente de acordo. Mas mesmo que mentisse, estou ao corrente do presente, pelo que pode responder à minha simples pergunta sem elevar a temperatura. Era isso que a preocupava?

— Era murmurou. Isso... E... Sim, era isso.

— E o que mais?

— Nada. Minha mãe...

— Sim. Inclinei a cabeça. — Ela tinha ideias fantásticas acerca do seu pai durante as crises, e uma delas levou-a a lhe dar o saco de tacos no aniversário. Que mais?

— Nada. Retirou a mão do espaldar da cadeira, mas tornou a pousá-la. — Acho que... Vou me sentar.

Segurei-lhe no braço e ajudei-a a se instalar. Em seguida, fechou os olhos e aguardei pacientemente que voltasse a abri-los.

— Tem razão. Preciso me acalmar. Toda esta tensão me arrasou os nervos. Durante muito tempo julguei minha mãe uma mulher maravilhosa. E ainda julgo, tenho a certeza de que é. Mas se criou uma situação tão horrível! O doutor Bradford está convencido de que, com a morte de meu pai, ela se recomporá por completo, não conhecerá mais... Dificuldades. No entanto, por muito que a estime, julgo o preço muito elevado. Creio que ficaríamos melhor sem a psicologia moderna, pois tudo o que nos revela é horrível. Foi por sugestão de meu pai que estudei.

— De qualquer modo, é menos um peso no seu espírito.

— Sim. Ainda não o avalio bem, mas com o tempo acabará por acontecer. Devia estar grata, Mister Goodwin. Perdoe-me. Diz que

minha mãe não teve nada a ver... Não podia...

— O driver que matou o seu pai não estava em parte alguma no dia nove de abril. Não existiu até um mês mais tarde.

— Tem certeza?

— Mais do que absoluta.

— Enfim, sempre é uma boa notícia.

Tentou sorrir e lhe admirei a coragem, pois era óbvio que as preocupações e a mágoa continuavam presentes. Qualquer pessoa com um átomo de decência no organismo teria se despedido, para que ficasse só com a boa nova que lhe transmitira, mas o dever profissional estava acima de tudo e não me parecia certo perder o ensejo de aproveitar a sua amargura para explorar um ponto vital.

— Não quer se valer da oportunidade para me dizer quem levou o saco dos tacos do carro e onde se encontra neste momento? Sobretudo, agora que sabemos que o driver não é o que se encontrava nele quando sua mãe o ofereceu a seu pai?

— Foi Small que o retirou do carro informou, sem hesitar. O meu coração sofreu um sobressalto, como quando via os lábios de Wolfe se franzirem para fora. Ela ia revelar tudo! Sem lhe dar tempo para refletir, inquiri:

— Para onde o levou?

— Para cima, ao quarto de meu pai.

— Quem o tirou de lá?

— Eu. Sábado à noite, após a visita de Mister Anderson. Os seus homens revistaram a casa no domingo.

— Onde o escondeu?

— Segui de carro até Tarrytown, entrei no ferryboat e lancei-o ao rio. Tinha-o enchido de pedras.

— Ainda bem que não a seguiram. Examinou o driver, sem dúvida. Quebrou-o?

— Não, estava com pressa.

— Não o examinou? Quer dizer que nem sequer o tirou do saco para uma olhadela?

— Não.

— Tenho uma opinião mais elevada a seu respeito, declarei, arregalando os olhos de incredulidade. — Não a considero pateta a esse ponto. Pretende me iludir?

— Não. Palavra de honra que não, Mister Goodwin.

— Fez realmente tudo isso sem sequer observar o driver? A expressão de incredulidade se mantinha. — Entretanto, que faziam seu irmão e Bradford, jogavam bilhar?

— Não tiveram a mínima intervenção nisso.

— Mas Bradford garante que sua mãe se recomporá, agora que seu pai morreu.

— É a opinião dele... Interrompeu-se, e reconheci que a alusão à mãe constituía um erro da minha parte, pois voltara a ficar acabrunhada. Após uma longa pausa, me olhou e vi lágrimas pela primeira vez. — Queria que retribuísse a sua franqueza, Mister Goodwin. Aí tem a minha contribuição.

Algo nela, talvez as lágrimas, fazia-a parecer uma criança que desenvolvia esforços desesperados para se mostrar corajosa. Estendi a mão para lhe afagar o ombro e murmurei:

— É uma boa moça, Miss Barstow. Não lhe tomarei mais tempo. Segui para o vestíbulo, peguei no chapéu e saí.

Mas, refleti, de novo no conversível, rumo ao sul na autoestrada. Os mas abundavam. Entre outras coisas, e por muito que respeitasse a dedicação filial e simpatizasse com Sarah Barstow, teria experimentado uma satisfação especial em deitá-la sobre os meus joelhos, lhe levantar a saia e aplicar meia dúzia de palmadas por não haver examinado o driver. Necessitava de acreditar nela, e acreditava. O que me revelara não representava um produto da sua imaginação. Agora, o malfadado taco desaparecera para sempre. Com uma dose elevada de sorte e paciência,

talvez fosse arrancado das entranhas do rio, mas custaria muito mais dinheiro do que Nero Wolfe estava disposto a despende.

Quando atravessava White Plains, resisti com dificuldade à tentação de visitar o gabinete de Anderson e lhe dizer na cara: “Aposto dez dólares em como o saco de golfe que contém o driver responsável pela morte de Barstow repousa no fundo do rio Hudson, a meio caminho entre Tarrytown e Niack.”. Não seria má ideia, pois talvez enviasse dois ou três barcos com o material adequado ao local e o pescasse. No entanto, dada a maneira como as coisas se desenrolaram posteriormente, ainda bem que não o fiz.

A princípio, tencionava regressar a Nova Iorque por um percurso diferente a estrada de Blueberry e, por mera curiosidade, dar uma espreitadela no local onde o corpo de Carlo Maffei fora encontrado. Não porque acalentasse a esperança de que o assassino tivesse deixado lá o alfinete de gravata ou a carteira de motorista, mas apenas por subscrever a opinião de que não perderia nada com isso, exceto tempo. Mas o desvio para conversar com Sarah Barstow me provocara um atraso considerável e desejava efetuar uma chamada na city. Por isso, escolhi o caminho mais curto. Entrei numa cabine de um drugstore de Park Avenue e telefonei para Wolfe. Ele contatara com o consultório de Bradford mais uma vez, por volta das onze e meia, mas a situação não se alterara: muito ocupado para atender telefonemas. Em seguida, me mandou lá, embora eu nutrisse reduzidas, se é que alguma, esperanças de que me recebesse. Necessitei de menos de dez minutos para alcançar a Sixty-ninth Street, e estacionei junto da esquina.

O Dr. Nathaniel Bradford tinha um consultório de se tirar o chapéu em mais do que um sentido. O átrio de entrada era suficientemente espaçoso para conter uma fiada de pacientes de cada lado e a antecâmara tinha dimensões impressionantes. A iluminação, tapeçarias, quadros nas paredes e cadeiras tornavam bem claro, que tudo o que se fazia era em alto nível, inclusive as contas dos pacientes. No

entanto, as cadeiras se achavam vazias, e a recepcionista de bata branca imaculada, atrás da mesa, ao canto, comunicou que o Dr. Bradford não estava. Parecia admirada por eu desconhecer o fato, como se ignorasse que o domingo antecedia sempre a segunda-feira, e perguntou se era um antigo paciente. A seguir, explicou que o médico nunca chegava ao consultório antes das quatro e meia, nem recebia ninguém sem marcação prévia. Quando repliquei que era precisamente o que pretendia, marcar consulta, arqueou as sobrancelhas, e eu me retirei.

Vendo que eram apenas três horas, reconheci a inutilidade de ficar ali à espera e regressei ao conversível, em busca de uma ideia para passar o tempo. Não tardou a surgir uma, e assaz atraente. Entrei num restaurante da Park Avenue para consultar a lista telefônica, voltei para o carro, liguei o motor, rumei à Fifth Avenue e prossegui em direção ao centro da cidade. Uma vez na Forty-first Street, virei para leste. Como de costume, não havia espaço para estacionar, pelo que tive de continuar quase até à Third Avenue para descobrir uma nesga suficientemente larga para estacionar o conversível. Retrocedi a pé ao longo de quase dois quarteirões e descobri que o número que procurava correspondia a um dos novos edifícios de escritórios com um quilômetro de altura. A placa à entrada indicava que o alvo do meu interesse se situava no vigésimo andar. O elevador disparou para cima e localizei a porta que procurava ao fundo do corredor: “Arquivos Médicos Metropolitanos”. Havia um jovem, e não uma jovem, atrás da mesa na antecâmara, o que me pareceu curioso, para variar.

— Desejava lhe pedir um favor, se não estiver muito ocupado. Têm algum registo dos encontros de associações médicas em Nova Iorque, em cinco de junho último?

— Deus sabe que o trabalho não diminui, replicou, com um sorriso. — Sim, temos o que pretende. Só um momento. Cinco de junho? Dirigiu-se a um maço de revistas numa prateleira e retirou a do topo. — Devem figurar na nossa última edição. Começou a folheá-la, suspendeu a operação aproximadamente a meio e leu. — Não, não vem

nada na data que indica... Ah, aqui está! Os encontros mais importantes costumam aparecer no fim. No dia cinco de junho, a Sociedade de Neurologia de Nova Iorque realizou um congresso no Hotel Knickerbocker.

Perguntei se podia olhar e ele me estendeu a revista. Li o parágrafo com curiosidade e observei:

— Vejo que se trata do anúncio do encontro, publicado antes da sua realização, naturalmente. Não tem nada posterior? Um relatório ou mera confirmação de que na realidade se efetuou?

— Só na nossa próxima edição. Procurava alguma informação em especial? Os jornais diários devem ter se referido ao assunto.

— É possível. Ainda não bati nessa porta. Interessa-me ler uma alusão à palestra do doutor Bradford. Na realidade, apenas pretendo saber se esteve lá.

— Nesse caso, porque não lhe pergunta?

— Não o queria incomodar aleguei, com um sorriso. — Calhou ter de vir para estes lados e resolvi aproveitar a oportunidade e passar por aqui para poupar tempo.

— Hum... Assumi uma expressão pensativa. — Aguarde um instante. Desapareceu através da porta de uma sala, para regressar pouco depois. — Mister Elliot garante que o doutor Bradford participou do encontro e fez a sua palestra.

Esclareceu que Elliot era o editor da Record, a revista que consultara. Perguntei se podia falar com ele, e o rapaz voltou a se ausentar. A porta se abriu mais uma vez, transcorrido um momento, para dar passagem a um indivíduo alto e rubicundo, em mangas de camisa.

— O que está acontecendo afinal? Inquiriu em tom quase ríspido.

Quando expliquei, limpou a transpiração da fronte com o lenço e disse que assistira ao encontro e escutara a palestra do Dr. Bradford, aplaudida demoradamente. O fato seria mencionado com o devido realce no número de agosto da Record. Fiz-lhe mais algumas perguntas, a que respondeu sem a aparente agressividade inicial. Muito pelo contrário, se mostrou mesmo atencioso. “Sim”, se referia ao Dr. Nathaniel Bradford, com consultório na Sixty-ninth Street, que conhecia há vários anos. Não fixara a hora a que o médico chegara ao hotel, mas o encontro incluía um jantar, e ele vira-o sentado à mesa desde as sete e na plataforma dos oradores até às dez e meia.

Creio que me retirei sem agradecer. Enquanto me instalava no conversível e ligava o motor, estava furioso como um cachorro que tivessem acabado de pisar. Que ideia fora aquela de comparecer num encontro de neurologistas para realizar uma palestra, quando eu o situara no condado de Westchester entretido a cravar uma faca no corpo de Carlo Maffei? Receio que tardasse cerca de um ano a ser recebido pelo Dr. Nathaniel Bradford, se não estivesse tão agastado quando voltei a visitar o consultório. Desta vez, havia dois pacientes à espera. E ele estava. Pedi papel para escrever à recepcionista, me sentei, pousei-o numa revista e puxei do lápis.

Dr. Bradford:

Nos últimos dias, estava convencido de que era um assassino, mas compreendo agora que não passa de um velho tonto. E o mesmo se aplica a Mistress Barstow e respectivos

filhos. Basta que me conceda três minutos para lhe explicar como o descobri.

Archie Goodwin, enviado por Nero Wolfe.

Quando o segundo paciente emergiu do consultório, tinham chegado outros, e me aproximei da mesa, para comunicar à recepcionista que eu era a seguir. Impacientou-se e começou a me explicar a mecânica da marcação de consultas, mas interrompi-a.

— O Sol não se porá mais tarde se lhe entregar este bilhete. Palavra de honra que tenho pressa. Seja humana. Deixei uma irmã de colo sozinha em casa. Não leia, porque introduzi dois ou três palavrões para incutir veemência ao texto.

Exibiu uma expressão de repulsa, mas aceitou o papel e desapareceu com ele através da porta utilizada pelos pacientes. Passou um momento, assomou e proferiu o meu nome. Entrei sem deixar o chapéu na recepção, porque houvera tempo suficiente para telefonar à polícia. Uma simples olhadela ao Dr. Bradford bastou para me convencer de que desperdiçara uma porção de suspeitas agradáveis que podiam ter sido evitadas se o tivesse visto antes em algum lugar. Era alto, de atitude grave e correta, o típico cavalheiro idoso distinto, e usava suíças! Talvez tivesse havido um período histórico em que era possível um fulano com suíças abundantes como aquelas puxar de uma faca e mergulhá-la nas costas de alguém, mas fora há muito tempo. Hoje em dia, não havia possibilidade. As suas eram grisalhas, como o cabelo. Para dizer a verdade, por inatacável que o seu álibi para o dia cinco de junho se apresentasse após a minha visita à Forty-First Street, ansiara por descortinar um ponto frágil nele até que o vira na minha frente. Aproximei-me da mesa atrás da qual se sentava e aguardei. No entanto, deixou a recepcionista se retirar e fechar a porta, antes de dizer:

— Chama-se Goodwin. Também é um gênio?

— Sim, senhor. Sorri. — Aprendi com Nero Wolfe. Recordo-me de ele dizer a Miss Barstow que se considerava um gênio e ela deve ter lhe repetido. Talvez supusesse que não passava de um gracejo, doutor?

— Não. Mantive o espírito aberto. Mas quer você seja um gênio quer um mero pateta impertinente, não posso fazer esperar os pacientes. Que significa o bilhete que me fez chegar às mãos: um engodo? Tem três minutos para se explicar.

— Chegam e sobram. Nero Wolfe descobriu determinados fatos, graças aos quais chegou a certa conclusão quanto à causa e circunstâncias da morte de Barstow. Quando a autópsia confirmou essa

conclusão, estabeleceu implicitamente os seus fatos, ou seja, tornou-os uma parte inseparável da imagem global, pelo que quem praticou o assassinio tem de satisfazê-los. Ora, nenhum dos Barstow os satisfaz. O doutor também não, nem pouco mais ou menos.

— Continue.

— Continuo?

— É um bom prelúdio geral. Especifique.

— De modo algum. Abanei a cabeça com veemência. — Não é assim que nós, gênios, funcionamos. Não pode nos sacudir para esvaziar, como um saco de amendoins. Em primeiro lugar, demoraria muito mais que os três minutos impostos. Em segundo, que espera em troca de nada? É preciso arrojo. Aconteceu algo que o colocou num estado de perturbação de tal ordem que não distingue uma trombose coronária de um ataque epiléptico e o impede de atender o telefone, e acha bem que Nero Wolfe despenda o seu tempo e dinheiro para lhe desanuviar o panorama, mas sem que ele se atreva a incomodá-lo. Precisei de lhe enviar um bilhete caprichoso para poder ter a honra de admirar as suas frondosas suíças. Sim, é preciso arrojo.

— A sua indignação é eloquente e pitoresca, mas não demonstra nada além de indignação. Olhou o relógio. — Julgo desnecessário lhe dizer que estou profundamente interessado. E embora continue a considerar a vocação de originar escândalos a partir das sepulturas um método de ganhar a vida a todos os títulos execrável, lhe ficaria sumamente grato, Mister Goodwin, e a Nero Wolfe, se o prelúdio que expôs fosse comprovado. Pode voltar às seis e meia?

— Não passo de um mensageiro. Nero Wolfe janta às sete em ponto e vive na West Thirty-fifth Street. Convida-o para lhe fazer companhia à mesa esta noite. Aceita?

— Nem pensar.

— Muito bem. Nada mais. Começava a me fartar do vaivém de palavras. — Se contrair uma erupção cutânea por se coçar de curiosidade, não nos atribua a culpa. No fundo, não necessitamos de nada do que possui. Gostamos apenas de limpar o terreno à medida que avançamos. Os meus três minutos chegaram ao fim.

Dei meia volta para sair. Embora não me movesse apressadamente, ainda cheguei a pousar a mão no puxador da porta.

— Mister Goodwin... Virei-me para trás sem retirar a mão do puxador. — Aceito o convite de Mister Wolfe. Lá estarei, às sete.

— Muito bem. Indicarei o endereço à recepcionista. E saí.

* * *

Doze

TENHO me perguntado com frequência quantas pessoas haverá em Nova Iorque às quais Nero Wolfe poderia pedir dinheiro emprestado. Mais de mil, sem dúvida. É claro que existiam muitas mais que lhe estavam gratas e um número não menos elevado com motivos para odiá-lo, mas há um tipo de atitude especial que um homem tem de assumir para com o próximo antes de solicitar um empréstimo e obter em troca algo de mais substancial que um franzir de sobrolho e uma desculpa vaga, uma mistura de confiança, boa vontade e gratidão, sem qualquer sentimento de obrigação para torná-la desagradável. Mil, pelo menos. Mas Wolfe nunca tirava partido disso. Recordo-me de, cerca de dois anos atrás, atravessarmos um período de dificuldades financeiras e eu apresentei uma sugestão relativa a um multimilionário que não lhe devia muito mais do que a vida. Todavia, ele nem quis considerar a hipótese. “Não, Archie, a natureza providenciou para que, quando se supera uma determinada inércia, a aceleração resultante é proporcional. Se começasse a contrair empréstimos, acabaria por conceber meios para convencer o secretário do Tesouro a me emprestar as reservas de ouro.”. Repliquei que, em face do estado de coisas, teríamos em que empregá-las, mas se recusou a me escutar.

Após o jantar daquela quarta-feira, eu podia ter acrescentado o nome do Dr. Nathaniel Bradford à lista dos mil. Wolfe conquistou-o por completo, como acontecia sempre que se esforçava um pouco. Entre as seis e as sete, antes da chegada do médico, fiz a um relatório condensado dos eventos do dia e, durante a refeição, verifiquei

imediatamente que Wolfe concordava comigo na eliminação de Bradford da lista dos suspeitos. Mostrou-se descontraído e informal, e, ao meu olhar experiente, permanecia sempre apegado a uma base formal, enquanto lhe subsistia na mente uma possibilidade de o interlocutor estar destinado à frigideira de Sing-Sing ou a uma cela permanente em Auburn, com a viagem de acesso subsidiada por ele próprio.

Enquanto comiam, discutiram jardins, economia e situação atual do Partido Democrata. Wolfe emborcou três cervejas e Bradford uma garrafa de vinho, ao passo que eu me limitava ao leite, embora tivesse ingerido um pouco de rye no meu quarto. Depois de informar Wolfe sobre o método execrável de ganhar a vida mencionado pelo nosso convidado e acrescentar a minha opinião, ele me recomendara: “Isola, Archie. O ressentimento pessoal de uma afirmação generalizada constitui um resquício bárbaro de uma superstição feiticista.”. Quando eu replicara que se tratava de mais uma das suas observações pretensiosas destituídas de significado real, vovera: “Engana-se. Abomino as observações pretensiosas destituídas de significado. Se um homem constrói um boneco, veste-o e pinta para assumir o seu aspecto exterior exato e depois lhe aplica um murro na cara, o seu próprio nariz sangra?”. “Não”, admitira eu, “mas o deste sangrará antes de eu acabar de lhe tratar da saúde.”. Wolfe exalava um longo suspiro e pusera termo à controvérsia com a tirada: “Ao menos, reconhece que a minha observação não era destituída de significado.”.

No escritório, após o jantar, ele disse a Bradford que desejava lhe fazer algumas perguntas, mas começaria por expor a situação. Assim, revelou tudo: Maffei, o recorte do jornal, a pergunta a Anna Fiore sobre o taco de golfe no quarto da pensão, a aposta apresentada a Anderson e a carta recebida por Anna com os cem dólares. Depois de descrever tudo com a máxima clareza, disse:

— Até aqui, não lhe solicitei qualquer promessa, mas agora sugiro que guarde segredo de tudo o que ouviu. Formulo o pedido no meu próprio interesse. Pretendo ganhar cinquenta mil dólares.

Entretanto, o estado de espírito de Bradford se alterara. Embora ainda procurasse determinar concretamente a verdadeira posição do anfitrião, já não acalentava ideias hostis, e o vinho induzia-o a suspeitar de que se achava em presença de um velho amigo.

— É uma história extraordinária, admitiu. — Extraordinária. Sem dúvida que não a mencionarei a ninguém e agradeço a confiança que deposita em mim. Não posso dizer que digeri todas as implicações, apesar de reconhecer que a sua revelação da verdade no tocante a Barstow representou uma parte necessária do esforço para descobrir o assassino de Maffei. E vejo que aliviou Sarah e Larry Barstow do peso intolerável do medo e a mim mesmo de uma responsabilidade que começava a se tornar esmagadora. Creia que lhe estou profundamente grato.

— Há sutilezas, decerto, algumas das quais lhe escapam. A única coisa que provamos é que dos quatro, Mistress Barstow, os filhos e o doutor, nenhum matou Carlo Maffei e o driver fatal não se encontrava no saco de tacos em nove de abril. Subsiste a possibilidade de um dos quatro ou todos em conluio terem assassinado Barstow. Esta última teoria exigiria a intervenção de um cúmplice para eliminar Maffei. Subitamente um pouco menos condescendente, arqueou as sobrancelhas. No entanto, a expressão não tardou a se dissipar e a descontração reapareceu.

— Bobagem. O senhor não acredita nisso. Tornou a se empertigar.
— Mas porquê?

— Já chegaremos lá. Primeiro, gostaria de lhe fazer uma pergunta. A minha franqueza suscitou uma reação similar de sua parte?

— Decerto.

— Nesse caso, me diga, por exemplo, quando e como Mistress Barstow fez uma tentativa anterior contra a vida do marido. Era curioso

observar Bradford. Mostrou-se surpreso, para em seguida ficar rígido, até perceber de repente de que se denunciava e tentar compor um ar de espanto natural.

— Não compreendo. Acho a sua afirmação absurda.

— Calma, doutor. Wolfe sacudiu um dedo na sua direção. — Não me julgue capaz de recorrer a uma astúcia baixa. Limito-me a procurar fatos que se adaptem às minhas conclusões. Reconheço a conveniência de lhe revelar primeiro porque pus de parte a hipótese da sua culpabilidade ou dos Barstow. Não consigo senti-la. É apenas isso. Posso, claro, racionalizar a minha sensação ou sua ausência. Consideremos os requisitos. Uma esposa, filho ou filha que planeja a morte de Barstow com notável deliberação, argúcia e paciência. A morosa e intrincada preparação da arma do crime. No caso da culpabilidade da esposa ou da filha, um cúmplice matou Maffei. Se foi o filho, o mesmo requisito, porquanto não o fez ele próprio. Archie Goodwin esteve lá, e não permaneceria horas numa casa daquelas sem notar o fedor que o porco exalaria. O doutor também careceria de um cúmplice para matar Maffei. Passei o serão consigo. Embora fosse capaz de assassinar, não o faria assim, nem confiaria em qualquer colaborador. Isto é a racionalização. O que importa é a sensação.

— Então, porquê?...

— Deixe-me continuar. O doutor, observador qualificado e competente, diagnosticou um ataque cardíaco, quando as provas em contrário deviam ser inconfundíveis. Trata-se de conduta perigosa para um médico de certa reputação. Encobria alguém, evidentemente, e as declarações de Miss Barstow indicam quem. Ao ver Barstow morto, deve ter conjecturado em seguida que a esposa o matara, e não chegaria a semelhante conclusão sem um motivo de peso mais significativo que o simples fato de ela, nos seus momentos neuróticos, desejar o marido morto. Se isso constituísse homicídio, que cozinha deste país poderia fechar a porta ao carrasco? Não, o doutor possuía razões mais significativas para reagir assim: o conhecimento dos preparativos dela para o crime ou de uma anterior tentativa contra a vida de Barstow. Como os nossos fatos tornam a primeira condição inadmissível, me

inclino para a segunda e pergunto simplesmente quando e como ela fez essa tentativa. Peça-lhe apenas que complete o quadro dos elementos recolhidos, a fim de podermos relegar esses aspectos do caso para os confins da História.

Bradford refletia. O ar condescendente desaparecera, e se inclinava para frente na cadeira, enquanto acompanhava a exposição de Wolfe.

— Enviou alguém à universidade?

— Não.

— Eles estão ao corrente da situação. Nesse caso, deduziu tudo. Em novembro passado, Mistress Barstow alvejou o marido com um revólver, mas a bala se perdeu. Logo a seguir, teve uma crise.

— Um ataque. Wolfe assentiu com um movimento de cabeça. Não se insurja com o termo, porque foi isso mesmo, por muito que pretenda dourar a realidade com uma expressão mais técnica. Mas continuo surpreso, doutor. Será permitido inferir um plano diabólico maduramente premeditado de um acesso de violência homicida temporário?

— Não fiz nenhuma inferência do gênero. Bradford parecia exasperado. — Encontrava-me perante o meu melhor amigo morto, obviamente envenenado. Podia lá saber que veneno fora empregado, quando ou como! Estava, porém, ao corrente do que Ellen... Mistress Barstow dissera na véspera. Deixei-me guiar pelos sentimentos, como o senhor, só que os meus estavam errados. Consegui que o sepultassem sem que se levantassem suspeitas nem remorsos. Quando, mais tarde, houve a autópsia, com o seu surpreendente resultado, fiquei muito perturbado para agir com inteligência. Opus-me inutilmente ao desejo de Mistress Barstow de oferecer uma recompensa. Numa palavra, fiz asneiras em série. Eu não vira Wolfe apertar o botão, mas no momento em que o médico se calava Fritz surgiu à entrada.

— Um cálice de porto para o doutor Bradford e uma garrafa de Remmers para mim. Archie?

— Nada, obrigado.

— Idem para mim, disse Bradford. — De resto, tenho de me retirar. São quase onze horas e me aguarda uma longa jornada ao volante.

— Mas não me revelou a única coisa que pretendo saber, protestou Wolfe. — Mais quinze minutos? Até aqui, se limitou a confirmar algumas premissas de importância secundária. Não notou a minha sutileza para conquistar a sua confiança e estima? E apenas com o objetivo de lhe perguntar, e obter uma resposta completa e sincera, o seguinte: quem matou o seu amigo Barstow?

O médico arregalou os olhos, como se não acreditasse no que acabava de ouvir.

— Não estou bêbado. Contento-me em ser melodramático, prosseguiu Wolfe. — Aliás, me considero um ator nato. Penso que uma boa pergunta merece uma encenação adequada. Vai ter de sacudir a poeira da sua mente antes de poder responder convenientemente: a poeira resultante da sua precipitada e injusta inferência com respeito à sua amiga Mistress Barstow. Disso e das outras asneiras que cometeu. Entenda-se que é realmente verdade, apesar das ansiedades que acalentou ao longo de meses, que ela não matou o marido. Nesse caso, quem o fez? Quem, com a paciência de um demônio e a frieza de um patife, preparou o brinquedo fatal para a mão dele? Suponho que o doutor era o seu mais velho e íntimo amigo?

— Sim, Pete Barstow e eu crescemos juntos.

— Existia uma confiança mútua? Embora interesses superficiais os separassem intermitentemente, apresentavam uma frente comum perante a vida?

— Põe a questão de forma admirável. Bradford estava comovido, o que transparecia na voz. — Uma confiança ao longo de cinquenta anos.

— Ótimo. Então quem o matou? Espero realmente algo de si, doutor. Que tinha ele dito ou feito para merecer a morte? Admito que o senhor não conhecesse toda a história, mas decerto se inteirou de um capítulo, um parágrafo, uma frase. Deixe o passado lhe sussurrar ao

ouvido. Talvez se trate de um passado distante. E deve ignorar a relutância, pois não lhe peço uma acusação. O perigo não reside em o inocente ser incomodado, mas em o culpado continuar em liberdade.

Fritz reapareceu com o cálice de porto e a cerveja, e o médico se reclinou na cadeira, com a bebida na mão e o olhar fixo no líquido dourado. Ergueu a cabeça, moveu-a para concordar e reatou a contemplação. Wolfe colocou parte da cerveja no copo, aguardou que a espuma se atenuasse e engoliu-a. Imaginava sempre que tinha um lenço no bolso do peito do casaco, o que raramente acontecia, pelo que abri a gaveta onde havia vários lavados e lhe entreguei um.

— Não escuto sussurros do passado, declarou finalmente Bradford.
— Estou surpreso e impressionado por não existir nenhum do tipo que menciona. Ao mesmo tempo, vislumbro outra razão pela qual me apressei a concluir que Mistress Barstow... Era responsável. Ou, melhor, irresponsável. Sabia, ou pressentia, inconscientemente, que mais ninguém podia tê-lo feito. Vejo agora, com maior clareza que nunca, que Pete Barstow era uma pessoa extraordinária. Quando rapaz, se mostrava indiferente, quase apático, ao que o rodeava, e quando adulto lutava por todos os direitos em que acreditava, mas juro que não havia homem ou mulher que o odiasse. Ninguém.

— À parte a esposa.

— Nem essa. Alvejou-o à distância de três metros e não acertou.

— Bem. Wolfe suspirou e ingeriu mais um trago da cerveja. — Receio não ter qualquer motivo para lhe agradecer, doutor.

— Acredito. Garanto-lhe que o ajudaria se pudesse. É curioso o que acontece no meu íntimo neste momento. Confesso que nunca o imaginaria. Agora que sei que Ellen está livre de suspeitas, deixei de desaprovar a recompensa que ofereceu. Sou mesmo muito capaz de aumentá-la. Deverei concluir que me animam instintos de vingança? Pelo Pete, talvez, pois tenho certeza de que ele reagiria assim se os papéis se invertessem.

Foi uma noite maçante, pela parte que me tocava. Nos últimos dez minutos, travei luta renhida com o sono e não ouvi a maior parte do que se dizia à minha volta. Parecia-me que Wolfe teria de desenvolver um sentimento por um novo tipo de fenómeno: homicídio por uma entidade abstrata. Seria a única maneira de a agulha ter penetrado no corpo de Barstow, pois ninguém a desejava lá. Foi uma noite maçante, mas acabei por descortinar motivo para sorrir. Bradford se levantou para sair e se aproximou da cadeira de Wolfe para as despedidas, mas vi-o hesitar.

— Tenho uma pequena dúvida. Devo lhe pedir desculpas. No consultório, esta tarde, disse um comentário indevido acerca do seu colaborador, algo relacionado com arrancar escândalos de sepulturas.

— Não compreendo, replicou Wolfe. — O que tinha o seu comentário a ver comigo? É claro que a única saída airosa para Bradford consistia em transpor a porta.

Depois de acompanhar o distinto cavalheiro e colocar o ferrolho, fiz escala pela cozinha para me munir de um copo de leite, a caminho do escritório. Fritz ainda lá se encontrava e, após lhe explicar que já desperdiçara suficiente vinho do porto de qualidade por uma noite, mandei-o fechar a loja. No escritório, Wolfe se reclinara na cadeira, com os olhos fechados, e me sentei em silêncio para saborear o leite. Esvaziado o copo, voltou a me invadir o tédio e decidi falar para não perder a prática.

— A situação é esta, senhoras e senhores. O problema consiste em descobrir para que raio serve consumir o gênio no valor de um milhão de dólares para sentir o fenómeno de uma agulha envenenada no abdômen de um homem, se se chega à conclusão de que ninguém a colocou lá. Ponhamos a questão noutros termos: se uma coisa vai parar onde ninguém a quer, que aconteceu? Ou então: se o saco de tacos esteve em casa dos Barstow nas vinte e quatro horas anteriores ao assassinio, porque não averiguar se algum dos empregados domésticos

acalentava ideias ainda mais estranhas que as de Mistress Barstow? É claro que, segundo as revelações de Sarah, não existe a mínima possibilidade de tal se verificar, e outra objeção consiste em que esta teoria não me atrai. Como me desagrada ter de investigar um punhado de criados! Não obstante, acho que passarei pela residência dos Barstow de manhã, para executar a tarefa. Tudo indica que a alternativa se cifra em dizer adeus aos cinquenta mil dólares. Este assunto é de fato incrível. Encontramo-nos no ponto exato em que principiámos. Não me importaria muito se houvesse alguém para me ajudar e não precisasse fazer o planejamento de tudo, além de correr de um lado para o outro, de manhã à noite, sem chegar a parte alguma...

— Continue, Archie urgiu, sem todavia abrir os olhos.

— Não posso, estou desolado. Sabe o que mais? Perdemos a partida. O assassino da agulha envenenada é melhor do que nós. Por muito que esquadrinhemos o terreno em busca de quem publicou o anúncio no jornal a pedir um especialista em trabalhos de metal, estamos arrumados.

— Vou reduzir a dose para um litro e um quarto por dia, anunciou, descerrando finalmente as pálpebras. — O que dá doze cervejas, mais ou menos. E agora vou me deitar. Iniciou os preparativos habituais para abandonar a cadeira e se pôs de pé. — Antes que me esqueça: pode se levantar relativamente cedo amanhã? Talvez chegue ao Green Meadow Club antes dos caddies saírem com os seus bebês. É o único termo de calão que trouxe recentemente, e considero a todos os títulos, apropriado. Quem sabe se consegue também raptar os dois que estão na escola? Convinha que estivessem aqui os quatro às onze horas. Comunique ao Fritz que teremos convidados para o almoço. Que costumam comer os rapazes dessa idade?

— Tudo.

— Então, lhe diga que arranje muito disso.

Depois de me certificar de que conseguia chegar ao elevador sem problemas, me recolhi ao quarto, acertei o despertador para as seis horas e me enfiei na cama.

* * *

De manhã, quando rolava mais uma vez na autoestrada, não me entretinha a cantar ao Sol. Agradava-me sempre fazer alguma coisa, mas corria escasso perigo de explodir de satisfação se suspeitava de que a minha atividade seria totalmente estéril. Não precisava que me dissessem que Nero Wolfe era um indivíduo brilhante, mas sabia que aquela reunião de caddies constituía uma mera diligência para descargo de consciência, por assim dizer, pelo que acalentava esperanças de êxito extremamente reduzidas.

A motocicleta, com o respectivo policial em cima, irrompeu bruscamente nas minhas cogitações. Com a estrada quase deserta àquela hora matinal, eu pisara no acelerador quase sem me dar conta e agora o funcionário fardado me mandava encostar e parar. Começou por me pedir os documentos, que lhe entreguei, após o que puxou o talão de multas.

— Não nego que excedi a velocidade permitida, mas me dirijo ao gabinete do promotor público de White Plains, Anderson, para lhe transmitir informações importantes sobre o caso Barstow. Fiz uma pausa para recobrar o alento. — Ele aguarda-as com ansiedade.

— Tem alguma carteira? Inquiriu, pousando o lápis no papel.

— Sou investigador particular declarei, mostrando um dos meus cartões-de-visita. — Foi o meu patrão, Nero Wolfe, que recolheu as informações.

— Está bem articulou, me restituindo-o, juntamente com os documentos do carro, — Mas evite se chocar com uma árvore. Passei a me sentir melhor. Era possível que, afinal, a sorte deixasse de nos voltar as costas.

Localizei dois dos caddies sem dificuldade, mas precisei de mais de uma hora para encontrar os restantes. Frequentavam estabelecimentos

de ensino diferentes e, conquanto um deles não me obrigasse a insistir para se deslocar a Nova Iorque, o outro se mostrou relutante. Primeiro, tentei os métodos suaves, mas, em face da sua inutilidade, apelei para o seu dever cívico de contribuir para que se fizesse justiça. Por último, com os quatro acomodados no conversível, me sentei ao volante e enveredei de novo pela autoestrada, prestando especial atenção ao velocímetro, a fim de evitar nova confrontação com um agente da Lei.

Chegamos às quinze para as onze e levei os rapazes à cozinha para que engolissem uns sanduíches, uma vez que só almoçaríamos à uma. Lembrei-me de levá-los à estufa, para que admirassem as orquídeas e ficassem devidamente impressionados, mas não havia tempo. Depois de tomar nota dos nomes e endereços, reparei que um, o pálido que fora caddy de Manuel Kimball, tinha a cara lambuzada e escoltei-o à banheiro, para que ficasse apresentável. Quando Wolfe fez a sua aparição, começava a me sentir uma espécie de chefe dos escoteiros. Mandei-os sentar numa fila diante dele, que surgiu com um ramo de *Cymbidiums* na mão. Após colocá-lo num jarrão em cima da mesa, se acomodou na cadeira e moveu os dedos sobre a correspondência. Dera bom-dia aos rapazes quando entrara e agora os contemplava com curiosidade, um a um, com o que conseguiu embaraçá-los.

— Desculpe, Archie, mas a encenação não é a melhor. Voltou-se para o da extremidade mais afastada, de cabelo ruivo e olhos azuis. — Como se chama, amigo?

— William A. Riley.

— Obrigado. Importa-se de mudar a cadeira para junto da parede? Isso, aí mesmo. Virou-se para o outro. — O seu nome? Depois de se inteirar das identidades de todos e dispô-los como desejava, perguntou: — Qual de vocês exprimiu a dúvida de que Peter Oliver Barstow tinha morrido em resultado de uma agulha envenenada disparada da pega de um taco de golfe?... Apenas pretendo estabelecer um clima de descontração. Qual foi?

— Eu, declarou Mike Atarracado.

— Ah, Michael Allen! Você é jovem, aprendeu a aceitar o lugar-comum, mas lhe falta aprender a excluir o exótico. Vou lhes contar uma história, rapazes. Prestem atenção, porque quero que a compreendam bem. Dá-se a circunstância de ser verdadeira. Realizou-se uma reunião de cem psicólogos, numa sala pública. Como talvez saibam, um psicólogo é um homem treinado para observar. Fora combinado, sem o conhecimento deles, que um indivíduo entraria na sala e avançaria pelo corredor central, seguido de outro de pistola em punho. Surgiu um terceiro por uma porta lateral. O segundo alvejou o primeiro e o terceiro derrubou o segundo e se apoderou da arma. Retiraram-se por portas diferentes. Um dos psicólogos se levantou então, impôs silêncio aos colegas apavorados e anunciou que tudo aquilo fora preparado, após o que lhes solicitou que redigissem imediatamente um relatório sobre o assunto. Assim fizeram e os trabalhos foram examinados e comparados. Nenhum estava inteiramente correto. Não havia dois que condissessem na íntegra. Um até referia que o terceiro homem alvejara o primeiro. Wolfe se calou e olhou em volta. — Terminei. Embora não me considere um bom contador de histórias, creio que abarcaram a ideia fundamental. Compreendem ao que me refiro?

Aquiesceram com movimentos de cabeça.

— Ótimo. Nesse caso, não lhes insultarei a inteligência com uma exposição. Continuemos com a nossa história. Vamos discutir a morte de Peter Oliver Barstow e, mais particularmente, os eventos desenrolados no primeiro tee que a antecederam. À uma hora, almoçaremos, para em seguida regressarmos aqui e reatar a sessão. Conversaremos durante toda a tarde, muitas horas, e é natural que se sintam cansados, mas não com fome. Quem tiver sono poderá dormir um pouco. Exponho o programa com todos os pormenores para que se compenetrem do empreendimento elaborado e difícil que se nos depara. Mister Goodwin ouviu dois dos seus estereótipos e suponho que os outros dois são praticamente idênticos. Chama-se estereótipo a uma coisa fixa que não contém qualquer possibilidade de se alterar. Não

espero que alterem as versões que forneceram do que aconteceu no primeiro tee. Limito-me a pedir que esqueçam os seus argumentos e discussões, as descrições que fizeram perante as famílias e amigos, todas as imagens que as palavras lhes imprimiram no cérebro, e regressem ao local em causa. Isto é vitalmente importante. Eu não hesitaria em me deslocar lá para conversarmos, mas as interrupções comprometeriam o esforço envolvido. Deste modo, nos socorreremos da imaginação para efetuarmos a transferência. Encontramo-nos, pois, no primeiro tee. É domingo à tarde. Larry Barstow escolheu dois de vocês e os outros acompanham os Kimball, para transportar os sacos de tacos. Acham-se em terreno tão familiar como as salas e quartos de suas casas. Dedicam-se a atividades a que estão tão acostumados que as executam quase automaticamente. As correias dos sacos lhe pendem dos ombros. Você, Michael Allen, ao avistar Mister Barstow, o seu bebê da época passada, a certa distância do tee praticando com um mashie, não necessita que lhe digam o que deve fazer. Vai se encontrar ele, pega no saco, lhe entrega um taco... Interrompeu-se ao ver o rapaz abanar a cabeça. — Não? Então que faz?

— Começo a procurar as bolas.

— Ah, as que ele utilizou com o mashie?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Enquanto Michael procurava as bolas, você o que fazia, William Riley?

— Mascava chiclete.

— Exclusivamente? Concentravam-se nisso todos os seus esforços?

— Bem, segurava o saco do Kimball mais velho.

Quando ouvi Wolfe começar a falar, receei que o seu extenso arrazoado aborrecesse os rapazes a tal ponto que não demorariam a mergulhar numa apatia impenetrável, mas ocorreu o efeito precisamente inverso. Sem o revelar abertamente, lhes infundira a convicção de que contava com eles para o ajudarem a provar a estupidez dos cem psicólogos, e nem o discurso mais compacto os dissuadiria de semelhante objetivo. Ele continuou, centímetro a centímetro, ora

concentrado num, ora noutro, por vezes com todos falando ao mesmo tempo. Deixou-os mergulhar numa longa discussão sobre os méritos relativos das várias marcas de tacos, enquanto escutava de olhos semicerrados, fingindo que apreciava o debate. Interrogou-os durante meia hora acerca das identidades e características dos outros caddies e jogadores de golfe, integrados nas partidas imediatamente anteriores à de Barstow e os três companheiros, no tee em causa. Por entre todas as irrelevâncias que descortinava, eu conseguia detectar a verdadeira intenção de Wolfe: não perdia de vista por um único instante cada taco dos diferentes sacos.

Para o almoço, Fritz nos serviu dois enormes empadões de galinha e quatro melancias. Eu realizei a distribuição das doses, como sempre que tínhamos convidados, e, movendo a faca e garfo com notável rapidez, consegui terminar a minha pouco depois dos outros. No caso das melancias, a tarefa foi mais simples. Dei metade a cada rapaz, assim como para mim e Wolfe, e a restante ficou para Fritz. Calculei que não a tocaria, por supor que seria necessária mais tarde.

Concluída a refeição, reiniciamos a sessão onde fora interrompida. Parecia-me admirável a forma como Wolfe abria as mentes dos caddies, para que entrasse ar. Tinham esquecido por completo que alguém pretendia obter algo deles ou deviam recorrer à memória. Lembravam um grupo de garotos que trocava impressões sobre o jogo em que haviam participado na véspera, porém Wolfe não perdia uma única das palavras que pronunciavam e fazia regressar ao caminho apropriado algum que desse sinal de se desviar. No meio de tudo aquilo, se registavam certos progressos. Larry Barstow utilizara o seu drive e Manuel Kimball também. Quando a revelação surgiu, se revestia de tanta simplicidade e naturalidade e se ajustava tão perfeitamente ao que se dizia que, por instantes, não notei o que acontecia. Wolfe dizia a Mike Atarracado:

— Nessa altura, você entregou o driver a Barstow. Também colocou a bola no montículo?

— Sim, se... Ah, não! Não podia, porque andava à procura de uma bola que ele tinha atirado para o meio de uns arbustos com o mashie.

— Exatamente, Michael. Disse antes que procurava uma bola. Tinha me esquecido. Na altura, me perguntei como podia colocar uma no montículo para que Barstow jogasse.

— Ele próprio o fez, informou William Riley. — Mas a bola rolou e fui colocá-la devidamente.

— Obrigado. Por conseguinte, Michael, não foi você que tratou disso. O peso do saco de tacos não o incomodava quando procurava a bola desaparecida?

— Não, são coisas a que nos habituamos.

— Encontrou a bola?

— Sim, senhor.

— Que fez com ela?

— Guardei-a na respectiva bolsa.

— Diz isso como sendo um fato ou uma suposição?

— Lembro-me bem de guardá-la lá.

— Imediatamente?

— Sim, senhor.

— Nesse caso, devia ter o saco consigo quando a procurava. Assim, não podia entregar o driver a Barstow, porque não se encontrava lá. E ele não podia retirá-lo do saco, porque não o tinha ao seu alcance. Não o entregou antes disso?

— Sim, devo tê-lo feito.

— Precisamos de algo de mais concreto do que “devo tê-lo feito”. Das duas uma: ou fez ou não fez. Lembre-se do que nos disse...

— Claro! Exclamou William Riley. — Foi por isso que ele pediu o driver emprestado ao Kimball mais velho. Porque você procurava a bola e tinha levado o saco.

— Ah... Wolfe fechou os olhos durante um décimo de segundo e voltou a abri-los. — É desnecessário gritar, William. Quem foi que pediu o driver emprestado a Mister Kimball?

— Barstow.

— Porque pensa assim?

— Não penso, tenho certeza. Eu me preparava para entregá-lo ao Kimball mais velho, quando a bola de Barstow rolou do montículo e fui colocá-la bem. No momento em que me endireitava, Kimball lhe dizia: “Utilize o meu” e me fez sinal para que lhe passasse o driver.

— E Barstow utilizou-o?

— Claro. Foi logo. Mike só reapareceu com o saco depois de Kimball também ter jogado.

Entretanto, eu desenvolvia esforços desesperados para não abandonar a cadeira. Tinha vontade de executar uma dança qualquer, como, por exemplo, Primavera no Topo da Montanha, que vira no cinema, prender uma orquídea na lapela de William Riley e rodear com os braços metade do corpo de Wolfe, que era até onde chegavam. Ao mesmo tempo, evitava olhar para ele, com receio de alargar de tal modo as mandíbulas num sorriso de alegria que sofressem uma deslocação grave.

A seguir, se concentrou nos outros dois caddies, que ainda não tinham visto o mínimo pormenor do episódio do empréstimo do driver a Barstow. O magro disse que fixava um ponto à distância, para onde Manuel Kimball atirara a bola com o seu drive, e o colega não se recordava de absolutamente nada. Wolfe se virou de novo para Mike Atarracado. Este não podia afirmar que o driver de Barstow se encontrava no saco, quando procurava a bola, mas não se lembrava de lhe entregar, nem de ele o devolver para tornar a guardar. Durante este vaivém de palavras, William Riley punha à prova toda a sua educação para se manter calado, até que Wolfe finalmente se dirigiu a ele:

— Não pense que duvido da sua memória ou da fidelidade à verdade. A comprovação resulta sempre útil. E poderá se considerar algo curioso que esquecesse semelhante pormenor.

— Não esqueci, protestou o rapaz. — Não pensei nisso, simplesmente.

— Quer dizer que não incluiu o incidente em qualquer das suas conversas com os amigos?

— Exato.

— Muito bem. A pergunta não está formulada da melhor maneira, mas vejo que possui a inteligência suficiente para se cingir à cláusula fundamental. Mencionou-o, possivelmente, a Mister Anderson?

— Não falei com ele. Apareceu um detetive que me fez algumas perguntas, poucas.

— Hum... Wolfe suspirou profundamente e apertou um botão. São horas do lanche, senhores.

É claro que isso, para ele, equivalia a cerveja. Levantei-me, reuni os rapazes e pilotei-os até à cozinha, onde vi que, conforme previra, a quarta melancia permanecia intacta. Cortei-a em quatro pedaços, que distribuí. Fritz, que atendera à chamada de Wolfe, dispunha um copo e duas cervejas num tabuleiro, mas quando se afastou pelo corredor observei que seguia para a escada e não para o escritório. Consultei o relógio: 15.58. O malandro conseguira manter o horário! Deixei os caddies as voltas com a melancia, corri em direção ao vestíbulo e alcancei-o a caminho do elevador.

— Agradeça em meu nome aos rapazes, gratifique-os apropriadamente embora não generosamente, pois não sou um homem generoso, e leva-os para casa. Antes, porém, telefone para o escritório de E. D. Kimball e descubra quando esperam que regresse de Chicago. Ainda deve estar vivo, pois teve a argúcia ou sorte de se desviar mil quilômetros do seu destino. Se, por afortunado acaso, já voltou, mande-o vir imediatamente.

— Sim, senhor. Não lhe parece que, se a novidade chegar aos ouvidos de Anderson, só servirá para lhe aumentar a confusão e angústia? Quer que convença os rapazes a guardar segredo?

— Não. É sempre prudente, quando existe uma opção, confiar na inércia. Trata-se da força mais poderosa do mundo.

Quando regresssei à cozinha, Fritz distribuía fatias de uma torta de maçã.

* * *

Treze

DEPOIS de deixar os caddies em diferentes pontos de Westchester, nada teria me agradado mais do que ir a casa dos Kimball e perguntar a Manuel: “Importa-se de me dizer se o seu pai guarda o saco de tacos no armário do clube e você possui a chave?” Palpitava-me que se tratava daquelas interrogações a que não se podia responder com um mero arquear de sobrancelhas. Confesso que, na altura, o considerava um sério candidato à descarga final de dois mil volts. No entanto, reconhecia que, se fosse o culpado, desfrutávamos de uma vantagem importante com a sua ignorância do que acabávamos de apurar, e, de resto, necessitávamos, para que fosse preso e condenado, de encontrar provas mais sólidas do que o simples fato de me irritar os nervos.

Assolava-me outra tentação: passar pelo gabinete de Anderson e lhe propor a aposta de dez mil dólares em como ninguém assassinara Peter Oliver Barstow. Não havia dúvida de que Wolfe desencadeara um jogo de esconde-esconde. Havia dois dias que ele e eu éramos as únicas pessoas vivas, fora o responsável, que sabiam que Barstow fora assassinado. Agora convertêramo-nos nas duas únicas, salvo a mesma exceção e os caddies, conhecedoras do fato de que morrera acidentalmente.

Fiz escala pelo Green Meadow Club, depois de largar o último caddy, pois ficava perto. Tencionava investigar o pormenor do armário, mas ao chegar lá me faltou coragem. Poderia comprometer tudo se

constasse que manifestávamos o mínimo interesse pelos armários, por ser do conhecimento geral que o saco de tacos de Barstow não estivera guardado no dele. Por conseguinte, me limitei a trocar algumas palavras com o chefe dos caddies e cumprimentar o administrador. É possível que me animasse o desejo secreto de dar mais uma olhadela em Manuel Kimball, mas não o descortinei em parte alguma.

E. D. Kimball, como o filho me informara, tinha um escritório de corretagem de cotações de cereais na Pearl Street. Quando ligara para lá, pouco depois das quatro da tarde, me fora assegurado que o esperavam de Chicago no dia seguinte, sexta-feira, no Century. Sem isso, creio que teria tentado executar alguma diligência em Westchester, naquela noite, ainda que fosse apenas aguardar que escurecesse, me aproximar subrepticamente da residência dos Kimball e espreitar pelas janelas, mas com este a caminho restava-me aguardar, e segui para casa.

Depois do jantar, Wolfe me mandou pegar o bloco-de-notas e ler o que escrevera acerca da minha visita a Manuel Kimball e tudo o que Sarah e Larry Barstow haviam dito a seu respeito, embora não fosse muito. Sustentamos uma discussão geral, até chegarmos a uma plataforma de acordo. Fomos ao ponto de considerar a possibilidade de o empréstimo do driver ter sido planejado e Kimball pai haver assassinado Barstow, mas acabamos por pô-la de parte. Emiti alguns comentários sarcásticos sobre Manuel, mas quando Wolfe me recordou a conveniência de não perder tempo com divagações de natureza pessoal tive de admitir que não só não havia nada contra ele como o menor motivo susceptível de o tornar alvo de suspeitas. Na realidade, existiam tantas probabilidades de ser ele o criminoso como qualquer outro sócio do Green Meadow Club que dispusesse da oportunidade de acesso ao armário de Kimball. Em todo o caso persisti, se fosse meu filho, mandava-o viajar em redor do mundo e construía uma vedação no meio do Pacífico, para que não pudesse regressar.

Antes de irmos para a cama, Wolfe recapitulou o meu programa para o dia seguinte. A primeira alínea não me atraía particularmente, mas reconheci que ele tinha razão. Os caddies acabariam por falar e as palavras chegariam aos ouvidos de Anderson, pelo que não perderíamos nada em precedê-las. Eu podia efetuar essa missão de misericórdia e me apresentar no escritório de Kimball pouco após a sua chegada à Grand Central.

Assim, na manhã seguinte, bem cedo, já rolava no conversível em direção, mais uma vez, a White Plains. Se me interceptasse o mesmo policial da viagem anterior, poderia invocar idêntico pretexto, e agora talvez tivesse o prazer de dispor de escolta até ao gabinete de Anderson. No entanto, cheguei à ponte da Main Street sem ter visto nada de mais interessante do que um esquilo trepando numa árvore. Percorria aquela artéria com lentidão atrás de três ônibus, como um pônei precedido de elefantes na parada de um circo acabado de chegar à cidade, quando me veio uma ideia agradável. Wolfe parecia convencido de que a única coisa necessária para que alguém o procurasse no seu escritório, do Dalai Lama a Al Capone, era me ordenar que o fosse buscar, mas a experiência me ensinara que uma pessoa nunca sabia quando se lhe depararia um indivíduo com tantos pés como uma centopeia, todos relutantes. E me eis não só incumbido de arrancar um proeminente corretor de cereais do seu local de trabalho após uma semana de ausência, mas também de fazer uma revelação ao promotor público de que resultaria provavelmente uma aprazível escaramuça com H. R. Corbett ou algum não menos atraente colega na antecâmara do gabinete de E. D. Kimball. Por conseguinte, estacionei o carro no primeiro espaço livre que avistei, me dirigi a um telefone público e liguei a Wolfe para anunciar que estávamos servindo a sopa antes dos coquetéis. Mostrou-se algo renitente e pretendeu argumentar, porque o dominava a convicção de que seria vantajoso para nós revelar algo a Anderson antes que acabasse inevitavelmente por averiguá-lo pelos seus próprios meios, mas, ao compreender que eu tencionava continuar a falar sem me preocupar com a quantia que isso significava em termos de uma ligação

interurbana, capitulou. Podia regressar a Nova Iorque e aguardar a minha vítima na Pearl Street. Pelo caminho, refleti que ainda bem que o policial não me interceptara.

Quando localizei o número na Pearl Street e desci do elevador no nono andar, descobri que a firma E. D. Kimball & Company não limitava a sua atividade a meia dúzia de escritórios. Numa suíte que ocupava metade do andar, se desenrolava intensa correria, que, a avaliar pelas indicações nas portas, se repetia em numerosas delegações espalhadas pelo país. O relógio na parede indicava 10.45, pelo que, se o Century vinha à tabela, já chegara à Grand Central e Kimball deveria aparecer dentro de quinze ou vinte minutos. Dirigi-me a uma jovem atrás de uma mesa, a qual, depois de utilizar o telefone, me levou a uma saleta contígua, onde me deixou na companhia de um fulano de queixo quadrangular, que pousava os pés no peitoril da janela e lia um matutino. Ergueu a cabeça, resmungou “Só um momento”, e me sentei. Passados uns momentos, atirou o jornal para cima da mesa e se voltou para mim.

— Mister E. D. Kimball não deve demorar, comecei. — Sei que estará muito atarefado após oito dias de ausência, mas antes que mergulhe no trabalho preciso que me conceda dez minutos, por causa de um assunto pessoal urgente. Sou detetive particular e aqui tem o meu cartão-de-visita. Ele nunca ouviu falar de mim, mas sou enviado por Nero Wolfe. Pode tratar disso?

— Que pretende? Explique o que pretende.

— Repito que se trata de um assunto pessoal e muito urgente volvi, meneando a cabeça. — Vai ter de se contentar com confiar na minha jovem e honesta cara. Se suspeitar de que minto, ligue para a Metropolitan Trust Company, na Thirty-fourth Street. Obterá a informação de que ganho uns cobres nas horas vagas, vigiando carrinhos de bebê, enquanto as mamãs entram nas lojas.

— Não sei... O queixo quadrangular mudou de posição para que se formasse um sorriso. — Mister Kimball tem uma dezena de

encontros marcados, o primeiro dos quais às dez e meia. Na minha qualidade de secretário, estou mais ao corrente dos seus compromissos do que ele próprio. Aconselho-o a me dizer.

— Lamento, mas o assunto é só com ele.

— Está bem, verei o que posso fazer. Aguarde lá fora... Não, pode ficar aqui. Quer se entreter com o jornal?

Atirou-me, se levantou, recolheu alguma correspondência e documentos e saiu. Durante o apressado café-da-manhã, eu dera um relance na primeira página e nada mais. Agora, verificava que o caso Barstow fora relegado para o interior do jornal, e a informação não se podia considerar abundante. Anderson afirmava que as investigações revelavam “progressos”. Não pude deixar de esboçar um sorriso divertido. A velha chapa dos progressos servia para encobrir um autêntico vácuo, como habitualmente. O xerife ainda não chegara a uma conclusão definitiva sobre o veneno, mas esperava poder fazer revelações importantes nas próximas horas. Em jornal algum, tanto quanto eu pudera observar, se registara a menor alusão à suspeita de que se tratava de um crime praticado por alguém da família da vítima, e doravante não existia qualquer possibilidade de tal vir a acontecer. No entanto, o presente articulista não se abstraía de dirigir uma alfinetada ao Dr. Bradford, e me parecia que passaria muito tempo até que conseguisse olhar uma trombose coronária de frente sem engolir em seco. Quando acabava de me debruçar sobre a seção esportiva, a porta se abriu e avistei o tal secretário.

— Queira me acompanhar, Mister Goodwin.

Num gabinete espaçoso duas portas adiante no corredor, com janelas panorâmicas em dois lados, muito mobiliário antiquado e um registrador automático de cotações da Bolsa em atividade a um canto, havia um homem atrás de uma espaçosa mesa. Tinha o rosto impecavelmente escanhado, cabelo na sua maioria grisalho e, embora não se pudesse considerar gordo, era na verdade dos pesados. Parecia

preocupado, mas divertido, como se alguém acabasse de lhe contar uma anedota e lhe doessem os dentes. Perguntei-me se seria a preocupação ou o divertimento que provinha do que o secretário lhe comunicara a meu respeito, porém acabei por descobrir que não se tratava de nada disso, pois era a sua atitude natural.

— É este o homem, Mister Kimball disse o secretário. Ele emitiu um grunhido e me perguntou o que desejava. Quando anunciei que se tratava de um assunto confidencial, replicou:

— Nesse caso, revele-o ao meu secretário, para eu não ter o trabalho de passá-lo para ele. Soltou uma gargalhada, o secretário sorriu e eu arreganhei os dentes, antes de esclarecer:

— Apenas solicitei dez minutos, pelo que, se não vê inconveniente, vou começar. Nero Wolfe gostaria que o procurasse no seu escritório, esta manhã, às onze horas.

— Santo Deus! O divertimento atingiu o auge. Esse Nero Wolfe é o rei de Inglaterra ou coisa parecida?

— Coisa parecida, admiti. — Acredite que se safará disto mais fácil e rapidamente se me deixar trabalhar à minha maneira. No domingo, quatro de junho, Peter Oliver Barstow morreu subitamente, quando jogava golfe com o senhor e os filhos de ambos. Na quinta-feira, oito, partiu para Chicago, Mister Kimball. No domingo, onze, foi anunciado o resultado de uma autópsia. Suponho que apareceu nos jornais de Chicago?

— Ah, é isso? A preocupação se acentuou. — Eu sabia que iria ter aborrecimentos quando regressasse. Li uma série de histórias acerca de veneno, uma agulha e quejandos. Virou-se para o secretário. — Não lhe escrevi falando disso?

— Sim, senhor. O interpelado anuiu com uma inclinação de cabeça. — Tem uma entrevista com o representante do promotor público de Westchester, às onze e meia. Ia precisamente informá-lo.

— Não são histórias, Mister Kimball, persisti. — Barstow foi morto por uma agulha envenenada disparada da pega de um taco driver. Nesse aspecto da questão já não existe a menor dúvida. Acompanhe-me

numa breve digressão imaginária. Chegam ao primeiro tee, preparados para jogar, os quatro com os respectivos caddies. Larry utiliza o seu drive. Manuel o dele. Peter Oliver Barstow vai fazer o mesmo, com o senhor a seu lado, se recorda? A bola dele desliza do montículo e o seu caddy, Mister Kimball, coloca-a no lugar, porque o de Barstow se afastou à procura de outra bola, levando o saco de tacos. Ele não dispõe, portanto, do drive e o senhor empresta o seu. No momento em que acaba de utilizá-lo, estremece e leva a mão ao abdômen, se queixando de que uma vespa o picou. Essa “vespa” foi disparada do seu driver, Mister Kimball, e lhe provocou a morte, vinte minutos mais tarde.

Ele me escutava, com uma extensa ruga na fronte e a preocupação e divertimento dissipados. Quando finalmente descerrou os lábios, se limitou a dizer, mais uma vez:

— Histórias.

— Engana-se, retorqui com firmeza. — De qualquer modo, história ou não, foi o seu driver que Barstow utilizou no primeiro tee. Recorda-se disso?

— Com certeza. Não pensei mais no assunto, mas agora que mencionou me lembro perfeitamente da cena. Foi na verdade como o senhor...

— Mister Kimball! O secretário se empenhava em secretariar. — Talvez fosse conveniente que refletisse...

— Conveniente porquê? Não, eu sabia que os aborrecimentos surgiriam. Sabia mesmo muito bem. Com certeza que Barstow utilizou o meu driver. Porque não posso admitir? Eu mal o conhecia. Insisto em que isso da agulha envenenada são histórias, mas não impede que constitua um aborrecimento.

— Será pior que um aborrecimento, lhe garanti-. — Repare. A polícia ainda não sabe que Barstow se serviu do seu drive e o promotor público tampouco. Não sugiro que lhes oculte alguma coisa, pois acabarão de qualquer modo por descobri-lo. No entanto, acreditam piamente na intervenção da agulha envenenada. Sabem, sem margem

para dúvidas, que Barstow foi morto por uma agulha proveniente do driver de que se serviu no primeiro tee, e quando averiguarem que o taco em causa lhe pertencia, Mister Kimball, que fará? Não o deterão por homicídio apenas com base nesse pormenor, mas é natural que o mandem procurar no dicionário um termo melhor do que “aborrecimento”. Aconselho-o a avistar-se com Nero Wolfe. Leve o seu advogado, se quiser, mas não perca tempo.

Apertou o lábio inferior entre o polegar e o indicador, com uma expressão pensativa. Por fim, abaixou a mão e articulou:

— Valha-me Deus....

— Também acho, concordei. Voltou-se para o secretário.

— Como sabe, os advogados não me merecem o mínimo respeito.

— Decerto que não, senhor.

— Que situação esta! Levantou-se. — Como mencionei diversas vezes no passado, há só uma coisa neste mundo em que sou bom. Os negócios. Sou um bom negociante, o que surpreende, se considerarmos a minha brandura típica. Não sei resolver os aspectos mais pessoais da minha vida. Começou a se mover em vaivém, atrás da mesa. — Sim, me dá a impressão de que se trata de algo mais do que um mero aborrecimento. Que faria no meu lugar? Cravei o olhar no secretário, que hesitou.

— Se tencionar ir falar com esse Nero Wolfe, posso acompanhá-lo. Eu levaria um advogado.

— Que entrevistas há na agenda para hoje?

— As habituais, mas nenhuma importante. A primeira é às onze e meia, com o homem da Promotoria de Westchester, que já me referi.

— Pode ficar para outra altura. Invente qualquer desculpa. Que indica o registrador automático?

— O movimento se mantém firme, na abertura. O algodão baixou um pouco.

— Onde está o tal Nero Wolfe? Kimball se concentrou de novo em mim. — Vá buscá-lo.

— Impossível. Ele está... Interrompi-me ao recordar que, uma ocasião, Wolfe descobrira que eu dissera a alguém que se achava doente, e não queria que a cena resultante se repetisse. — É um gênio excêntrico. Encontra-se perto daqui, na Thirty-fifth Street. Tenho o carro lá em baixo e posso lhe dar uma carona. Até hoje, só conheci um gênio. Um vaqueiro argentino, um gaúcho. — Está bem. Aguarde na antecâmara,

De novo na sala em que estivera ao chegar, me sentei numa cadeira, disposto a esperar. Depois de conhecer E. D. Kimball, observá-lo e conversar com ele, ficara com as ideias um pouco mais desanuviadas e compreendia o que devia ter sido óbvio na noite anterior; a partir do momento em que constasse que o driver de Kimball fora convertido naquilo a que Wolfe chamava de brinquedo fatal e o próprio Kimball surgisse em cena, haveria fortes possibilidades de entrarmos na reta final. Era o mesmo que se encontrássemos um homem assassinado e, graças a artes mirabolantes, conseguíssemos fazê-lo regressar à vida o tempo suficiente para revelar a identidade de quem o matara. E. D. Kimball satisfazia esses requisitos: fora assassinado e continuava vivo. Impunha-se que eu o levasse sem demora para o escritório de Wolfe e trancasse a porta, antes que Corbett ou, na realidade, qualquer outra pessoa, pudesse se aproximar dele. Quem me garantia, por exemplo, que não fora o próprio secretário, com queixo quadrangular e tudo, que mandara instalar o mecanismo no driver e tivera a oportunidade de colocá-lo no saco de tacos do patrão? Naquele instante exato, talvez se entretivesse a lhe cravar uma faca nas costas, como fizera com Carlo Maffei...

Eram 10.50. Levantei-me e comecei a mover-me de um lado para o outro. O enviado de Anderson Corbett, sem dúvida chegaria às onze e meia, e talvez se lhe insuflesse no granítico crânio a ideia de comparecer com antecedência. Preparava-me para pedir à recepcionista que me pusesse em contato telefônico com o secretário, quando a porta do gabinete de Kimball se abriu e este surgiu de chapéu na cabeça, o que me provocou uma profunda sensação de alívio.

— O seu secretário não vem? Perguntei quando entrávamos no elevador.

— Faz mais falta aqui do que ao meu lado. Gosto da sua cara, sabe? Não costumo me enganar nos julgamentos que faço. A confiança é uma das coisas mais maravilhosas do mundo. Confie no seu semelhante.

“Pois é”, refleti. “Um bom negociante como você deve confiar em toda a gente...”. Eu deixara o conversível a cerca de meio quarteirão dali e, depois de conduzi-lo pelas artérias menos concorridas àquela hora, eram onze e quinze quando chegamos no prédio de arenito avermelhado. Introduzi Kimball na sala, lhe pedi que aguardasse um momento, regressei à entrada para me certificar de que a porta ficava devidamente trancada e entrei na cozinha. Fritz confeccionava tortas de cerejas, uma das quais acabava de sair do forno, e aproveitei a oportunidade para prová-la, o que quase me valeu uma queimadura na língua.

— Temos um convidado para o almoço, mas não envenene a comida. E cautela com quem deixar entrar. Em caso de dúvida, me chame.

Wolfe se sentava atrás da mesa do escritório. Quando o vi, estaquei, exasperado, porque procedia à limpeza. O móvel tinha apenas uma gaveta e, desde que decidira tomar cerveja de garrafa em vez de caneca, ele adquirira o hábito de guardar aí as chapinhas. Agora, abrira a gaveta e alinhava-as em cima da mesa.

— E. D. Kimball está lá fora na sala, anunciei. — Quer que o chame para ajudar? Contemplou as chapinhas e ergueu os olhos para mim, com uma expressão desolada.

— Não pode esperar um pouco?

— Com certeza. Pode ficar para a próxima semana.

— Que droga! Exalou um profundo suspiro. — Bem, mande-o entrar.

— Com essa tralha espalhada na sua frente? Enfim, nada nos deve surpreender num excêntrico.

Baixei a voz para descrever a reação do homem quando o procurara e mencionar o que eu lhe dissera. Por fim, inclinou a cabeça num gesto de aprovação e fui buscá-lo. Kimball recuperara a expressão mista de preocupação-divertimento. Fiz às apresentações, indiquei uma cadeira e, depois de eles trocarem algumas palavras, disse a Wolfe:

— Se não precisa de mim, vou me ocupar daqueles relatórios.

Concordou e me instalei à minha mesa, cheia de papelada dispersa e um bloco-de-notas dissimulado no meio, no qual poderia escrever em breves sinais cabalísticos que só eu entendia sem dar a impressão do que estava fazendo.

— Tem toda a razão, Mister Kimball, dizia Wolfe. — O tempo de um homem é seu apenas por tolerância. Há muitas maneiras pelas quais o podem arrebatam: inundações calamitosas, fome, guerra, casamento... Para não falar da morte, sem dúvida a mais satisfatória de todas, porque encerra a questão definitivamente.

— Valha-me Deus! Kimball deixava transparecer perturbação. — Não vejo porque a considera satisfatória.

— Esteve na iminência de descobrir, fez domingo oito dias. Wolfe sacudiu o dedo na sua direção. — O senhor é um homem muito ocupado e acaba de regressar ao escritório após uma semana de ausência. Por que razão, nessas circunstâncias, conseguiu tempo para me procurar?

— É o que pretendo que me explique, redarguiu Kimball, olhando-o com intensidade.

— Ótimo. Veio porque se sente confuso, condição indesejável num homem em perigo extremo, como é o seu caso. Não lhe vislumbro a menor indicação de alarme ou medo, apenas confusão. O fato é a todos

os títulos surpreendente para quem, como eu, está ao corrente do que Mister Goodwin lhe revelou. Ele informou-o de que, em quatro de junho, há doze dias, Peter Oliver Barstow foi morto por mera inadvertência, a mesma que lhe salvou a vida, Mister Kimball. Acolheu a revelação com incredulidade. Porquê?

— Porque não faz sentido declarou, com impaciência. — É uma autêntica insensatez.

— Antes, lhe chamou de histórias. Porquê?

— Porque o termo corresponde à situação. Não vim para entrar em controvérsia por causa disso. Se a polícia enfrenta dificuldades ao tentar explicar algo que não compreende e pretende inventar uma fábula qualquer para justificar a sua posição, não me oponho, porque toda a gente tem o direito de exercer a sua atividade profissional da maneira que julga mais conveniente, mas não deve contar com a minha colaboração ou a mínima participação, e até agradeço que me ignore pura e simplesmente. Sou um homem muito ocupado, como disse, com coisas mais importantes para fazer. Labora em erro, Mister Wolfe. Não o procurei por me sentir confuso e ainda menos para lhe conceder o ensejo de tentar me assustar. Fiz porque parece que a polícia procura me envolver numa história de fadas susceptível de me proporcionar aborrecimentos e uma publicidade que dispenseo perfeitamente, e o seu enviado me convenceu de que o senhor me ensinaria a evitá-los. Se achar isso possível, faça-o, que pagarei o que considerar razoável. Do contrário, diga-o e buscarei outra fonte que me aconselhe.

— Bem... Wolfe se reclinou no espaldar da cadeira e observou o interlocutor por entre as pálpebras semicerradas. Por fim, abanou a cabeça e comunicou: — Receio não me ser possível lhe indicar a forma de se esquivar a aborrecimentos. Quando muito, posso lhe explicar a de evitar a morte. E mesmo isso é incerto.

— Nunca me passou pela cabeça evitar a morte.

— Não tente divagar. Refiro-me, como decerto calcula, à morte desagradável e iminente. Vou pôr as cartas na mesa. Se não lhe dou imediatamente bom-dia e o deixo seguir o seu caminho, não é devido à minha certeza absoluta de que desafia a morte como um insensato.

Abstenho-me de contribuir para determinadas obras de assistência cristãs, porque penso que ninguém deve ser salvo pela coerção. Neste caso, porém, me norteio pelos meus interesses pessoais. Mistress Barstow ofereceu uma recompensa de cinquenta mil dólares pela descoberta e prisão do assassino do marido. Ora, tenciono descobri-lo, para o que necessito apenas de averiguar quem tentou matá-lo no dia quatro de junho, Mister Kimball. Se me ajudar, será conveniente para ambos. Se não, existe a possibilidade de somente graças a um deslize ou infortúnio na segunda tentativa coroada de êxito me ser possível obrigá-lo a prestar contas pela primeira abortada. Como decerto compreenderá, para mim tanto faz.

Kimball abanou a cabeça, mas não se levantou. Ao invés, parecia procurar uma posição mais confortável na cadeira. Continuava a não denunciar o menor sinal de alarme, se contentando com exteriorizar simples interesse.

— Exprime-se com admirável loquacidade, Mister Wolfe. Não acho que me possa ser útil, pois parece gostar tanto de histórias de fadas como a polícia, apesar do que, repito, o considero um bem-falante.

— Obrigado. Aprecia os bem-falantes?

— Aprecio tudo o que é bom, no diálogo, nos negócios, nas maneiras e no estilo de vida. Não me refiro a um nível elevado, mas satisfatório, agradável. Tenho tentado levar uma vida desse tipo e me agrada pensar que todos se esforcem com tal objetivo em vista. Sei que alguns não conseguem, mas suponho que desenvolvem esforços. Entretive-me a ponderar o assunto, há pouco, no carro, ao lado do seu enviado. Não pretenderei que a história que ele contou me deixou impávido, porque mentiria. Quando lhe disse que tudo não passava de histórias, me exprimi com sinceridade, e mantenho a opinião. Não obstante, meditei maduramente. Admitindo que alguém pretendeu me matar, quem foi?

— Quem? Inquiriu Wolfe, vendo que o outro se calara.

— Ninguém. A resposta estava carregada de ênfase.

“Se este fulano aparecer duro como Barstow, tão impecável que nem um mosquito lhe tocara, mudarei de profissão”, pensei.

— Conheci um homem que matou dois outros apenas porque perdera uma aposta com eles, informou Wolfe.

— Ainda bem que não negociava com cereais. Kimball deu uma gargalhada. — Se o seu modo de reagir se instalasse na minha atividade, eu teria sido assassinado não uma, mas um milhão de vezes. Sou um bom negociante, única coisa de que me orgulho neste mundo. Adoro o trigo. O senhor, em contrapartida, adora as histórias de fadas e um bom homicídio, mas ninguém tem nada com isso. Sou um bom negociante, repito. Sei onde se encontram as maiores reservas de cereais e as flutuações que as suas cotações sofrem ao longo das diferentes épocas do ano.

— Provavelmente, possui alguns silos bem abastecidos.

— Nem um único. Os meus interesses se concentram no mercado de valores. Envolvi-me em numerosas operações arriscadas, mas sempre dentro dos métodos mais ou menos transparentes, em obediência às regras. Era nisso que pensava quando vinha no carro com o seu enviado. Não conheço todos os pormenores do caso Barstow; apenas o que li nos jornais. Se bem entendi, não encontraram o driver, mas não acredito na sua existência. No entanto, mesmo que aparecesse e eu tenha emprestado o meu a Barstow no primeiro tee, me custaria crer que o haviam preparado para mim. Tenho respeitado as regras e feito sempre jogo limpo nos negócios e na vida particular.

— Há muitos tipos de danos. Reais, imaginários, materiais, espirituais, fatais...

— Nunca prejudiquei ninguém.

— Não me diga... A essência da santidade consiste na expiação. Quem eu não terei prejudicado? Não compreendo por que razão a sua presença me estimula à confissão, mas é o caso. Esqueça o assassinio de Barstow, uma vez que, para si, não passa de histórias. Esqueça a polícia, pois descobriremos uma maneira de impedi-la de incomodá-lo. Agrada-

me conversar consigo e poderemos continuar, a menos que algum assunto premente o impeça. Não desejo afastá-lo de algo de urgente.

— Não afasta. Kimball parecia satisfeito. — Quando surge um caso urgente, me apresso a resolvê-lo. O meu escritório manteve tudo em andamento sem mim durante uma semana, pelo que mais uma hora não alterará nada.

— Aceita uma cerveja?

— Não, obrigado. Não consumo bebidas alcoólicas.

— Muito bem. Wolfe apertou o botão. — É uma pessoa extraordinária. Aprendeu a abstinência e, ao mesmo tempo, é um bom homem de negócios e filósofo... Um copo, Fritz. Mas falávamos de danos, prejuízos, e eu sentia inclinação para a confissão. Quem não terei prejudicado? Trata-se de uma interrogação retórica, claro, pois não me considero um bom homem e padeço de uma consciência romântica. Mesmo assim, ponderados todos os fatores envolvidos, me seria difícil compreender porque ainda vivo. Há menos de um ano, um homem sentado nessa cadeira prometeu me matar na primeira oportunidade. Eu tinha lhe retirado de baixo dos pés os fundamentos da sua existência por motivos puramente mercenários. Há uma mulher residente a duas dezenas de quarteirões daqui, notavelmente inteligente, cujo apetite e estado de espírito melhorariam de forma incomensurável com a leitura da notícia da minha morte. Poderia continuar a citar exemplos quase até ao infinito. Existem, porém, outros mais difíceis de confessar e de compreender... Ah, obrigado, Fritz. Apanhou o abridor na gaveta, abriu a garrafa e guardou a chapinha, após o que encheu o copo e levou-o aos lábios.

— É claro que um homem tem de assumir os riscos da sua profissão, observou Kimball.

— É o filósofo que fala. É fácil reconhecer que é uma pessoa culta e educada. Assim, talvez compreenda a obscura psicologia que impele (pelo menos a mim) a persistir numa ação merecedora de condenação absoluta. Há uma mulher sob este teto, que mora no último andar, incapaz de me desejar a morte, unicamente porque o seu coração está encerrado ao veneno apenas pela ternura própria deste último. Eu

torturo-a todos os dias, todas as horas. Tenho plena consciência disso e o fato me amargura, mas persisto. Abarcará a obscuridade da psicologia e a profundidade da amargura, Mister Kimball, se lhe revelar que a mulher em causa é a minha mãe.

Eu anotava tudo o que ele dizia e quase ergui os olhos de admiração. Expressava-se com tanta convicção e escassa emoção na voz, mas a sugestão de que o sentimento subjacente era tão esmagador, que só uma poderosa força de vontade o impedia de aflorar. Por um segundo, quase conseguiu que me compadecesse da mãe dele, embora fosse eu quem, desenvolvendo esforços para equilibrar a conta bancária todos os meses, escrevia a quantia que lhe era enviada para um lar de Budapeste.

— Santo Deus! Exclamou Kimball. Wolfe tornou a ingerir um longo trago de cerveja e meneou a cabeça com lentidão.

— Compreende, pois, porque posso recitar todo um catálogo de danos. Assiste-me o direito de invocar justamente a familiaridade. Sentia que Kimball não pegaria na deixa, porque se mostrava condescendente e satisfeito e até exibia um sorriso.

— Gostaria de saber porque me julga um homem educado.

— Não lhe parece óbvio? Wolfe arqueou as sobrancelhas.

— Bem, é um cumprimento. Abandonei os estudos, em Illinois, aos doze anos e fugi de casa. De qualquer modo, não se podia considerar um lar digno desse nome, com um tio e uma tia. Os meus pais há muito que tinham morrido. Não tornei a estudar desde então. Se possuir alguma cultura, devo me considerar um autodidata.

— Não são os piores elementos da sociedade.

Expressava-se em voz baixa e calma, pouco mais do que um murmúrio, a que costumava empregar para dizer “Continue”, sem todavia recorrer a qualquer termo concreto para indicá-lo.

— Constitui mais uma prova disso. E Nova Iorque representa em si uma fonte de educação para um garoto dessa idade, se possui coragem e determinação.

— É provável. Só que não vim para Nova Iorque. Segui para o Texas. Um ano mais tarde, me mudei para Galveston e daí para o Brasil e Argentina.

— Palavra? De fato, possuía coragem e adquiriu uma educação cosmopolita.

— Bem, percorri muito território. Permaneci vinte anos na América do Sul, a maior parte do tempo na Argentina. Quando regressei aos Estados Unidos quase tive de voltar a frequentar a escola para reaprender inglês. Vivi... Enfim, conheci muitas situações singulares. Assisti a numerosas manifestações de brutalidade e participei de algumas, sem, todavia, me desviar um único instante das regras. No regresso ao país, vendia carne, mas mudei gradualmente para os cereais. Foi aí que encontrei a mim mesmo. Os cereais entusiasma um homem sem receio de obedecer aos seus palpites e conduzi-los com a firmeza com que um gaúcho monta um cavalo.

— Também foi gaúcho?

— Não. Sempre fui negociante. A inclinação nasceu comigo. Pergunto-me se acreditará nisto. Não é que me envergonhe. Às vezes, sentado no meu gabinete, com uma dúzia de mercados à espera para verem como vou reagir, me recordo do fato e me orgulho dele. Durante dois anos, fui vendedor ambulante.

— Não me diga!

— É verdade. Cinco mil quilômetros por época na sela. Ainda se nota quando caminho.

— Um verdadeiro nômade, Mister Kimball. Wolfe olhava-o com admiração. — Suponho que não era casado?

— Não, com efeito. Contraí matrimônio mais tarde, em Buenos Aires. Tinha então escritório na Avenida de Mayo...

O nosso convidado se interrompeu, enquanto Wolfe recorria mais uma vez à cerveja. Kimball observava-o, todavia os olhos

acompanhavam o movimento sem o ver, porquanto a visão se situava obviamente no seu íntimo. Algo o obrigara a suspender a frase e transportara para outro cenário.

— Sim, uma recordação murmurou Wolfe. Sei o que isso é.

— Uma recordação, na verdade. Dá-se um caso curioso. Dir-se-ia que pensei nisso devido à sua alusão aos danos. Aos diferentes tipos. Fatais. Mas, na ocorrência em causa, o único prejudicado fui eu. Também possuo consciência, como o senhor, embora não creia que exista nada de romântico na minha.

— Foi o único prejudicado?

— Exato. Um dos maiores prejuízos que um homem pode sofrer. Foi há trinta anos e ainda dói. Casei com uma linda argentina e tivemos um filho. O rapaz contava apenas dois anos de idade quando regresssei a casa de uma viagem dias antes do previsto e fui encontrar a minha mulher com o meu melhor amigo, na cama, enquanto o garoto se entretinha com os brinquedos, no chão. Cingi-me às regras aplicáveis à situação. Disparei dois tiros.

— Matou-os?

— Matei-os. O sangue correu para o chão e atingiu um dos brinquedos. Voltei as costas ao garoto, nunca compreendi porque não o abati igualmente, pois estava convencido de que não era meu, entrei num bar e fui bebendo até quase não dar acordo de mim. Foi a última vez que ingeri álcool.

— Regressou aos Estados Unidos...

— Cerca de um mês mais tarde. Não fugi, pois as leis argentinas se mostravam compreensivas em face de semelhantes situações, mas liquidei todos os meus negócios e abandonei a América do Sul definitivamente, só tendo voltado lá uma vez, há quatro anos.

— Trouxe o garoto consigo?

— Não. Foi por isso que voltei lá. Como não o queria, a família de minha mulher recolheu-o. Viviam nos pampas, de onde eu a tinha retirado. O garoto se chamava Manuel, como o meu amigo, por sugestão minha. Regressei só e vivi sem companhia durante vinte e seis

anos, considerando o mercado de valores uma esposa mais interessante do que a que tivera. No entanto, creio que subsistia uma dúvida no meu íntimo, ou talvez um homem se torne mais brando à medida que envelhece. É possível que me sentisse só ou quisesse me convencer de que na realidade possuía um filho. Há quatro anos, me desloquei a Buenos Aires e localizei-o sem dificuldade. A família se arruinara quando ele era mais jovem e não havia praticamente sobreviventes, mas ele conseguira singrar na vida, após um período difícil. Na altura, era um dos melhores pilotos de aviação argentina e necessitei de recorrer a todo o meu poder de persuasão para que me acompanhasse. Nos primeiros tempos, tentou a sorte na minha firma, mas não nascera para aquilo e resolvi financiar uma fábrica de construção de aviões. Adquiri uma propriedade em Westchester, onde mandei construir uma casa, e agora acalento a esperança de que, quando casar, não efetue viagens suscetíveis de terminar como a minha.

— Ele conhece o... Episódio da mãe?

— Julgo que não. Ignoro-o com certeza, porque nunca o abordamos. Isto não significa que esteja arrependido do meu ato, pois se tivesse de repeti-lo não hesitaria. Por outro lado, não finjo, nem a ele próprio, que o considero o tipo de filho que preferiria se pudesse escolher. No fundo, nasceu na Argentina e eu em Illinois. No entanto, chama-se Kimball e possui uma cabeça bem equilibrada sobre os ombros. Espero que case com uma moça americana, para que tudo assuma um aspecto mais normal.

— Esperemos que sim. Wolfe se alheara da cerveja durante tanto tempo que a espuma desaparecera e parecia chá frio. Não obstante, pegou no copo e esvaziou-o. — Sim, Mister Kimball, demonstrou o seu ponto de vista. O prejuízo foi seu, mas resolveu-o, por assim dizer. E se houve algum para o rapaz, está reparando-o de forma admirável. A sua confissão não é de modo algum tão demolidora como a minha. Eu talvez admita a culpa, pois não me resta qualquer alternativa. O rapaz sente esse prejuízo?

— Não.

— Mas suponhamos que sim...

Vi Kimball baixar os olhos. Por vezes, era difícil sustentar o olhar perscrutador de Wolfe, porém um homem de negócios como aquele devia estar habituado a enfrentar adversários duros. De súbito, se levantou e articulou:

— Não sente. Eu não extraí semelhante vantagem da sua confissão, Mister Wolfe.

— Ainda está em tempo de fazê-lo. Concedo-lhe todas as vantagens. Porque não sermos francos? Não existe em mim o menor perigo para os inocentes. Wolfe olhou o relógio. — O almoço será servido dentro de cinco minutos. Aceite o meu convite para me fazer companhia. Não pretenderei ser seu amigo, mas não lhe guardo rancor nem aos seus. Trinta anos atrás, conheceu um amargo desapontamento e atuou com energia. Perdeu a coragem, entretanto? Vejamos o que se pode fazer. Almoce comigo.

Mas Kimball não estava disposto a transigir. Na verdade, me dava mesmo a impressão de que estava assustado e parecia ansioso por sair dali, atitude que eu não lograva entender. Wolfe ainda empreendeu mais algumas tentativas para dissuadi-lo, mas foi pura perda de tempo. Kimball continuava assustado e passou a se mostrar cortês e formal. Disse que não fazia a menor ideia de que fosse tão tarde, lamentava que Wolfe não conseguisse sugerir coisa alguma para impedir a polícia de incomodá-lo e esperava que o que acabava de revelar não transpirasse daquelas quatro paredes.

Acompanhei-o à porta e me ofereci para levá-lo ao escritório, mas recusou, alegando que pegaria num táxi. Observei-o enquanto se afastava e pude confirmar que ainda se notava a longa permanência na sela.

Quando voltei para dentro, Wolfe não se encontrava no escritório, pelo que segui para a sala de jantar, onde o vi se colocar devidamente

diante da cadeira, com Fritz preparado para impeli-la com cuidado. Depois de se instalar, me sentei igualmente. Não me recordava de vê-lo discutir assuntos profissionais à mesa, mas calculava que nesse dia abriria uma exceção. Equivoquei-me. Contudo, violou um hábito. De um modo geral, gostava de conversar enquanto comia, abordando os temas mais variados. Ora, nessa ocasião, não pronunciou uma única palavra. Nem sequer se lembrou de felicitar Fritz pelas iguarias que confeccionara. Quando este último serviu o café, lhe pisquei o olho e ele inclinou levemente a cabeça e exibiu um sorriso solene, como quem diz que compreende a situação e não guarda rancor.

De novo no escritório, Wolfe se sentou e continuou imerso em silêncio, enquanto eu arrumava a papelada na minha mesa e reunia as folhas do bloco-de-notas que utilizara, para prendê-las com um grampo. Em seguida, me sentei e aguardei que a montanha desse sinal de vida. Por fim, suspirou com um consumo de ar que alimentaria um fole de um ferreiro durante toda a tarde, impeliu a cadeira para trás para poder abrir a gaveta e se pôs a remexer nas chapinha que colecionava. Quando se considerou satisfeito e voltou a fechar a gaveta, declarou:

— Mister Kimball é um homem infeliz, Archie.

— Um espertalhão, pelo menos.

— Talvez. Não obstante, infeliz. Acha-se atacado por muitos lados. O filho pretende matá-lo e tentará consegui-lo. Mas se o pai admitir o fato, mesmo apenas a si próprio, ficará destruído, e não ignora. Manuel e, através deste, os futuros Kimball constituem a única coisa que o prende à vida. Por conseguinte, não pode admitir, nem o fará. Por outro lado, se não o admitir nem tomar quaisquer medidas, será igualmente destruído, porque em breve morrerá e provavelmente de uma forma desagradável. O dilema é muito pesado para ele, o que não admira, pois encerra complicações adicionais. Precisa de ajuda, mas não se atreve a pedi-la, porque, à semelhança de todos os mortais insensatos, acalenta a esperança, ainda que remota, de o filho ter desejado assassinar na verdade Barstow, em cuja eventualidade tampouco pode atuar. Apesar de

tudo isto, e aceitando a primeira alternativa, de que o visado era ele próprio, talvez tencione procurar uma maneira de conversar com Manuel no sentido de lhe fazer compreender que o destino se encarregou de demonstrar que agiu precipitadamente e se contentar com a morte ocorrida. Assim, o velho Kimball poderia viver para brincar com os netos. Entretanto, todavia, até que essa troca, lhe chamemos assim, se consume, pairará um perigo enorme e constante, suficiente para aterrorizar um homem mais jovem e honesto. No entanto, não se aventura a pedir auxílio, porque exporia o filho a um perigo não menor que o que atualmente enfrenta. Sim, se trata de um dilema admirável. Confesso que raramente deparei algo com tantos espinhos, todos bem aguçados. A situação confundiu-o de tal modo que fez uma coisa pouco habitual nele, segundo penso: cometeu uma imprudência. Expôs Manuel ao perigo sem obter a mínima proteção para si próprio. Deixou transparecer os fatos por detrás do medo que negou.

Fez uma pausa, se reclinou na cadeira, deixou o queixo pousar no peito e entrelaçou os dedos sobre o abdômen.

— Está bem, assenti. — Isto no que se refere a Kimball. Agora, passemos a Manuel. Como referi, me irrita os nervos, mas além disso posso me sentar à máquina de escrever e elaborar uma lista de todas as provas admiráveis que temos de que matou Barstow?

— Que amolação... Exalou um dos seus gigantescos suspiros. — Eu sei, a tela tem de ser envernizada. Mas a lata está vazia, Archie. Na verdade, a própria lata desapareceu. Não existe nada.

— Posso apresentar uma sugestão? Há um aeródromo em Armonk, a poucos quilômetros de Pleasantville. Quer que vá até lá e bisbilhote um pouco?

— Sim. Mas duvido que ele utilizasse um aeródromo público. Preferiria a privacidade. Por conseguinte, antes de ir, experimentemos outra coisa. Tome nota.

— É um texto longo?

— Muito curto. Peguei em papel e lápis e ele ditou:

Quem me viu pousar no terreno de pastagem com o meu avião, segunda-feira à noite, cinco de junho, é favor entrar em contato. Trata-se de uma aposta, cujo montante dividirei.

— Muito bem, aprovei. — Ótimo. Mas pode ter sido num campo de golfe.

— Também é muito público. Deixe ficar o terreno de pastagem... Não, não utilize o telefone. Passe na redação do Times e de todos os outros jornais, matutinos e vespertinos. Manuel Kimball é suficientemente engenhoso para se revelar incomodativo, e poderia lhe ocorrer adquirir as respostas. Providencie, pois, para que nos venham parar às mãos.

— Entendido. Pus-me de pé. — Vou já.

— Um momento, White Plains é antes de Armonk?

— É.

— Nesse caso, procure Anderson e revele tudo, exceto Cario Maffei e a Argentina. Envolve a informação numa aura de favor especial. Comunica-lhe igualmente que E. D. Kimball corre perigo iminente e constante, pelo que precisa de proteção. É claro que o velho negará o fato e a proteção será fútil, mas quando alguém decide se intrometer nos assuntos de pessoas violentas, como nós fazemos, assume determinadas obrigações que não pode descurar. Embora compreendesse que não se podia evitar, argumentei:

— Tenho tanta vontade de fornecer uma informação a Anderson como gratificar um fiscal.

— É muito provável que em breve estejamos em condições de lhe enviar uma fatura replicou Wolfe.

* * *

Quatorze

DEVIDO ao tempo consumido nas redações dos jornais por causa do anúncio e ao tráfego intenso da tarde de uma sexta-feira de verão, eram quase quatro horas da tarde quando cheguei a White Plains. Não me preocupei em telefonar previamente para saber se Anderson ou Derwin se encontrariam no gabinete, porque de qualquer modo necessitava atravessar a localidade para me dirigir a Armonk. Afinal, ambos estavam. A recepcionista me brindou com um sorriso, o que sem dúvida me agradou, pois quando uma pessoa deixa de ser recordada significa que o semblante começa a perder atrativos. Em vez de me perguntar o nome ou quem procurava, inclinou a cabeça e estendeu a mão para o telefone interno.

— Julga que sou filho pródigo? Observei.

— Eles vão sacrificá-lo, em vez do cordeiro, replicou. Depois de falar no bocal durante uns segundos, uma das portas em volta se abriu, para dar passagem a Derwin.

— Que diabo quer?

— Veja se adivinha. Pode mandar vir Ben Cook com urgência. Antes que tivesse tempo de sofrer um colapso cardíaco, acrescentei: — Quero dizer uma coisa a Mister Anderson. Ou a si. Ou a ambos.

Nunca cheguei a me inteirar do que os fulanos de White Plains tinham feito durante os seis dias transcorridos desde a autópsia. Naquela tarde de sexta-feira, Anderson me revelou que Corbett passara dois dias na Universidade Holland. Provavelmente, circulara o rumor de que

havia lá um estudante que Barstow obrigara a ficar de castigo uma hora depois de todos saírem, ou outra fantasia similar. De qualquer modo, verifiquei que não tinham apurado nada de importante. Por muito que custasse a crer, o promotor não sabia sequer que Barstow utilizara um saco de tacos de golfe novo oferecido pela esposa como presente de aniversário, até que o elucidei. Naquela visita obtive apenas um elemento novo: um analista de Nova Iorque afirmara que o sangue da vítima continha indícios de veneno de serpente. Fora essa informação que levava Anderson e Derwin a se desinteressarem dos tacos de golfe e se debruçarem sobre serpentes venenosas, e, embora me repugne admiti-lo, o pormenor também me provocou certa perplexidade.

Conquanto a agulha em si continuasse por explicar, eu assistira a ocorrências mais estranhas do que a presença de uma num estômago humano atribuída a coincidência. As serpentes venenosas não constituíam um fato inaudito em Westchester. Por conseguinte, e se uma aparecesse no Green Meadow Club naquele domingo e mordesse Barstow? No pé ou em qualquer outra parte do corpo. Era motivo mais do que suficiente para uma dor de cabeça. O fato não fora divulgado à imprensa, e só me inteirei depois de despejar o saco perante Anderson e Derwin. Não obstante, mesmo que todos os recintos de golfe do clube estivessem infestados de serpentes venenosas, eles não podiam ignorar o fato de que Nero Wolfe lhes revelara exatamente o que a autópsia indicaria.

Derwin me levou até ao gabinete de Anderson, que se encontrava com outro homem, cujo aspecto o rotulava como sendo um advogado e não um detetive. Sentei-me e equilibrei o chapéu no joelho.

— Que o traz por aqui? Quis saber o promotor.

Não havia maneira de me decidir a gostar do homem. Nem ao menos podia me divertir com ele, porque as suas facetas desagradáveis eram tão primitivas que o único modo de obter um pouco de satisfação

consistiria em puxar-lhe o nariz. Derwin podia se considerar diferente embora não fosse positivamente o meu tio preferido, permitia mais campo de manobra.

— Informações de Nero Wolfe, eu esclareci. — Talvez seja conveniente chamar um estenógrafo.

Não conseguiu evitar alguns comentários cáusticos prévios, que suporrei com a paciência e estoicismo indispensáveis. Quando compreendeu que não obtinha o menor efeito, chamou de fato um estenógrafo e desbobinei o meu rosário. Falei do presente de aniversário, ao paradeiro do saco de tacos de Barstow e quem o colocara lá e ao empréstimo do driver de Kimball no primeiro tee. Sugeri que investigassem todo o possível acerca do saco deste último, onde o guardava e quem tinha acesso ao local, embora soubesse que alguém que se aproximasse por essa via não chegaria a parte alguma, porquanto Manuel decerto desfrutara de numerosas oportunidades. A seguir, transmiti a mensagem de Wolfe sobre a proteção a Kimball, empregando a veemência apropriada. Salientei que Wolfe pensava que, se a responsabilidade da segurança de um cidadão cuja vida corria perigo estava comprometida, constituía um peso que as autoridades deviam assumir, pelo que ele se desvinculava desse aspecto do assunto. No final, Anderson me fez várias perguntas, a algumas das quais respondi, enquanto deixava outras passar em claro. Insistiu por longos minutos, até que me viu exhibir um largo sorriso.

— Está tentando me apanhar em falso, comentei.

— Sem resultado, admitiu em tom melífluo. — Vou lhe ser franco. Quando a autópsia confirmou a predição de Wolfe, supus que ele conhecia a identidade do assassino. Ora, no momento em que foi anunciada a recompensa e não se candidatou, me convenci do contrário. Agora, sabemos tudo o que vocês apuraram, e muito mais, à parte o único pormenor de como Wolfe chegou à sua predição. Gostaria de saber, embora duvide de que se possa revestir de valor especial, uma vez

que ele não chega a parte alguma com ela. Em todo o caso, podia me esclarecer essa dúvida. Em troca lhe direi tudo. Por exemplo, esta manhã foi detectado veneno de cobra no sangue de Barstow.

— Obrigado. A revelação me poupa o trabalho de ler o jornal da tarde.

— A imprensa não foi informada. E posso lhe dizer mais algumas coisas.

E disse. Mencionou a deslocação de Corbett à universidade e vários outros pormenores insignificantes, concluindo a tirada com uma preleção subordinada ao tema das serpentes venenosas. Empenhado em seguir para Armonk e analisar a nova descoberta a sós, para determinar a importância de que se revestia, lhe agradei o tempo concedido, me levantei, pus o chapéu e me retirei. Como ficava apenas a doze quilômetros de distância e eu não sabia quanto tempo me demoraria em Armonk, decidi passar primeiro pela residência dos Barstow. Telefonei de uma cabina na Main Street e descobri que Sarah estava em casa, pelo que, vinte minutos mais tarde, freava o conversível à entrada. O guarda era o mesmo e ao me reconhecer fez sinal com a cabeça para que prosseguisse. Havia várias pessoas tomando chá no terraço. Dirigi-me à porta lateral e Small me acompanhou ao solário nos fundos, onde comunicou que Miss Barstow não demoraria a vir me encontrar e perguntou se desejava uma xícara de chá.

— Você não se lembrou de tudo isso sozinho, observei.

— Miss Barstow me indicou que lhe oferecesse chá replicou, sem pestanejar.

— É natural. Prefiro um copo de leite, se não der muito incômodo.

Reapareceu, poucos momentos depois, com o leite, que eu consumira parcialmente quando Sarah entrou. Dissera-lhe, pelo telefone, que se tratava de uma visita social, sem importância especial, e quando me levantei e a vi caminhar na minha direção, natural, jovem e

humana, refleti que, se alguma vez lhe ocorresse abrir uma clínica para corações amargurados, eu seria o primeiro da fila de espera para ser atendido, se não estivesse muito ocupado.

— Melhorou a fisionomia desde o nosso último encontro, aventurei.

— Dormi interminavelmente admitiu, com um sorriso. — Sente-se.

— Obrigado pelo leite. Obedeci e peguei no copo. — É excelente. Desculpe afastá-la dos seus amigos, mas procurarei ser rápido. Acabo de estar no gabinete de Mister Anderson, com o qual conversei. Falei-lhe do presente de aniversário e da sua viagem noturna no ferryboat de Tarrytown... Não se revolte, por favor. O fato não tem significado algum. Não passa de mera estratégia, aquilo com que os generais perdem batalhas. Não havia um taco driver manipulado no saco do seu pai, quando Mistress Barstow ofereceu-o ou em qualquer outra altura. Ninguém tentou matá-lo. Morreu por mero acidente. Olhou-me com uma expressão de incredulidade e aguardei que assimilasse a revelação.

— Nesse caso, não foi homicídio. Nero Wolfe se equivocou. Mas como?...

— Eu não disse que não foi homicídio. Wolfe não se equivocou. O acidente ocorreu no primeiro tee. O caddy de seu pai tinha se afastado com o saco, pelo que ele pediu o driver emprestado a E. D. Kimball. Foi esse taco que o matou. Tratou-se de uma infortunada casualidade. Ninguém pretendia assassiná-lo.

— Eu conhecia-o bem...

— Sim, acredito. Era só isto que lhe queria dizer, Miss Barstow. Não o fiz pelo telefone porque não sei quando Anderson tenciona divulgar o fato. No momento, é confidencial. Pretendi evitar que soubesse através dele e pensasse que eu lhe ocultara a verdade. Se vier lhe perguntar porque se entretém a lançar sacos de tacos no rio, mande-o para o diabo. E lhe falei do empréstimo do driver de Kimball, para que você não continue a quebrar a cabeça com conjecturas que só servem para lhe tirar o sono. Não se preocupe mais com a identidade de quem

possa ter assassinado o seu pai porque ninguém o fez. No entanto, convinha que o assunto não transpirasse da família, até ver. Levantei-me. — Nada mais.

— Já vai? Murmurou, se conservando sentada. — Acho que vou ficar aqui por uns momentos. Obrigada, Mister Goodwin... Não terminou o leite. Peguei no copo, esvaziei-o e saí, refletindo que, mesmo que estivesse muito ocupado, arranjaria algum tempo livre para visitar a clínica.

Passava das seis da tarde quando cheguei a Armonk, mas o Sol ainda se encontrava muito acima do horizonte e avistei dois aviões pousados na pista e outro que aterrava naquele momento. Havia letreiros por todos os lados **VOE POR \$5 E EXPERIMENTE O CÉU**, além de outros incentivos pintados nas paredes dos hangares de madeira. Não se podia considerar um aeródromo impressionante em termos de equipamento, porém o campo em si era espaçoso, bem cuidado e plano como uma panqueca. Estacionei o carro na berma da estrada e transpui a cancela junto de um dos hangares. Não havia ninguém nas imediações, à parte o piloto e dois passageiros que abandonavam o aparelho que acabara de aterrissar. Avancei ao longo das outras portas e no terceiro hangar descobri dois fulanos que se entretinham a atirar moedas para uma ranhura. Quando ouviram passos, se endireitaram, se voltaram para a entrada e inclinei a cabeça.

— Desculpem interrompê-los, mas procuro um mapa, um livro encadernado de mapas de voo. Talvez não seja esta a designação técnica, mas... Um não passava de um adolescente. O outro, um pouco mais velho, de macacão de mecânico, abanou a cabeça.

— Não vendemos mapas.

— Não era para comprar. Procuro um de encadernação vermelha, que o meu irmão deixou aqui, há uma semana. Na segunda-feira, cinco, mais concretamente. Talvez se recordem. Como sabia que eu passaria hoje por aqui, a caminho dos Berkshires, me pediu que viesse buscá-lo.

Aterrissou neste aeródromo, no seu avião particular, por volta das seis da tarde, e decolou cerca das dez.

— Aqui não foi, com certeza, afirmou o mecânico, sacudindo a cabeça.

— Não pode ser repliquei, me fingindo surpreso. Ele deve saber bem onde foi.

— Talvez devesse, mas não sabe, se insiste em que o fez neste campo. Não aterrissa aqui nenhum aparelho além dos nossos, há mais de um mês, exceto um biplano que apareceu numa manhã da semana passada.

— É estranho. Eu não conseguia compreender. Tem certeza? Talvez fosse durante a sua ausência.

— Nunca me ausento. Até durmo aqui. Se quiser um conselho de amigo, diga ao seu irmão que trate de encontrar o mapa, porque precisa bem dele.

— Sim, dá essa impressão. Há outros aeródromos nas redondezas?

— Perto, não. Há um em Danbury e outro na direção de Poughkeepsie.

— Bem, parece que bati à porta errada. Desculpem tê-los interrompido. Obrigado pelas informações.

— Não tem de quê.

Fui me sentar no conversível para decidir o que faria a seguir. O mecânico não se exprimira como se se esforçasse por justificar o dinheiro que alguém lhe pagara para guardar silêncio. Limitara-se a dizer o que acontecera ou, melhor, o que não acontecera. Armonk podia ser riscado da lista. Assim como Poughkeepsie, porque, embora Manuel pudesse ter coberto a distância em vinte minutos no seu avião, não disporia de tempo para regressar ao local em que deixara o carro e se encontrar com Carlo Maffei, onde tivessem combinado. Era quase certo que se avistara com o italiano perto de uma estação do metrô da periferia de Nova Iorque, às sete e meia. Com efeito, nunca conseguiria comparecer se viesse de Poughkeepsie. Refleti que Danbury constituía uma vaga possibilidade, pelo que segui para lá.

Não me agradava me dedicar a todas aquelas diligências, porque estávamos em 16 de junho, aniversário do dia em que o pequeno Tommie Williamson fora restituído aos pais no escritório de Wolfe, e o casal Williamson e o filho, agora com quatro anos, celebrariam a data jantando com ele, como habitualmente. Todos os anos tentavam convencê-lo a se deslocar à sua residência, sem resultado. Eram pessoas simpáticas e eu gostaria de ver Tommie mais uma vez, porém o que mais me preocupava residia na importância que Fritz atribuía ao acontecimento. Sabia que Williamson possuía uma rede de hotéis e provavelmente pretendia lhe demonstrar como era deplorável que os estabelecimentos congêneres não servissem comida satisfatória. Um quinto do repasto se destinava ao meu porão, mas, em vez de me encontrar lá e procurar lhe fazer as honras, às oito horas daquela tarde precisava me contentar com uma dose de fígado e bacon que tresandava a óleo ultra saturado, numa espelunca qualquer de Danbury.

Tudo me correu mal naquele local. Depois de comer, me dirigi ao aeródromo, onde ninguém sabia nada. Resolvi esperar um pouco e, por último, surgiu um homem que se mostrou incapaz de me satisfazer a curiosidade. Mantinha um registo, mas não o necessitava, pois se recordava do minuto exato em que o Sol se pusera todos os dias, desde a Páscoa. Quando me afastei, me achava convencido de que Manuel Kimball nunca se aproximara sequer do aeródromo, e, conquanto fizesse uma noite de verão estupenda, não desfrutei particularmente com a viagem de regresso a Nova Iorque.

Entrei na sala da Thirty-fifth Street depois da meia-noite, os Williamson já se tinham retirado e Wolfe se recolhera ao quarto. Na gaveta superior da minha cômoda, havia um bilhete na sua delicada e inconfundível letra:

Archie:

Se não conseguiu nada, de manhã investiga o anúncio pedindo um técnico de metais, e, se o seu encanto natural bastar para impressionar Anna Fiore, manda-a comparecer aqui às onze da manhã.

N. W.

Nunca gosto de comer a altas horas da noite, a menos que me pareça inevitável, mas entrei na cozinha para me munir de um copo de leite e contemplar com amargura os restos do jantar, como o eterno enamorado que visita a campa onde repousam as ossadas da sua amada. Em seguida, subi ao quarto e me deitei.

Dormi até tarde e, quando tomava o café-da-manhã, Fritz me descreveu o jantar que perdera, mas me mostrei apenas polidamente interessado; as refeições da véspera nunca me preocuparam muito. Abri o jornal na seção dos anúncios, em busca do que mandara publicar no dia anterior. Encontrei-o e considerei satisfatório. Antes de sair, entrei no escritório e arrumei-o um pouco, pois a manhã não prometia se revelar muito atarefada.

Um dos diversos pormenores que me intrigavam acerca de Manuel Kimball era o fato de o anúncio pedindo um técnico de metais vir da Redação do centro da cidade. Não resultaria mais apropriado pois nem um homem com um homicídio em mente negligenciaria as conveniências recorrer à delegação de Times Square, na 125th Street? É claro que isto não constituía uma objeção importante, mas somente uma das pequenas coisas em que uma pessoa pensa quando olha em volta à procura de um ponto de apoio sólido. De qualquer modo, com o anúncio não esperava chegar a parte alguma interessante.

Entrar na redação do Times, descobrir qual das numerosas empregadas da seção de anúncios aceitou um em especial, dois meses antes, lhe solicitar e obter a descrição da pessoa em causa e de quem foi recolher as respostas, equivalia mais ou menos a abordar o porteiro de uma piscina e lhe perguntar a que horas entrara o primeiro cliente calvo

no dia 4 de Julho. Por conseguinte, as minhas diligências naquela área foram recompensadas com um natural zero. A única coisa de que me inteirei foi que o anúncio aparecera na edição de 16 de abril, o que era um resultado deplorável para tanto trabalho. Quem lucrou com tudo aquilo foi Purley Stebbins, do gabinete do promotor público, ao qual recorri para me franquear o caminho nas instalações do jornal com a exibição do seu crachá e que tive de recompensar com uma bebida. Por fim, fui depositá-lo no seu templo da justiça e rumei à Sullivan Street.

Mistress Ricci não se mostrou disposta a me deixar entrar. Foi ela mesma quem abriu a porta e enrugou a fronte mal me viu. Exibi um sorriso e expliquei que pretendia levar Anna Fiore para dar uma volta no carro, me comportando como um cavalheiro perante todas as suas objeções, até que começou a impelir a porta com tanta força que o meu pé quase resvalou para fora. A partir daí, assumi uma atitude enérgica.

— Preste atenção, por favor. Anna está em maus lençóis. Não conosco, mas com a polícia. Com os tiras. Revelou-nos uma coisa que lhe pode provocar sérios dissabores se eles descobrirem. Por enquanto, não sabem de nada, nem nós queremos que saibam, mas suspeitam de algo. O meu patrão pretende alertá-la. Quer que a prendam? Vá lá. Deixe-se de esquisitices.

— Tudo isso são mentiras retorquiu, com um olhar incendiário.

— Pergunte-lhe. Vá chamá-la.

— Aguarde aí.

— Com certeza.

Fechou-me a porta na cara e me sentei no degrau de pedra, para acender um cigarro. Como era sábado, a rua se achava de novo imersa em autêntico pandemônio. Fui atingido por uma bola e os tímpanos começaram a vibrar, mas à parte isto não tive razão de queixa. Acabava de jogar fora a guimba quando ouvi a porta abrir atrás de mim, e me levantei. Anna surgiu de casaco e chapéu, enquanto Mrs. Ricci, que se mantinha prudentemente atrás, informou:

— Telefonei a Miss Maffei. Diz que você merece confiança, mas não me convenceu. Se envolver a Anna em confusões, o meu marido mata-o. É órfã de pai e mãe e consideramo-la uma boa pequena, apesar de ter macaquinhos na cabeça.

— Não se preocupe. Voltei-me para a jovem, com um sorriso. — Quer dar uma volta no carro? Assentiu com uma inclinação de cabeça e acompanhei-a ao conversível.

Se alguma vez resolver matar alguém, tenho certeza de que será uma mulher. Conheci muitos homens casmurros, conhecedores de algo que me interessava saber e se fechavam em copas, apesar do que se conservavam sempre humanos. Infundiam-me a sensação de que, se lhes atingisse o ponto fraco, obteria o que pretendia. Por outro lado, conheci mulheres totalmente herméticas, em quaisquer circunstâncias, mesmo que compreendessem que uma revelação não as afetaria minimamente.

Conservei-me sentado observando Anna Fiore durante uma hora, naquela manhã, enquanto Wolfe punha em prática todos os ardis que conhecia, e se ela se safou inteira foi apenas porque me recordei de que nunca se deve matar a galinha dos ovos de ouro, mesmo que se negue a pôr. É claro que eu não sabia se tinha algum ovo de ouro nas suas entranhas e Wolfe tampouco, mas não conhecíamos outra galinha com semelhantes possibilidades potenciais.

Chegamos na Thirty-fifth Street antes das onze, e Wolfe não demorou a descer da estufa. Iniciou o interrogatório com suavidade, como se apenas pretendesse lhe contar uma história para mantê-la a par da situação. Comunicou que quem lhe enviara os cem dólares matara Carlo Maffei, se tratava de um indivíduo perverso e perigoso, conhecedor do fato de que ela estava ao corrente de algo que não desejava divulgado e poderia, portanto, tentar matá-la, Miss Maffei era uma mulher simpática, Carlo Maffei também e não merecia a morte e o

autor do crime devia ser descoberto e condenado. Com os olhos fixos na expressão da jovem, presenti o que nos aguardava.

Wolfe enveredou pelas sutilezas de um contrato. Explicou várias vezes, empregando diferentes termos, que um contrato entre duas partes só tinha validade quando ambas se achavam de acordo. Ora, ela não assinara qualquer contrato de silêncio com o assassino, que se limitara a lhe enviar dinheiro e indicar como devia proceder. Fora mesmo ao ponto de lhe oferecer uma alternativa: se quisesse Anna poderia queimar os cem dólares. Ainda estava em tempo de fazê-lo. Wolfe abriu a gaveta da mesa, extraiu cinco notas novas de vinte dólares e dispô-las diante dela.

— Pode queimá-las já, Miss Fiore. Representará um sacrilégio e eu terei de sair para não assistir, mas Mister Goodwin ajudará. Queime-as e aceite estas para substituí-las. São suas. Ainda têm os cem dólares? Ela aquiesceu com um gesto. — Na meia? A jovem levantou a saia e torceu um pouco a perna, até que o vulto se tornou visível. — Tire-os aqui para fora, indicou Wolfe.

Anna introduziu a mão no topo da meia, retirou as notas de vinte dólares e desdobrou-as. Em seguida, se virou para mim e sorriu.

— Aqui tem os fósforos, acrescentou Wolfe. — Sirva-se desse cinzeiro. Vou me retirar e Mister Goodwin a ajudará e lhe dará as outras notas. Creio que o fará com muito gosto. Dirigiu-me um breve olhar de inteligência e acudi:

— Não hesite, Anna. Julgo-a possuidora de bom coração. Mister Maffei tratou-a com bondade e você deve lhe retribuir o gesto. Queimaremos as notas juntos, hem?

— Nunca me atreverei, disse ela.

— Falou assim antes, mas agora o caso é diferente, salientei. — Precisa queimá-las para ficar com este outro dinheiro.

Abanou a cabeça, e com que expressão o fez! Talvez não dispusesse de uma mente muito esclarecida, mas não subsistiam dúvidas de que lhe não faltava determinação.

— Não sou obrigada e não o farei, reiterou. — Julgam-me pouco inteligente porque toda a gente me considera estúpida, mas lhes garanto que não sou cega. O dinheiro me pertence, e nunca o queimarei. Vou guardá-lo, até poder casar. Não é uma intenção de uma pessoa estúpida.

— Escusa pensar em casar se a matarem como fizeram a Mister Maffei.

— Não me matarão.

— Pensei que, se mais ninguém a liquidasse, eu acabaria por me ocupar disso.

Wolfe optou por uma tática diferente. Começou a tentar ludibriá-la. Fez-lhe perguntas sobre os pais, a sua vida anterior, as atividades e hábitos dos Ricci, as suas opiniões acerca disto e daquilo. Ela pareceu aliviada e ia respondendo satisfatoriamente, em particular quando ele aludiu à pensão. Mas na primeira vez que procurou lhe armar uma cilada, ao perguntar algo a respeito da limpeza ao quarto de Carlo Maffei, conservou a boca fechada como uma ostra. Wolfe experimentou recorrer a rodeios, mas o resultado não mudou. Anna assumia uma atitude digna de admiração, e eu tê-la-ia comprado se descortinasse algum destino a lhe dar. Estúpida ou não, possuía um mecanismo interno perfeitamente afinado que se immobilizava sempre que o nome de Carlo Maffei vinha à baila. Não obstante, Wolfe persistia sem vacilar e cheguei a acalantar a esperança de que terminasse por conseguir levar água ao seu moinho.

De súbito, a porta abriu-se e Fritz entrou com a habitual lentidão ditada pelo respeito. Fechou-a atrás de si e, quando Wolfe inclinou a cabeça, se adiantou e apresentou um cartão-de-visita numa salva de prata. Ele pegou-o, olhou, e vi as narinas se dilatarem ligeiramente.

— Uma surpresa agradável, Archie articulou, e me passou o cartão.
Baixei os olhos e li:

Manuel Kimball

* * *

Quinze

WOLFE se conservou silencioso por um momento, franzindo os lábios, até que indicou:

— Mandê entrar o cavalheiro e leve-o para a sala, Fritz. Levanta os estores para que haja luz suficiente e deixa a porta do corredor aberta, para permitir a renovação do ar. Fritz saiu e Wolfe se voltou para Anna. — Muito obrigado, Miss Fiore disse em voz ainda mais baixa do que usualmente. Foi deveras paciente e se manteve dentro das regras dos direitos que lhe assistem. Importa-se que Mister Goodwin não a leve à pensão? Tem uma tarefa urgente a executar. De qualquer modo, Fritz é um motorista excelente. Archie, acompanhe-a à cozinha e combine isso com ele. Depois, podes escoltá-la até à entrada.

— Compreendo. Vamos, Anna.

— Não pode ser Mister Goodwin?... Começou ela.

— Fica para outra ocasião. Venha.

Conduzi-a à cozinha e expliquei a Fritz o prazer que o aguardava. Penso que nunca tive pena da jovem até ao momento em que vi que ele não corava ao lhe anunciar que devia levá-la à pensão. Era uma perspectiva terrível. Protelei, porém, a compaixão para mais tarde, enquanto Fritz se desembaraçava do avental e enfiava o paletó e o chapéu. Entretanto, fingi que me acudira uma ideia e decidia pô-la em prática.

— Vamos fazer uma experiência, Anna. Há pouco, falou em casar, o que me levou a pensar no gênero de homem que preferiria. Quando passarmos pela porta da sala, olhe para dentro e depois me diga se a pessoa que se encontra lá corresponde ao seu gosto. De acordo?

— Sei perfeitamente o gênero...

— Acredito. Não quero que ele lhe ouça a voz, para não notar a nossa curiosidade. Está pronto, Fritz?

Encaminhamo-nos para a saída. A porta da sala que comunicava com o corredor se encontrava aberta, em conformidade com as instruções de Wolfe. Manuel Kimball se achava perfeitamente visível, instalado numa poltrona, de perna traçada. Ao ouvir passos, se voltou, mas a iluminação no corredor era deficiente, pelo que não conseguiu enxergar nada de especial. Pousei a mão no cotovelo da jovem e os olhos no seu rosto, no instante em que ela virou a cabeça para lá, após o que continuávamos em direção à saída, onde Fritz aguardava.

— É aquele o seu gênero, Anna?

— Não, inclino-me mais para...

— Noutra ocasião me explicará isso minuciosamente. Adeus. Não importa que o almoço se atrase, Fritz, pois sinto que iremos ter uma prolongada sessão, e não haverá convidados. Regressei apressadamente ao escritório e vi que Wolfe não se movera.

— Ela nunca o tinha visto antes. Mando entrar o homem?

Aquiesceu com um movimento de cabeça e passei diretamente à sala pela porta de comunicação. Manuel Kimball se levantou deu meia volta para me encarar e me saudou com uma leve inclinação do tronco.

— Desculpe tê-lo feito esperar. Estávamos com uma jovem cliente convencida de que podemos lhe restituir o marido assobiando, mas não é assim tão fácil. Siga-me, por favor.

Wolfe não se sentia suficientemente formal para se levantar e conservou as mãos unidas sobre o abdômen.

— Muito boa tarde, Mister Kimball. Perdoe não me pôr de pé, mas se trata apenas de excesso de peso e não de falta de maneiras. Queira sentar.

Não descortinei indícios de agitação em Manuel, embora exibisse uma expressão concentrada. Os olhos negros pareciam mais pequenos do que na última vez que o vira e preocupados com alguma coisa muito importante para permitir que esquadrinhassem as imediações. Vestia um terno cinzento-claro de corte impecável, com laço amarelo e luvas da mesma cor aparecendo de um dos bolsos do casaco. Não me ligou nenhuma. Mal se instalou na cadeira, decerto ainda quente do corpo de Anna Fiore, o olhar se fixou em Wolfe, onde se conservou.

— Toma cerveja?

— Obrigado, agradeceu, com uma inclinação de cabeça.

Abarquei a ordem tácita. Na cozinha, tirei duas cervejas da geladeira, copos de uma prateleira e transferi-os para um tabuleiro, trabalhando com rapidez para não perder pitada do que se desenrolava no escritório. Em seguida, deposei o tabuleiro em cima da mesa de Wolfe, fui sentar atrás da minha, espalhei a papelada necessária no tampo e me preparei para tomar nota do que fosse necessário.

— ...Falou-me da sua visita aqui, ontem dizia Manuel. — O meu pai e eu mantemos um clima de confiança mútua absoluta. Revelou-me tudo o que o senhor lhe disse. Porque o fez, Mister Wolfe?

— Bem... Este último abriu a gaveta para apanhar o abridor, retirou a chapinha de uma cerveja, que guardou na gaveta, e encheu um copo. Contemplou a espuma por um momento e se voltou de novo para o interlocutor. — Mister Kimball, afirma que seu pai lhe repetiu tudo o que eu disse. Não vejo como pode estar certo disso. Sejamos, pois,

devidamente seletivos. O seu tom é algo ameaçador. Que pretende dizer, especificamente? O que eu disse que o senhor preferia que ficasse por dizer?

— Não pretenda alterar o sentido das minhas palavras. Manuel sorriu e se tornou mais glacial. — Não estou exprimindo as minhas preferências. Limite-me a pedir-lhe que explique afirmações que se me afiguram descabidas. Assiste-me esse direito, como filho de um homem que está envelhecendo. Nunca tinha visto o meu pai assustado, mas o senhor conseguiu. Afirmou que Barstow foi morto em resultado do empréstimo do taco driver.

— É exato.

— Admite, portanto. Espero que o seu funcionário encarregado de registrar a nossa conversa inclua a sua confissão. O que revelou a meu pai não passa de um monte de besteiras. Nunca acreditei na história da agulha envenenada em relação a Barstow e agora ainda menos. Com que direito inventa semelhantes absurdos e alarma, primeiro toda a família Barstow e agora o meu pai, com eles? Trata-se provavelmente de um assunto passível de ser presente aos tribunais, e consultarei o meu advogado nesse sentido. De qualquer modo, é injustificável e precisa terminar.

— Não sei... Wolfe parecia ponderar a situação, enquanto eu admirava a perspicácia do nosso visitante ao notar as minhas verdadeiras intenções nos primeiros cinco minutos, coisa que raramente acontecera no passado. — Palavra que não sei. Se o assunto é passível de um processo judicial, como refere, creio que tal só poderia acontecer através de uma queixa de calúnia interposta pelo assassinado. Suponho que não é o que tem em mente...

— Só tenho uma coisa em mente. Os olhos de Manuel se diriam ainda menores. — Isto não pode continuar.

— Raciocinemos, por favor. Acusa-me de inventar coisas absurdas, mas não inventei nada. A invenção, muito notável e original, brilhante mesmo, foi de outrem. Apenas a descoberta me pertenceu. Se o inventor se dirigisse com as palavras que acaba de empregar, considerá-lo-ia um

homem louvavelmente modesto. Não, meu caro senhor, não inventei o taco driver.

— Mais ninguém o fez. Onde está?

— Infelizmente... Wolfe estendeu uma mão, com a palma voltada para cima, — Ainda não o vi.

— Que provas há da sua existência?

— A agulha que disparou para o abdômen de Barstow.

— Ora!... Porquê de um driver de golfe? E no primeiro tee?

— A vespa surgiu do nada, e sincronizada.

— Não chega. Os olhos exprimiam agora profundo desdém. — É o que eu digo: mentiras criminosas. Se não possuí provas mais convincentes, tenho o direito de exigir que se retrate. Contatei esta manhã com Mister Anderson, promotor público de White Plains, que concorda comigo. Exijo que procure o meu pai, se retrate e peça desculpas, assim como aos Barstow, se os tiver informado, como desconfio que fez. Wolfe meneou a cabeça com lentidão e, após uma pausa; disse em tom pesaroso:

— É uma situação deplorável, Mister Kimball.

— Pois é, mas agora precisará enfrentar as consequências.

— Compreendeu mal. Considero deplorável que tenha de lidar comigo, talvez o único homem neste hemisfério que a sua coragem e espírito não pode vergar. Lamento, mas assim como assumiu uma tarefa apropriada à sua capacidade, eu procurei uma adequada à minha. Perdoe-me que lhe vise o flanco, uma vez que me impossibilita de encará-lo frontalmente. Duvido que esperasse que o seu ataque direto atingisse o imaginário objetivo, pois decerto não forma uma opinião tão baixa a meu respeito. O seu verdadeiro alvo deve estar dissimulado e provavelmente foi a descoberta da natureza e extensão dos elementos que apurei até agora. Com certeza se encontra ao corrente disso, de contrário como teria eu podido prever o resultado da autópsia?... Deixe-me acabar, por favor. Sim, sei quando, onde e por quem foi confeccionado o taco driver, assim como o atual paradeiro do homem e os resultados que devo esperar do anúncio que mandei publicar nos matutinos de hoje. Talvez já tenha lido.

Os músculos das faces de Manuel não tinham sofrido a mínima alteração, tal como não se notava qualquer diferença no seu tom, quando, sem desviar os olhos de Wolfe, replicou:

— Se estiver ao corrente de tudo isso, o que me custa a crer, não é material para transmitir ao promotor público?

— Sem dúvida. Deseja que o faça?

— Com certeza. Se o possui, bem entendido.

— Ótimo. Wolfe agitou um dedo na direção do interlocutor. — Faça-me um favor, Mister Kimball. Quando regressar, passe pelo gabinete de Mister Anderson, lhe comunique a informação que possuo e sugira que a mande buscar. E agora, se me dá licença, já estou atrasado para o almoço. Antes, porém, me permita um cumprimento pessoal. Se outra pessoa se achasse no seu lugar, eu tentaria retê-la, na esperança de que me revelasse algo de útil. Agora, todavia, considero que uma das minhas habituais refeições será mais proveitosa.

— Devo preveni-lo de que seguirei daqui diretamente para o meu advogado, anunciou Manuel, se levantando. Não tardará a receber notícias dele.

— É a sua atitude mais conveniente. Óbvio, mas decerto a mais conveniente. Seu pai estranharia se não a tomasse.

Apressei-me a acompanhá-lo à porta, pelo menos para me certificar de que saía, e regresssei ao escritório. Wolfe se reclinara na cadeira e conservava os olhos fechados, pelo que perguntei em tom suficientemente elevado para acordá-lo:

— O tipo terá vindo para averiguar se deve matar o pai durante o fim-de-semana? Suspirou, descerrou as pálpebras e meneou a cabeça.

— São horas do almoço, Archie.

— Só está pronto daqui a dez minutos, pelo menos. O Fritz voltou perto da uma.

— As anchovas e o aipo servirão para nos entretermos. Seguimos, pois, para a sala de jantar.

Uma vez aí, o caso Barstow-Kimball entrou em hibernação. De qualquer modo, Wolfe se isolou dele e tive de fazer o mesmo, para não ficar falando sozinho. Terminada a refeição, regressamos ao escritório e ocupamos os respectivos lugares habituais. Entretive-me a arquivar alguma papelada, o que não me impedia de observá-lo de vez em quando, à espera do momento em que regressaria à vida. Embora conservasse os olhos fechados, decerto pressentiu a minha curiosidade, pois me fitou repentinamente e resmungou.

— Não pode evitar que esses papéis façam tanto barulho?

— Está bem. Levantei-me. — Vou sair daqui. Onde quer que vá? Perdeu a língua, que diabo?

— Para onde tiver vontade. Dê uma volta por aí.

— E regresso...

— À hora que quiser. Não interessa. Para jantar.

— Está esperando de que Manuel liquide o velho?

— Até logo, Archie.

Tinha certeza que ele estava exagerando, visto que já eram três e meia e, dentro de trinta minutos, se recolheria à estufa. No entanto, em face do estado de espírito que lhe notava, peguei no chapéu e me encaminhei para a saída. Entrei num cinema para refletir, e quanto mais pensava mais desconfortável me sentia. A visita de Manuel Kimball, com o seu desafio, pois era disso que se tratava, quase alcançara o objetivo, pela parte que me dizia respeito. Embora consciente de que ainda não estávamos totalmente em condições de dizer a Mrs. Barstow a quem devia endereçar o cheque, só agora notava de como estava vazio o nosso saco. Descobríamos algumas coisas de modo que nos satisfiziam, mas dispúnhamos de tantas provas de que se praticara um homicídio como no momento em que iniciáramos as investigações. Para não falar da identidade do assassino. Todavia, isso não era tudo: o pior consistia

em que não tínhamos a menor ideia da diligência que devíamos fazer a seguir. Admitindo que se tratava de Manuel Kimball, como provaríamos a culpa dele? Por meio de driver. Nesse capítulo, escusávamos de acalantar esperanças. Não me custava vê-lo a sobrevoar o rio e largar nele o malfadado taco, com um pedaço de chumbo firmemente preso. Subsistiam mais ou menos as mesmas possibilidades de determinarmos a origem do veneno. Ele planejara o crime durante anos ou, pelo menos, meses. Talvez até se fizesse acompanhar do veneno quando viera da Argentina com o pai. E se o induzíssemos a falar ao telefone com Mrs. Ricci, para que ela identificasse a voz? Qualquer júri emitiria o veredicto com base nisso sem abandonar a sala do tribunal. Permaneci no cinema mais de três horas sem ver nada do que se passava na tela e ainda contraí uma dor de cabeça pelo trabalho.

Nunca soube o que Wolfe tinha em mente naquela tarde de sábado e domingo subsequente. Limitar-se-ia a dar com a cabeça nas paredes, como eu? Aguardaria que Manuel agisse? Mas a única ação que este poderia empreender consistia em matar o pai, e o que lucraríamos com isso? Anderson nos colocaria à margem dos acontecimentos sem apelo nem agravo, e conquanto Wolfe e eu decerto não julgássemos necessário trajar de luto por E. D. Kimball, assistiríamos com profundo desgosto à perda da possibilidade de arrecadarmos os cinquenta mil dólares. No que se referia a este último, eu ponderava que fora virtualmente assassinado a 4 de junho e devia se sentir grato pelas duas semanas de graça. No entanto, Wolfe não estava à espera disso, e eu tinha certeza em virtude do que disse acerca de Manuel, domingo à tarde, altura em que emergiu da hibernação e falou um pouco, embora não muito. Mostrava-se apenas filosófico.

Chovia, como aconteceu durante todo o dia. Escrevi algumas cartas, li dois jornais e passei duas horas na estufa e conversando com Horstmann e contemplando as plantas, mas, qualquer que fosse a minha atividade, estava mal-humorado. O raio da chuva não parava um único instante. Isto não quer dizer que me incomodasse, se tivesse alguma

coisa para fazer, pois não me preocupo com os elementos meteorológicos quando estou ocupado, porém a deambulação pela casa na penumbra, com a precipitação constante lá fora, não contribuía para melhorar a minha disposição. Por conseguinte, me congratulei quando, por volta das cinco e meia, aconteceu algo que me irritou.

Encontrava-me no escritório bocejando diante de uma revista no momento em que o telefone tocou. Necessitei de alguns segundos para me desenroscar da poltrona que ocupava e alcançar a mesa, a fim de levantar o auscultador, e foi com admiração que ouvi a voz de Wolfe, que atendia da estufa. Costumava fazê-lo na minha ausência, mas, se sabia que eu estava em casa, não se preocupava.

— É Durkin, Mister Wolfe. Correu tudo bem. Ela foi à missa, de manhã, e saiu há pouco para entrar numa panificação, onde comprou um sorvete. Agora, regressou definitivamente, espero.

— Obrigado, Fred. É melhor ficar aí até às dez. Saul comparecerá às sete da manhã e você volta a entrar de serviço às duas da tarde.

— Muito bem. Alguma outra coisa?

— Não, nada mais.

Pousei o auscultador com violência, esperançado em rachar a membrana do tímpano de Wolfe. Quando apareceu no escritório, meia hora mais tarde, não ergui os olhos, e tive o cuidado de me concentrar na revista o suficiente para haver a certeza de que não estava de pernas para o ar. Conservei a posição uns trinta minutos, voltando a página sempre que me lembrava de o fazer. Na realidade, estava fervendo como uma caldeira prestes a disparar a válvula de segurança.

— Não para de chover, Archie disse ele, finalmente.

— Vá para o diabo. Mantive os olhos fixos na revista. — Estou lendo.

— Aos solavancos? Queria apenas lhe perguntar se acha uma boa ideia ir de manhã recolher as respostas ao nosso anúncio e seguir as suas

sugestões.

— Nem pensar. Abanei a cabeça com veemência. — A excitação seria excessiva para a minha capacidade de resistência.

— Começo a me convencer de que esta chuva persistente o afeta ainda mais que a mim observou, com um tremor moderado das pregas das faces. — Não estará talvez meramente me imitando?

— Não senhor. Não é da chuva, como sabe perfeitamente. Larguei a revista no chão e olhei-o com indignação. — Se a melhor maneira que lhe ocorre de desmascarar um hábil assassino consiste em mandar vigiar a pensão da Sullivan Street, podia ter me prevenido para incluir o Durkin nas minhas orações. Na verdade, só sirvo para rezar. Qual é a intenção dele? Pretende surpreender Anna a pôr um prego na vassoura dela?

— Acalma-se recomendou, agitando o dedo. — Porque se irrita? Porque se insurge? Sou meramente um gênio e não um deus. Um gênio pode descobrir segredos ocultos e revelá-los, mas só um deus tem possibilidade de criar outros. Peço desculpas por não mencionar a diligência do Durkin, mas a minha mente estava assoberbada. Telefonei-lhe ontem, quando você foi dar uma volta. Ele não tenta surpreender Anna Fiore, mas protegê-la. Na pensão, ela deve se achar em segurança, aqui fora talvez não. Não creio que Manuel Kimball conceba meios para completar a sua obra até se certificar da inexistência do perigo de ser chamado a prestar contas pela primeira tentativa, que abortou, embora não por culpa dele. Foi perfeitamente elaborada e ainda melhor executada. Quanto a nós, não vislumbro qualquer hipótese mais prometedora do que Anna Fiore. O termo esperto é insuficiente para classificar Manuel, pois possui um gênio próprio. Não me ocorre um meio mais satisfatório de passar um domingo chuvoso de que analisar a perfeição dos seus preparativos. Deixou-nos apenas com Anna Fiore, e a missão do Durkin consiste em preservá-la.

— Preservar é boa, pois mais valia que estivesse encerrada numa lata.

— Creio que a lata pode ser aberta. Pelo menos, tentaremos abri-la. Mas precisará ficar para quando estivermos plenamente satisfeitos

quanto ao cinco de junho. A propósito, o telefone de Maria Maffei está na lista? Ótimo. É claro que desconhecemos o que Anna Fiore oculta tão zelosamente. Se se revelar trivial e insuficiente, teremos de abandonar a escaramuça e estabelecer um cerco. Ninguém pode cometer um ato tão complicado como um homicídio sem deixar algum ponto vulnerável. O mais que tem possibilidade de conseguir é torná-lo inacessível, exceto a uma paciência superior à sua e um engenho mais inspirado. No caso de Manuel Kimball, essas especificações são... Bem, consideráveis. Se na realidade Anna Fiore conserva a joia que procuramos, espero sinceramente que ele não note, pois do contrário podemos considerá-la morta.

— Com Durkin a protegendo-a?

— Não podemos nos proteger do raio, mas apenas vê-lo cair, como expliquei ao Fred. Se Manuel Kimball matar a jovem, tê-lo-emos nas mãos. No entanto, duvido que o faça. Lembremo-nos das circunstâncias em que lhe enviou os cem dólares. Na altura, não podia estar ao corrente de que ela sabia algo susceptível de relacioná-lo com Barstow, do contrário não se aventuraria a cometer um ato tão inadequado. Apenas conhecia o primeiro nome dela. Provavelmente, Carlo Maffei tinha-o mencionado e dissera o suficiente do seu carácter e de alguma pequena descoberta que fizera para sugerir a Manuel, depois de matar Maffei, que arriscasse cem dólares para obter segurança adicional sem a possibilidade de um acréscimo de perigo. Se esta suposição corresponde à verdade e Anna Fiore não sabe nada além daquilo de que Kimball tem conhecimento, precisamos de nos preparar para o cerco. Saul Panzer se deslocará à América do Sul. Preveni-o ontem pelo telefone para que estivesse preparado. O seu programa, já elaborado na minha mente, é minucioso e fatigante. Seria lamentável, mas não teríamos nada contra Manuel se eu não fizesse determinada pergunta a Anna Fiore que permitiu descobrir a primeira peça do quebra-cabeça. Fez uma pausa e levantei-me, para me espreguiçar.

— A única coisa que posso dizer é que se trata de um indivíduo abjeto.

— Não, Archie. Mister Manuel Kimball é argentino.

— Mas um indivíduo abjeto, apesar disso. Vou tomar um copo de leite. Quer que lhe traga uma cerveja? Disse que não e me dirigi à cozinha.

Sentia-me algo melhor. Havia ocasiões em que a convicção granítica de Wolfe nas suas qualidades me irritava, porém noutras era altamente benéfica, como acontecia naquele momento. Depois de emborcar leite e biscoitos em quantidade que considerei suficiente, fui num cinema e desta vez não perdi uma única cena. Quando voltei para casa, continuava chovendo.

Mas a segunda-feira amanheceu estupenda. Levantei-me cedo. Mesmo em Nova Iorque, a atmosfera se apresentava tão límpida e revigorante que dissolvia os vapores dos escapamentos dos veículos e outros milhões de cheiros que irrompiam das janelas, portas, becos e poços de elevadores, e constituía um profundo prazer respirá-la. Apertei no acelerador. Às oito e meia deixava o Bronx para trás e entreva na autoestrada. Recebera mais de vinte respostas ao anúncio, que lera com atenção. Cerca de metade vinha de oportunistas ou excêntricos, sempre prontos a fazer perder tempo à humanidade, outras eram de pessoas mais ou menos sinceras, mas sem interesse para mim; segundo parecia, o dia cinco de junho fora a data escolhida por muita gente para aterrissar em pastagens com aviões. Três delas não só se apresentavam prometedoras como condiziam umas com as outras. Dava a impressão de que tinham visto o mesmo aparelho pousar num prado em algum lugar uns quatro quilômetros a leste de Hawthorne. Na realidade, parecia muito bom para ser verdadeiro.

Mas não era. A uns dois quilômetros de Hawthorne, obedecendo às indicações do mapa, saí da autoestrada e entrei numa via de piso irregular. Passado pouco tempo, se tornou tão estreita que se diria poder sufocar a todo o momento; pelo que acabei por frear diante de uma casa e perguntar onde viviam os Cárter. Sempre em frente. Reatei a marcha com um suspiro de resignação. A residência Carter, no topo de uma

colina, sugeria a um observador imparcial que apenas aguardava a ordem conveniente para se desmoronar. Não a pintavam desde longuíssima data e o que deveria ser o jardim se achava dominado por plantas daninhas. No entanto, o cão que correu para mim se revelava cordial e contente, e a roupa estendida na corda apresentava um aspecto aseado sob os raios solares. Descobri Mrs. Carter nos fundos, as voltas com o restante da roupa.

— Mistress T. A. Carter?

— A própria, confirmou a mulher, que era magra e aparentemente ativa, com falta de um dente na frente.

— Venho por causa da sua resposta ao anúncio que publiquei no jornal de sábado. A respeito da aterrissagem com o meu avião. A sua informação é muito completa. Viu-me mesmo aterrissar?

— Sim, senhor. Inclinou a cabeça com veemência.

— Mas não li o anúncio. Minnie Vawter é que me falou dele, se lembrou de também ter visto o avião e foi buscar o jornal de sábado para me mostrar.

— Custa-me a crer que conseguisse me ver daqui.

— Vi muito bem. Repare. Levou-me para a outra extremidade de um quintal em que havia um grupo de arbustos. Que diz desta vista? O meu marido afirma que vale um milhão de dólares. Vê o reservatório, que parece um lago? Acrescentou, apontando. — O aparelho aterrissou naquele campo a seguir. Estranhei e até julguei que tinha sofrido uma avaria. Houve algum problema?

— Não, nada de especial, afirmei. — Graças à abundância de pormenores da sua carta, quase não preciso perguntar mais nada. Viu-me aterrissar às seis e dez da tarde, saltar do avião e atravessar o prado, em direção à estrada. Depois, entrou em casa para tratar do jantar e não voltou a me ver. Ao anoitecer, o avião continuava no mesmo lugar. A senhora se deitou às nove e meia, e de manhã ele já não se encontrava lá.

— Exato. Pareceu-me conveniente mencionar todos os pormenores, porque...

— Fez muito bem. Calculo que costuma ser minuciosa em tudo, Mistress Carter. A sua descrição do avião é melhor que a que eu próprio faria. E deve ter uma vista apuradíssima, para distinguir tudo tão bem a esta distância. A propósito, sabe quem vive naquela casa lá em baixo, a branca?

— Com certeza. Miss Wellman, uma artista de Nova Iorque. Foi Art Barrett, o homem que trabalha para ela, que o levou a Hawthorne.

— Tem razão. Bem, estou muito grato, Mistress Carter. As suas informações vão me ajudar a ganhar a aposta.

Decidi lhe dar uma nota de cinco. Decerto necessitava dela, a avaliar pelo aspecto do que a rodeava, além de que contribuía decisivamente para agravar a situação de Manuel Kimball. Ignoro em que medida Wolfe estava seguro da sua culpa até então, mas protelara o assédio a Anna Fiore para depois arrumar a questão de cinco de junho. Eu é que não estava absolutamente nada seguro. Nunca me fiara tanto nos meus palpites como ele nos seus, até que recolhia fatos suficientemente sólidos para servirem de apoio. Por conseguinte, imaginava que a contribuição de Mrs. Carter fora barata por cinco dólares. Manuel Kimball estava irremediavelmente comprometido, pela parte que nos dizia respeito, embora os elementos que possuíamos ainda fossem insuficientes para convencer um júri.

Conservei-me imóvel uns momentos, entretido a contemplar o prado a meus pés. Fora aí que ele aterrissara e deixara o avião. Em seguida, cruzara o campo em direção à casa branca e pedira a um homem que o levasse a Hawthorne, a poucos quilômetros da sua residência, onde tinha o seu carro à espera ou outro que alugara numa garagem, no qual partira para Nova Iorque, efetuando provavelmente uma parada em White Plains para telefonar a Carlo Maffei e combinar um encontro. Sentia-se irritado e alarmado, porque este renunciara a partir para a Europa, e quando o encontro se verificou, às sete e meia da tarde, e Maffei lhe mostrou o recorte do Times daquela manhã e explicou a dificuldade que teria em guardar segredo acerca dos tacos

driver, tomou a única decisão que se lhe afigurou viável. Com o italiano no carro a seu lado, seguiu para um lugar ermo e aproveitou a primeira oportunidade para lhe cravar uma faca nas costas. Sem a retirar, para que houvesse o mínimo derramamento de sangue possível, procurou um lugar conveniente no campo, removeu o corpo do carro, arrastou-o para uns arbustos, devolveu o veículo à garagem em Hawthorne e se enfiou num táxi, a fim de regressar à casa branca no vale a meus pés. Se precisou de ajuda para descolar, havia Art Barrett e o motorista de táxi para o ajudarem. Aterrissou no seu aeródromo particular cerca das dez horas e revelou a Skinner que era muito mais excitante voar de noite que de dia.

Não existia qualquer ponto frágil nesta teoria, salvo uma possível exceção: proporcionava a Carlo Maffei uma capacidade de raciocínio extraordinária ao supor que a leitura da notícia da morte de Barstow bastara para elucidá-lo de toda a verdade. Não obstante, resolvi ignorar o fato, pois se tornava impossível determinar o que acontecera antes para lhe despertar suspeitas, além de que o mecanismo que lhe fora encomendado era de uma natureza que justificava uma certa desconfiança quanto à sua utilização. Decidi não procurar Art Barrett. Não podia me apresentar como sendo o aviador, porquanto conduzira Manuel a Hawthorne e não me revelaria nada que justificasse o trabalho de arquitetar um pretexto plausível para abordá-lo. No momento, dispunha dos elementos suficientes. Haveria muito tempo para visitá-lo mais tarde, se a sua corroboração se tornasse imprescindível. E o mesmo se aplicava às duas outras respostas ao anúncio. Agora, ansiava por regressar à Thirty-fifth Street, ao me recordar de que Wolfe prometera utilizar um abridor-de-latas em Anna Fiore se eu conseguisse arrancar Manuel Kimball das nuvens na noite de cinco de junho.

Por fim, me despedi de Mrs. Carter, consegui inverter a direção do conversível, graças a uma série de manobras arriscadas na estreita estrada entre rochas, e empreendi o regresso. De súbito, descobri que cantava em surdina e me perguntei a causa da euforia. A única coisa que apurara

fora que nos encontrávamos no raio e ainda precisávamos alcançar o cubo da roda, do qual nos achávamos tão longe como dantes. Apesar disso, não parei de cantarolar ao longo da autoestrada e, quando cheguei à Fordham Road, fiz uma pausa para telefonar a Wolfe e pô-lo ao corrente do que descobrira.

Deixei o carro estacionado à entrada do prédio de arenito avermelhado, pouco após o meio-dia, e fui encontrar o meu patrão sentado atrás da mesa do escritório, no momento em que Fritz entrava com um copo e duas cervejas.

— Boa tarde, amigo Goodwin disse Wolfe.

— O quê? Arregalei os olhos. — Ah, compreendo. Sentei-me, com um largo sorriso. — Eu não dizia que Manuel Kimball era um indivíduo abjeto? Foi o anúncio que desencadeou tudo, sem dúvida. Não parecia interessado na minha conversa, mas inclinou a cabeça e grunhiu:

— Encontrou a pastagem.

— Encontrei tudo. Uma mulher que o viu aterrissar e sabe que partes do avião são vermelhas ou azuis e um homem que o levou a Hawthorne. Em suma, tudo o que podíamos desejar.

— E depois? Retrucou, sem me olhar.

— E depois? Pretende me irritar de novo? Que?... A palma da mão que se desprende do braço da cadeira me interrompeu.

— Calma, Archie. A sua descoberta merece uma comemoração, mas deve se mostrar compreensivo e me permitir que a adie. O seu regresso teve o deplorável efeito de cancelar um interessante telefonema que me preparava para fazer. Estendia a mão para a lista quando entrou. Sabe, por acaso, o número dos Barstow?

— Com certeza. Há alguma novidade?

— Faça a ligação e pode escutar a conversa. Sarah Barstow.

Dirigi-me à minha mesa, consultei a lista para me certificar do número e disquei. A voz de Small vibrou quase imediatamente do outro

lado do fio. Pedi para falar com Miss Barstow e, após breve pausa, ela surgiu na linha e fez sinal a Wolfe com um movimento de cabeça. Levantou o auscultador e conservei o meu colado ao ouvido.

— Miss Barstow? É Nero Wolfe. Boa tarde. Tomei a liberdade de telefonar para perguntar se as orquídeas chegaram em condições... Não?... Então, deve ter havido engano. Não me enviou um bilhete, esta manhã, pedindo algumas orquídeas?... Não enviou bilhete algum?... Não, não tem importância. Trata-se de alguma confusão que tratarei de esclarecer.

Cortou a ligação e pousei igualmente o auscultador, sorrindo, enquanto ele se reclinava na cadeira.

— Está envelhecendo, acusei. — Nós, da jovem geração, só enviamos orquídeas às moças se elas as pedem.

As pregas das faces permaneciam imóveis, porém os lábios se entregavam a pequenas contrações de sucção. Moveu a mão em direção à gaveta, para apanhar o abridor, mas recolheu-a sem lhe tocar.

— Já me ouviu dizer, mais de uma vez, que sou um ator. Na verdade, tenho um fraco pelas atitudes dramáticas, e constituiria uma insensatez não as assumir quando surge uma boa oportunidade. Há morte nesta sala. Devo ter olhado involuntariamente em volta, porque acrescentou: — Não me refiro a um cadáver, mas à morte que está à espera. À minha espera ou de todos nós, não sei. O certo é que se encontra presente. Quando estava na estufa, esta manhã, o Fritz apareceu com um bilhete... Este. Enfiou a mão no bolso e retirou-a com um pedaço de papel, que me estendeu.

Caro Mr. Wolfe:

Na semana passada, em sua casa, Mr. Goodwin teve a gentileza de me oferecer duas orquídeas, notavelmente lindas. Atrevo-me a ser suficientemente descarada para

lhe pedir que me envie mais seis ou oito. Fiquei encantada com as outras. O mensageiro aguardará que entregue-as, se decidir se mostrar tão generoso.

Sarah Barstow

— Não parece dela, observei.

— É possível. Conhece-a melhor que eu. Recordo-me de lhe ver as Brassocattlaelias Truffautianas na mão, quando desceu da estufa consigo. Theodore e eu cortamos uma dúzia, que embalamos, e Fritz trouxe-as para baixo. Quando entrei no escritório, às onze, e me sentei à mesa, havia o odor de um estranho na atmosfera. Sou muito sensível aos estranhos, razão pela qual conservo capas protetoras sobre os nervos. Embora estivesse ao corrente daquele que tinha vindo, me sentia desconfortável. Mandeí chamar Fritz, que explicou que o rapaz que trouxera o bilhete e aguardara a entrega das orquídeas se fazia acompanhar de uma caixa de fibra oblonga com uma pega. Ao se retirar, levava-a, mas, pelo menos durante dez minutos, esteve sozinho na sala. A porta de comunicação com este escritório não se encontrava trancada e a do corredor se achava fechada. Exalou um suspiro. — Soubemos agora de que Sarah Barstow não enviou qualquer bilhete.

— Saia já daqui! Indiquei, me pondo de pé e avançando para ele, que, no entanto, abanou a cabeça. — Vamos. Eu posso pular e o senhor não. Mexa-se, que diabo! Fritz! Este acudiu correndo. — Encha a pia de água. Até ao topo. Saia, por favor, Mister Wolfe, enquanto a procuro.

Ouvi Fritz abrir a torneira da água da cozinha, todavia Wolfe se mantinha imóvel e eu não dispunha de força suficiente para arrancá-lo da cadeira. Por último, abanou a cabeça e agitou o indicador na minha direção.

— Pare com isso! Não toque em nada. Não há bomba nenhuma. Costuma fazer tique-taque ou crepitar e tenho muito bom ouvido para que esses sons insólitos neste ambiente me passassem despercebidos. De resto, Mister Kimball não teve tempo para fabricar uma eficiente desde a sua visita, e não utilizaria qualquer outra. Não se trata de uma bomba.

Há drama na atmosfera, sem dúvida, mas não trepidação. Refleti e senti. Considere o seguinte. Quando estive aqui, ele apenas me viu efetuar um movimento digno desse nome: abrir a gaveta da mesa e colocar a mão. Se o fato não lhe sugere nada, estou certo de que não se passou o mesmo com ele. Veremos.

Precipitei-me para frente, julgando que tencionava abrir a gaveta, mas me obrigou a retroceder, com um gesto. Preparava-se unicamente para abandonar a cadeira.

— Vá buscar a minha bengala vermelha... Não fique aí parado, homem! Faça o que eu pedi!

Corri ao vestíbulo, peguei a bengala do suporte e regressei com prontidão, no momento em que Wolfe começava a contornar a mesa, com as mãos espalmadas pousadas no tampo. Quando se encontrou do lado oposto à cadeira, puxou para si o tabuleiro, ainda com o copo e cervejas.

— Vamos fazer do seguinte modo, mas primeiro fecha a porta do corredor. Fez uma pausa, enquanto eu obedecia. — Obrigado. Pega na bengala pela outra ponta. Estende-a sobre a mesa e encosta-a no puxador da gaveta. Exerce pressão e ela se abrirá. Mas atenção. Vá com lentidão e se prepare para recolher a bengala rapidamente, se precisar empregá-la com qualquer outro objetivo. Comece.

Comecei. O cabo encurvado foi fixado sem dificuldade no puxador, mas a inclinação que me via obrigado a manter não me permitia abrir a gaveta. De repente, porém, na sequência de um esforço mais enérgico, se abriu cerca de quinze centímetros e quase larguei a bengala.

— Cuidado! Exclamei, sacudindo-a para cima, a fim de soltá-la.

Wolfe, que segurava uma garrafa de cerveja pelo gargalo em cada mão, tentou alvejar a coisa que acabava de surgir da gaveta, mas falhou. Entretanto, a coisa continuava a sair com rapidez, e a cabeça quase alcançava o lado da mesa onde nos encontrávamos, enquanto a cauda se mantinha dentro. Consegui finalmente desprender a bengala e me pus a visar a esguia e sinuosa criatura, mas ela se esquivava e o tampo da mesa se achava sulcado de cerveja e pedaços de garrafa quebrada. Preparava-me para saltar para trás e segurar Wolfe, com o intuito de arrastá-lo comigo, quando utilizou a segunda garrafa e acertou em cheio na hedionda cabeça, que esmagou como uma bolacha. O alongado corpo castanho continuou a se contorcer, mas estava terminado. A segunda garrafa também quebrara e ficáramos cobertos de cerveja. Wolfe retrocedeu com lentidão e puxou do lenço para limpar o rosto, enquanto eu conservava a bengala na mão.

— Mon Dieu! Era Fritz, horrorizado.

— Pode repetir, assentiu Wolfe. — Há aqui trabalho para você. Lamento, mas não pude evitar.

* * *

Dezesseis

TENTEI de novo:

— Ferr-di-lense?

— Já está um pouco melhor, mas ainda não captou a pronúncia apropriada. Não é um linguista nato, Archie. O seu defeito provavelmente não é mecânico. Para pronunciar o idioma francês da forma apropriada, deve haver no seu íntimo uma profunda antipatia, ou mesmo rancor, por alguns dos mais sagrados preconceitos anglo-saxônicos. Conseguir lhe desenrascar sem esse rancor, embora eu não compreenda como. Sim, fer-de-lance. Bothrops atrox. Trata-se de uma das víboras mais temidas.

Entretanto, Fritz fizera à limpeza, com a minha ajuda, servira o almoço e comêramos mais ou menos tranquilamente. Quando a serpente parara de se contorcer, eu estendera-a no chão da cozinha e medira-a: um metro e oitenta e sete centímetros. Na parte central, era quase tão larga como o meu punho. Tinha uma coloração amarelo-acastanhada, e mesmo morta impunha respeito. Em seguida, perguntei a Wolfe que destino lhe daríamos, pois não podíamos depositá-la no contentor do lixo.

— Quer que a vá jogar no rio?

— Tenho uma ideia melhor replicou, com uma expressão pensativa. — Vai buscar uma caixa de papelão, faça uma embalagem

jeitosa e envia-a a Manuel Kimball, para que fique mais aliviado. O Fritz se encarregará de levá-la no correio.

A operação se desenrolou como ele indicara e eu verificara, com certa admiração, que não me afetara o apetite. Agora, encontrávamo-nos de novo no escritório, à espera de Maria Maffei, à qual Wolfe telefonara após a minha ligação da Fordham Road.

— Veio da América do Sul, declarei.

Ele se reclinava na cadeira, satisfeito, de olhos semicerrados. Não se sentia de modo algum pesaroso pelo fato de ter sido a garrafa que empunhava a responsável da morte do réptil, conquanto se mostrasse contrariado pelo desperdício de cerveja.

— Exato confirmou, num murmúrio. — Pertence à família dos crótalos, uma das poucas cobras que atacam sem provocação nem aviso prévio. Na semana passada, examinei a gravura de uma num dos livros que trouxe a meu pedido. Abunda naquele continente.

— Foram encontrados vestígios de veneno em Barstow.

— Era uma coisa previsível, quando a análise se revelou difícil. A agulha deve ter sido bem embebida. Estas considerações resultarão úteis se Anna Fiore nos desapontar e necessitarmos de recorrer ao cerco. Descobriremos um número apreciável de coisas com paciência suficiente e... Bem, abandono de reserva. Haverá, em algum lugar na propriedade dos Kimball, uma cova onde Manuel conservasse ratos para a sua fer-de-lance? Seria ele próprio a extrair o veneno provocando a mordedura numa banana?

— Pouco provável. Terá sido algum amigo argentino que enviou? Mais admissível. O rapaz, moreno e bem-parecido, segundo o Fritz, que trouxe o suposto bilhete de Sarah Barstow, e é obviamente perito na manipulação de víboras, será talvez arrumador num cinema da Sixteenth Street? Ou o tripulante de um navio sul-americano que acostou ao porto de Nova Iorque, providencialmente, ontem? Perguntas de respostas

difíceis, mas acessíveis, se tivermos de optar pelo cerco. É provável que Manuel Kimball preparou a viagem da fer-de-lance com certa antecedência, como uma segunda corda para o seu arco, pensando que, se o dispositivo concebido pelo homem falhasse, proporcionaria uma oportunidade a um mecanismo da natureza. Depois, quando a recebeu, havia uma necessidade mais premente: a vingança protelada pela segurança. E agora, pelo menos até este momento, não tem uma coisa nem a outra.

— Talvez, mas esteve prestes a alcançar uma e pode obter a outra a todo o instante.

— Errado, Archie, indesculpavelmente errado, retorquiui, agitando o dedo. — A vingança continuará a aguardar. Manuel Kimball não é uma criatura impulsiva. Se as circunstâncias o tornarem subitamente desesperado, atuará com desespero, mas sempre sem obedecer a um impulso. No entanto, Maria Maffei deve chegar dentro de meia hora e precisa conhecer a situação antes disso. Pega no bloco-de-notas.

Sentei-me à mesa e ele ditou durante vinte minutos, sem interrupção. Transcorridos os primeiros momentos, coloquei um sorriso que perdurou até ao fim. O plano era admirável, sem pontos fracos, e abarcava todos os pormenores. Até entrava em linha de conta com a recusa ou incapacidade de Maria Maffei para convencer Anna. Nessa eventualidade, a ação não diferiria muito, mas as personagens variavam um pouco. Quem se ocuparia da jovem seria eu. Wolfe telefonara a Burke Williamson para que nos preparasse o cenário, e Saul Panzer deveria passar pelo seu escritório às seis, a fim de receber o sedã e instruções. Quando terminou de ditar, me parecia tudo tão claro que havia poucas perguntas a fazer. Não obstante, fiz essas poucas e revi o que escrevera, enquanto ele se reclinava na cadeira, cheio de cerveja, fingindo que não se sentia encantado consigo próprio.

— Bem, reconheço que é um gênio declarei. — Vai conseguir, se ela o possuir. Assentiu com uma inclinação de cabeça despreocupada.

Maria Maffei foi pontual. Eu aguardava-a em bicos dos pés e cheguei à porta antes que Fritz conseguisse sair da cozinha. Trajava de preto e, se cruzasse com ela na rua, duvido que a reconhecesse, tal o abatimento que aparentava. Achava-me tão entusiasmado com o plano de Wolfe que tinha um sorriso expressamente preparado para a receber, mas dominei-o a tempo. Maria Maffei não o acolheria com agrado. Envelhecera dez anos e o clarão de vivacidade no olhar desaparecera. Conduzi-a ao escritório, lhe indiquei a cadeira diante de Wolfe e fui me sentar atrás da minha mesa. Depois de saudá-lo mais ou menos secamente, disse:

— Suponho que pretende dinheiro?

— Para quê? Perguntou ele.

— Por ter encontrado o meu irmão Carlo. Mas não o encontrou. Nem a polícia. Foram uns rapazes. Portanto, não lhe pagarei nada.

— Confesso que não tinha isso em mente, Miss Maffei. Uma pausa para suspirar. — Lamento que o sugerisse. Assim, me induz a formar considerações sórdidas. Mas, agora esqueçamos isso. Não me deve nada. Permita-me, no entanto, uma pergunta, penosa, porém necessária. Viu o corpo de seu irmão? Os olhos dela se fixavam em Wolfe, mas verifiquei que me equivocara. A vivacidade não desaparecera; apenas retrocedera para segundo plano, onde aguardava, como se previsse uma emboscada.

— Vi, proferiu a meia voz.

— Observou talvez a abertura nas costas produzida pela faca de quem o matou.

— Sim.

— Muito bem. Se existisse uma possibilidade de eu descobrir quem utilizou a faca e enviá-lo para a cadeia e subsequente castigo e necessitasse da sua ajuda, me concederia?

— Pagaria dinheiro por isso, foi a resposta em inflexão átona.

— Acredito, mas esqueçamos esse pormenor no momento. Refiro-me a outro tipo de ajuda. Como a considero possuidora de inteligência suficiente para chegar a conclusões razoáveis, vou explicar melhor. O

homem que matou o seu irmão é procurado por mim e por outros por um ato diferente que cometeu, mais sensacional e não menos deplorável. Sei quem é, mas preciso da sua colaboração...

— Sabe? Então me diga! Ela se inclinou para frente, e desta vez o clarão regressou ao olhar para ficar.

— Calma, Miss Maffei. Receio que tenha de delegar a sua vingança. Lembre-se de que aqueles de nós que somos civilizados e prudentes praticamos os nossos assassínios unicamente em obediência às regras complicadas que permitem evitar a responsabilidade pessoal. Mas prossigamos. Pode, de fato, ajudar. No entanto, deve confiar em mim. O marido da sua amiga Fanny, Mister Durkin, lhe dirá que mereço inteira confiança, além de que também ajudará. Desejo falar com Anna Fiore, a jovem que trabalha na pensão onde o seu irmão vivia. Conhece-a?

— Com certeza.

— Ela simpatiza consigo e confia em si?

— Não sei. É uma moça que esconde as suas flores, por assim dizer.

— Uma maneira sutil de pôr a questão. Obrigado. Importa-se de andar no meu automóvel, esta noite, com um motorista, e ir persuadi-la a dar um longo passeio consigo? Apresente-lhe um

pretexto convincente, para que concorde sem dificuldade. Maria Maffei olhou Wolfe em silêncio por um momento e assentiu, com uma inclinação de cabeça.

— Precisarei pensar num que...

— Dispõe de tempo suficiente para tal. Prefiro deixar esse pormenor ao seu cuidado. Mas a isso se resume o que se lhe pede, Miss Maffei. Um dos meus homens conduzirá o carro e em tudo o resto deve seguir cuidadosa e rigorosamente as minhas instruções. Ou antes, as instruções de Mister Goodwin. Por favor, Archie. Ele pousou as mãos no rebordo da mesa, impeliu a cadeira para trás e se levantou. — Perdoe-me que a deixe, mas é a hora das minhas plantas. Quando terminar a sua participação no caso, a convidarei para vê-las. E abandonou, lenta e pesadamente, o escritório.

Não levei Maria Maffei à estufa para ver as orquídeas, naquele dia, pois eram quase cinco horas da tarde quando acabei de lhe transmitir indicações e tinha outra ocupação mais urgente. Ela me escutou com atenção, mas necessitei de esclarecer numerosos pormenores e considerei conveniente repisar alguns, para haver a certeza de que não se excitaria e comprometeria tudo. Por fim, ficou decidido que efetuaría uma visita preliminar a Anna para preparar o terreno, pelo que a acompanhei à rua, chamei um táxi e despachei-a para Sullivan Street. A seguir, me concentrei nos meus próprios pormenores. Tinha de aprontar a faca, as máscaras e as armas de fogo, além de contatar com a garagem para alugar um carro, pois não podíamos correr o risco de Anna reconhecer o conversível, e se prevenir de Bill Gore e Orrie Cather. Tinham sido sugeridos por mim, e Wolfe concordara. Entretanto, ele recomendara a Durkin que se apresentasse às sete da noite.

Consegui tratar de tudo, mas sem ficar com tempo livre. Às seis e meia, engoli um jantar rápido na cozinha, enquanto Wolfe se encontrava no escritório com Saul Panzer. Ao sair, este último assomou à porta da cozinha para me brindar com uma careta, como se a sua expressão natural não bastasse para assustar uma pessoa numa rua escura.

— Aproveite, Arch. Pode muito bem ser a sua última refeição. Esta noite, as coisas vão aquecer.

Como tinha a boca cheia, me limitei a lhe agradecer o cuidado com uma expressão irreproduzível. Bill Gore e Durkin foram pontuais, e o atraso de Orrie podia se considerar insignificante. Descrevi a situação e ensaiei este último várias vezes, porque uma percentagem elevada do êxito dependia dele. Havia mais de dois anos que não trabalhávamos juntos e pareceu-me regressar aos bons velhos tempos ao vê-lo comprimir os lábios finos e olhar em volta à procura de um lugar para cuspir o suco do tabaco que mascava. Wolfe ainda estava às voltas com o

seu jantar quando saímos, pouco antes das oito. A garagem fornecera um sedã Buick preto e, apesar de possuir quatro rodas e um motor, não era a mesma coisa que o conversível. Orrie se instalou à frente comigo e Bill Gore e Durkin atrás. Eu dizia para os meus botões que era pena se tratar apenas de uma operação simulada, porque com aquelas três aves conseguiria interceptar tudo, desde um ônibus vindo de Nava Jersey a um caminhão carregado de bebida clandestina. Orrie pensava como eu, pois observou que devia ter pendurado um letreiro no radiador, com os dizeres “Ladrões Especiais”. Exibi um sorriso, mas apenas com os lábios. Sabia que precisava correr tudo exatamente como planejáramos e me competia velar para que tal acontecesse. Além disso, o que Wolfe dissera acerca de Anna Fiore correspondia à realidade: a sua visão mental era limitada, mas, apesar dos seus limites, poderia detectar coisas que escapariam a uma visão mais ampla.

Saímos da cidade pela parte oeste e enveredámos pela Sawmill River Road. A propriedade dos Williamson se situava a leste de Tarrytown, numa estrada secundária, e eu conhecia o caminho tão bem como a Thirty-fifth Street, em virtude das minhas deslocações ao local, quatro anos atrás. Contava chegar lá por volta das nove e meia, porém o tráfego nos retardou um pouco a marcha. Assim, se passaram vários minutos daquela hora e eu já acendera os faróis quando entramos no caminho de acesso onde, uma ocasião, levantara Mrs. Williamson desmaiada e a levava para junto do lago, a fim de lhe jogar água no rosto. Por último, parei à entrada da casa, deixei os outros três no carro e fui tocar a campainha. Tanzer, o mordomo, se recordava de mim e me estendeu a mão. Expliquei que não entraria, pois apenas queria trocar umas palavras com o patrão. Burke Williamson apareceu quase imediatamente, me apertou também a mão e se declarou chateado por não nos termos visto na sexta-feira anterior.

— Estou um pouco atrasado, esclareci. — Vim apenas para ter a certeza de que se encontra tudo a postos.

— Está tudo em ordem, como se combinou. Soltou uma gargalhada. — Ninguém perturbará as suas sinistras maquinações. Ardemos todos de curiosidade, como deve calcular. Não há possibilidade de nos ocultarmos atrás dos arbustos, para assistir?

— Ficariam melhor aqui dentro, assegurei-lhe. — Não voltaremos a nos ver, pois terei de realizar uma rápida retirada. Creio que Wolfe telefonará amanhã para agradecer.

— Não é necessário. Nunca farei o suficiente para que ele me agradeça.

Retornei ao carro, inverti a direção e nos afastamos da casa. Eu escolhera o local, a uns trezentos metros da autoestrada, onde havia arvoredos e vegetação espessa e o caminho era suficientemente estreito para poder bloquear com o sedã, sem necessidade de atravessá-lo. Coloquei o carro na posição apropriada, desliguei os faróis e saltamos. Eram quase dez horas e a nossa presa deveria chegar dentro de quinze minutos. Distribuí as armas e entreguei a faca a Orrie, após o que colocamos as máscaras. Formávamos um grupo de aspecto sinistro, e não pude deixar de sorrir com os comentários sarcásticos de Orrie, embora, para ser franco, estivesse algo enervado. A operação precisava se desenrolar sem a mínima falha, e recapitulamos tudo mais uma vez. Por fim, nos dispersamos entre os arbustos. A escuridão era intensa e eles começaram a se chamar mutuamente, até que precisei mandá-los se calar, para poder escutar.

Transcorridos alguns minutos, detectei o som do sedã de Wolfe, que vinha em segunda no declive. A princípio, não vi as luzes, devido à vegetação, mas não demorei a vê-las. Foram aumentando de intensidade, até que avistei o veículo, o qual diminuiu a velocidade no momento em que o motorista viu o meu carro, que obstruía a passagem. Abandonei apressadamente o esconderijo, saltei para o estribo do sedã de Wolfe no instante em que parava e apontei a arma ao rosto de Saul Panzer, sentado ao volante. Os outros trataram de me seguir. Bill Gore se colocou ao meu lado, no estribo, e enfiou a pistola pela janela aberta,

enquanto Orrie, precedendo Durkin, abria a outra porta. Maria Maffei desatou aos gritos, mas não brotava o mínimo som dos lábios de Anna.

— Todos para fora, já! Ordenou Orrie. — Rápido, se não querem que meta uma bala em cada um! Anna desceu e ficou junto do estribo e Bill Gore entrou, a fim de puxar Maria Maffei, que continuava a gritar.

— Biquinho calado, grunhiu Orrie. Voltando-se para mim, indicou: — Ao menor pio do condutor, fure-o.

— Já tenho a bolsa dela, anunciou Bill Gore. — É pesada.

— De qual?

— Desta.

— Bem, guarde-a e não deixe a fulana berrar. Orrie se virou para Durkin. — Segura esta, enquanto a ilumino.

Durkin postou-se atrás de Anna e lhe imobilizou os braços, ao mesmo tempo em que Orrie apontava a lanterna ao rosto. Empalidecera e comprimia os lábios com firmeza, aparentemente empenhada em não emitir um único som.

— É ela mesmo. Apanhei-a, minha menina. Com que então, andou por aí a matraquear que Carlo Maffei guardava recortes de jornais, falava ao telefone com desconhecidos e outras coisas que devia esquecer, hem? Não voltará a fazê-lo. A faca que serviu para calá-lo definitivamente também servirá para você. Dê-lhe cumprimentos meus, quando o vir.

Puxou da faca, cuja longa lâmina brilhou ao clarão da lanterna. A representação era suficientemente impressionante, e Maria Maffei soltou um uivo agudo, se lançou em cima dele e quase conseguiu alcançá-lo. No entanto, Bill Gore, que pesava uma centena de quilogramas de carne limpa, conseguiu dominá-la. Enquanto isso, Durkin afastava Anna Fiore da faca e dizia a Orrie:

— Isso não! Prometeu! Pare! Orrie recolheu a mão que segurava a faca e tornou a apontar a lanterna a Anna.

— Está bem concordou, com simulada relutância. — Onde está a sua bolsa? Depois conversamos. Cadê os cem dólares que lhe enviei? Não sabe?... Agarrem-na, enquanto a revisto.

Começou pelas meias, porém ela se debatia como uma gata selvagem. De súbito, conseguiu se soltar de Durkin e deu um grito que se devia ter ouvido em White Plains. Orrie lhe segurou a manga e rasgou-a. Durkin voltou a dominá-la e, quando viu que não conseguiria se libertar, se dedicou a uma série de frenéticos pontapés. Ele conseguiu finalmente subjugá-la com um braço em torno dos dela, todavia Orrie não foi capaz de colocar a mão na meia e teve de rasgá-la. Compreendi que a retirada teria de ser rápida, do contrário precisaríamos amarrá-la, pelo que mandei Saul encostar o carro à beira do caminho, para eu poder passar com o meu. Por fim, Durkin se aproximou com Anna Fiore, que continuava aos pontapés e tentava mordê-lo, e atirou-a para dentro do sedã, enquanto Orrie os seguia de perto e grunhia:

— Ficou com o meu dinheiro, hem? Não quis queimar, não é? Na próxima, não dará mais com a língua nos dentes.

Corri para o Buick, liguei o motor e aguardei que os outros subissem. Quando nos pusemos em marcha, Maria Maffei se dirigia a nós aos gritos, mas não ouvi a voz de Anna. Transpus as curvas apertadas do caminho o mais rapidamente possível e, uma vez na estrada, pisei o acelerador. Bill Gore, no banco de trás, ria a ponto de quase sufocar. Quando chegamos à Sawmill River Road, virei para o sul e diminuí um pouco a velocidade. Orrie, a meu lado, se conservava silencioso e lhe perguntei:

— O dinheiro?

— Tenho-o aqui. As suas palavras não se caracterizavam pela delicadeza. — Ficarei com ele até descobrir se Nero Wolfe tem o pessoal

no seguro contra acidentes.

— Porquê? Ela lhe atingiu?

— Mordeu-me duas vezes. A fulana tinha tanto amor aos cem dólares como eu ao meu olho direito. Se me prevenisse de que iria enfrentar desarmado uma pantera, preferiria não faltar ao encontro que cancelei. Bill Gore recomeçou a rir.

Quanto a mim, a operação fora muito bem encenada e melhor executada. Wolfe não exigia mais do que isso. O meu único receio consistia em que Anna sofresse um susto que a reduzisse à apatia absoluta, mas agora não parecia existir esse perigo. Por outro lado, me congratulava por Wolfe ter se lembrado de recorrer a Maria Maffei, pois não me agradaria regressar à cidade levando Anna com a meia vazia. A única dúvida agora residia em saber o que ela tinha e quando o receberia. O programa de Wolfe prosseguiria até ao fim como ele o concebera e, em caso afirmativo, que espécie de clímax nos proporcionaria a jovem? De qualquer modo, o meu movimento imediato seria regressar ao escritório sem demora, pelo que não perdi tempo a largar os meus passageiros nos respectivos lugares. Deixei Bill Gore na Nineteenth Street e Durkin e Orrie na estação do metrô da Times Square. Uma vez que não convinha estacionar o Buick à entrada de casa, fui entregá-lo à garagem e regresssei a pé.

Como não apreciara devidamente a ideia de Manuel Kimball sobre o tipo de presente apropriado para Nero Wolfe, antes de sair recomendara a Fritz que trancasse bem a porta, o que me obrigou a tocar à campainha. Apesar de ser quase meia-noite, ele não me concedeu tempo para fazê-lo uma segunda vez. Wolfe se encontrava no escritório, entretido a comer bolos secos e assinalar nomes no catálogo Hoehn. Entrei e aguardei que se dignasse erguer os olhos, o que aconteceu finalmente.

— Foi pontual.

— E sem um beliscão, embora Orrie Cather não possa dizer o mesmo. Ela mordeu-o. E ao Durkin também. Parecia uma autêntica gata assanhada. A peça foi representada de modo satisfatório. Eles não devem demorar. Vou lá acima me vestir para o ato seguinte. Posso tomar um copo de leite?

— Ótimo se limitou a dizer, e voltou a se concentrar no catálogo.

Levei o copo de leite para o quarto e ingeri-o enquanto me despija e enfiava o pijama. A parte imediata da operação me parecia muito espalhafatosa, mas não me importava porque teria oportunidade de vestir o roupão que Wolfe me dera dois anos atrás e só pudera usar uma vez. Acendi um cigarro, esvaziei o copo e vi-me ao espelho. De repente, ouvi um carro se aproximar e parar à entrada e olhei prudentemente pela janela, ao mesmo tempo em que distinguia as vozes de Saul Panzer e Maria Maffei. Em seguida, me sentei e acendi novo cigarro. Conservei-me sentado fumando durante cerca de meia hora. Ouvi Fritz lhes abrir a porta e as vozes deles no vestíbulo, quando passaram em direção ao escritório, após o que se estabeleceu silêncio absoluto. Tive de esperar tanto tempo que comecei a me perguntar se as coisas teriam dado errado ou Wolfe decidira terminar a sua charada sem mim. Por fim, soaram passos no vestíbulo e depois na escada, e Fritz apareceu à porta do quarto para anunciar que a minha presença era solicitada no escritório. Deixei transcorrer breves minutos, os suficientes para sacudir o sono e vestir o roupão, se estivesse na realidade deitado, desgrenhei um pouco o cabelo e desci a escada.

Wolfe se sentava atrás da sua mesa, Maria Maffei diante dele e Anna junto da parede. O aspecto desta última era na verdade pitoresco, com uma manga quase arrancada, uma perna desnuda, rosto sujo e cabelo revolto.

— Miss Maffei! Anna! Bradei, arregalando os olhos. Andaram brigando com gatos?

— Desculpe ter interrompido o seu sono, Archie, interveio Wolfe.
— Sim, Miss Maffei e Miss Fiore foram sujeitas a violência, se deslocavam ao campo, para visitarem a irmã de Miss Maffei, quando os malfeitores as atacaram. O carro foi imobilizado e elas tratadas com descortesia e roubadas. Miss Maffei ficou sem a bolsa e os anéis e Miss Fiore sem o dinheiro que nos tinha mostrado e obtivera de um modo pouco ortodoxo.

— Não me diga! Bradei. Roubaram mesmo o dinheiro? Acrescentei, me virando para Anna. Os olhos dela se fixavam em mim e sustentei o olhar por um momento, mas acabei por achar conveniente me voltar de novo para Wolfe.

— Foi ele que me tirou, acusou a jovem.

— Miss Fiore tem a impressão de que o homem que lhe roubou o dinheiro é o mesmo que o enviou explicou Wolfe. Aconselhei-a e a Miss Maffei a se dirigirem imediatamente à polícia, mas a sugestão não lhes agradou. Miss Maffei não confia nas autoridades, por uma questão de princípio, e Miss Fiore concebeu a ideia de que nós, ou, mais especificamente, você, pode ser mais útil. É claro que, no momento, não está trajado da forma apropriada para sair à procura de ladrões, além de que o cenário do roubo se situa a cinquenta quilômetros daqui, mas ela insiste na sua ajuda. Tem alguma ideia?

— Bem, é uma situação deplorável. Terrível. E eu lá em cima dormindo descansado! Foi pena não ter me pedido que a levasse ao campo, Anna, do contrário nada disso aconteceria, independentemente de quem queria se apoderar do seu dinheiro. Não acredito que se trate do homem que enviou, pois esse é um assassino e a teria matado.

Os olhos dela se moviam de Wolfe para mim e vice-versa, mas me parecia que já não deixavam transparecer desconfiança. Estava apenas desesperada, acabrunhada pela perda que sofrera.

— Ele queria me matar, murmurou. — Eu mordi-o.

— Fez bem. Viu o que acontece quando uma pessoa tenta tratar decentemente um homem de maus instintos. Se tivesse queimado o

dinheiro no outro dia, quando lhe aconselhei, agora possuiria o que Mister Wolfe lhe ofereceu. Assim, já não pode queimá-lo porque não o possui, e a única maneira de recuperá-lo será através da sua captura, se eu conseguir. Não esqueça que se trata do assassino de Carlo Maffei. E repare no que lhe fez! Rasgou-lhe o vestido, lhe arrancou uma das meias... Molestou-a de alguma outra maneira?

— Não replicou, meneando a cabeça. — Pode capturá-lo?

— Pelo menos, posso tentar, se soubesse onde procurá-lo.

— Devolveria?

— O dinheiro? Com certeza.

Baixou os olhos para a perna desnuda e a mão deslizou lentamente por baixo da bainha da saia, para pousar onde as notas de vinte dólares se achavam anteriormente. Maria Maffei fez menção de dizer algo, porém Wolfe impediu-a com um gesto. A jovem ainda fixava os olhos na perna, quando articulou:

— Preciso me despir. Eu demorei mais tempo, mas Wolfe compreendeu imediatamente.

— Com certeza. Vá acender a luz da sala, Archie. Importa-se de acompanhá-la, Miss Maffei?

Obedeci e, no caminho, fechei as janelas e corri as cortinas. Anna e Maria Maffei me seguiram e aguardaram que eu saísse. Ao me encaminhar para a porta, dirigi um sorriso cordial à jovem, que continuava pálida, porém os olhos apresentavam um brilho novo. Uma vez no escritório, vi que Wolfe se empertigava na cadeira, em vez de ficar reclinado como era seu hábito, e não havia nada de notável no calmo e paciente hemisfério do rosto, mas conservava os braços estendidos ao longo dos do móvel e o indicador da mão direita se movia de modo que a ponta descrevia um pequeno círculo na madeira envernizada. Para ele, constituía uma manifestação de agitação extraordinária. Sentei-me, enquanto detectava movimentos e sons abafados na sala, e refleti que falavam demoradamente.

— Esta toga que me deu é ótima, observei. Wolfe me olhou, suspirou e voltou a semicerrar as pálpebras.

Quando a porta se abriu finalmente, me sobressaltei. Anna vinha à frente, com um embrulho na mão. A manga rasgada fora presa provisoriamente com alfinetes e o cabelo penteado. Após breve hesitação, avançou para mim, me confiou o embrulho e murmurou um simples “Mr. Archie”. Tive vontade de lhe dar uma palmada amigável no ombro, mas receei que desatasse a chorar, pelo que me limitei a inclinar a cabeça e ela foi se sentar, imitada por Miss Maffei. O embrulho era um volumoso envelope e me voltei para Wolfe, a fim de lhe entregar, mas ele me indicou que o abrisse. Assim, extraí o conteúdo e espalhei-o em cima da mesa. Era uma coleção curiosa, que levamos algum tempo para examinar e consistia no seguinte:

1) a notícia da morte de Barstow, que Carlo Maffei recortara do Times de 5 de junho;

2) uma série de desenhos em pequenas folhas, com duas molas, um gatilho e numerosos e complicados pormenores, um dos quais consistia na cabeça de um taco driver;

3) um recorte de uma fotogravura Dominical, uma fotografia de Manuel Kimball ao lado do seu avião e uma legenda com o seu nome comentando a popularidade da aviação entre a juventude de Westchester; por baixo, estava escrito a lápis: “O homem para quem construí o taco de golfe. Ver desenhos. 26 de Maio de 1933. Carlo Maffei”;

4) uma nota de dez dólares, com dizeres a lápis “Sarah Barstow, Peter Oliver Barstow, Lawrence Barstow e Manuel Kimball”. As assinaturas tinham sido escritas com um lápis de bico macio e cobriam metade de um dos lados.

Inspecionei tudo uma segunda vez e comentei, a meia voz:

— Que beleza de bebê!

— Posso tolerar uma observação dessas de Saul Panzer, mas não a você, Archie. Nem mesmo como um tributo a esta extraordinária coleção. Pobre Carlo Maffei! Combinar o discernimento que lhe permitiu reunir isto com a imprudência que o conduziu ao encontro fatal! Somos os únicos a lucrar com a primeira condição, enquanto ele expiou a segunda. Miss Maffei, perdeu a bolsa, mas obteve o meio de abafar o fermento do seu sangue. Tornou-se conhecida a identidade do assassino do seu irmão e a arma para o seu castigo se acha ao nosso alcance. Miss Fiore recuperará o seu dinheiro. Posso lhe assegurar que Mister Goodwin o obterá e o entregará. E fá-lo-á em breve, pois sei que as promessas carecem de significado especial para si. Diga-me, por favor: quando foi que Carlo Maffei lhe confiou tudo isto?

Anna falou sem reservas, para responder com clareza às perguntas de Wolfe, que escutou todos os pormenores e me mandou anotá-los. Ela chegara a ver o driver. Durante algum tempo, Carlo Maffei proibira-a de entrar no quarto, quando trabalhava, e conservara o armário fechado à chave, mas, uma ocasião, na sua ausência, a porta do móvel cedera às tentativas dela, para não revelar à sua curiosidade nada de mais interessante do que um taco de golfe em vias de acabamento. Quando regressara, ele descobrira que não se achava na posição em que o deixara e advertira-a de que se o mencionasse a alguém lhe cortaria a língua. A isto se resumia o que Anna sabia sobre o assunto. O envelope lhe fora entregue no dia 5 de junho, data do desaparecimento de Maffei. Cerca das sete horas da tarde, logo após ter atendido uma ligação telefônica, ele chamara-a ao quarto e lhe confiara. Explicara que pediria pela manhã, mas se não regressasse ela deveria entregá-lo à irmã. Quando Anna fez esta revelação, Maria Maffei entrou em atividade. Ergueu-se da cadeira num salto e avançou para a jovem. Tentei interpor-me, mas a voz de Wolfe vibrou como um chicote:

— Volte para a sua cadeira, Miss Maffei! Sente-se, ouviu? Obrigado. O seu irmão já estava morto. Reserve a fúria para melhor

oportunidade. Suponho que, depois de puxar os cabelos de Miss Fiore, perguntaria porque não lhe entregou o envelope. O motivo é óbvio e talvez lhe possa poupar o embaraço de responder. Não sei se o seu irmão lhe disse para não ver o conteúdo, mas a verdade é que ela o fez e encontrou a nota de dez dólares achada em seu poder. Voltou-se para Anna. — Antes de ele lhe entregar o envelope, qual foi a quantia mais elevada que possuiu?

— Não sei, proferiu a interpelada.

— Alguma vez tivera uma nota de dez dólares? Perguntei.

— Não, Mister Archie.

— E de cinco? Abanou a cabeça.

— Mistress Ricci me paga um dólar por semana.

— E compra a sua própria roupa e calçado?

— Com certeza. Ergui as mãos, num gesto desesperado, e Wolfe retomou a palavra.

— Miss Maffei, você ou eu poderíamos igualmente ser tentados por um reino, com a diferença de que os seus limites não seriam tão moderados. Ela provavelmente resistiu e, no dia seguinte, talvez vencesse e lhe entregasse o envelope intato, mas o correio daquela manhã lhe levou outro, e dessa vez não se tratava apenas de um reino, mas de um mundo glorioso. Assim, ela perdeu, ou talvez seria uma vitória, pois não o podemos determinar. E agora, Miss Maffei, faça o que indico: leve Miss Fiore consigo para casa e mantenha-a lá. O motorista aguarda à entrada. Pode dizer ao seu patrão que uma sobrinha veio visitá-la. Dê a explicação que quiser, mas conserve-a em segurança até o perigo passar. Em circunstância alguma a deve deixar sair. Ouvia, Miss Fiore?

— Farei o que Mister Archie disser.

— Ótimo. Acompanhe-as e explica as condições, Archie. É só por um ou dois dias.

Aquiesci com um movimento de cabeça e subi ao quarto, a fim de guardar o roupão até daí a um ano e me vestir.

Dezessete

QUANDO regressei de acompanhar Anna e Maria Maffei ao apartamento da Park Avenue onde a segunda exercia as funções de governanta, o escritório estava às escuras e Wolfe se recolhera ao quarto, mas deixara um bilhete para mim:

Archie,

Obtenha de Sarah Barstow a explicação por ter mutilado papel-moeda dos Estados Unidos.

N. W.

Fui para a cama, mas antes, por uma questão de respeito pelo espírito inventivo de Manuel Kimball, fui ao corredor do último andar, em busca de um clarão na frincha inferior da porta de Wolfe. Não o vendo, perguntei:

— Está todo na cama?

— Deixa-me em paz!

— Sim, senhor. Ligou o interruptor?

— Liguei. Recolhi-me aos meus modestos aposentos, refletindo que não era sem tempo, pois passava das duas da madrugada.

De manhã, chuviscava, mas não fiquei contrariado com isso. Tomei o café-da-manhã sem pressa e recomendei a Fritz que mantivesse a porta trancada durante a minha ausência, após o que, de impermeável e gorro de borracha, segui para a garagem, assobiando. Uma das coisas que me

alegraram foi uma notícia no jornal da manhã, segundo a qual as autoridades de White Plains estavam na iminência de comunicar que a morte de Peter Oliver Barstow resultara da picada acidental de uma serpente e os outros pormenores da tragédia não relacionados com essa teoria podiam se atribuir a mera coincidência. Teria resultado divertido telefonar a Harry Foster, do Gazette, e lhe explicar que poderia cravar alfinetes na cadeira de Anderson, mas não quis correr o risco porque não conhecia os planos de Wolfe nesse sentido. Outra fonte de satisfação consistia na abundância de provas que Anna Fiore levava consigo, dissimuladas na roupa interior. Ao pensar que já deviam se encontrar lá no primeiro dia que eu visitara a pensão da Sullivan Street com Maria Maffei e nem me apercebera do cheiro, tinha vontade de me desancar a pontapé. Em todo o caso, talvez fosse preferível assim. Se o envelope tivesse sido entregue a Maria Maffei, era imprevisível determinar o que aconteceria.

Telefonei à residência dos Barstow de uma cabine na periferia da cidade, e quando cheguei, por volta das nove e meia, me Sarah esperava. Nos quatro dias transcorridos desde que a vira pela última vez, introduzira algumas alterações no seu aspecto geral: as faces pareciam convidar a beliscá-las e os ombros se apresentavam empertigados. Levantei-me da cadeira no solário “chuviscário”, naquele dia quando entrou e apertamos a mão. Informou que a mãe se libertara da crise, e o Dr. Bradford acalentava fortes esperanças de que não se repetiria. Por fim, me perguntou se queria um copo de leite!

— No momento não, obrigado, agradei, com um sorriso. — Como lhe expliquei pelo telefone, se trata de uma visita profissional. Da última vez, era de natureza social, se se recorda. Hoje, venho em serviço. Extraí um envelope, do qual puxei uma nota de dez dólares, que lhe estendi. — Nero Wolfe me mandou lhe perguntar por que razão mutilou papel-moeda dos Estados Unidos.

Olhou o dinheiro com perplexidade por um momento, sorriu e a seguir o rosto se enveou, como que afetado pela sombra do falecido pai.

— Onde... Onde a obteve?

— De um colecionador. Como esses nomes foram parar aí? Escreveu o seu?

— Sim, todos nós o fizemos. Creio que já tinha lhe explicado. Naquele dia do verão passado em que Larry e Manuel Kimball disputaram uma partida de tênis, o meu pai e eu atuamos como árbitro e juiz de linha, respectivamente. Fizeram uma aposta e o meu irmão pagou a Manuel com uma nota de dez dólares, na qual ele insistiu que escrevêssemos os nossos nomes, como recordação. Estávamos sentados... No terraço lateral...

— E Manuel Kimball aceitou a nota?

— Sem dúvida, uma vez que a ganhou.

— Esta?

— Decerto. São as nossas assinaturas. Como foi lhe parar às mãos, Mister Goodwin? Tornei a guardá-la no envelope, que fiz desaparecer no bolso.

— Lamento, mas como suponho que a move apenas a curiosidade, explicarei mais tarde. Não muito mais tarde, espero. E, se me permite a ousadia, devo dizer que a acho com um aspecto estupendo. Quando entrou, tive vontade de lhe beliscar as faces rosadas.

— O quê?! Arregalou os olhos e acabou por rir. — É um cumprimento?

— Com certeza. Se soubesse quantas faces há que nem um decreto me obrigaria a beliscar... Não lhe tomarei mais tempo, Miss Barstow. Voltamos a apertar a mão, enquanto ela ainda ria.

Rumo ao sul sob o chuvisco, mais uma vez, eu refletia que a nota de dez dólares se adaptava perfeitamente ao panorama geral. Os três outros artigos contidos no envelope de Carlo Maffei constituíam provas satisfatórias, porém aquilo era algo que só poderia se encontrar em

poder de Manuel Kimball, e fora parar às mãos de Carlo Maffei. “Como?”, me perguntei. Bem, Manuel guardava-a na carteira como recordação. Os seus pagamentos a Carlo Maffei, um ou mais, pela construção do driver, foram feitos em lugares suficientemente mal iluminados para neutralizar a curiosidade de observadores ocasionais e, na escuridão, a recordação fora incluída no pagamento. Provavelmente, Manuel notara mais tarde o lapso cometido e exigira a sua devolução, ao que Maffei talvez alegasse que a gastara sem se dar conta. O fato decerto despertara as suspeitas deste último e explicava o reconhecimento do significado da morte, e modo como ocorrera, de Peter Oliver Barstow, porquanto este nome e os de mais dois Barstow figuravam na nota de dez dólares que ele conservava. Sim, Manuel Kimball viveria o tempo suficiente para se arrepender de ter vencido a partida de tênis.

Em White Plains, obedecendo a um impulso repentino, saí a autoestrada. Tinha certeza que, se tudo terminara e a única coisa que restava consistia numa breve visita ao gabinete do promotor para lhe explicar os fatos da vida, não merecia a pena rolar sob a chuva até à Thirty-fifth Street e repetir o trajeto mais tarde. Por conseguinte, procurei uma cabine telefônica, comuniquei a Wolfe o que apurara junto de Sarah Barstow e perguntei o que figurava a seguir no programa. Ordenou-me que regressasse a casa. Quando referi que me encontrava em White Plains, com muito tempo livre e forte inclinação para executar qualquer missão especial que ele tivesse em mente, replicou:

— Volte para casa. A próxima missão está aqui à sua espera.

Passava um pouco das onze da manhã quando cheguei, mas não pude estacionar o carro diante da entrada como habitualmente faço, porque o espaço estava ocupado por uma longa limusine preta. Depois de desligar o motor, me conservei imóvel por um momento olhando o veículo e, em particular, a matrícula oficial junto da placa. Permiti-me um largo sorriso, saltei e, só para me divertir, espreitei pela janela da frente da limusine.

— Mister Anderson se encontra- lá dentro? Perguntei ao motorista. Observou-me por uns segundos, antes de decidir que não havia inconveniente em aquiescer com um gesto. Dei meia volta e subi os degraus, com o sorriso ainda pendurado nos lábios.

O promotor público se encontrava com Wolfe, no escritório. Quando entrei, fingi que não o via, me aproximei da mesa, extraí o envelope do bolso e entreguei-o a Wolfe.

— Tudo em ordem informei. Anotei a data do jogo de tênis no envelope.

Inclinou a cabeça e disse que o guardasse no cofre. Abri a pesada porta de aço com lentidão, enquanto localizava a gaveta em que estava guardado o resto do espólio entregue por Anna. Por fim, me volvei, pousei os olhos no visitante e me mostrei surpreso.

— Ah, é o senhor! Bom dia, Mister Anderson. Um breve grunhido constituiu a única resposta.

— Se pegar no bloco-de-notas, Archie, andaremos para frente com isto. O tom da voz de Wolfe me indicou que alguém passaria um mau pedaço nos minutos imediatos. — Não na sua mesa. Puxe uma cadeira e se junte aos bons... Ótimo. Estava precisamente explicando a Mister Anderson que a teoria engenhosa sobre o caso Barstow que ele procura deixar para a posteridade representa uma ofensa à verdade e um insulto à justiça, e, como prezo a primeira e mantenho excelentes relações com a segunda, considero meu dever demonstrar a sua insuficiência. Para tal, conto com o seu apoio. Mister Anderson se sente algo intrigado com a minha urgência em que comparecesse aqui, mas, como lhe referi, temos de nos congratular pelo fato do telefone permitir a convocação de semelhantes reuniões informais e respectiva realização com tão curta antecedência.

O pescoço do promotor parecia inchar de indignação, enquanto o rosto exibia uma vermelhidão que não se devia ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

— Pode indicar ao seu funcionário que guarde o bloco-de-notas disse a Wolfe. — Afinal, ainda é mais obtuso do que eu supunha, se pensa que se safa com essa.

— Tome nota de tudo, Archie. Embora irrelevante, por não passar de uma opinião pessoal, convém que fique registrada. Vejo que não abarca devidamente a situação, Mister Anderson. Eu é que não o julgava tão obtuso. Proporcionei-lhe uma escolha de alternativas pelo telefone e decidiu vir. Uma vez aqui, em minha casa, me permitirá que oriente as atividades dos seus ocupantes. Se o desenrolar dos acontecimentos o incomodar, poderá se retirar sem cerimônia ou impedimento. Se optar pela atitude que acabo de mencionar, a maneira de proceder se desenrolará como indiquei: dentro de vinte e quatro horas, Mister Goodwin seguirá no meu carro para o seu gabinete em White Plains. Atrás dele, noutra viatura, viajarão diversos repórteres, enquanto a seu lado se encontrará o assassino de Peter Oliver Barstow e Carlo Maffei e, na sua bolsa, a prova irrefutável da culpabilidade do criminoso. Eu...

— Carlo Maffei? Interrompeu Anderson. Quem diabo é esse?

— Era, Mister Anderson, e não é. Refiro-me a Carlo Maffei, um técnico de metais assassinado no seu condado na noite de segunda-feira, cinco de junho... Com uma faca cravada nas costas. O crime deve estar registrado no seu gabinete.

— Mesmo que esteja, que tem a ver com a morte de Barstow?

— Foram ambos assassinados pelo mesmo homem.

— Agora tenho certeza de que enlouqueceu.

— Lamento desapontá-lo. Wolfe suspirou. — Há ocasiões em que eu próprio aceitaria de bom grado semelhante conclusão como evasão das responsabilidades mais mesquinhas da vida, aquilo a que Mister Goodwin chamaria uma saída, porém os elementos que apontam no sentido contrário são esmagadores. Mas voltemos ao assunto que nos interessa. Trouxe o talão de cheques?

— Porquê? Os lábios de Anderson se comprimiram.

— Poderá preencher um no valor de dez mil dólares, em meu nome.

Conservou-se silencioso, se limitando a fitar Wolfe com intensidade, todavia este também não parecia interessado em continuar sem lhe ouvir dizer algo.

— A sua sugestão carece de uma base razoável, comentou, por fim.

— Suponho que não deu para ladrão na sua própria residência?

— Asseguro-lhe que não,olveu Wolfe. — Embora possua o temperamento indispensável, careço da constituição física imprescindível. Não abarca a situação? Então, me deixe elucidá-lo. Remonta, de certo modo, há quatro anos atrás, à inépcia que revelou no caso Goldsmith. Deplorei o fato na altura e decidi que recordaria isso na oportunidade apropriada. Há duas semanas, me chegou ao conhecimento informação que proporcionava o ensejo de lhe fazer um favor. E desejava lhe fazer, mas, com o caso Goldsmith presente na minha memória e, sem dúvida, na sua, me pareceu mais provável que, por uma questão de susceptibilidade, o recusaria. Por conseguinte, propus a venda dessa informação por uma quantia aceitável, sob a forma de uma aposta, embora a sua contraproposta envolvesse um valor monetário tão ridículo que nem me dou ao trabalho de comentar.

— Propus uma quantia substancial.

— Por favor, Mister Anderson! Não se entregue a afirmações absurdas. Reclinou-se na cadeira e entrelaçou os dedos sobre o abdômen. — Mister Goodwin e eu descobrimos a identidade do assassino e obtivemos provas da sua culpa. Não provas plausíveis, mas aceitáveis por qualquer júri. Chegamos assim ao tempo presente. O criminoso não constitui, evidentemente, propriedade minha, pois pertence à soberania do estado de Nova Iorque. Nem a própria informação que reuni é minha, e se não a comunicar às autoridades me sujeito a penalidades. Posso, no entanto, escolher o meu método. Agora Mister Anderson, me entregará o seu cheque pessoal de dez mil dólares,

nesta tarde. Mister Goodwin irá visá-lo no seu banco e amanhã o conduzirá ao assassino, a quem apontará, fornecendo as provas da sua culpa, tudo com a máxima modéstia. Ou então, trataremos de organizar a parada em direção ao seu gabinete que já descrevi: o prisioneiro, os repórteres e as provas, com ausência absoluta de modéstia. A escolha é sua. Talvez lhe custe a crer, mas a alternativa que preferir carece de interesse para mim, pois embora o seu cheque me proporcionasse um profundo prazer, sempre tive particular inclinação para as paradas.

Anderson olhou-o, silencioso, na expectativa, calculista. Wolfe apertou o botão na mesa e quando Fritz apareceu pediu cerveja. Aproveitando todas as oportunidades que apareciam para erguer os olhos do bloco-de-notas, observava o promotor, o que o incomodava e servia para fitá-lo com renovada intensidade.

— Quem me garante que as suas provas merecem o mínimo crédito? Acabou por perguntar.

— A minha palavra. Vale tanto como o meu julgamento. Empenho ambos.

— Não subsiste a menor dúvida possível?

— Tudo é possível. Mas não existe espaço para dúvidas nas mentes dos jurados. Franziu os lábios, com uma expressão meditativa. Fritz reapareceu com a cerveja e Wolfe abriu uma e encheu um copo.

— Dez mil dólares são uma quantia impensável anunciou o promotor. Cinco mil.

— Pretende regatear? Simplesmente ridículo. Concentremo-nos, pois, na parada. Wolfe pegou no copo e esvaziou-o.

— Forneça-me as provas e identifique o assassino, e receberá o cheque no momento em que lhe der voz de prisão. Wolfe limpou a espuma dos lábios e suspirou.

— Ao menos um de nós tem de confiar no outro. Não me obrigue a enumerar as razões da preferência que mencionei.

Anderson começou a argumentar. Não subsistiam dúvidas de que era duro de roer e, conquanto não dispusesse de razões ou persuasões, as palavras não escasseavam. Quando parou para recuperar o alento, Wolfe se limitou a abanar a cabeça. O promotor voltou à carga, mas obteve o mesmo resultado. Enquanto anotava tudo, eu reconhecia intimamente que o homem, embora lutasse com poucas munições, revelava uma persistência digna de realce. Por fim, preencheu o cheque do talão que puxou do bolso, apoiando-o no joelho. Escreveu como um contabilista metuculoso, lenta e cuidadosamente, após o que fez à respectiva anotação no canhoto. Verifiquei, com alívio, que se tratava de um banco de Nova Iorque, o que me poupava uma deslocação a White Plains antes das três da tarde.

— Espero que não venha a se arrepender, Wolfe articulou Anderson, se levantando. — E agora, quando e onde?

— Eu telefono.

— Quando?

— Dentro de vinte e quatro horas. Provavelmente de doze. Posso contatar consigo a qualquer altura, no gabinete ou em casa?

Respondeu que sim e se retirou. Pus-me de pé para acompanhá-lo à porta e vi-o se afastar. Em seguida, regresssei ao escritório, coloquei o cheque apoiado a um peso-de-papéis e lhe soprei um beijo. Entretanto, Wolfe assobiava. Ou, melhor, os lábios conservavam a forma apropriada e o ar entrava e saía, mas não se verificava o mínimo som. Eu adorava vê-lo fazer aquilo, que nunca acontecia na presença de outros, nem mesmo de Fritz. Explicou-me uma ocasião que significava que se rendia às suas emoções. Guardei o bloco-de-notas, fiz desaparecer o cheque no bolso interior do casaco e coloquei as cadeiras nos lugares habituais. Passados uns momentos, Wolfe declarou:

— Quatro anos é muito tempo, Archie.

— Sim, e dez notas das grandes muito dinheiro. É quase hora do almoço. Vou num instante ao banco para que garatujem o cheque.

— Está chovendo. Pensei em você, de manhã, quando se aventurava fora da cidade com este tempo. Chame um mensageiro.

— Nunca. Nem por um barril de leite renunciaria ao prazer de assistir à autenticação do cheque. Reclinou-se na cadeira, mastigou uma palavra que me pareceu ser “intrépido” e fechou os olhos.

Completei a missão a tempo de me sentar à mesa no início da refeição. Convenci-me, naturalmente, de que chegara o momento de agir, porém verifiquei com admiração que Wolfe não se mostrava interessado em acelerar as operações. Na realidade, não parecia interessado em acelerar coisa alguma. Conservou-se demoradamente à mesa, após o que voltou para o escritório e repousou na cadeira, como se não houvesse nada que o preocupasse. Por último, regressou ao mundo o tempo suficiente para me transmitir instruções: em primeiro lugar, bater as declarações de Anna Fiore à máquina, total e cronologicamente; em segundo, mandar fazer fotocópias, com urgência, do conteúdo do envelope de Carlo Maffei; em terceiro, me dirigir ao apartamento da Park Avenue, restituir a bolsa a Maria Maffei e pedir a Anna Fiore que assinasse as suas declarações em duplicado, perante testemunhas; e, em quarto, verificar com Horstmann a encomenda de pseudobulbos que chegara na véspera a bordo do Cortez.

— Não se esqueceu de nada? Perguntei.

Meneou a cabeça levemente, para não perturbar o repouso, e não insisti. De resto, me invadia a curiosidade, mas não preocupação, pois a sua expressão indicava que compreendia ao que me referia. Estive ocupado durante toda a tarde. Comecei por visitar um estúdio na Sixth Avenue, para que tirassem as fotocópias, me certificando de que compreendiam bem que, se os originais se perdessem ou danificassem, as mais elementares regras da prudência aconselharia que utilizassem a escada de incêndio como meio de fuga mais rápido quando me vissem reaparecer. Em seguida, voltei ao escritório para passar à máquina as declarações de Anna Fiore, o que me consumiu não pouco tempo. Ao

entrar mais uma vez no conversível, vi que parara de chover e começavam a aparecer aberturas no céu, embora o pavimento se mantivesse molhado. Tinha telefonado com antecedência ao apartamento onde Maria Maffei trabalhava, pelo que ela me aguardava quando cheguei. Quase não a reconheci. Envolta num vestido formal de governanta, apresentava um aspecto elegante, e as suas maneiras eram tão próprias da Park Avenue como as do porteiro do Pierre. Quase senti relutância em lhe entregar a bolsa, por me parecer um gesto banal num ambiente tão requintado. Não obstante, aceitou-a com prontidão. Em seguida, me conduziu a uma saleta, onde se encontrava Anna Fiore, sentada olhando pela janela. Li as declarações e ela assinou, assim como Maria Maffei e eu, na qualidade de testemunhas. A jovem não disse praticamente nada com a língua, mas os olhos me fulminavam com uma pergunta desde o instante em que entrara. Quando me levantei para sair, lhe respondi. Com uma palmada amigável no ombro, afirmei:

— Falta pouco. Obterei o seu dinheiro em breve e entregarei imediatamente. Não se aflija. Limitou-se a inclinar a cabeça e murmurar:

— Mister Archie...

Depois de ir buscar as fotocópias, não vi necessidade de deixar o conversível a postos para entrar em ação, uma vez que não haveria uma, coloquei-o na garagem e regresssei para casa a pé. Até à hora do jantar, me entretive verificando a encomenda chegada no Cortez e a escrever cartas aos fornecedores acerca de estragos ocorridos. Wolfe inspecionava as plantas, enquanto me encontrava na estufa com Horstmann, com o qual prossegui o trabalho, após a sua retirada, às seis da tarde. Passava das oito quando o jantar terminou, e eu começava a me impacientar. Os sete anos de convívio com Nero Wolfe haviam me ensinado a não roer as unhas à espera de que o mundo acabasse, mas em certas ocasiões me convencia de que um excêntrico era um indivíduo que merecia que lhe arrancassem o nariz. Naquela noite manteve a telefonia ligada durante

toda a refeição. No final, quando chamou Fritz para ajudá-lo a se levantar, abandonei igualmente a cadeira e anunciei:

— Vou ao cinema, para não ficar toda a noite no escritório vendo o bocejar.

— Boa ideia, replicou com naturalidade. — Uma pessoa não deve abandonar a sua faceta cultural.

— O quê?! Explodi. — Não se importa que me vá me enfiar numa sala de espetáculos enquanto Manuel Kimball é capaz de estar fazendo as malas para se refugiar na sua terra natal? Depois, vai querer que eu viaje até à Argentina, alugue um cavalo e percorra as pampas à procura dele! Julga que, para capturar um assassino, basta permanecer sentado no seu malfadado escritório e pôr o cérebro genial para funcionar?

— Também há necessidade de um par de olhos, outro de pernas e às vezes uma ou duas armas de fogo.

— Apesar disso, aprova a minha ida ao cinema, enquanto... Ergueu a palma da mão para estancar a torrente. Fritz acabava de conseguir puxar a cadeira para trás e Wolfe se erguia com todo o seu montanhoso arcabouço.

— Poupe-me, por favor. Simbolizamos o expoente típico da violência perante a placidez do colibri. Foi você que sugeriu o cinema e não eu. Mesmo que Manuel Kimball fosse um homem que tremesse perante as sombras, não há sombra alguma para apoquentá-lo. Que razão o levaria a realizar uma viagem à terra natal ou qualquer outra parte? Não existe nada de menos provável neste momento. Para que veja o filme mais descansado, posso lhe garantir que se encontra em casa, e não planeja qualquer deslocamento mais ou menos demorado como o que imaginou. Ainda não faz duas horas que falei com ele pelo telefone... A campanha, Fritz. Vá ver quem é, por favor. Manuel receberá outro telefonema meu às oito da manhã, e lhe asseguro que estará à espera.

— Oxalá que sim resmunguei, sem me sentir satisfeito. — Uma coisa é certa, confiar muito nesta altura das operações pode ser perigoso.

Talvez não fosse má ideia vigiar a residência dele até que Anderson disponha dos elementos necessários para engavetá-lo.

— Não, Archie. Abanou a cabeça com veemência. — Compreendo o seu receio: que surja o momento em que se deve pôr de parte a sutileza e desferir o coup de grâce. Compreendo-o e rejeito-o vigorosamente... Mas estão chegando visitas. Importa-se de passar pelo escritório por uns momentos antes de seguir para a sua distração?

Principiou a se mover na direção que acabava de mencionar e imitei-o, me perguntando que nova charada teria na forja. Qualquer que fosse a sua natureza, não me agradava. Entretanto, Fritz fora abrir a porta e conduzira as visitas ao escritório. Embora eu não fizesse a menor ideia de quem se tratava, não esperava me deparar com aquele trio: Fred Durkin, Bill Gore e Orrie Cather. A minha primeira ideia foi que Wolfe supusera que eu necessitava de todo aquele exército para dominar o fer-de-lance, como decidira chamar Manuel Kimball em vez de indivíduo abjeto, mas me conhecia muito bem para tomar semelhante decisão. Saudei-os com um gesto largo e não consegui dissimular um sorriso quando vi a atadura no pulso esquerdo de Orrie. Não subsistiam dúvidas de que Anna Fiore tinha os dentes aguçados.

Depois de se instalar na cadeira, Wolfe me indicou que pegasse um lápis e uma folha de papel grande e traçasse um diagrama da propriedade dos Kimball. Dada a presença de visitas, me abstive de fazer perguntas e obedeci. Preveni-o, entretanto, de que apenas me achava familiarizado com o terreno imediatamente ao redor da casa e o aeródromo, e declarou que isso bastava. Enquanto me entretinha a traçar o mapa, sentado à minha mesa, ele indicava a Orrie que devia ir buscar o sedã na garagem às seis e meia da manhã, e aos outros dois que se juntassem a ele naquela hora. Por fim, mostrei o mapa a Wolfe, que o examinou por uns instantes e decretou:

— Ótimo. Agora me explique como disporia três homens no local, se os enviasse lá para ter certeza de que Manuel Kimball não se

ausentava sem ser visto.

— Ocultos? Perguntei.

— Não. Pode ser abertamente.

— Por quanto tempo?

— Três horas. Refleti por um momento e decidi:

— Muito facilmente. Durkin na autoestrada, diante da entrada do caminho de acesso à residência, com o sedã atravessado na berma, a fim de poder partir em qualquer direção sem demora. Bill Gore entre os arbustos... Mais ou menos aqui... De onde vigiaria todos os caminhos para a casa, exceto nos fundos. Orrie no topo da colina... Neste ponto... A cerca de quinhentos metros, munido de um binóculo, e uma motocicleta ao seu dispor na estrada. Mas é como se ficassem em casa jogando paciência, porque não podem voar.

— Saul Panzer pode. As pregas do rosto ondularam. — As nuvens terão olhos. Obrigado, Archie. Nada mais. Pode ir ao cinema. Depreendi do seu tom que devia me retirar, mas não tinha vontade. Se havia uma charada, desejava colaborar na sua elaboração.

— Os cinemas foram fechados nesta tarde pela Brigada de Costumes.

— Então, tente a sorte num bordel. Quem anda à procura de ovos deve olhar em todos os ninhos.

Bill Gore exibiu um sorriso sarcástico. Dirigi a Wolfe o olhar mais venenoso que me foi possível e segui para o vestíbulo, a fim de pegar o chapéu.

* * *

Dezoito

QUARTA-FEIRA acordei antes das sete, mas não me levantei imediatamente. Entretive-me a ver os raios solares incidir na janela e escutar os ruídos da rua e dos navios e ferryboats no rio, refletindo que, se Bill, Fred e Orrie tinham recebido instruções para se encontrarem na garagem às seis e meia, já deviam ir na Grand Concourse. O meu papel não fora revelado. Quando regressara a casa, na véspera, Wolfe já se recolhera ao quarto sem deixar qualquer bilhete para mim.

Finalmente, levantei da cama, fiz a barba e me vesti sem pressa e saí do quarto. Fritz se encontrava na cozinha, na habitual azáfama, aparentemente satisfeito. Dirigi-lhe uma observação irritante qualquer, mas reconheci em seguida que não devia concentrar a ira nele e tratei de recompensá-lo comendo mais um ovo do que era meu costume e lendo em voz alta uma reportagem do jornal sobre um morcego-vampiro fêmea que tivera um filhote no parque zoológico. Fritz vinha da parte da Suíça em que se fala francês e recebia um jornal naquele idioma todas as manhãs, mas já notara que as notícias palpitantes não abundavam nele. Eu ficava surpreso sempre que lia uma palavra referente a algo recente, como, por exemplo, “Barstow”, que figurara nos cabeçalhos durante uma semana.

Preparava-me para iniciar a segunda xícara de café com leite, quando o telefone tocou. Dirigi-me ao escritório e levantei o auscultador, mas Wolfe já atendera do quarto. Escutei e me inteirei de

que era Orrie Cather, para comunicar que acabavam de chegar e estava tudo preparado. Nada mais.

Após a terceira xícara e um cigarro, deambulei pelo escritório, convencido de que, mais cedo ou mais tarde, o gênio divulgaria os seus segredos. “Mais cedo ou mais tarde”, me assegurei. “Não se impaciente. Entretanto, vai arrumando isto, limpando o pó, enchendo a caneta e tornando tudo o mais confortável possível para o professor.”. No entanto, a impaciência principiava a se converter em enervamento. Levantei o auscultador por duas vezes e escutei, mas Wolfe não utilizava o telefone. Fui buscar o correio, coloquei-o em cima da mesa dele, abri o cofre e puxei a gaveta onde se encontrava o material de Maffei, só para ter certeza de que não levantara voo. O envelope em que guardara as fotocópias me pareceu pouco volumoso e abri-o. Desaparecera um conjunto. O fato me forneceu o primeiro indício acerca da charada de Wolfe, mas não pude me aprofundar, porque quando repunha o envelope no seu lugar Fritz assomou à porta, para anunciar que o gênio pretendia falar comigo no seu quarto.

A porta se achava aberta e ele estava levantado e vestido, mas sem o paletó. As mangas da camisa amarela, vestia sempre duas por dia, sempre amarelo-canário, lembravam flutuadores enormes, enquanto se conservava diante do espelho e aplicava a escova ao cabelo. Quando entrei, me piscou o olho e creio que fiquei boquiaberto. Em seguida, pousou a escova e se virou para mim.

— Bom dia, Archie. Já tomou o café-da-manhã? Ótimo. É agradável tornar a ver o Sol depois de um dia cinzento e húmido como o de ontem. Vá buscar os documentos Maffei no cofre, pegue uma arma, siga para White Plains, recolhe Anderson, que deve estar à sua espera no gabinete, e leva-o à propriedade dos Kimball. Condu-lo à presença de Manuel... Aponte-lhe, se for necessário. Após a sua detenção, entregue os documentos ao promotor, regressa para aqui e descobrirá que o Fritz preparou uma das suas iguarias preferidas para o almoço.

— Muito bem. Mas para quê todo este mistério?...

— Os comentários ficam para mais tarde, Archie. Um pouco mais de paciência, por favor. Devo comparecer lá em cima dentro de dez minutos e ainda não saboreei o meu chocolate.

— Oxalá o sufoque, grunhi, e me retirei.

Com o material de Carlo Maffei e as declarações de Anna no bolso interior do paletó e uma trinta e oito, devidamente carregada desta vez, no bolso posterior das calças, me encaminhei para a garagem. Fazia uma morna manhã de sol, dia vinte e um de junho, excelente para o último ato do fer-de-lance, o dia mais longo do ano. Enchi o tanque, mandei verificar o óleo e a pressão dos pneus, cruzei a cidade em direção à Park Avenue e rumei ao norte. Ao passar diante do Manhattan Trust Company, saudei-o com um leve aceno, fora aí que tinham autenticado o cheque de Anderson.

A autoestrada não se apresentava muito concorrida àquela hora tão matutina, mas eu não me aventurava a pisar muito o acelerador. Wolfe garantira ao promotor que a operação se desenrolaria com a maior discrição possível, além de que não me sentia com a disposição apropriada para dialogar com a polícia da estrada, pois os nervos continuavam quase à flor da pele. A reação se repetia sempre que me achava na iminência de contribuir para a prisão de alguém: me faltava o ar, respirava mais rapidamente e tudo em que tocava; o volante, por exemplo, parecia palpitar, como se circulasse sangue no interior.

Anderson já estava à minha espera. A recepcionista me saudou com um movimento de cabeça e utilizou o telefone. O promotor surgiu no momento seguinte, acompanhado por dois homens de arcabouço poderoso. Um era H. R. Corbett e o outro um desconhecido. Anderson fez uma pausa para dizer algo à recepcionista e avançou para mim.

— Então? inquiriu.

— Quando quiser repliquei, com um sorriso. — Olá, Corbett. Também vem?

— Levo dois homens, informou Anderson. — Você conhece a natureza da operação. Bastam? Assenti com uma inclinação de cabeça e esclareci:

— Creio que só necessitaremos deles para nos segurarem o chapéu. Bem, vamos. O desconhecido abriu a porta e saímos.

Anderson subiu para o meu lado, no conversível, enquanto os outros dois nos seguiam num carro oficial, mas verifiquei que não se tratava da limusine do promotor. Quando percorríamos a Main Street, todos os sinaleiros saudaram o meu passageiro, e eu sorri ao pensar como ficariam abismados se soubessem quanto Anderson pagava por aquela corrida de táxi. Acelerei logo que chegamos na autoestrada e subimos e descemos as colinas tão rapidamente que o meu companheiro me olhou com perplexidade. Como ele ignorava se a velocidade fazia parte do programa, persisti, só diminuindo nos locais em que havia um cruzamento e quando precisava me certificar de que o outro veículo continuava no nosso encaixe. Cobri em vinte minutos a distância do gabinete da Promotoria até à entrada do caminho de acesso à residência dos Kimball, quando o meu relógio indicava 10.45.

Avistei Durkin, no posto de observação combinado, sentado no estribo do sedã, atravessado na berma, em conformidade com a minha sugestão. Acenei sem parar e Anderson perguntou se era um dos homens de Wolfe. Assenti e enveredei pelo caminho. Avançáramos uns trinta metros quando me mandou parar. Obedeci e ele acrescentou:

— Encontramo-nos na propriedade de E. D. Kimball. Precisa me mostrar o material.

— Nem pensar. Meneei a cabeça com veemência. — Conhece as instruções de Nero Wolfe, que preciso cumprir. Sigo em frente ou damos meia volta?

O carro de Corbett parara um pouco atrás, enquanto Anderson me olhava, os lábios comprimidos num trejeito de hesitação. Eu conservava os ouvidos apurados, não para captar a resposta dele, mas para ter a certeza daquilo que me parecia ser o som de um avião. Mesmo que quisesse descer e olhar para cima, não veria nada por causa das árvores. Mas de que se tratava de um avião não tinha a menor dúvida. Apressei-me a destravar o carro e seguir em frente.

— Espero que tenha plena consciência do risco a que se expõe!
Exclamou Anderson. Se eu adivinhasse...

— Cale-se!

Parei o conversível à entrada da casa, saltei para o chão e corri para tocar a campainha. No momento imediato, a porta foi aberta pelo mordomo nutrido.

— Desejo falar com Mister Manuel Kimball.

— Mister Goodwin? Sim, senhor. Ele o espera. Pede que se dirija para o hangar e o aguarde lá.

— Não está aqui? O homem hesitou e assumiu uma expressão apreensiva.

— Creio que tencionava dar uma volta no avião. Inclinei a cabeça e voltei apressadamente para o carro. Entretanto, Corbett descera e conversava com Anderson, que não saíra do conversível.

— Escute aqui, Goodwin... Começou o promotor.

— Não me ouviu mandá-lo calar? Estou ocupado. Afaste-se, Corbett.

Levei-o o carro para o caminho dos fundos, em direção à estrada de acesso ao hangar, onde, fora da proteção das árvores, o som do avião era mais intenso. Freei quase bruscamente na plataforma de cimento diante do hangar, onde se achava o mecânico, Skinner. Desci rapidamente e corri para ele.

— Mister Manuel Kimball?

Apontou para cima e ergui os olhos. Avistei o avião dele a uma altitude relativamente elevada, mas consegui ver o vermelho e azul da fuselagem. Parecia produzir barulho excessivo e no instante seguinte compreendi porquê, quando descortinei outro aparelho proveniente do oeste, mais alto que o de Manuel e, sobretudo, mais veloz, que contribuía para a intensidade do ruído. Ambos descreviam círculos, escuros e admiráveis, ao sol.

— Tem companhia esta manhã, disse Skinner.

— Dá essa impressão. Quem é?

— Não sei. Vi-o pela primeira vez pouco depois das oito e tem andado por aí desde então. É um bimotor Burton.

Recordei-me de Wolfe observar que as nuvens teriam olhos. O céu se apresentava limpo, mas não subsistiam dúvidas quanto aos olhos.

— A que horas Mister Kimball decolou? Perguntei.

— Por volta das dez. Eles chegaram cerca das nove e meia, mas o segundo banco não estava montado e tive de preparar as correias. Abarquei o significado da revelação instantaneamente, mas decidi fazer a pergunta:

— Alguém o acompanha?

— Sim, o pai. O velhote quis dar uma volta pelas alturas. É a terceira vez que o faz. Quase mudou de ideia quando soube que o banco não estava montado, mas conseguimos convencê-lo.

Tornei a erguer os olhos para os aviões. Manuel Kimball e o pai passeavam no espaço, expostos ao sol, ao vento e ao roncar dos motores. Provavelmente não conversavam; se limitavam a efetuar um passeio matinal. Afastei-me em direção ao conversível, a fim de trocar impressões com Anderson, mas Corbett saíra do outro carro e caminhava ao meu encontro.

— Comparecemos à sua festa, articulou em voz rouca. — Onde está o convidado de honra? Prossegui em frente sem lhe ligar e, uma vez junto do conversível, me exprimi em voz baixa para que o mecânico não ouvisse.

— Vamos aguardar. O assassino de Barstow foi dar uma volta de avião. Lamento que não o possa prender à hora prevista, mas não escapará.

— Entre, resmungou Anderson. É altura de começar as explicações. Abanei a cabeça. Talvez não passasse de obstinação, mas estava empenhado em fazer exatamente como Wolfe determinara.

— Não é isso que está a seguir no programa. Corbett, que contornara o carro, enfiou a cabeça na janela do lado de Anderson e disse:

— Se ele tem alguma coisa que pretende, posso arrancá-la com o maior prazer.

Acabava de abrir a boca para convidá-lo formalmente a fazê-lo, quando ouvi o meu nome. Voltei-me e vi que Skinner se aproximava com um taco driver numa das mãos e um envelope na outra.

— Tinha me esquecido, declarou. — Suponho que é Mister Goodwin? Mister Kimball deixou isto para si.

— O driver! Olhei-o, mas não havia nada de especial para ver, pois exteriormente era um taco de golfe vulgar. Não obstante, se tratava do que procurávamos. Coloquei-o debaixo do braço e voltei os olhos para o envelope, em que figurava apenas: “Mr. Nero Wolfe”. Não se achava fechado, pelo que extraí o conteúdo, verificando que se tratava do conjunto de fotocópias desaparecido do cofre. Encontrava-se preso com um grampo, sob um pedaço de papel com os dizeres:

Mr. Nero Wolfe.

Obrigado. Em troca da sua gentileza, lhe deixo um pequeno presente.

Manuel Kimball.

Ergui os olhos para o céu. O avião azul e vermelho, personagem principal da charada de Wolfe, continuava no ar, mais alto, segundo me pareceu, descrevendo círculos, com o outro aparelho num nível ainda mais elevado. Com um suspiro, voltei a guardar as fotocópias no envelope.

— Passe para cá isso. Corbett se encontrava na minha frente.

— Obrigado, mas não preciso de ajuda.

Investiu repentinamente e me apanhou desprevenido, numa decomposição de movimentos admirável. Apoderou-se do envelope com uma das mãos e do driver com a outra, após o que correu para o conversível. Em dois saltos, me coloquei na sua frente, disposto a contra-atacar. No instante imediato, atingia-o com um violento murro no queixo. Vacilou e largou o que tinha nas mãos, enquanto eu voltava à carga. Desta vez, caiu pesadamente. O companheiro acudiu correndo de um lado e Skinner do outro. Voltei-me para enfrentar o primeiro. Todavia, a voz de Anderson, proveniente do carro, ordenou com rispidez:

— Pare, Curry!

Este se deteve e aguardei os acontecimentos, ao mesmo tempo em que Corbett se levantava com uma expressão furibunda. Porém, o promotor tornou a falar:

— Você também, Corbett!

— Não se preocupe comigo, Mister Anderson adverti. — Se eles querem continuar a conversar, estou pronto para ouvir. Precisam aprender a respeitar a propriedade particular. Agachei-me para recolher o driver e o envelope. Naquele momento, ouvi Skinner gritar:

— Ele perdeu-o, santo Deus!

Por um instante, imaginei que queria dizer que eu tinha perdido o driver, e julguei que enlouquecera. Mas quando me endireitei e vi para onde olhava, ergui a cabeça e avistei o avião de Manuel Kimball diretamente por cima de nós, a uns trezentos metros, que rodopiava e descrevia curvas caprichosas, como se o piloto tivesse perdido o domínio dos comandos, em vias de despencar. O espetáculo me deixou boquiaberto e petrificado, até que o mecânico vociferou:

— Cuidado! Corremos para a porta do hangar. Anderson descera apressadamente e nos seguia. Entramos e nos voltamos para fora, a tempo de presenciar o embate. Registrou-se um clarão acompanhado de um estampido ensurdecido. Voaram peças em todas as direções e alguns fragmentos caíram perto de nós. O aparelho despencara na periferia da plataforma, a menos de dez metros do carro de Corbett.

— Cautela com a explosão! Preveniu Skinner.

O que eu via não podia se considerar agradável. Tratava-se de E. D. Kimball, porque o corpo ainda se achava parcialmente preso pelas correias do banco do passageiro e o mecânico dissera que o velho subira no avião com o filho. Aparentemente, o aparelho colidira com o solo de uma maneira que o lugar da frente sofrera um impacto diferente, pois Manuel Kimball era facilmente reconhecível. Conservava o rosto inteiro e pouco maltratado. Skinner e eu libertámo-lo das correias, enquanto os outros se ocupavam do pai, após o que os levamos para dentro do hangar e depositamos numa lona estendida no chão.

— É melhor afastarem os carros, pois ainda pode haver uma explosão, tornou a advertir o mecânico.

— Quando eu afastar o meu, não o pararei tão cedo, repliquei. — Chegou o grande momento, Mister Anderson. Deve se recordar que Nero Wolfe prometeu que eu atuaria com modéstia. Retirei os documentos do bolso e entreguei. — Aqui tem as provas. E o seu prisioneiro é esse que tem o rosto inteiro.

Peguei no envelope de Manuel Kimball e no taco driver do chão onde o pousara e me afastei. Demorei uns dez segundos a pôr o conversível em marcha e partir disparado. À saída do caminho, antes de enveredar pela autoestrada, parei apenas o tempo suficiente para dizer a Durkin:

— Chame os seus companheiros de brincadeira e regressem para casa. O espetáculo terminou.

Cheguei a White Plains em vinte minutos. O conversível nunca se portara tão bem. Telefonei para Wolfe do mesmo drugstore de onde, duas semanas atrás, lhe comunicara que Anderson se encontrava nas Adirondacks e eu só podia falar com Derwin. Atendeu quase imediatamente e lhe relatei os acontecimentos, em poucas mas elucidativas palavras.

— Ótimo, proferiu em voz átona. — Espero que não tenha se melindrado, Archie. Julguei conveniente não sobrecarregar o seu espírito com os pormenores insignificantes. Fritz está providenciando para que o seu paladar fique inteiramente satisfeito. Outra coisa: onde se situa White Plains? No caminho, pode passar por Scarsdale? Glekner telefonou há pouco para comunicar que conseguiu hibridizar uma *Dendrobium Melpomene* com uma *Findlayanum* e me ofereceu uma planta semeada.

* * *

Dezenove

O ASPECTO não era particularmente atraente, de um azul-claro doentio e tão pequeno que se podia meter num envelope sem dobrar. Parecia ainda menor, porque a letra nos espaços em branco era alta e irregular, embora denotasse personalidade. Calculei que pertencia a Sarah Barstow. A assinatura, em baixo, diferia profundamente: regular e firme. Estávamos na manhã de sábado e o cheque chegara na primeira distribuição do correio. Concedi-lhe uma derradeira mirada de afeto antes de entregá-lo ao funcionário do banco. Eu telefonara a Wolfe, ainda no quarto, para informar da recepção do envelope e ele me mandara abrir e ir depositar o cheque.

Ele entrou no escritório às onze, se sentou à mesa e chamou Fritz para a primeira dose de cerveja do dia. Entretanto, eu preparara a relação das despesas do caso Barstow para que a conferisse e mostrei-a quando acabou de dar uma olhadela na correspondência. Pegou num lápis e fez o exame com lentidão. Eu aguardava pacientemente e, quando notei que se detinha na antepenúltima alínea, engoli em seco. Por fim, ergueu os olhos e disse:

— Precisamos comprar outra máquina de escrever, Archie. Limitei-me a aclarar a voz, enquanto ele prosseguia: — Esta é muito impulsiva. Talvez não tenha dado por isso, mas escreveu um zero a mais na quantia correspondente a Anna Fiore, e verifico que cometeu a distração de incluir o erro no total.

— Ah, esqueci de lhe dizer! Articulei, com um sorriso sem dúvida amarelo. — O pé-de-meia dela aumentou para mil dólares. Tenciono levá-los esta tarde. Emitiu um suspiro, mas não replicou. Fritz reapareceu com a cerveja e Wolfe abriu uma e encheu o copo. Em seguida, colocou a lista das despesas sob o peso-de-papéis, juntamente com o correio, e se reclinou na cadeira.

— A partir de amanhã reduzo para um litro e um quarto.

— Não precisa mudar de assunto, observei, ao mesmo tempo em que o sorriso perdia a tonalidade amarelada. — Eu não cometeria a insensatez de lhe chamar generoso, mesmo que decidisse duplicar a quantia, pois ainda saía lucrando. Sabe que destino ela tenciona dar ao dinheiro? Comprar um marido. Repare no bem que vai semear.

— Não lhe dê nada, homem. Diga que o dinheiro não apareceu.

— De modo algum. Darei e vou deixá-la cavar a sua própria sepultura. Não sou violento como o senhor, nem pretendo me arvorar em substituto do destino.

— Acha que está dizendo alguma coisa interessante? Murmurou, conservando com dificuldade os olhos abertos. Havia três dias que se mostrava ensonado, e acreditei que chegara o momento de despertar.

— Acho. Pergunto como lhe ocorreu a ideia de matar E. D. Kimball.

— Como ocorreu ao filho, quer dizer.

— Não, ao senhor. Não se faça de bobo. Confesse que o matou.

— Errado. Abanou a cabeça com veemência. — Eu, me fazendo de bobo? E. D. Kimball foi morto pelo filho que abandonou no chão entre os brinquedos, numa poça de sangue da própria mãe... Não me interrompa, por favor. Não morreu na manhã da última quarta-feira, mas no domingo, quatro de junho. Graças a um dos deploráveis acidentes pelos quais o mero e cego acaso interfere nos processos naturais da vida e morte, a vítima foi Barstow. É exato que contribuí para remediar o erro. Incumbi Durkin de entregar a Manuel fotocópias das nossas provas contra ele e lhe telefonei para comunicar que estava cercado, em terra e no ar. Deixei à natureza o encargo de agir, depois de

me certificar de que E. D. Kimball se encontrava em casa e não sairia nessa manhã.

— Lembro-me de proclamar, uma ocasião, que não se podia ocultar a verdade erguendo uma redoma de vidro à sua volta. Porque pretende fazer precisamente isso agora? Foi o senhor que o matou.

As faces ondularam enquanto enchia de novo o copo e se reclinava na cadeira, para ver a espuma desaparecer gradualmente. Quando apenas restava uma fina camada branca, voltou os olhos para mim e suspirou.

— O ruim é que, como de costume, submergiu tão profundamente nos fatos que não nota aquilo que os circunda. Agarrase a eles como uma sanguessuga a uma teta. Considere a situação. Manuel tinha tentado matar o pai. Em virtude de uma casualidade fora do seu domínio, quem morreu foi o inocente Barstow. Encontrava-se em meu poder provas da culpa de Manuel. Como as devia utilizar? Se pudesse me permitir o luxo de uma atitude filosófica, ignoraria, mas semelhante posição se achava além dos meus meios, uma vez que se tratava de um negócio. Arvorar-me em substituto do destino? Com certeza. Fazemo-lo constantemente. Só o conseguiria evitar através da inação absoluta. Vi-me forçado a agir. Se o deixasse procurar Manuel, sem qualquer advertência prévia, e entregá-lo vivo à vingança do povo do estado de Nova Iorque, ele sentaria na cadeira de homicídio judicial amargurado e vencido, o coração vazio da única satisfação que a vida lhe oferecera, e o pai, igualmente amargurado e não menos vencido, percorreria os anos que lhe restassem neste mundo sem mais nada para negociar. Se eu provocasse essa situação, seria o único responsável perante mim próprio, perspectiva que de modo algum me agradava. Não obstante, precisava agir, como disse. Fiz isso e incorri numa responsabilidade enormemente desagradável. Você abarcará todo o complexo fenômeno afirmando cruamente que matei E. D. Kimball. Pois bem, Archie, assumo a responsabilidade dos meus atos, mas me recuso a aceitar o peso da simplicidade. Esse, você terá de suportar.

— Talvez admiti, com um sorriso. — Não quero dizer que o suporte, mas que talvez concorde com o que acaba de dizer. No entanto, embora não refute totalmente a simplicidade que me atribui, não vai ao ponto de não me ter ocorrido uma ideia também simples, quando regressava do banco, esta manhã.

— Sim? Grunhiu, levando o copo aos lábios.

— Sim. Ocorreu-me que, se Manuel Kimball tivesse sido preso e levado a julgamento, o senhor precisaria pôr o chapéu, calçar as luvas, sair de casa, subir num automóvel, se dirigir a White Plains e aguardar, mais ou menos impacientemente, numa sala de audiências, até que o chamassem a depor. Ao passo que assim, levando em conta o que são os processos naturais e as suas sensações para os fenômenos, pôde se conservar aí sentado e manter as responsabilidades dominadas.

— Com efeito, repetiu num murmúrio.

Fim